

100  
DOCUMENTOS  
PARA A HISTÓRIA  
DOS  
ANTECEDENTES  
DA GUERRA

THE  
LIBRARY  
OF THE  
MUSEUM OF  
ART AND HISTORY

100 DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA  
DOS ANTECEDENTES DA GUERRA

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ARQUIVO DE HISTÓRIA SOCIAL

DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Sob a chefia de Adolf Hitler, o Povo alemão lança o seu olhar para o futuro e não para o passado. A guerra que nos foi imposta e na qual combatemos pelo destino futuro da Alemanha, torna imperiosamente necessário que estejamos conscientes, a todo o momento, da forma como a ela se chegou e onde devem ser procuradas as suas causas reais. É verdade que isto é desde há muito já evidente para todos que querem ver, e tem sido bastantes vezes esclarecido públicamente por entidades alemãs competentes e sobretudo por discursos do nosso Führer. Mas, porque a propaganda mentirosa dos nossos inimigos se esforça tenazmente por continuar a encobrir a realidade dos factos e por iludir a opinião pública mundial, tanto sobre as causas da guerra como sobre os objectivos que elles pretendem atingir, é importante apresentar mais uma vez, por meio de documentos officiais autênticos, a prova incontestável de que a culpa da guerra cabe exclusivamente à Inglaterra, que a quis com o fim de aniquilar a Alemanha.

Depois de o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich ter publicado num Livro Branco, imediatamente após o início da guerra, os documentos que elucidam a última fase da crise germano-polaca, apresenta agora uma vasta colecção de documentos, que não se limitam apenas à época que precedeu imediatamente o início da guerra, mas que abrangem também os acontecimentos politicos mais importantes, dos quais se desenvolveu primeiramente o conflito com a Polónia e depois o conflito com a Inglaterra e a França.

Os 100 documentos reproduzidos nos anexos falam uma lingua tão clara, que dispensam qualquer comentário. Na sua objectividade diplomática proporcionam um quadro directo e verídico da evolução politica dos últimos anos, um quadro que impressionará e comoverá sempre, mesmo aquêles que viveram de muito perto essa evolução. Os documentos mostram a campanha sistemática de extermínio que os polacos conduziram desde a Grande Guerra contra tudo que era alemão na Polónia e contra Dantzig; elles mostram os esforços diplomaticos, generosos e de uma paciência infinita, do Führer para assentar as relações

germano-polacas em bases duradoiras, satisfazendo os interesses de ambas as partes; e mostram, por outro lado, a falta de compreensão e a pouca perspicácia dos governantes polacos, que fizeram malograr as possibilidades dum acôrdo definitivo, que a Alemanha lhes ofereceu por repetidas vezes. Reconhece-se, porém, sobretudo, que imediatamente após a conferência de Munique a vontade bélica da Inglaterra se torna cada vez mais nitida e que o Governo britânico utiliza finalmente a obcecação do Governo polaco, por êle intencionalmente provocada, a-fim-de desencadear a guerra desde há muito planeada contra a Alemanha. É verdade que para desmascarar em tôda a sua extensão o procedimento hipócrita e criminoso da política inglêsa, seria necessária uma exposição de todo o tempo posterior à Grande Guerra, em que a Inglaterra se opôs a tôdas as tentativas da Alemanha para se libertar das cadeias do Tratado de Versalhes e fêz sempre malograr tôda a possibilidade de efectuar a revisão deste tratado por meio de negociações. Basta, porém, recordar, mediante os documentos reúnidos neste Livro Branco, a curta época a partir do Outono de 1938, para reconhecer que a Inglaterra se encontrava decidida desde o principio a atravessar-se, à fôrça, no caminho do Führer. A sua arte genial de estadista conseguira suprimir crimes gravísimos de Versalhes, sem o mínimo derramamento de sangue e sem qualquer prejuizo dos interesses da Inglaterra; e da mesma maneira conseguiria uma solução pacífica da questão germano-polaca, se a Inglaterra se não tivesse servido abusivamente da Polónia como instrumento da sua vontade bélica, e com esta política criminoso precipitado a Europa na guerra.

Este facto histórico, imorredoiro, foi confirmado novamente pela resposta da Inglaterra, que não foi mais que uma provocação impudente e insultuosa à Alemanha e à última e generosa proposta de paz mais uma vez feita pelo Führer, no seu discurso do Reichstag, em 6 de Outubro. Com a consciêcia inabalável do seu direito, na firme convicção da sua vitória final, o Povo alemão aceitou o desafio e não abandonará agora as armas, sem que tenha atingido o seu objectivo. Este objectivo é: o aniquilamento militar dos inimigos, primeiro, e depois o asseguração do espaço vital que compete ao Povo alemão contra tôda a ameaça futura.

Berlim, 3 de Dezembro de 1939.

von Ribbentrop

Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich

## Prólogo

Os documentos que vão seguir-se fornecem um quadro para a história dos antecedentes da guerra actual. Não se limitam apenas às semanas que precederam o estalar da guerra, mas tornam possível também a formação duma opinião imparcial sobre as causas remotas do conflito.

O Livro Branco do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich (1939, N.º 2), «Documentos para a História dos Antecedentes da Guerra», contém nada menos que 482 documentos. A fim de dar um aspecto verdadeiramente perfeito, tanto da evolução das relações germano-polacas, como da política bélica britânica, e, finalmente, da crise germano-polaca do ano de 1939, tornou-se necessário publicar um material circunstanciadamente documentado. Um grande número dos documentos contidos nessa publicação, não precisa, porém, de ser utilizado para se formar uma ideia dos acontecimentos políticos mais importantes. Por este motivo se publica na presente obra uma selecção das partes do Livro Branco oficial sobre a História dos Antecedentes da Guerra, de onde melhor se depreendem as linhas gerais dos acontecimentos. Esta edição é mais acessível e permite ao leitor familiarizar-se rapidamente com os factos mais importantes que levaram ao desencadeamento da guerra actual. O conteúdo dos documentos não incluídos nesta edição é reproduzido por textos explicativos e de ligação, de forma que o quadro de conjunto ressalta nitidamente.

Os documentos acompanham, no primeiro capítulo, a evolução das relações germano-polacas desde Versalhes até ao acôrdo de Munique. No segundo capítulo, é descrita a evolução da política bélica inglesa — o cerco feito à Alemanha e a incitação da Polónia — assim como também as tentativas do Governo do Reich para conseguir uma solução equitativa da questão de Dantzig e do Corredor. O terceiro capítulo mostra a Polónia como instrumento da vontade bélica inglesa. O efeito da garantia britânica exprime-se agora na campanha de extermínio contra o grupo étnico alemão na Polónia. Segue-se a última fase da crise germano-polaca, em que a política britânica conduz à eclosão do conflito.

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### A evolução das relações germano-polacas e os esforços alemães na Europa a favor da paz.

#### Documentos 1 — 11

##### A) A questão polaca na Conferência de Versalhes

*As relações germano-polacas estiveram, desde o momento da reconstituição em Versalhes dum Estado polaco independente, sob um signo múltiplamente fatal. Em primeiro lugar, a Polónia, invocando uma suposta missão milenária, proclamou-se inimiga hereditária dos alemães. Assim, não só fundamentou as suas reivindicações de território do Reich, mas também implicitamente o seu direito de existência, recomendando-se desta maneira às Potências vencedoras como aliada de confiança, capaz de entrar em acção em qualquer momento para manter a Alemanha subjugada. Em segundo lugar, a Polónia foi confirmada nesta função pelas Potências Ocidentais e colocada, primeiramente pela inclusão no sistema de alianças francêss, no elo oriental do cêrculo à Alemanha; depois da desistência da Rússia, a Polónia devia desempenhar a missão deste país, para manter a Alemanha entre duas frentes. As relações germano-polacas foram, em terceiro lugar, envenenadas, desde o princípio, pela entrega à Polónia dum grupo étnico alemão numeroso, que foi imediatamente submetido à mais rigorosa e coerciva polonização. E em quarto lugar, as cessões de território do Reich a Oriente representaram a maior das injustiças do tratado de paz. Elas foram consideradas tão insustentáveis — não só pelo Povo alemão, como também por competentes estadistas dos aliados, — que todos estavam de acôrdo em que a primeira reparação deveria realizar-se neste ponto, se se desejasse evitar que o conflito bélico na Europa estalasse aqui.*

*Lloyd George chamou a atenção para este futuro motivo de guerra, num memorando dirigido à Conferência de Versalhes, em 25 de Março de 1919, e a delegação de paz alemã procedeu idênticamente.*



**Do memorando do Primeiro Ministro britânico**

**Lloyd George, em 25 de Março de 1919**

«Algumas considerações para a Conferência da Paz, antes de  
fixar definitivamente as suas condições.»

...A manutenção da paz dependerá do desaparecimento de  
quaisquer causas de desespero que aguilhoem permanentemente  
o espírito de patriotismo, de justiça ou do «fair play». As nossas  
condições podem ser duras, mesmo cruéis e impiedosas, para  
obter satisfação, mas podem ser simultaneamente tão justas, que  
o país a que forem impostas sinta do coração que não tem direito  
a queixar-se. Porém, a injustiça e a arrogância, na hora do triun-  
fo, nunca serão esquecidas nem perdoadas.

Por estes motivos sou contrário em absoluto a que se  
subtraíam mais alemães à soberania alemã do que é estritamente  
indispensável, a-fim-de os subordinar a uma outra nação. Não  
posso imaginar uma causa mais forte para uma guerra futura do  
que cercar o Povo alemão, que se revelou, sem dúvida alguma,  
como uma das raças mais enérgicas e poderosas do mundo, por  
uma série de pequenos Estados, muitos dos quais são compostos  
por povos que anteriormente nunca organizaram um Governo  
estável, mas que incorporam agora grandes massas de alemães,  
que sollicitam a sua união à Pátria. A proposta da comissão polaca  
para colocar 2.100.000 alemães sob as ordens dum povo de outra  
religião, que nunca deu provas, no decurso da sua História, de  
capacidade para um Governo autónomo estável, tem, na minha  
opinião, que conduzir forçosamente, mais cedo ou mais tarde, a  
uma nova guerra na Europa Oriental...

N.º 2 (2)

**Das observações da delegação alemã de paz acêrca  
das condições de paz, em 29 de Maio de 1919 (1)**

...Pelo regulamento dos problemas territoriais no Leste, pre-

\* (Os números entre parêntesis correspondem aos do Livro Branco  
oficial alemão).

(1) Anexo à nota do Presidente da delegação alemã de paz em Ver-  
salhes dirigida, em 29 de Maio de 1919, ao Presidente da Conferência  
de Versalhes.

visto nos artigos 27 e 28, são distribuídas ao Estado polaco maiores ou menores porções das províncias da Prússia Oriental e Ocidental, da Pomerânia, da Posnânia e da Silésia, que não são habitadas por uma população incontestavelmente polaca. Não fazendo caso dos pontos de vista etnográficos, numerosas cidades alemãs, até mesmo extensões de terreno puramente alemãs, são adjudicadas à Polónia, somente com o fim de que esta receba fronteiras militares favoráveis contra a Alemanha, ou importantes entroncamentos de caminhos de ferro. Atrabiliariamente são-lhe agora concedidas regiões que estavam separadas da Polónia há vários séculos, ou regiões nas quais ela nunca dominou. Por isso, a aceitação do regulamento proposto, significaria um atentado contra grandes regiões incontestavelmente alemãs. Além disso, um tal regulamento contradiria os princípios de Wilson, de que na regularização dos problemas nacionais se deveria evitar «criar novos elementos de discórdia e de inimizade ou eternizar antigos motivos dessa natureza e que possivelmente com o tempo viriam a perturbar a paz da Europa e portanto do mundo...»

### N.º 3 (3)

#### **Das observações da delegação alemã de paz acêrca das condições de paz, em 29 de Maio de 1919 (1)**

...Sobretudo o abandonô da cidade hanseática, de Dantzig e dos seus arredores, puramente alemães, — exigido nos artigos 100 a 108 — está em contraste, da maneira mais flagrante, com tôdas as garantias dadas nas declarações do Presidente Wilson. Dantzig segundo o recenseamento de 1 de Dezembro de 1910, apresentava uma minoria muito pequena falando o polaco, cêrca de 3,5 %; o distrito de Dantzig «Niederung» 1 %, o distrito de Marienburgo 3 %, também o distrito da cidade de Dantzig só tinha 11 %. Os próprios polacos não contestam formalmente que Dantzig tivesse sempre tido carácter alemão. A tentativa de fazer de Dantzig uma cidade livre, de entregar ao Estado polaco o seu serviço de comunicações e a representação dos seus direitos, conduziria a uma resistência violenta e a um estado permanente de guerra no Leste. Além disso, as medidas económicas são tomadas

(1) *Anexo à Nota do Presidente da delegação alemã de paz em Versalhes dirigida, em 29 de Maio de 1919, ao Presidente da Conferência de Versalhes.*

de tal maneira, que para Dantzig todo o tráfico com a Alemanha está dificultado ao máximo — manifestamente com o fim de, com o decorrer do tempo, por meio duma pressão económica, polonizar esta região puramente alemã.

Por isso, o Governo alemão tem de se opor à planeada violentação de Dantzig e de reclamar a sua manutenção e a dos seus arredores no Reich alemão...

*O próprio Presidente do Conselho Supremo, Clemenceau, na conhecida carta dirigida a Paderewski, em 24 de Junho de 1919, aludiu à Polónia dando significado de hipoteca de nacionalidade do novo Estado polaco, e fêz-se a conclusão e a observação exacta dum tratado correspondente, de protecção das minorias, na hipótese de a Polónia receber as regiões alemãs. Com isto, foi estabelecido ao mesmo tempo o compromisso solene das Potências aliadas de assegurar aos grupos étnicos alemães e aos outros da Polónia a observação exacta desta lei fundamental. O teor do tratado não deixa dúvida nenhuma acêrca do intuito com que a Polónia se tinha comprometido perante os habitantes não polacos do novo Estado, constituindo mais de 40 % da população deste. A história das relações germano-polacas desde 1919 transforma-se porém, como o mostram os documentos aqui apresentados, na história duma violação permanente deste tratado pela Polónia e na história duma cumplicidade tácita da Sociedade das Nações e das Potências caucionantes. Já em 20 de Novembro de 1920, o Governo alemão se vira na necessidade de sair da sua reserva e de entregar ao Governo polaco uma queixa circunstanciada. Êle tinha verificado que «o alemão na Polónia era um individuo à margem da lei». Esta queixa teve tanto êxito como as numerosas queixas e admoestações do próprio representante dos grupos étnicos alemães na Polónia.*

*O Governo polaco deu claramente a entender que não se sentia ligado de maneira alguma aos compromissos, tomados solenemente, de protecção das minorias. Em 10 de Abril de 1923, por exemplo, o então Presidente do Ministério, General Sikorski, proclamou num discurso público, como programa do Governo, «a liquidação das propriedades rurais alemãs e a desgermanização das províncias ocidentais» e expandiu-se com expressões mordazes contra Dantzig. Nos meados de 1923, a expulsão dos alemães tinha tomado já uma extensão extraordinária. As medi-*

das polacas contra os bens de raiz alemães, por exemplo, que foram designadas pelo Tribunal Internacional Permanente, no seu parecer de 10 de Setembro de 1923, como não estando de acôrdo com os compromissos internacionais tomados pelo Governo polaco, vieram reforçar a emigração. Em Setembro de 1931, do lado polaco concordou-se que já um milhão de alemães, em números redondos, linha sido expulso da Polónia. Todavia, não cumpriram com o seu dever, nem as Potências caucionantes, nem a Sociedade das Nações — a qual no entretanto continuava a ser evocada, não só pelos grupos étnicos alemães, mas também pelos grupos étnicos ucranianos, para protecção contra a violação permanente exercida pela Polónia das determinações acêrca das minorias.

A política de polonização instituiu-se também imediatamente contra a Cidade Livre de Dantzig. A delegação alemã de paz protestara em vão contra a separação de Dantzig, apelando para as declarações do Presidente Wilson. A Polónia, desde o princípio, considerou o novo estatuto de Dantzig sómente como ponto de partida para a polonização definitiva. Entrou em Dantzig com 24 repartições, e considerou cada uma delas como uma célula polaca e um centro de desenvolvimento. Duma determinação do Comando Superior da Fôrça Armada alemã, depois de ter terminado a guerra polaca, resulta que as mais importantes destas repartições tinham sido transformadas em pontos militares de apoio. A Cidade Livre de Dantzig teve incessantemente de apelar para o Comissário da Sociedade das Nações, assim como para o Conselheiro do mesmo organismo, contra as acções polacas. A Polónia, abusando dos seus privilégios com respeito a Dantzig, concedidos em Versalhes, empregando sobretudo meios económicos de pressão, tentou, desde o princípio, obrigar Dantzig a submeter-se aos seus interesses; onde pareceu que estes meios de pressão não eram suficientes, a Polónia não recuou perante intervenções nos direitos de soberania da Cidade Livre. Enquanto a Polónia tentava aumentar, por todos os meios, a sua posição em Dantzig, causou ao mesmo tempo enormes prejuízos a este pôrto, em virtude da construção e da protecção unilateral do pôrto polaco concorrente de Gdânia.

No círculo dos adversários da Alemanha na Guerra Mundial, responsáveis pela fundação da Polónia, reconheceu-se imediatamente que as violações permanentes do direito, praticadas pela

*Polónia contra o grupo étnico alemão incorporado nela, assim como contra Dantzig, representavam um grande perigo para a paz europeia. Numerosas manifestações, sobretudo de políticos ingleses dirigentes, debates na Câmara dos Comuns e publicações exprimiram esta impressão. Assim, Winston Churchill pronunciou-se, em Novembro de 1932, na Câmara dos Comuns, sobre a «supressão das queixas justas dos vencidos», acentuando sobretudo o «Corredor de Dantzig». «Senão — disse êle — poderíamos ser envolvidos numa guerra contra a nossa vontade e contra a nossa melhor compreensão, guerra que seria feita para manter precisamente as injustiças e as queixas que dilaceram hoje a Europa». Contudo, nada se fez para realizar a tempo uma modificação. Até à subida ao poder do Governo nacional-socialista na Alemanha, as circunstâncias tinham adquirido um desenvolvimento cada vez mais perigoso.*

**B) Esforços da Alemanha para um entendimento com a Polónia,  
de 1933 a 1939**

*Assim, o Führer, logo depois de subir ao poder, resolveu, para o bem da paz com os vizinhos e com toda a Europa, assentar as relações germano-polacas em bases completamente novas e provocar, para êste fim, um entendimento com a Polónia. Estes esforços principiaram em Maio de 1933 e duraram até ao fim de Agosto de 1939. Alguns documentos escolhidos do abundante material documentário, servem de testemunha destes esforços alemães para um entendimento.*

N.º 4 (26)

**Anotação do Ministro dos Negócios Estrangeiros  
do Reich sobre uma conversação do Führer com  
o Ministro polaco, em 2 de Maio de 1933**

Berlim, 2 de Maio de 1933

Ó Chanceler do Reich recebeu hoje pela manhã na minha presença o Ministro da Polónia, o qual declarou, em nome do seu Governo, que na Polónia se tinha feito notar um desassossêgo crescente, que em parte assumira proporções assustadoras, desde que a partido nacional-socialista tomou conta do governo da Ale-

manha. O Ministro acentuou o interesse da Polónia numa saída livre para o mar, da qual já não poderia desistir mais nenhum Governo polaco. Por esta razão a Polónia devia manter o seu direito sobre Dantzig, e elle estava encarregado de receber do Senhor Chanceler do Reich uma garantia de que, pelo lado da Alemanha, não se tencionava modificar, fôsse o que fôsse, do estado actual de Dantzig.

O Chanceler respondeu ao Senhor Wysocki que em primeiro lugar tinha de negar um direito especial da Polónia sobre Dantzig. Se na Polónia existia um desassossêgo, elle só podia dizer que pelo lado alemão havia muito maior motivo para isso e que se sentia continuamente ameaçado pelos acontecimentos na Alta Silésia, pela reinição de tropas na fronteira e pela occupação da Westerplatte em Dantzig. A fronteira entre a Polónia e a Alemanha estava delimitada pela falta de visão dos estadistas, pela incompreensão e pela malevolência, duma maneira tal, que é quasi inconcebível uma vida tranqüilla das duas nações, uma junta à outra, enquanto existir esta delimitação de fronteiras. Elle respeita tôdas as nacionalidades e considera a Polónia como uma realidade — respeita-a como tal. Mas exige que pelo lado da Polónia a Alemanha seja tratada também como uma realidade. Se na época em que o Tratado de Versalhes foi concluído, os espiritos não estivessem tão confusos, então o estabelecimento dum corredor através da região alemã nunca devia ter sido consentido pelo lado polaco, porque é evidente que com isto viria a originar-se uma tensão constante entre a Alemanha e a Polónia. Teria sido muito mais inteligente procurar pelo outro lado da Prússia Oriental a saída para o mar, da qual o Ministro falou como um direito inalienável da Polónia. Neste caso, certamente haveria já há muito tempo boas relações entre a Alemanha e a Polónia, e também teria havido a possibilidade dum entendimento económico. Elle, Chanceler, somente desejava que os problemas politicos, que pairavam entre a Alemanha e a Polónia, fôsem uma vez examinados e tratados sem paixão pelos estadistas dos dois lados. Estava convencido que então poder-se-ia também encontrar uma saída para a insustentável situação actual. A Alemanha quer a paz. Ela não pensa sequer numa expropriação violenta de território polaco. Porém, reserva para si reclamar a todo o tempo, e como entender, os direitos que lhe pertencem segundo os tratados...

Barão von Neurath

**O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich ao  
Ministro alemão em Varsóvia, em 24 de Novembro  
de 1933**

Telegrama

Berlim, 24 de Novembro de 1933

O Chanceler do Reich está de acôrdo <sup>(1)</sup> com o projecto duma declaração germano-polaca, que foi entregue aqui pessoalmente a V. Ex.ª... Além disso, igualmente está de acôrdo que V. Ex.ª entregue ao Marechal Pilsudski em audiência pública, este projecto, em seu nome. Peço-lhe que requeira imediatamente esta audiência da forma adequada, fixando rapidamente a sua data.

Peço para expor na audiência, mais ou menos o seguinte: O Chanceler do Reich retribue com os melhores agradecimentos os cumprimentos do Marechal. Ele saúda com satisfação a attitude do Marechal, cujas ideias compartilha absolutamente, como se depreende do comunicado da Imprensa <sup>(2)</sup>. O Chanceler do Reich é de opinião que era conveniente não se ficar neste comunicado, mas sim encontrar uma forma que precisasse mais claramente as ideias e a direcção da vontade dos dois Governos de maneira a produzir um efeito político mais eficaz. Por isso V. Ex.ª fica encarregado de entregar o projecto duma declaração tal, que pudesse ser prestada pelos dois Governos, para conseguir atingir os fins desejados. Para fundamentar este projecto deve ainda expôr-se, que parece bem ao Chanceler do Reich, não operar com conceitos antigos usuais e com fórmulas já um tanto gastas, mas sim, escolher em vez delas, um processo que deixe aparecer inequívocamente a decisão política dos dois Governos, causando uma impressão mais viva sobre a opinião pública, do que aquela forma actual corrente, que já não goza de grande prestígio. Mas deve-se no entanto acentuar, que a forma escolhida no projecto

*(1) Trata-se dum anteprojecto da declaração de 26 de Janeiro de 1934, impressa sob o n.º 7.*

*(2) O comunicado tem o seguinte teor: «O Chanceler do Reich recebeu hoje pela manhã o Ministro polaco, que lhe fazia a sua visita inicial. Da conversação sobre as relações germano-polacas resultou um acôrdo completo dos dois Governos, no propósito de, por meio de negociações directas, estudar os problemas respeitantes aos dois países e desistir de todo o emprego da violência nas relações de um para com o outro».*

não modifica em nada o carácter vinculatório dos acórdos, como já se depreende da rectificação prevista no final.

Desejo ainda declarar, para seu esclarecimento, que a redacção da nota por nós proposta não implica de maneira alguma o reconhecimento das actuais fronteiras do Leste, mas bem pelo contrário significa que, com esta declaração, deve ser criada uma base para a resolução de todos os problemas, inclusivamente dos problemas territoriais.

Neurath

N.º 6 (34)

**O Ministro alemão em Varsóvia ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 28 de  
Novembro de 1933**

Telegrama

Varsóvia, 28 de Novembro de 1933

Hoje à tarde fui recebido pelo Marechal Pilsudski. A entrevista, à qual assistiu o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, e que durou cêrca de uma hora e um quarto, revestiu um carácter acentuadamente amistoso, que juntamente com o aprazamento invulgarmente rápido da audiência, e considerando as circunstâncias locais, vale como uma atenção especial.

O Marechal, que na conversa se desvia com gôsto do tema objectivo, para intercalar recordações pessoais, na maioria de carácter militar, dá uma impressão de frescura espiritual; fisicamente aparenta mais idade do que a que tem, pois parece quási um decrépito. A sua maneira de ver fundamental, acêrca do complexo de problemas a discutir, foi caracterizada por um reconhecimento simpático, expresso continuamente, da personalidade do Chanceler do Reich, cuja vontade sincera de paz êle sublinhou repetidas vezes no decurso da conversação.

Principiei a entrevista, transmitindo os cumprimentos do Chanceler do Reich, os quais Pilsudski recebeu com visível satisfação. Depois da exposição, efectuada segundo as instruções recebidas sôbre a forma da «declaração», escolhida por nós, li esta em alemão, correspondendo ao desejo do Marechal, completando-a com esclarecimentos na lingua francesa, que lhe é familiar.

Pilsudski expressou-se de acôrdo com as ideias fundamentais da proposta alemã. Concordou sobretudo, e com a maneira de ex-



primir drástica, que lhe é peculiar, com a escolha duma formulação nova e com a renúncia, sobretudo simpática para êle, aos parágrafos odiados, deixando contudo entrever, por precaução, que muitas vezes as fórmulas e os parágrafos tradicionais também tinham o seu valor. Declarou que naturalmente não estava na situação de tomar atitude perante os pormenores do projecto, mas que queria fazer um reparo especial, ou seja a referência ao Tratado Arbitral de Locarno, que tem na Polónia uma fama desagradável. Pelo que respeita ao procedimento posterior, o Marechal analisou longamente a quem deveria ser submetido o projecto, para ser examinado e avaliado, indicando por repetidas vezes que isso exigiria algum tempo. No decurso da conversação, Pilsudski sublinhou o desejo de trazer as relações germano-polacas, também pelo seu lado, para uma base de vizinhança amistosa, mas acentuou com uma clareza, como eu até hoje poucas vezes ouvi da boca dum político polaco, que da germanofobia milenária do povo polaco viriam a resultar grandes dificuldades na realização desta política. Por isso, não devia ser esta construída sobre bases sentimentais, mas sim, exclusivamente, sobre considerações racionais. Contradi-se a sua afirmação de que as circunstâncias na Alemanha eram semelhantes, e acentuei, indicando os acontecimentos dos últimos tempos, a necessidade de estabelecer uma política sistemática de compreensão, como já tinha acontecido duma maneira eficaz por parte da Alemanha, por exemplo no domínio da Imprensa. Pilsudski respondeu às minhas exposições, exprimindo o seu desprezo ilimitado pela Imprensa, com a qual não queria ter nada que ver; porém conveio que era útil influir sobre as organizações políticas.

Ao terminar, aludi ao desejo do Chanceler do Reich de chegar também, no campo económico, a relações normais. Pilsudski replicou que no seu tempo somente um único ministro se tinha oposto, adentro do Ministério polaco, à guerra aduaneira, enquanto que hoje dificilmente se encontraria um que aprovasse a continuação dessa guerra funesta. Sem dúvida, a Polónia que tinha sabido lutar, sem reserva alguma, através da crise económica, estava obrigada a procurar um ajuste económico suportável.

Moltke

*Parecia que o êxito acompanhava os esforços alemães, perante os quais estava, na pessoa do grande estadista polaco, Marechal Pilsudski, um desejo dirigido no mesmo sentido para um entendimento com o vizinho ocidental. Em 26 de Janeiro de 1934, realizou-*

*-se uma declaração mútua, que parecia destinada a colocar as relações dos dois Estados e dos dois povos numa nova base.*

N.º 7 (37)

### **Declaração dos Governos alemão e polaco, em 26 de Janeiro de 1934**

O Governo alemão e o Governo polaco julgam o momento propício para iniciar, por meio dum entendimento imediato de Estado para Estado, uma nova fase nas relações políticas entre a Alemanha e a Polónia. Por isso decidiram-se, por meio da declaração presente, a estabelecer as bases para a formação futura destas relações.

Os dois Governos partem do facto de que a manutenção e a segurança duma paz duradoira entre os seus países é uma hipótese essencial para a paz geral na Europa. Por isso, estão decididos a apoiar as suas relações recíprocas, sôbre os princípios contidos no Pacto de Paris, de 27 de Agôsto de 1928, e querem determinar exactamente a aplicação destes princípios, no que diz respeito às relações entre a Alemanha e a Polónia.

Com êste fim, determina cada um dos dois Governos que os compromissos internacionais, assumidos por êles até agora com outras partes não impedirão o desenvolvimento pacífico das suas relações recíprocas, não contradirão a declaração actual e não são afectados por esta declaração. Além disso, determinam que esta declaração não se estende a problemas que, segundo o direito internacional, são considerados exclusivamente como assuntos internos dum dos dois Estados.

Os dois Governos declaram que é sua intenção entenderem-se directamente nos problemas referentes às suas relações recíprocas, sejam elas de que natureza forem. Se chegarem a surgir alguns problemas litigiosos entre êles, e, se a sua solução não puder conseguir-se por meio de negociações directas, ambos os Governos procurarão, em cada caso especial, uma solução por outros meios pacíficos, sôbre a base dum entendimento recíproco, sem prejuizo da possibilidade de empregar, sendo necessário, aquelas espécies de procedimento previstas para tal caso em convênio ulterior, que está em vigor entre êles. Em caso algum, contudo, passarão a empregar a violência com o fim de decidirem tais problemas litigiosos.

A garantia de paz, criada por êstes princípios, facilitará aos dois Governos a grande tarefa de encontrar soluções para problemas de natureza política, económica e cultural, soluções estas que se baseiem num acôrdo justo e equitativo dos interesses recíprocos.

Os dois Governos estão convencidos de que desta maneira as relações entre os dois países se desenvolverão fecundamente e conduzirão ao estabelecimento de relações de boa vizinhança, que será proveitosa não só para os seus dois povos, como também para os restantes da Europa.

A declaração presente deve ser ratificada, e as actas de ratificação permutadas em Varsóvia, tão depressa quanto possível. A declaração é válida por um período de dez anos, a contar do dia da permuta das actas de ratificação. Caso ela não seja denunciada por um dos dos dois Governos seis meses antes de expirar êste prazo, permanecerá ainda em vigor; no entanto poderá a todo o tempo ser denunciada por cada um dos Governos, num prazo de seis meses.

Redigida nas línguas alemã e polaca, com originais duplos.

Berlim, 26 de Janeiro de 1934.

Pelo Govêrno alemão :

C. Barão von Neurath

Pelo Govêrno polaco :

José Lipski

*Esta declaração solene exprime o intento dos dois Governos de resolverem as suas relações por meio de métodos diplomáticos bilaterais excluindo o emprêgo da violência e a intromissão dum terceiro. Na base de tais relações de boa vizinhança deviam ser encontradas as soluções para «problemas de natureza política, económica e cultural». Tratava-se portanto dum acôrdo para a solução de problemas, mas não para a eternização do status quo existente entre a Alemanha e a Polónia.*

*É verdade que a esperança de que êsse tratado colocaria as relações entre os dois Estados e os dois povos numa base nova e criadora rapidamente foi desiludida.*

*Desde logo se apresentou como uma ilusão a esperança de que a declaração germano-polaca contribuisse para melhorar o tratamento do grupo étnico alemão na Polónia e que fôsse para as autoridades polacas a directriz do procedimento para com êle. Aceitando que a Alemanha e a Imprensa alemã se conservassem cala-*

*das, respeitando o convénio de entendimento, o Governo polaco começou justamente atrás da cortina deste, uma campanha para a liquidação, a frio, do grupo étnico alemão, para o que o contróle formal, ainda existente, do Tratado da Protecção das Minorias de Versalhes, podia ser incomodativo ao máximo. Por isso a Polónia, em 13 de Setembro de 1934, denunciou a colaboração com a Sociedade das Nações na execução do Tratado de Protecção das Minorias perante a Assembleia da Liga de Genebra. Em face de reserva alemã contra este passo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco enunciou a declaração formal de que os direitos das minorias continuariam a ser protegidos pela constituição polaca.*

*Essa declaração não correspondeu aos factos. A campanha de extermínio contra o grupo étnico alemão foi continuada pela reforma agrária, por expulsões de operários, pela limitação da actividade cultural, por medidas de boicotagem e por actos de terrorismo. A paz da Imprensa germano-polaca não foi respeitada. As representações alemãs na Polónia tiveram que expôr nos seus relatórios, que desde o convénio de entendimento não se tinha estabelecido qualquer melhoria, mas muito pelo contrário tinha havido um agravamento em todos os campos de actividade.*

N.º 8 (73)

### **Entrevista do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Beck, em 20 de Janeiro de 1937**

Anotação

Berlim, 20 de Janeiro de 1937

O Ministro dos Negócios Estrangeiros da Polónia, Beck, visitou-me hoje pela manhã, de passagem para Genebra. Nesta ocasião falámos, entre outras coisas, acêrca da atitude da Imprensa polaca.

Chamei a atenção do sr. Beck para o facto de também uma grande parte da Imprensa polaca ligada ao Governo ter usado nos últimos meses duma linguagem muito hostil para com a Alemanha. Pelo nosso lado, a Imprensa alemã impôs-se a máxima reserva perante este concôrto hostil. Porém, eu desejava pedir-lhe que interviesse para que o tom da Imprensa governamental polaca se modificasse. A questão foi manifestamente penosa para o sr. Beck.

Tentou desculpar as circunstâncias censuradas, referindo-se às dificuldades polacas de ordem interna.

Barão von Neurath

*Na Primavera de 1937, a Alemanha, considerando iminente o fim da Convenção de Genebra sobre a Alta Silésia (a qual assegurava certas facilidades à população fronteiriça dos dois lados, por um espaço transitório de quinze anos), fez a tentativa de conseguir com a Polónia um convénio bilateral de minorias. Contudo a Polónia recusou duas vezes tal proposta, porque via nela uma limitação dos seus direitos de soberania. Então a Alemanha viu-se obrigada a desistir dum tratado formal e a contentar-se com uma declaração recíproca de igual teor. Sobre isso informa o Embaixador alemão em Varsóvia o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich da seguinte maneira :*

N.º 9 (88)

### **O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 1 de Junho de 1937**

Relatório

Varsóvia, 1 de Junho de 1937

Hoje desempenhei-me junto do sr. Beck da missão de que me tinha encarregado, entregando-lhe o memorando junto, que expliquei verbalmente e com pormenores. O sr. Beck ouviu-me muito atentamente, mas, durante as minhas exposições, não deu a reconhecer quaisquer sinais de acôrdo ou de recusa. Quando eu, ao terminar, declarei que o encargo, que me confiara o sr. von Neurath, tinha sido ordenado pelo Führer e Chanceler do Reich, o sr. Beck mostrou-se visivelmente impressionado, replicando que os desejos do Führer eram considerados aqui sempre com uma atenção especial. Ele submeteria naturalmente, sem demora, ao Presidente do Conselho, ou seja ao Gabinete, o assunto apresentado por mim e, reservava-se para comunicar-me em breve a posição do Governo polaco.

De resto, o sr. Beck limitou-se a algumas observações breves, nas quais primeiramente exprimiu, que de facto, a nossa atitude de compreensão na altura da investida do Governo polaco em Ge-

nebra, no Outono de 1934, tinha produzido aqui grande satisfação. O sr. Beck então pronunciou algumas palavras de defesa perante as minhas exposições relativas à situação efectiva da minoria alemã na Polónia, sem contudo ter entrado em minúcias e disse que, no caso dum procedimento arbitrário das autoridades subalternas, o Presidente do Conselho estaria certamente disposto a intervir com a energia que lhe é peculiar. O sr. Beck tentou explicar as dificuldades de todo o problema germano-polaco das minorias, com a diferença de construção interna dos dois Estados, porque em geral, segundo a sua opinião, todo o problema das minorias era extraordinariamente complexo. O sr. Beck não repetiu os seus antigos argumentos contra a nossa proposta; mas também não pronunciou uma única palavra acêrca dos pontos de vista principais apresentados por mim, segundo as instruções recebidas.

von Moltke

*No memorando a que se refere êste relatório, o Govêrno do Reich exprime primeiro tôda a sua desilusão pela recusa por parte da Polónia, das propostas alemãs, apresentadas até agora. Se o Govêrno polaco recusa procedimentos formais e instrumentos tratados, e, tendo em pouca conta o seu valor para os próprios grupos étnicos, dá preferênciã ao entendimento mais amigável sôbre cada um dos problemas que surgem, era esta também na verdade e amplamentz a maneira de ver alemã; contudo, era difícil passar sem um regulamento geral e basilãr do tratamento dum problema tãe importante. O Govêrno do Reich propõe, portanto, uma declaração pública bilateral dos dois Governos, sôbre a protecção das minorias alemãs e polacas vivendo no seu território. O memorando a êste respeito diz textualmente :*

#### **Do Memorando do Govêrno do Reich sôbre o problema germano-polaco das minorias, de 1 de Junho de 1937**

5. Além dos pontos de vista principais, indicados atrás, e ainda mais prementemente do que êles, urge porém o desenvolvimeno da situação efectiva da minoria alemã na Polónia, para que se chegue a um entendimento entre os dois Governos sôbre todos os problemas das minorias. O Govêrno alemão lamenta ter que ver precisamente nesta situação efectiva da minoria alemã um argumento irrefutável contra a tese polaca, de que a minoria faria melhor se deixasse o seu tratamento entregue ao livre arbitrio das

autoridades do país. Com efeito, desde há muito tempo, mas sobretudo no último ano, as observações feitas não deixam, infelizmente, qualquer dúvida de que se trabalha sistematicamente, com o apoio de instâncias oficiais polacas e de organizações particulares que gozam da ajuda oficial, para abalar o fundamento económico da minoria alemã na Polónia e para levar todos aquêles que se pronunciam pelo germanismo a modificarem a sua atitude.

6. Não se tem a intenção de entrar por agora na discussão dos pormenores. Todavia, para não deixar parecer vagas e desprovidas de conteúdo as queixas alemãs, faremos rapidamente alusão aos pontos que seguem :

- a) ao excessivo número de propriedades rurais alemãs, que figuram na cessão prevista na reforma agrária, tal como ela se realizou, sobretudo no ano passado;
- b) à polonização progressiva da propriedade imobiliária, desde há algumas gerações em mãos alemãs, utilizando para isso o direito de compra e de prioridade;
- c) à interpretação da legislação sobre a zona fronteiriça, a qual também é praticamente dirigida, em primeiro lugar, contra o elemento alemão (1);
- d) ao facto de, desde há algum tempo, os membros da minoria alemã só em casos excepcionais receberem autorização para abrir lojas, casas comerciais e fundar empresas económicas; e ainda ao facto de os farmacêuticos, médicos e advogados de origem alemã tropeçarem com grandes dificuldades por parte das autoridades, para poder abrir farmácias e consultórios;
- e) ao facto igualmente notório de os empregados e operários alemães serem despedidos sob pressão das organizações polacas e não encontrarem colocação enquanto pertencerem a associações alemãs ou enviarem os seus filhos às escolas alemãs;

(1) Por decreto sobre a zona fronteiriça, de 23 de Dezembro de 1927, e pelos regulamentos promulgados para a sua aplicação foram impostas limitações à residência e à aquisição de propriedade imóvel dentro duma zona determinada. A esta zona pertencia toda a Pomerânia, isto é, todo o território do Corredor, quasi toda a provincia da Posnânia e toda a Alta Silésia. A-pesar destes protestos alemães, o decreto sobre a zona fronteiriça foi ainda mais agravado, em 1 de Julho.

- f) à triste situação da juventude que concluiu os seus estudos nas escolas alemãs, autorizadas pelo Estado polaco, mas que encontra depois tão grandes dificuldades para habilitar-se para uma profissão, que uma enorme percentagem da juventude de origem alemã não pôde até agora ser incorporada na vida profissional;
- g) à boicotagem ultimamente anunciada — até por forma pública — de tôdas as actividades comerciais alemãs nos territórios separados da Alemanha.

Dadas as muitas relações pessoais e de parentesco entre a população fronteiriça, é natural que na Alemanha não tenha passado despercebido o facto de os membros da minoria alemã perderem, cada vez mais, a sua base de existência. Ao Governo alemão apresenta-se-lhe com indignação crescente a exigência de exercer represálias na mesma medida, limitando o espaço vital aos membros da minoria polaca da Alemanha, que até agora têm exercido, sem obstáculo algum, as suas profissões. O Governo alemão não tem naturalmente o desejo de seguir, perante a Polónia, o caminho das represálias; não pode, todavia, por outro lado, fechar os olhos ao facto de que a crescente violência que pesa sobre o elemento alemão da Polónia, provoca estranheza e descontentamento no Reich, e que essas medidas de autoridades subalternas polacas prejudicam gravemente a popularidade duma política generosa de aproximação com a Polónia.

7. O Governo do Reich pede por isso com tôda a insistência que se examinem de novo tôdas as questões minoritárias tendo em conta os pontos de vista anteriores. O Governo alemão espera que o Governo polaco se decidirá, a-pesar-de tudo, a entabular conversações sobre uma ou outra forma fundamental de regularização e que, além disso, tomará, tão prontamente quanto possível, medidas para refrear o chauvinismo existente nas províncias polacas do Oeste, no qual se oculta o sério perigo de que se impeça o desenvolvimento frutífero ulterior da colaboração entre os Governos do Reich e da Polónia, tão felizmente iniciada.

*Em 5 de Novembro de 1937, realizou-se uma «declaração concordante» dos dois Governos. Todavia, devido à recusa polaca em aceitar um acôrdo com obrigações exactas para ambas as partes, aquela declaração foi, na prática, condenada a ficar absolutamente sem efeito.*



*A-par-das medidas de violência por parte dos polacos contra os grupos étnicos alemães, surgiam constantemente provocações anti-alemãs. Que no fim da politica polaca contra Dantzig estava a anexação da Cidade Livre ao Estado polaco, foi claramente manifestado numa reunião nacionalista polaca, acêrca da qual o Cônsul Geral do Reich em Dantzig enviou um relatório ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.*

N.º 10 (92)

### **O Cônsul Geral alemão em Dantzig ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 15 de Novembro de 1937**

Relatório

Dantzig, 15 de Novembro de 1937

No domingo passado, 11 de Novembro, para comemorar o aniversário da declaração da independência da Polónia, celebraram-se festas nas aldeias do Estado Livre de Dantzig habitadas por membros da minoria polaca. Assistiram a estas festas numerosos membros da população polaca de Dantzig.

São dignas de nota as declarações feitas no discurso que o representante diplomático da República Polaca em Dantzig, Ministro Chodacki, proferiu na festa celebrada na aldeia de Gross-Trampken. Entre outras coisas declarou: «Recordo ainda perfeitamente a época em que fui à guerra com a esperança posta na ressurreição da Polónia. De igual modo os polacos de Dantzig devem viver na esperança de habitar território polaco dentro de bem curto prazo.»

von Luckwald

*No ano de 1938 acentuou-se mais o agravamento das relações germano-polacas, o qual se pode atribuir em grande parte à atitude provocante da Imprensa da Polónia. A êsse respeito, informa o Embaixador alemão em Varsóvia:*

## O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 2 de Setembro de 1938

Relatório

Varsóvia, 2 de Setembro de 1938

A atitude da Imprensa polaca e de outros sectores da opinião pública da Polónia com respeito à Alemanha, piorou abertamente nos últimos tempos. Nunca foi satisfatória e ficou sempre muito abaixo das esperanças postas pela Alemanha no acôrdo político e no convénio da Imprensa de 1934. Os periódicos affectos ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e outros sectores da opinião política mostraram, na sua maioria, uma atitude correcta, e em algumas questões, especialmente de política externa, tomaram uma posição que poderia julgar-se com freqüência como positiva. Mas nem sequer uma vez o chamado campo da União Nacional, isto é, a organização do partido governamental, criada para levar as «massas» para o sistema dominante, renunciou a empregar, em competição com os restantes agrupamentos políticos, expressões anti-alemãs, para assim ganhar popularidade.

O Governo polaco mostra-se muito reservado ante êstes factos. Em todo o caso, não ha indícios duma reacção enérgica em contrário. Pode admitir-se que as autoridades polacas se vejam limitadas nas suas possibilidades de influir sôbre a Imprensa, mas uma tão grande passividade só pode explicar-se pelo facto de o Governo temer empregar a sua autoridade para proteger os interesses alemães, que são impopulares, ao passo que emprega uma maior energia para os seus próprios. E que, por exemplo, não estivesse em situação de impedir as repetidas manifestações provocativas nas cidades da Polónia ocidental organizadas pela Associação das Províncias do Oeste, simpatisante com o Governo, é coisa que parece muito duvidosa.

Não pode ocultar-se ao Governo que esta atitude passiva permite criar uma atmosfera que está difficilmente de acôrdo com a politica de aproximação germano-polaca. Na realidade, nunca se empregou aqui um tom muito cordial com respeito à Alemanha, e, especialmente em momentos criticos, teve-se sempre interesse em que as relações não parecessem muito íntimas. Mas que, agora, por exemplo, se pudesse entoar diante dum Consulado Geral da Alemanha, sem que alguém se opusesse, o hino de ódio da «Rota»

é, em todo o caso, um facto que, desde 1934, não se havia voltado a observar. É claro que a política de Beck é hoje ainda menos popular do que antes, o que obriga o Ministro dos Negócios Estrangeiros a impor a si mesmo uma atitude reservada. O conhecido caso do liceu alemão de Bromberg, em que o «gentlemen-agreement» acordado com Beck foi sabotado por parte da administração polaca, é uma prova patente da tensão interna aqui existente. De facto, não parece haver no Governo um acôrdo absolutamente unânime, precisamente no que toca à política alemã de Beck. Contudo, pode supor-se com razão, que tanto o Ministro da Guerra, como o marechal Smigly-Rydz, não colaboram na política de Beck de todo o coração. Em relação com isto é também interessante notar que mesmo um velho paladino do entendimento com a Alemanha, como é o redactor-chefe do periódico «Slowo» de Wilna, Mackiewicz, haja também atacado recentemente, num artigo que teve retumbância quasi sensacional, a politica de Beck, censurando-lhe que, com a amizade da Alemanha, descuide as relações com a França e com a Inglaterra, e que da colaboração com a Alemanha a Polónia não tire vantagens equivalentes.

Ontem ainda tratei seriamente com o sr. Beck da evolução desfavorável da opinião pública daqui, e das manifestações especialmente anti-alemãs dos últimos tempos, depois de haver abordado o mesmo tema com o Vice-Ministro substituto, Arciszewski, há alguns dias. O sr. Beck não negou que a situação fôsse pouco satisfatória; pouco depois de ter regressado das suas férias, êle próprio chamou a atenção do Presidente do Conselho, tendo recebido da parte dêste bom acolhimento às suas observações. À minha observação de que não podemos entender porque não se põe pelo menos um freio às repetidas demonstrações da Associação das Provincias do Oeste, o sr. Beck respondeu que não era conveniente actuar unicamente com proibições, mas sim que é algumas vezes melhor deixar abrir algumas válvulas. Por isso, haviam-se limitado a reduzir a menor escala as intenções muito maiores dos manifestantes. De resto, o sr. Beck tentou diminuir a importância dos ataques dirigidos contra a Alemanha, e assegurou que o Governo não se deixa influir de modo algum pelo nervosismo da opinião pública, mas sim mantém-se firme na sua velha linha politica.

Ainda que o sr. Beck tenha também feito esta declaração por forma muito concreta, ninguém poderá, em todo o caso, enganar-se de que existe aqui já agora um ambiente muito pouco

amistoso para conosco, o que poderia de alguma forma influir em questões decisivas sobre a liberdade de decisão do Governo.

von Moltke

*A crescente agitação anti-alemã atingiu o seu primeiro ponto culminante em fins de Fevereiro de 1939, quando, sem motivo que as justificasse, se realizaram diante da Embaixada alemã em Varsóvia e dos consulados alemães na provincia manifestações de ódio, que mal foram reprimidas pela policia. Massas fanatizadas cantaram canções anti-alemãs, deram vivas à «Dantzig polaca», insultaram os «cães alemães» e quebraram os vidros das janelas. É verdade que o Governo polaco mandou apresentar oficialmente as suas desculpas — mas isto não podia iludir os sintomas alarmantes da crescente agressividade polaca.*

## CAPÍTULO SEGUNDO

### A política bélica inglesa desde o acôrdo de Munique — Tentativa da Alemanha para uma solução equitativa do problema de Dantzig e do Corredor.

#### Documentos 12 — 54

##### A) Início da agitação belicista na Inglaterra A proposta alemã à Polónia

N.º 12 (217)

#### Declaração comum do Führer e do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, em Munique, em 30 de Setembro de 1938

Tivemos hoje uma nova conversação, e concordámos em que o problema das relações germano-inglesas é da máxima importância para os dois países e para a Europa.

Consideramos o acôrdo assinado na tarde de ontem e o acôrdo naval germano-inglês, como expressões simbólicas do desejo que anima os nossos Povos de nunca mais voltarem a fazer a guerra um contra o outro.

Estamos decididos a tratar também outros problemas que dizem respeito aos nossos Povos, de acôrdo com o método das consultas, e continuaremos a esforçar-nos por eliminar toda a espécie de motivos de discordância, para desta forma contribuirmos para a segurança da paz da Europa.

Adolf Hitler

Neville Chamberlain

*Após muitos anos de esforços unilaterais da Alemanha para a amizade inglesa, a supra declaração germano-britânica, de Munique, pareceu ter, finalmente, operado nas relações entre os dois*

*países aquela mudança que desde sempre fôra desejada pelo programa, em todo o mundo conhecido, da política externa do nacional-socialismo. O acôrdo de Munique tinha banido do mundo a crise checa. O Fûhrer via agora chegada a possibilidade de estabilizar por forma durável as relações com a Inglaterra e, por conseguinte, de garantir ao seu próprio Povo, assim como a todos os outros da Europa, um longo período de paz. Tanto maior, pois, foi a decepção, quando logo três dias mais tarde, o Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, anunciava na Câmara dos Comuns o rearmamento da Inglaterra a todo o custo. Este discurso, do qual será dado abaixo um extracto, foi acompanhado de descomedidos ataques contra a Alemanha, por parte da opposição inglesa.*

N.º 13 (218)

**Do discurso proferido pelo Primeiro Ministro britânico,  
Chamberlain, na Câmara dos Comuns, em 3 de Outubro de 1938**

...Creio que são muitos os que participam do meu ponto de vista de que a declaração assinada pelo Chanceler do Reich e por mim constitue alguma coisa mais que uma simples expressão de opiniões. Nas nossas relações com os outros países, tudo depende de que em ambas as partes haja sinceridade e boa vontade. Creio que neste caso ha sinceridade e boa vontade em ambas as partes. É esta a razão porque, para mim, a importância daquella declaração excede em muito a do seu texto real. Se ha alguma lição a tirar dos acontecimentos das últimas semanas, outra não pode ser senão que a paz permanente não pode ser alcançada sentando-se tranqüilamente a esperá-la. Para a logarmos, é necessário fazer esforços activos e positivos. Sem dúvida conto com muitos criticos, que dizem que me tornei culpado de me haver entregue a um imprudente optimismo, e que melhor faria não acreditar em nenhuma palavra proferida pelos governantes dos outros grandes Estados europeus. Sou demasiado realista para acreditar que conquistaremos o Paraíso num só dia. Colocámos sômente a primeira pedra para o edificio da paz. Com a estrutura, todavia, ainda não se começou.

Desde há muito tempo que neste país nos vimos ocupando de

um grande programa de rearmamento, que constantemente aumenta em ritmo e amplitude. Ninguém deve crer que como consequência da assinatura do acôrdo de Munique pelas quatro Potências, nos poderemos permitir diminuir no momento actual os nossos esforços com relação a êsse programa. Pelo que diz respeito a êste país, o desarmamento nunca mais poderá voltar a ser unilateral. Tentámo-lo uma vez, e por pouco iamos caindo numa catástrofe. Se tiver de vir o desarmamentô, ha-de vir pelos seus passos, terá de chegar mediante um convénio e a colaboração activa de outros países. E, até que estejamos seguros desta colaboração, até que nos tenhamos pôsto de acôrdo sôbre os passos effectivos que hão-de dar-se, temos de nos manter àlerta...

*Esta atitude, inteiramente contraditória com o sentido e com a letra do acôrdo de Munique, não só do Primeiro Ministro britânico, como principalmente da opposição, forçou o Fûhrer a uma resposta, em Saarbrücken, em 9 de Outubro de 1938, na qual declarou que na Inglaterra podiam, em vez de Chamberlain, chegar ao poder o sr. Duff Cooper, ou o sr. Eden ou o sr. Churchill, que logo haveria a probabilidade de se desencadear uma nova guerra mundial, que era o objectivo abertamente declarado por êstes homens. No dia seguinte, já o Ministro da Guerra inglês, Hore Belisha, respondia com um discurso onde anunciava novas medidas de rearmamento por parte da Inglaterra. Estas foram então applicadas nos meses seguintes num ritmo crescente quanto às armas e aos objectivos ofensivos: criação dum exército expedicionário para a guerra continental. Ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha impeliu o aliado francês para maiores esforços no campo do armamento, sobretudo no ar. Que a advertência do Fûhrer era inteiramente justificada, provou-se poucos dias depois, quando Winston Churchill fêz para a América um discurso radio-difundido que, pelo seu antigo tom de agitação belicista, fêz claramente compreender que êsses circulos da política britânica não lencionavam ater-se ao acôrdo de Munique*

N.º 14 (223)

**Do discurso de Winston Churchill para a ràdio-difusão dos Estados Unidos da América, em 16 de Outubro de 1938**

...Temos de nos armar! Se devido à nossa firme vontade pa-

cifica nos encontramos numa situação desvantajosa, temos que a reparar fazendo esforços redobrados e, caso se tornasse indispensável, mediante a constância em suportar os sofrimentos necessários. Não pode existir dúvida alguma de que temos de armar-nos.

A Grã-Breanha abandonará os seus seculares costumes e imporá aos seus habitantes o serviço nacional militar obrigatório. De pé, o Povo britânico aguarda tudo o que possa vir. Mas, para falar com as palavras do Presidente Wilson, o instrumento das armas como tal não é suficiente. Temos que juntar-lhe a força do conceito espiritual.

Ha homens que dizem que não nos devemos deixar arrastar a uma opposição teórica entre nazismo e democracia. Mas este antagonismo existe já hoje mesmo.

O que dá aos países livres uma grande parte da sua força, é precisamente o contraste das suas ideias morais e espirituais...

A clara luz do progresso, com a sua tolerância e a sua colaboração, a sua dignidade e as suas alegrias foi extinguida frequentemente no passado.

E, em todo o caso, eu vivo na convicção de que agora superámos por fim a barbaria até ao ponto de podermos contê-la e rechacá-la. Se temos uma ideia clara do que agora se trata, temos de tomar as nossas resoluções oportunamente, o que no fim de contas é o que faremos. Mas quanto mais esperarmos, tanto maiores terão que ser os nossos esforços!

É isto um convite à guerra? Declaro que isto representa a única garantia para a paz. A rápida e decidida concentração de tódas as forças para opôr-se não só aos ataques militares, como também aos morais; o firme e sereno reconhecimento dos seus deveres por parte dos povos de lingua inglesa e de tódas as nações, grandes e pequenas, que queiram marchar com elles; e a sua leal e activa camaradagem quási entre a noite e a manhã, desimpedirão a senda do progresso e apartarão de todos nós aquêlê temor que já obscurece a luz do sol para centos de milhões de seres...

*Já nas primeiras semanas após a conclusão do acôrdo de Munique surgiu continuamente na Imprensa inglesa o mote Polónia. Por outro lado, precisamente com auxilio da Alemanha, a Polónia tinha acabado de ganhar o dominio do Olsa e deligenciava alcançar uma fronteira comum com a Hungria. A ocasião parecia por consequência favoravel para, finalmente, se chegar a uma solução honrosa para ambas as partes do fundamental problema germano-poluco — a questão de Dantzig e do Corredor. Porque ambos os*



*problemas tinham de ser resolvidos, resultaram reveses nas relações germano-polacas, constantemente repetidos e já apontados no primeiro capítulo, bem como o agravamento da situação cada vez mais difícil do grupo étnico alemão da Polónia, a-pesar-do acôrdo germano-polaco existente. A Alemanha, entretanto, não tinha em vista uma solução contra, mas sim a favor da Polónia, na base do entendimento principiado em 1934. As exigências alemãs foram reduzidas ao mínimo, mesmo aos limites do mais razoável e justo. Prova-o a conversa a seguir relatada entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich e o Embaixador polaco, na qual foram pela primeira vez formuladas as propostas alemãs. Na sua substância, estas nunca se modificaram.*

N.º 15 (197)

**Entrevista do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich  
com o Embaixador polaco, em Berchtesgaden,  
em 24 de Outubro de 1938**

Anotação do conselheiro relator da Legação, Hewel

Ao começar a conversa, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich descreveu ao Embaixador polaco um quadro da situação actual.

Então o sr. Lipski explicou o motivo da sua visita: a Polónia está interessada na estabilização da região danubiana. A Ucrânia Carpática com a sua desordem e os seus 80 % de analfabetas é um foco para toda a classe de correntes políticas imagináveis, um verdadeiro centro de comunistas. Tem um total de 650.000 habitantes, dos quais aproximadamente uns 250.000 são húngaros e judeus, e 400.000 ruténios. Devido a este foco de desordens, a Polónia já teve com Praga várias trocas de notas violentas. Beck disse-lhe que queria que desta crise saísse algo de sensato. A Polónia deseja uma incorporação deste território na Hungria.

De resto, uma fronteira comum polaco-húngara é de grande valor como barreira contra o Leste. São absurdos os rumores relativos à formação dum bloco contra a Alemanha, os quais ficam mais do que refutados pela atitude que a Polónia durante a crise adoptou perante a União Soviética. A política polaca foi a de induzir o Governo húngaro à moderação na questão eslovaca e incitá-lo na questão da Ucrânia Carpática. Ele, Lipski, espera que

uma solução no sentido indicado não se oponha aos interesses alemães.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich diz ao Embaixador que as suas ideias lhe eram um pouco novas e que queria meditar nelas com calma. Acrescenta que compreende muito bem os desejos polacos, mas que também vê certas dificuldades, que nós os alemães tínhamos de ter em conta.

Continuando, o Ministro dos Negócios Estrangeiros refere-se ao grande problema geral, devido ao qual tinha convidado o sr. Lipski a ir a Berchtesgaden, a-fim-de abordá-lo de maneira absolutamente confidencial, só para Lipski, Beck e êle, Embaixador. Pedê-lhe que informe oralmente o sr. Beck sôbre a conversa, pois que doutro modo é demasiado grande o perigo de chegar a tornar-se pública, especialmente no que respeita à Imprensa. O Embaixador deu-lhe o seu assentimento. O Ministro dos Negócios Estrangeiros junta às suas palavras de introdução um convite para o sr. Beck de visitá-lo durante o próximo mês. Desta forma os amigos polacos ficavam permanentemente convidados a vir à Alemanha. O Embaixador aceita êsse convite com alegria e declara que informará o sr. Beck.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich declara a seguir que julga ser já a altura de se proceder à depuração geral de tôdas as possibilidades de conflito existentes entre a Alemanha e a Polónia. Isto seria a coroação da obra iniciada pelo Marechal Pilsudski e o Führer. Como comparação, refere-se às nossas relações com a Itália em que o Führer, levado pelo desejo duma depuração geral e com uma profunda clarevidência, renunciou ao Tirol do Sul. Um tal acôrdo seria também desejável com a Polónia e para a Polónia; e corresponderia à direcção da politica do Führer de chegar a claras relações com todos os vizinhos.

Não é impossivel que se venha a chegar a acordos ainda mais claros com a França, além da declaração do Führer referente à fronteira. Com a Polónia, ha que começar a falar de Dantzig como uma solução parcial dum grande entendimento entre as duas nações. Dantzig é alemã — sempre foi alemã e sempre continuará a ser alemã. O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich disse, que em resumo, havia pensado numa solução como a que a seguir se expõe:

1. O Estado Livre de Dantzig volta ao Reich.
2. Através do Corredor construir-se-á uma auto-estrada ex-

traterritorial é uma linha férrea de várias vias, também extraterritorial, pertencentes à Alemanha.

3. A Polónia obtém no território de Dantzig também uma estrada ou auto-estrada e uma linha férrea extraterritoriais e um porto franco.
4. A Polónia obtém uma garantia de venda para as suas mercadorias no território de Dantzig.
5. Ambas as nações reconhecem as suas fronteiras comuns (garantia) ou os seus territórios respectivos.
6. O tratado germano-polaco prolongar-se-á por 10 a 25 anos.
7. Ambos os países juntam uma cláusula de consulta ao seu tratado.

O Embaixador polaco toma nota desta sugestão. Ainda que, como é natural, deva antes falar com o sr. Beck, quer já declarar que é um equívoco considerar Dantzig como um produto de Versalhes, porventura como o território do Sarre. Para ter uma concepção verdadeira do problema é necessário seguir a génese histórica e geográfica de Dantzig.

O Ministro dos Negocios Estrangeiros do Reich declara que não quer ouvir agora uma resposta. O Embaixador deve reflectir em tudo e falar sobre isso com o sr. Beck, tão prontamente quanto possível. É natural que não se possa excluir certa reciprocidade nestas considerações. Segundo o ponto de vista da política interna, certamente que para o Führer também não é fácil reconhecer definitivamente o Corredor. Para isso é preciso pensar num futuro longínquo, pois que Dantzig é alemã, agora e para sempre!

O sr. Lipski promete falar de tudo isso, exactamente com o sr. Beck. Irá a Varsóvia, talvez quinta-feira, e poderá estar de regresso no princípio da semana seguinte. O seu pedido principal é a troca de ideias sobre a questão húngara. O sr. Beck manda dizer que a Polónia está disposta a tomar parte numa arbitragem dos três países Alemanha, Itália e Polónia, caso o deseje a Hungria e os dois primeiros concordem.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich refere-se, a este propósito, ao risco que uma sentença de arbitragem traz consigo.

Numa segunda conversa de curta duração, o Ministro dos Ne-

gócios Estrangeiros do Reich menciona a Ucrânia Carpática. O Embaixador acentua que a Polónia não tem o mínimo interesse num aumento de território lá em baixo, e que o seu desejo é, exclusivamente, o de obter uma fronteira comum com a Hungria.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich promete voltar a reflectir ainda sobre este assunto, declarando que, no caso de se chegar a uma solução global entre a Alemanha e a Polónia, também se achará, com certeza, uma solução favorável para este problema.

A conversa decorreu em tom muito amigável.

Hewel

*Aproximadamente três semanas depois desta conversa, o Embaixador Lipski procurou o Ministro dos Negócios Estrangeiros von Ribbentrop. Trazia, porém, apenas uma resposta em parte evasiva, em parte de adiamento, às propostas alemãs. Isto foi justificado por dificuldades de politica interna.*

**É altamente sintomático que, nem nesta conversação, nem numa conversa que se realizou a seguir, em 14 de Dezembro em Varsóvia, entre o Embaixador alemão e Beck, nem ainda na memorável conversação de Beck com o Führer, em 5 de Janeiro de 1939, a Polónia deixasse entrever, nem mesmo de longe, a impressão de se sentir ameaçada.**

*Pelo contrário, os 3 documentos seguintes mostram claramente que também, e ainda em 26 de Janeiro de 1939, quando o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich falou mais uma vez com Beck, em Varsóvia, a Polónia aceitou, sem qualquer protesto, as propostas alemãs cheias de moderação e de objectividade e prometeu examiná-las maduramente. Das cinco conversações que se realizaram entre 24 de Outubro de 1938 e 26 de Janeiro de 1939, entre o Führer, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich e o Embaixador v. Moltke, por um lado, e Lipski e Beck, pelo outro, e nas quais, do lado alemão, foram sempre apresentadas novamente as suas propostas moderadas sem quaisquer ameaças, depreende-se que, se é verdade que a Polónia procurava evidentemente fazer arrastar as negociações com a Alemanha, parecia, no entanto, por outro lado, haver até essa ocasião probabilidades de se encontrar uma solução pacífica satisfatória para ambas as partes. A entrevista do Führer com o Ministro dos Negó-*

*cios Estrangeiros, Beck, em 5 de Janeiro de 1939, constitui sobretudo um testemunho disto. Foi nela desenvolvido o grande programa de amizade, em cujo quadro o Führer imaginava para o futuro as relações germano-polacas e o regulamento da questão de Dantzig e do Corredor. Era um regulamento em que também a Polónia teria ganho e pelo qual teria sido excluída ao mesmo tempo toda a possibilidade de conflito no futuro.*

N.º 16 (198)

### **Conversação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em 19 de Novembro de 1938**

Anotação

Recebi hoje à 1 hora o Embaixador polaco Lipski.

O sr. Lipski disse-me que tinha informado o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, do conteúdo da nossa conversa em Berchtesgaden, em 24 de Outubro, e que está agora em condições de me comunicar o parecer de Beck a este respeito. O sr. Lipski leu a seguir numa folha de papel, extractos das suas instruções.

1. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, é de opinião que as relações germano-polacas resistiram de uma forma geral à sua prova. Ficou provado durante a crise checa que o tratado germano-polaco está construído sobre fundamentos duradouros. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, crê que a política rectilínea da Polónia foi útil para a Alemanha na aquisição do território dos Sudetas e contribuiu notavelmente para solucionar, sem dificuldades, esta questão, de acordo com os desejos alemães. O Governo polaco não prestou atenção durante estes dias críticos a todos os cantos de sereia que soaram de certo lado.

Eu repliquei ao sr. Lipski que também na minha opinião o tratado germano-polaco se revelara invulnerável. A acção do Führer contra a Checo-Eslováquia deu à Polónia a possibilidade de adquirir o território do Olsa e de satisfazer um certo número de outros desejos fronteiriços. Concordei com êle, de resto, em que também a atitude polaca facilitou as coisas à Alemanha.

2. O sr. Lipski fez então considerações prolixas para demonstrar a importância e o significado de Dantzig, como Cidade Livre, para a Polónia.

Para o Ministro Beck é também difícil, por razões de política

interna, aprovar a incorporação de Dantzig no Reich. No entanto, tem reflectido sobre a forma de eliminar, de uma vez para sempre, todos os pontos de atrito que poderiam talvez surgir entre a Alemanha e a Polónia por causa de Dantzig. Ele pensou que o Estatuto de Dantzig instituído pela Sociedade das Nações poderia ser substituído por um tratado germano-polaco, em que fossem tratadas todas as questões relativas a Dantzig. Como base para este tratado, pensa Beck que se poderia reconhecer, por um lado, Dantzig como cidade puramente alemã com todos os direitos que deste facto resultam, assegurando, ao mesmo tempo, por outro lado, à Polónia e à minoria polaca todos os direitos económicos, e mantendo para Dantzig o carácter de Estado livre e a união aduaneira com a Polónia.

Repliquei ao sr. Lipski que lamentava o ponto de vista do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck. É possível que a proposta para uma solução secular do problema germano-polaco, pela qual Dantzig deva ser incorporada na Alemanha, possa acarretar dificuldades de politica interna para o sr. Beck, mas não se deve esquecer, por outro lado, que não seria fácil ao Führer defender perante o Povo alemão uma garantia do Corredor polaco. A minha sugestão baseou-se no intuito de colocar as relações germano-polacas numa base indestrutível, e eliminar todos os pontos de atrito imagináveis. Não fora minha intenção ter uma pequena conversa diplomática. Como éle, Lipski, poderá ter depreendido dos discursos do Führer, este tratou sempre a questão germano-polaca sob um ponto de vista elevado. Na sua presença declarara eu ainda há pouco, perante a Imprensa internacional, que as boas relações germano-polacas pertenciam aos fundamentos da politica externa alemã.

O Embaixador Lipski agradeceu-me estas considerações e voltou então a referir-se à proposta dum tratado bilateral sobre Dantzig.

Declarei-lhe que não desejava tomar a esse respeito uma posição definitiva, pois que a proposta não me parecia facilmente realizável.

3. Perguntei a seguir ao sr. Lipski qual era a opinião do sr. Beck sobre a hipótese da construção duma auto-estrada e de uma via férrea dupla extraterritoriais através do Corredor polaco.

Respondeu-me não poder referir-se a estas questões nem detalhada nem oficialmente. Que na sua opinião muito pessoal, talvez um desejo alemão dessa natureza não caísse na Polónia em

terreno estéril, e que é possível que se apresentassem possibilidades de solução nesse sentido.

4. Falei ainda ao sr. Lipski acêrca dos selos postais polacos, destinados ao Correio de Dantzig, que acabam de ser emitidos, e em que Dantzig está representada, numa certa medida, como cidade polaca. Como êle podia compreender, êste facto feria novamente os sentimentos da população alemã de Dantzig.

O sr. Lipski disse-me que não estava ao facto do assunto e que ia pedir imediatamente informações.

Terminando a conversa, disse-lhe que valia a pena reflectir sèriamente sôbre as propostas alemãs referentes ao complexo total das relações germano-polacas, pois que se pretende criar qualquer coisa de duradouro e conseguir uma verdadeira estabilidade. Isto não pode, naturalmente, succeder de hoje para amanhã. Se o sr. Beck reflectir com sossêgo sôbre as nossas sugestões, talvez chegue a uma orientação positiva.

von Ribbentrop

N.º 17 (200)

### **Conversa do Führer com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, na presença do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, do Embaixador alemão em Varsóvia e do Embaixador polaco em Berlim, em 5 de Janeiro de 1939**

Anotação do Ministro Schmidt

O coronel Beck começou por pôr em relêvo o facto de as relações germano-polacas terem resistido inteiramente à sua prova durante a crise de Setembro. Se nos últimos meses se tem observado talvez uma certa descida do alto nível dos dias de Setembro, deverão esforçar-se ambas as partes, na opinião do Governo polaco, por eliminar as causas de algumas dificuldades que se têm manifestado nos últimos tempos. O sr. Beck citou como uma dessas dificuldades a questão de Dantzig, salientando que nela estão interessados não só os Governos alemão e polaco, mas também terceiros, como seja a Sociedade das Nações. Que succederia por exemplo, se a Sociedade das Nações abandonasse uma vez a sua missão em Dantzig? Haveria ainda além desta, algumas outras questões em que os mal-entendidos actuais deveriam ser suprimidos; entre outras, a garantia da fronteira checo-eslovaca, devendo resolver-se, se ela deve ser efectuada imediatamente ou, no caso dessa garantia vir

a ser dada, em que data isso poderia suceder? A Polónia está sobretudo interessada a este propósito no problema da Ucrânia Carpática.

O coronel Beck recordou a frase de Pilsudski — «balcanização da Europa Central». A Polónia reconhece nos agitadores, que actuam agora no território carpato-ucraniano, inimigos antigos, e receia que a Ucrânia Carpática se possa transformar um dia num foco de tão grande inquietação para a Polónia, que o Governo polaco se veja obrigado a uma intervenção, de que poderão resultar mais complicações. É esta a principal razão dos esforços da Polónia para obter uma fronteira comum com a Hungria.

O Führer replicou que, para eliminar tôdas as dificuldades existentes, se devia tomar primeiramente em consideração a tendência fundamental das relações germano-polacas. Ele podia salientar da parte da Alemanha que, nas relações entre esta e a Polónia, tais como foram fixadas na declaração de não-agressão do ano de 1934, não foi introduzida a menor modificação. No que respeita particularmente à questão da Ucrânia Carpática, podia declarar, com referência às intenções atribuídas à Alemanha na Imprensa mundial, que a Polónia não tem que ter o mínimo receio a este propósito. A Alemanha não tem quaisquer interesses para além dos Carpatos e é-lhe indiferente o que os países interessados nestas regiões aí façam. A atitude tomada pela Alemanha na questão ucraniana, de acôrdo com a sentença arbitral de Viena, que deu talvez lugar na Polónia a certos mal-entendidos, explica-se pela evolução histórica dêste assunto. Esta arbitragem foi realizada, depois de terem sido ouvidas ambas as partes na base das exigências húngaras. O seu desejo (do Führer) de não permitir em caso algum um conflito internacional, foi, no fim de contas, o principal motivo da sua atitude na questão ucraniana.

Pelo que particularmente se refere às relações germano-polacas, desejava repetir ainda uma vez que a atitude alemã para com a Polónia não sofreu qualquer modificação desde 1934. Para conseguir um saneamento definitivo das questões ainda pendentes entre ambos os países, não deverão êstes limitar-se ao Convénio, propriamente negativo, do ano de 1934, sendo necessário que procurem por meio de tratados uma solução definitiva dos diferentes problemas. Do lado alemão, além da questão de Memel, que parecerá resolvida segundo os desejos alemães (existe a impressão de que os lituanos estão dispostos a colaborar numa solução sensata), ha que resolver nas relações directas germano-polacas o problema do Corredor, muito difícil para a Alemanha por razões sentimen-



tais, e a questão de Dantzig. Na sua opinião, dever-se-ão procurar aqui soluções por caminhos completamente novos, abandonando os antigos moldes. No caso de Dantzig, por exemplo, poder-se-á pensar numa solução segundo a qual esta cidade, de acôrdo com a vontade da sua população, volte a pertencer politicamente à comunidade alemã, ficando no entanto, como é natural, inteiramente preservados os interesses polacos, sobretudo no campo económico. É este também o interesse de Dantzig, pois que economicamente não pode viver sem o território à sua volta, e por isso imaginou êle, Führer, uma fórmula, segundo a qual Dantzig seja integrada politicamente na comunidade alemã, mas fique economicamente na Polónia.

Dantzig é alemã, permanecerá sempre alemã e será, cedo ou tarde, incorporada na Alemanha.

No que respeita ao Corredor que, como já foi dito, constitui um difícil problema psicológico para a Alemanha, o Führer declarou que a ligação com a Prússia Oriental é de tanta importância vital para o Reich, como é para a Polónia a ligação com o mar. Também sobre este assunto seria talvez possível satisfazer ambos os interesses, empregando métodos de solução completamente novos.

Se fôsse possível conseguir sobre estas bases sensatas um saneamento definitivo das diferentes questões, sendo reconhecidos naturalmente a cada uma das partes os seus direitos, teria chegado então o momento de completar para com a Polónia a Declaração, propriamente negativa, de 1934, dando-lhe um sentido positivo semelhante ao do convénio com a França, e para isso a Alemanha daria à Polónia uma garantia de fronteira clara e fixada por tratado. A Polónia obteria então a vantagem de ver a sua fronteira com a Alemanha, com inclusão do Corredor, garantida por tratado. — O Führer pôs em relêvo, mais uma vez, as dificuldades psicológicas do problema do Corredor e o facto de que só êle poderia conseguir uma tal solução. Não é para êle (Führer) nada fácil dar uma tal garantia do Corredor, e seria mesmo seguramente bastante criticado por o ter feito, sobretudo do lado burguês. Êle pensa, porém, como politico realista, que uma tal solução seria a melhor. Uma vez que a Alemanha tivesse dado a sua garantia, ouvir-se-ia falar tão pouco do Corredor como hoje se ouve do Tirol do Sul ou da Alsácia-Lorena.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Beck, agradeceu ao Führer a exposição do ponto de vista alemão e declarou que

também a Polónia se mantém para com a Alemanha absolutamente na atitude que tem adoptado até aqui.

A Polónia prosseguirá a linha de política independente que já adoptou nos anos anteriores, quando a pretenderam levar a ligar-se mais intimamente com a Rússia, por meio dum pacto oriental. A Polónia não está tão nervosa como a França pelo que respeita ao aumento da sua segurança, e não acredita nos chamados «sistemas de segurança», que fracassaram definitivamente após a crise de Setembro, facto êsse que representa o começo duma nova época histórica. Êle sabe, todavia, apreciar muito bem o ponto de vista alemão, novamente expresso na declaração que o Führer acaba de fazer. Êle mantém-se também, por seu lado, na antiga linha com relação à Alemanha.

No que respeita às relações germano-polacas, toma nota dos desejos expressos pelo Führer. A questão de Dantzig parece-lhe, porém, extremamente difícil. Ê preciso contar, muito especialmente a êste respeito, com a opinião pública na Polónia. Ao exprimir-se assim, não toma em conta a atitude da «oposição de café». Durante os sete anos em que tem exercido o seu cargo, nunca atribuiu a mínima importância à «opinião de café», e ainda continua, apesar-disso, nesse cargo. Ê, porém, obrigado a tomar em consideração a verdadeira opinião do povo, e vê aqui, na realidade, dificuldades para uma solução da questão de Dantzig. Êle deseja, todavia, reflectir ainda mais uma vez com todo o sossêgo sôbre o problema.

O coronel Beck não se occupou mais em pormenor das outras questões a que o Führer se referiu, e concluiu as suas declarações, confirmando novamente que a Polónia permanecerá, no que respeita à sua atitude geral, fiel, como até aqui, à linha que tem seguido desde 1934.

Schmidt

N.º 18 (201)

### **Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, em Munique, em 6 de Janeiro de 1939**

Anotação

Berlim, 9 de Janeiro de 1939

Numa conferência de cerca de hora e meia com o sr. Beck, êste voltou imediatamente a falar do problema de Dantzig. Comunica

que também a Polónia se esforça por viver em relações de vizinhança amigável com a Alemanha e por as estreitar ainda mais. O único problema que, num futuro próximo, pode exercer efeitos perturbadores sobre estas relações, é a questão de Dantzig. Ha duas possibilidades que podem surgir e que nos obrigariam a tomar posições ante o problema :

1. que a Sociedade das Nações venha a desinteressar-se da questão de Dantzig e abandone o comissariado; neste caso a Alemanha e a Polónia terão de discutir, entre si, o problema;

2. que a Polónia seja obrigada, por novos acontecimentos em Dantzig, a tomar uma atitude.

O problema é de facto muito difficil, e éle já tinha cansado a cabeça à procura duma solução, sem ter conseguido até hoje qualquer resultado.

No fim, Beck salientou ainda uma vez que Dantzig constitue, na mentalidade do povo polaco inteiro, uma pedra de toque para as relações germano-polacas, e que seria difficil modificar isto de qualquer forma.

Eu declarei a êste propósito ao sr. Beck o seguinte :

1. Como o Führer já disse, do lado alemão está acima de tudo o desejo absoluto duma consolidação definitiva, ampla e generosa das relações reciprocas.

2. Ha dois problemas que parecem de importância neste assunto :

a) As relações directas germano-polacas. A êste respeito imaginei eu a solução seguinte :

Reintegração de Dantzig na Alemanha. Ao mesmo tempo, garantia de todos os interesses económicos da Polónia nesta região, e isso da maneira mais generosa. Ligação da Alemanha com a sua provincia da Prússia Oriental por uma auto-estrada e uma via férrea extraterritoriais. Como compensação para isto garantia do Corredor e de todo o território polaco pela Alemanha; por conseguinte, reconhecimento definitivo e permanente das fronteiras de ambos os paises.

b) A questão checo-carpato-ucraniana.

Repeti a êste respeito que em Munique foram fixadas fronteiras etnográficas. Se sobre o assunto for apresentado de qualquer lado o principio das fronteiras politicas, a Alemanha não se poderá naturalmente desinteressar disso. Se-bem-que os interesses politicos alemães não vão além dos Carpatos, a Alemanha não poderá declarar o seu desinteresse numa alte-

ração de fronteiras, mesmo para além desta zona, na Checo-Eslováquia e na Ucrânia Carpática, pois que poderia ser facilmente envolvida num conflito por tais acontecimentos. A sentença arbitral de Viena tem de ser mantida, e a nossa opinião fundamental é que, se surgirem quaisquer outros desejos sôbre o assunto, terão de ser postos de acôrdo com os interesses alemães.

No fim da conferência, censurei, perante o sr. Beck, o tratamento das minorias alemãs, sobretudo na região do Olsa, e referi-me expressamente às continuas maquinações anti-alemãs de Grazynski. O sr. Beck disse-me ter já dedicado a êste assunto séria atenção e que faria, por seu lado, tudo o que pudesse para trazer estas coisas a um caminho mais tranquilo.

Agradei ainda ao sr. Beck o seu convite de visitar Varsóvia, declarando que aceitava em princípio. Não foi ainda fixada a data. Combinou-se que o sr. Beck e eu reflectiríamos maduramente, ainda mais uma vez, sôbre um possível tratado entre a Polónia e a Alemanha. Lipski e Moltke deverão continuar as negociações nas próximas semanas, e a visita deverá realizar-se de qualquer maneira, ainda neste Inverno.

von Ribbentrop.

N.º 19 (202)

### **Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Beck, em Varsóvia, em 26 de Janeiro de 1939**

Anotação

Berlim, 1 de Fevereiro de 1939

1. Tornei a falar ao sr. Beck, continuando a conversação que com êle tivera em 6 de Janeiro, em Munique, na conhecida proposta alemã (reintegração de Dantzig, com garantia dos interesses económicos que a Polónia tem naquela cidade, e criação duma ligação extraterritorial por auto-estrada e via férrea entre o Reich e a sua província da Prússia Oriental; como compensação, da parte da Alemanha, garantia da fronteira germano-polaca), declarando-lhe novamente que é desejo do Führer conseguir uma pacificação completa das relações germano-polacas por meio dum tratado

adequado. O sr. Beck deve compreender que os desejos alemães são extraordinariamente moderados, visto que a cessão à Polónia pelo Tratado de Versalhes de partes valiosíssimas da Alemanha é ainda hoje sentida por todo o alemão como uma grande injustiça, que só foi possível num tempo de fraqueza absoluta da Alemanha. Se interrogássemos sobre o assunto com ingleses ou franceses, 99 responderiam, sem hesitar, que a reintegração de Dantzig, e pelo menos também o Corredor, constitue uma reivindicação alemã absolutamente natural.

O sr. Beck mostrou-se impressionado pelas minhas declarações, mas voltou a dizer que havia a contar com dificuldades de política interna; em todo o caso, êle deseja continuar a reflectir maduramente sobre a nossa sugestão.

Combinei então com o sr. Beck que se a Sociedade das Nações se retirasse de Dantzig antes de ter sido concluído, entre nós e a Polónia, um tratado que incluísse também Dantzig, pôr-nos-íamos imediatamente em ligação com êle, a-fim-de encontrar uma saída para aplanar as dificuldades desta situação.

2. Censurei novamente, perante o sr. Beck, o tratamento da minoria alemã e combinei com êle que as entrevistas desde há muito planeadas, entre funcionários dirigentes de ambos os Ministérios do Interior, seriam imediatamente iniciadas.

von Ribbentrop

*Enquanto o Governo do Reich tentava, desde o fim de Outubro, em negociações infatigáveis, chegar a um acôrdo amigável com a Polónia e estabilizar, por esta forma, a paz da Europa, continuava na Inglaterra, ininterruptamente, a agitação para a guerra e para o armamento, começada com a declaração de Chamberlain na Câmara dos Comuns, em 3 de Outubro de 1938. É disto testemunha, por exemplo, um discurso do Secretário britânico para o comércio ultramarino, Hudson, na Câmara dos Comuns, em 30 de Novembro de 1938, no qual êste polemizou contra a posição económica da Alemanha na Europa Central e de Sueste. Ainda muito mais claro foi o antigo Primeiro Lord do Almirantado, Duff Cooper, num discurso em Paris, em 10 de Dezembro. Naquele mesmo dia 5 de Janeiro, em que, em Berchtesgaden, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, foi recebido pelo Führer da forma mais cordial, viu-se o Embaixador alemão*

*em Londres obrigado a protestar contra a agitação bélica da Imprensa inglesa e de escritores de renomé, a qual atingia proporções enormes.*

N.º 20 (229)

**Discurso do Secretário do Departamento britânico para o comércio ultramarino, R. S. Hudson, na Câmara dos Comuns, em 30 de Novembro de 1938**

Extracto

... Chegámos finalmente ao capítulo Alemanha. Um respeitável membro da Câmara perguntou porque é que não recusamos, como os Estados Unidos da América, estender à Alemanha a cláusula de nação mais favorecida. A minha resposta é que os Estados Unidos da América se recusaram a aplicar à Alemanha a cláusula de nação mais favorecida, porque este país trata desvantajosamente os artigos americanos. A Alemanha no seu território não sujeita os artigos britânicos a qualquer tratamento desvantajoso. Nós temos, sim, que nos queixar de que a Alemanha destrói, pelos seus métodos, o comércio em todo o mundo. Não ha, porém, nenhuma razão para derogar a cláusula de nação mais favorecida, a qual depende da forma como os nossos artigos são tratados na Alemanha. O problema a discutir é muito mais amplo e diz respeito à maneira como nos poderemos opor à nova forma da concorrência alemã em todo o mundo.

... Segundo nos é possível averiguar — é na verdade difícil conseguir informações precisas sôbre a forma como as coisas se passam na Alemanha — a base da posição económica da Alemanha consiste em que este país paga aos produtores de mercadorias da Europa Central e do Sueste muito mais do que os preços do mercado mundial. É claro que a Alemanha faz isto à custa do seu próprio povo. A forma como o trata, diz respeito unicamente ao Governo alemão. Nós somos, porém, também affectados por isso.

...Procuró mostrar-lhes claramente que a Alemanha consegue, por tais métodos, uma posição de estrangulamento nesta parte da Europa, posição esta que é anti-económica, por ser obtida à custa do seu próprio povo, visto que tais métodos representam uma subida do custo de vida do mesmo e na realidade uma exportação

de mercadorias a um preço menor do que o de custo. Vários respeitáveis membros perguntaram qual será a solução.

... Nós temos examinado todos os possíveis processos de que nos poderemos socorrer. O único meio que achamos possível é o de organizarmos as nossas indústrias, colocando-as em condições de se oporem como uma unidade compacta às indústrias alemãs similares, declarando-lhes: «Se não estiverdes dispostos a pôr um fim aos vossos métodos actuais e a concluir um pacto em que vos comprometais a vender as vossas mercadorias por preços que vos garantam um lucro razoável, combater-vos-emos e vencer-vos-emos com os vossos próprios meios.» Ouso dizer que o nosso país é, pelo que diz respeito à parte financeira, infinitamente mais forte que qualquer outro país do mundo, com certeza portanto mais forte do que a Alemanha, e por êste motivo nós dispomos de grandes vantagens que teriam como efeito, segundo creio, vencer-mos a luta. Para isso, é condição necessária, porém, que as nossas próprias indústrias sejam organizadas...

N.º 21 (232)

### **O Embaixador alemão em Paris ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, Paris, em 10 de Dezembro de 1938**

Relatório

Paris, 10 de Dezembro de 1938

O sr. Duff Cooper pronunciou, em 7 de Dezembro, no «Théâtre des Ambassadeurs» uma conferência sobre o tema «A amizade franco-britânica e a paz». O orador salientou nas suas considerações belicistas, que eram dirigidas em todos os pontos contra a Alemanha — por vezes mesmo de forma ofensiva — a necessidade duma coligação franco-inglesa para defesa dos interesses de ambas as partes. Se é verdade que a Alemanha é forte, também é certo que os dois povos o são tanto como ela, e o resultado dum conflito eventual não teria de ser forçosamente favorável à Alemanha. Duff Cooper consolou-se com a ideia de que a América se conservaria nos bastidores em caso de conflito, como grande amigo que é das democracias ocidentais. Uma nova guerra poria menos em jôgo o destino da Inglaterra e da França do que o da civilização inteira. Tôdas as civilizações passadas, declarou

êle, referindo-se à Alemanha, foram aniquiladas por povos de cultura inferior mas mais fortes numericamente.

Por ordem

Bräuer

N.º 22 (233)

### **O Embaixador alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, em 5 de Janeiro de 1939**

Telegrama

Londres, 5 de Janeiro de 1939

Só hoje dei os passos que me foram ordenados, para poder falar pessoalmente com Lord Halifax, que tem estado ausente em gozo de férias do Natal. Protestei da forma mais enérgica contra as graves injúrias ao Führer e aos estadistas eminentes da Alemanha, contidas no artigo de Wells, no «News Chronicle», salientando a este respeito que a Embaixada tem tido infelizmente de apresentar, nos últimos meses, com uma frequência crescente, protestos semelhantes por causa de ultrajes ao Führer. Referi a Lord Halifax estes protestos e a sua causa, citando-lhe os diferentes casos, cada um de per si. A ofensa mais grave foi, porém, contida no artigo do Ano Novo de Wells, no «News Chronicle», que parecia menos ter sido escrito com o intuito duma critica que não hesita perante injúrias, do que simplesmente com o objectivo de apresentar um amontoado de ofensas graves contra o Führer e Chanceler do Reich e seus colaboradores mais íntimos.

Tenho conhecimento de que o Governo inglês recusa exercer uma influência directa sobre a Imprensa, por a não considerar indicada, e que esse Governo apela para a falta de recursos legais. Eu tinha também notado que os dois artigos de Wells não hesitavam mesmo perante uma critica deprimente do Par Reinante inglês e que ofendiam gravemente Chamberlain.

Estes casos, porém, não eram susceptíveis de modificar em nada o facto de as numerosas injúrias contra o Chefe de Estado alemão e a impossibilidade duma satisfação adequada ferirem gravemente o sentido nacional da Alemanha, o que certamente



acarretaria conseqüências prejudiciais para as relações anglo-alemãs. Eu desejava por este motivo discutir novamente a questão, a-fim-de ver se pelo menos para o futuro seria possível arranjar um meio que remediasse, de qualquer forma, a situação.

Lord Halifax replicou que não hesitava em classificar o artigo mencionado, e de que elle tinha conhecimento, como a mais revoltante ofensa ao Führer que até hoje tem lido na Imprensa. Elle desejava exprimir-me também por este motivo o seu desgosto infinito por esse ultraje ao Führer, e pediu-me para dar conhecimento d'ele ao Governo alemão. Lamentava imenso que nos últimos meses tivesse havido novamente a assinalar numerosos deslizes. Uma explicação para isso, que não constitue, de resto, qualquer desculpa, dever-se-ia procurar no facto de que tais artigos difamatórios, como por exemplo o presente, são escritos principalmente por motivos de politica interna, a-fim-de ferir o Governo inglês. Também se deve tomar em conta a irritação de ânimos, sob o ponto de vista de politica geral, actualmente predominante.

Respondi a Lord Halifax que a situação actual não poderá continuar, que eu era obrigado a pedir-lhe encarecidamente que procurasse conseguir, de qualquer forma, uma melhoria, a-fim-de evitar conseqüências politicas desagradáveis.

Lord Halifax prometeu fazer tudo que pudesse, no quadro dos meios de influencia ao seu alcance, para impedir no futuro tais ofensas ao Führer.

Dirksen

*Estes documentos provam suficientemente que a preparação metódica da guerra pela Inglaterra principiou muito antes do pretexto que deveria oferecer mais tarde o desmembramento definitivo do resto da Checo-Eslováquia. Já em 7 de Dezembro, o Secretário de Estado das Colónias inglês achou necessário desvalorizar o acôrdo de Munique por um «Não» imotivado no problema das colónias e mandatos, fechando à Alemanha neste dominio o caminho das negociações. No fim de Janeiro, Chamberlain julgou conveniente declarar que teria, se fôsse necessário, de desempenhar perante a Alemanha de Adolf Hitler um papel idêntico ao de Pitt, o jovem, em face de Napoleão. Particularmente característicos d'este periodo são, porém, dois relatórios de Legações alemãs, dos quais se depreende que as operações de cerco se encontravam também em plena marcha em regiões muito afastadas da Europa. São testemunha disto os relatórios seguintes da Ankara e de Teheran.*

**Discurso do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain,  
Birmingham, em 28 de Janeiro de 1939**

Extracto

... Nós não podemos esquecer que, se são necessários pelo menos dois para concluir a paz, basta apenas um para começar a guerra. E enquanto não efectuarmos convênios claros, graças aos quais sejam eliminadas tôdas as tensões políticas, teremos de nos colocar em condições de nos podermos defender contra ataques, quer se trate de ataques contra o nosso país e o nosso povo, quer contra os princípios da liberdade, com os quais a nossa vida como democracia está intimamente ligada, e que nos parecem conter em si os conceitos mais elevados da vida e do espirito humanos.

É para êste fim de defesa, e não para o ataque, que nós continuaremos a dedicar-nos à tarefa do nosso armamento com vigor infatigável e com a plena aprovação do país.

... Não posso, porém, abster-me de exprimir mais uma vez o meu desgosto por ser necessário dispendir tanto tempo e uma parte tão enorme dos rendimentos do país com preparativos bélicos, em vez de os aplicar àqueles problemas que são mais de politica interna e que me trouxeram à vida politica, como a saúde pública, as condições de alojamento, a melhoria das condições materiais da vida do povo, os cuidados pelo seu descanso no tempo livre e a prosperidade da indústria e da agricultura.

Nenhum dêstes assuntos foi descuidado. E', porém, inteiramente natural que o desenvolvimento dêstes problemas seja dificultado e retardado pelas exigências da segurança nacional.

Quanto reflito sôbre êstes assuntos, recordo-me do destino de um dos maiores entre os meus predecessores, Pitt, o jovem. Os seus interesses estavam na pátria, na reorganização das finanças e em reformas de politica interna. Acontecimentos de politica externa extorvaram, porém, êstes seus esforços. Contra a sua vontade, e depois de ter lutado por muito tempo contra o seu destino, foi envolvido numa guerra que se tornou então na maior da nossa História até essa época. Morreu gasto pela luta, antes do sucesso ter coroado os nossos esforços e para o qual êle tanto contribuiu com a sua decisão e a sua coragem.

Confio em que a minha sorte será mais feliz do que a sua e

que nós conseguiremos ainda atingir o nosso objectivo de paz internacional.

Temos já definido tantas vezes a nossa atitude, que não podem existir sobre ela quaisquer mal-entendidos. Sou de opinião que é agora o momento de outros prestarem a sua contribuição para um resultado que a todos traria benefícios. A atmosfera está hoje cheia de boatos e de suspeitas, cuja existência não devia ser permitida por mais tempo. A paz só poderia ser posta em perigo por uma provocação, como aquela em que o Presidente dos Estados Unidos pensava na sua mensagem do Ano Novo, isto é: a aspiração à hegemonia mundial pela força. A uma tal aspiração são as democracias obrigadas a opor-se a todo o transe, como o Presidente deu a entender, e como eu próprio já declarei...

N.º 24 (236)

### **O Encarregado dos Negócios alemão em Ankara ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 17 de Janeiro de 1939**

Relatório

Ankara, 17 de Janeiro de 1939

O Embaixador britânico nesta cidade, Sir Percy L. Loraine, acreditado na Turquia desde 15 de Fevereiro de 1934, foi nomeado Embaixador do seu país em Roma como já foi anunciado pela Imprensa. Ele deve abandonar Ankara dentro de 5 a 6 semanas, para passar algum tempo em viagens e tomar posse, em Abril, do seu novo cargo. Para sucessor de Sir Percy Loraine foi nomeado Sir Hughes Montgomery Knatchbull-Hugessen K. C. M. G., anteriormente Embaixador britânico na China.

Sir Percy Loraine desempenhou indubitavelmente um papel de destaque durante os seus cinco anos de actividade aqui. Ele tinha imposto a si próprio o objectivo de vincular firmemente a política turca à Inglaterra. Na convicção de que uma premissa necessária para isto é uma colaboração económica íntima, procurou com tenacidade e persistência consolidar a influência económica da Inglaterra na Turquia. Sir Percy Loraine pensou que isto apenas seria possível por largo tempo, mediante o rechaçamento da influência económica alemã, e efectuou de facto todos os esforços para minar a posição de predomínio económico da Alemanha na Turquia.

Kroll

## O Ministro alemão em Teheran ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 4 de Março de 1939

Relatório

Teheran, 4 de Março de 1939

Nota-se aqui, desde há alguns meses, uma actividade crescente da politica inglesa, que é em grande parte dirigida contra a Alemanha e contra a nossa posição no Irão.

Há ainda apenas um ano pouco se notava aqui, publicamente, acêrca de uma actividade inglesa nos terrenos politico, económico e politico-cultural. Um observador atento tinha também de obter a impressão de que a politica externa inglesa, que em anos passados desenvolvera precisamente neste sector uma grande actividade, seguia com atenção a evolução ulterior dos acontecimentos no Estado em via de rápido progresso, esforçando-se, porém, por manter, no que se refere ao restante, uma grande reserva. Esta reserva também não sofreu qualquer modificação visível, quando outras Potências europeias, em primeiro lugar a Alemanha, começaram a dedicar ao novo Irão um interesse especial e a fortalecer e desenvolver as suas relações com êste país, sobretudo no dominio económico. Foi assim olhado com indiferença que a Alemanha avançasse em poucos anos do quinto ao segundo lugar, como fornecedor e consumidor do Irão, e que a Inglaterra, que ainda em 1936/37 ocupava o segundo lugar, passasse para o quarto. Mesmo a criação duma linha aérea alemã para o Próximo Oriente, que se estendia até ao Afganistão, muito próximo da fronteira da India, e que deveria, de acôrdo com o plano original, ser continuada até à China, tocando em esferas importantes de interesses ingleses na Ásia Central, apenas encontrou a principio, do lado inglês, uma pequena resistência. As relações entre as representações alemã e inglesa, assim como as relações entre as colónias respectivas, eram as mais cordiais que é possível imaginar, não sendo raras as expressões de simpatia e admiração pela nova Alemanha da parte dos circulos ingleses.

Um grande arrefecimento foi originado, primeiramente, pelo regresso da Áustria ao Reich, o qual foi acolhido com um desagrado evidente. Enquanto que as representações de outros países exprimiram a sua satisfação pelo facto dos dois povos terem voltado a reunir-se e por ter sido eliminada sem derramamento

de sangue uma séria ameaça da paz europeia, foi exercida da parte dos ingleses uma critica enérgica aos métodos do procedimento alemão, e esta propaganda em círculos vastos, até em instâncias governamentais proeminentes. A solução do problema dos alemães dos Sudetas, a prova de fogo do eixo Berlim-Roma, e o grande sucesso, reconhecido por todo o mundo, da politica alemã representado pelo resultado das conversações de Munique, provocou nos círculos ingleses locais uma attitude directamente hostil contra a Alemanha, a qual se revela também, sem disfarce, a-pesar-de tôda a correcção na forma, nas conversas com o pessoal da Legação, a começar pelo Ministro.

Desde então têm aumentado ainda notavelmente os sentimentos anti-alemães dos círculos ingleses locais. A representação e a colónia inglêsas transformaram-se num foco de psicose bélica, que tece a sua teia muito para além da própria zona de interesses. O aparelho completo da agitação usual para os armamentos, tal como se manifesta na Imprensa e na rádio inglêsas, assim como nos discursos públicos dos porta-vozes do partido da guerra, dirigidos contra a Alemanha, encontra o seu fiel reflexo na representação e na colónia inglêsas locais. Se em conversas com ingleses se lhes chama a atenção para o carácter perigoso e abominável destes métodos, respondem com um encolher de hombros de negativa ou com a declaração glacial de que a corrida dos armamentos dos povos terá de conduzir, um dia ou outro, á guerra. Os senhores Eden, Churchill e Duff Cooper são para estas criaturas os verdadeiros representantes da nação inglesa e os seus chefes futuros.

As repercussões desta agitação politica, dirigida abertamente contra a Alemanha, sobre o nosso trabalho e a nossa posição no Irão, não devem ser menosprezados. Se é verdade que os ingleses, que são aqui receados, mas, de forma alguma, amados, não conseguirão com facilidade fazer perigar seriamente a nossa boa posição nos terrenos económico e politico-cultural, também é certo que conseguem produzir, com a criação duma psicose bélica nos círculos iranianos officiais, um estado de falta de segurança e de preocupação ante acontecimentos que se aproximam, que pode perturbar e entorpecer a disposição do Governo iraniano para efectuar connosco empreendimentos económicos ou comunicações de interesse politico, de maior importância e a prazos largos.

Também em vários outros campos se torna recentemente perceptível uma actividade mais forte dos ingleses dirigida contra nós. Assim, cada novo avanço da economia alemã no Irão é hoje

observado e vigiado, nos seus menores detalhes, por meio dum serviço de informações admiravelmente organizado, e mesmo sabotado quando se oferece possibilidade para isso.

Smend

**B) A política britânica de cerco desde Fevereiro de 1939**

**A rejeição das propostas alemãs pela Polónia**

*Já durante o mês de Fevereiro se tinham intensificado estes esforços hostis e acentuadamente belicistas de círculos ingleses dirigentes contra a Alemanha, fazendo reviver a política de cerco britânica conhecida do tempo da Guerra Mundial. Primeiramente foi tornada mais íntima a aliança da Inglaterra com a França. É bem característico que ao mesmo tempo se notaram tendências para tornar novamente mais íntimas as relações da Polónia com os seus aliados franco-ingleses.*

N.º 26 (267)

**Declaração do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, na Câmara dos Comuns, em 9 de Fevereiro de 1939**

O sr. A. Henderson pergunta ao Primeiro Ministro se a declaração efectuada há pouco tempo pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros francês de que as forças armadas da Grã-Bretanha estariam à disposição da França em caso de guerra, assim como todas as forças armadas da França estariam à disposição da Grã-Bretanha, está de acôrdo com o critério do Governo de Sua Majestade.

O Primeiro Ministro : Segundo as informações que recebi, o sr. Bonnet declarou no Parlamento, em 26 de Janeiro, que em caso duma guerra, em que os dois países fôssem envolvidos, todas as forças armadas da Grã-Bretanha se encontrariam à disposição da França, assim como todas as forças armadas da França estariam à disposição da Grã-Bretanha. Isto concorda inteiramente com o parecer do Governo de Sua Majestade. É impossível examinar, um a um, os casos hipotéticos que poderão talvez surgir. Sinto-me, porém, na obrigação de especificar que a solidariedade de interesses, pela qual a França e o nosso país estão unidos, é de uma espécie tal que toda a ameaça dos interesses vitais da França, venha de que lado vier, acarretará a assistência imediata deste país.

## O Embaixador alemão em Paris ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Paris, em 28 de Fevereiro de 1939

Paris, 28 de Fevereiro de 1939

Relatório

Foram recebidas na Embaixada, nos últimos tempos, de parte de absoluta confiança, ainda antes de haver conhecimento dos excessos anti-alemães na Polónia, notícias que fazem crer na existência de certas tendências no sentido dum revivescimento da aliança franco-polaca, e paralelamente a isso, da intenção de conseguirem fazer piorar progressivamente as relações germano-polacas. Como principal motivo disso, é indicada pela nossa pessoa de confiança a grande impressão exercida na Polónia pelo fortalecimento da «Entente Cordiale» entre a França e a Inglaterra, assim como pelas diversas declarações de Chamberlain acêrca duma assistência inglesa à França, havendo ainda a ajuntar a isto uma actividade inglesa muito notável na Polónia.

Welzeck

*Chegámos assim já à fase mais importante dos antecedentes da guerra actual. Os esforços britânicos de cerco foram apresentados com toda a franqueza desde o desmembramento da Checo-Eslováquia e proclamados como política governamental. É digna de menção, a êste propósito, a atitude que a própria Inglaterra tomou perante a decomposição da Checo-Eslováquia. Em 15 de Março, isto é, após a assinatura do tratado germano-checo, Chamberlain declarou na Câmara dos Comuns que a garantia inglesa para a Checo-Eslováquia no poderia efectivar-se, porque o Estado, cujas fronteiras a Inglaterra tencionara garantir, se tinha despedaçado internamente, tendo assim terminado a garantia planeada. «O Governo de Sua Majestade não pode por êsse motivo manter-se ligado por mais tempo a essa obrigação». Esta declaração oficial inglesa concorda não só com o ponto de vista alemão, mas também com o facto histórico de que, em 14 de Março, ao meio-dia, a Checo-Eslováquia já se tinha despedaçado por virtude da proclamação de independência do Parlamento eslovaco.*

*Neste momento, o partido belicista inglês tomou a ofensiva e*

*conseguiu a supremacia. Chamberlain renegou a sua própria política e capitulou perante a opposição, que assumiu de aí em diante a direcção da politica externa, de acôrdo com a burocracia do Foreign Office. A Polónia, que até então ainda, pelo menos, hesitara se deveria deixar-se afastar definitivamente do caminho do acôrdo amigável com a Alemanha, passou agora de vez para a frente de cerco em formação. Só pelo acoplamento do complexo polaco com o cerco britânico foram as questões, não simples em si, mas absolutamente resolúveis, como Dantzig e o Corredor, carregadas com aquela dinamite que deveria fazer ir pelos ares a paz, primeiramente na Europa Oriental e depois na Occidental. Com o discurso de Chamberlain, em Birmingham, anuncia-se a submissão definitiva do Primeiro Ministro aos critérios de politica externa da opposição, que tomara como objectivo a destruição da Grande Alemanha. A politica de cerco, já metòdicamente preparada, desenvolver-se-ia agora com tôda a intensidade.*

N.º 28 (269)

**Discurso do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain,  
em Birmingham, em 17 de Março de 1939**

Extracto

Na quarta-feira passada, realizou-se um debate na Câmara dos Comuns. Foi nesse mesmo dia que as tropas alemãs entraram na Checo-Eslováquia, e nós todos, muito especialmente o Governo, estávamos em desvantagem, porque as noticias à nossa disposição eram apenas fragmentárias e, em grande parte, de origem não official. Não tínhamos tempo para examinar estas noticias e ainda muito menos para formar sôbre o assunto uma opinião bem meditada. Resultou daí, inevitavelmente, que eu, falando em nome do Governo, me vi obrigado, em virtude da responsabilidade ligada a êste cargo, a limitar-me a uma exposição muito reservada e prudente sôbre aquilo que, na minha maneira de ver, apenas podia dar nessa altura poucas elucidacões. E foi talvez também muito natural que esta explicação um pouco fria e objectiva tenha dado lugar a um mal-entendido e a que algumas pessoas julgassem, por eu ter falado com calma e apenas expresso parcialmente os meus sentimentos, que os meus colegas e eu nos não sentíamos fortemente impressionados pelo acontecimento. Espero



poder corrigir esta noite esse erro. Não tenho, na verdade, qualquer motivo para me desculpar pela minha visita à Alemanha no Outono passado; pois, que alternativa nos restava? Nada do que nós pudéssemos ter empreendido, nada do que a França ou a Rússia pudessem ter empreendido, teria sido capaz de preservar a Checo-Eslováquia duma invasão e da destruição. Mesmo que tivéssemos ido mais tarde para a guerra, a-fim-de castigar a Alemanha pelo seu procedimento, e se após as terríveis perdas que seriam infligidas a todos os participantes numa guerra, ficássemos finalmente vencedores, nunca nos teria sido possível reconstituir a Checo-Eslováquia na mesma forma que lhe foi dada pela paz de Versalhes... A Alemanha tem proporcionado ao mundo, sob o seu regime actual, uma série de surpresas desagradáveis. A Renânia, a anexação da Áustria, a incorporação do país dos Sudetas, todos estes acontecimentos chocaram e ofenderam a opinião pública do mundo inteiro. Porém, fôssem quais fôssem as objecções que nós pudéssemos fazer aos métodos aplicados em cada um destes casos, havia, no entanto, alguma coisa que dizer a favor da necessidade duma modificação em virtude da comunidade de raças ou de reivindicações justas, às quais se tinha oferecido uma resistência demasiado longa.

Porém, os factos acontecidos no decurso desta semana... parecem-me de um outro género e devem obrigar-nos a dirigir a nós próprios a pergunta: «É isto o fim duma aventura ou o princípio duma nova?»

«É o último ataque contra um pequeno país ou seguir-se-lhe-ão outros? É isto na realidade um passo na direcção duma tentativa para a hegemonia mundial pela força?»

São perguntas graves e sérias, a que eu não responderei esta noite. Porém, estou convencido que elas tornarão necessária uma reflexão profunda e conscienciosa não só dos vizinhos da Alemanha, mas também de outras Potências, talvez mesmo de algumas para além das fronteiras da Europa. Ha já hoje indícios de que este processo começou, e é verosímil que ele tomará agora um curso mais rápido.

Pela nossa parte, dirigir-nos-emos, como é natural, primeiramente aos nossos associados na comunidade britânica de nações e à França, com os quais estamos tão intimamente ligados; eu não tenho dúvida que também outros, cientes que nós não estamos desinteressados do que se passa na Europa do Sueste, terão o desejo de nos consultar e de obter o nosso conselho.

Todos nós, no nosso próprio país, temos de examinar a situa-

ção com o sentido das responsabilidades que a sua gravidade requere. Não deve ficar excluído dêste exame aquilo que se refere à segurança nacional. Cada uma das fases da nossa vida nacional precisa de ser mais uma vez submetida a um exame sob êste ponto de vista...

N.º 29 (271)

**Do discurso do Secretário de Estado britânico dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, na Câmara dos Lords, em 20 de Março de 1939**

... No momento, porém, em que os países compreendam que não ha evidentemente qualquer garantia contra ataques que se sucedem uns aos outros e que se dirigem, por ordem, contra aquêles que se interpõem no caminho de ambiciosos planos de dominação mundial, imediatamente se desviará o fiel da balança na outra direcção e encontraremos, provavelmente em todos os circulos afectados, uma disposição muito maior para meditar se não estará indicado assumir compromissos reciprocos mais extensos com o objectivo duma assistência mútua, mesmo se fôr só por motivo da necessidade de defesa própria. O Governo de Sua Majestade não deixou de tirar dêstes acontecimentos o ensinamento respectivo e de entrar, sem perda de tempo, em consultas íntimas e práticas não só com os domínios, mas também com outros Governos que são affectados pelas questões tão súbitamente tornadas manifestas...

N.º 30 (272)

**O Encarregado de Negócios alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich.**

**Londres, em 20 de Março de 1939**

Telegrama

Londres, 20 de Março de 1939

As declarações que Chamberlain e Halifax acabaram de fazer

na Câmara dos Comuns não esclarecem ainda nada sobre os intúitos do Governo britânico, Lord Halifax limita-se a uma exposição, em parte amarga, dos acontecimentos dos últimos dias. Éle falou de «garantias recíprocas mais amplas», que seriam convenientes. Das comunicações de pessoas de confiança resulta sobre a situação actual aproximadamente o quadro seguinte: O Governo britânico mantém firmemente na sua mão a iniciativa de negociações. Éle deseja fixar com antecedência a politica a seguir, a-fim-de evitar que os outros países façam declarações condicionais que não atingiriam, na opinião britânica, o seu objectivo. É evidente que do lado britânico se pensa na fixação duma linha de demarcação que inclua sobretudo a Roménia e cuja ultrapassagem por um agressor constituiria «casus belli». Os países seguintes devem ser solicitados a tomar parte na garantia: Rússia, Polónia, Turquia e Yugoslávia. É absolutamente certo que não se dirigiram à Hungria. A Polónia foi encarregada de entrar em contacto com a Lituânia, a Estónia e a Letónia; o mesmo deverá fazer a Turquia com respeito à Grécia. Acerca da Bulgária ainda ha dúvidas.

Kordt

N.º 31 (274)

### **O Encarregado de Negócios alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich,**

**Londres, em 22 de Março de 1939**

Telegrama

Londres, 22 de Março de 1939

De fonte digna de confiança consta-me o seguinte sobre o conteúdo das propostas feitas pela Inglaterra em Paris, Varsóvia e Moscovo:

A declaração proposta estabelece que, em caso dum receio de agressão, os assinantes da declaração se comprometem a consultar-se imediatamente, «to resist aggression».

Tanto quanto se pode apreciar até à data, faz a Polónia objecções à proposta inglesa. Moscovo ainda não respondeu.

Caso esta declaração seja aceite pelos Estados participantes, pretende a Inglaterra propor, como segundo passo, conversações

dos Estados-Maiores com o objectivo de chegar a convénios militares.

Kordt

N.º 32 (277)

**O Encarregado de Negócios alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich,**

**Londres, em 29 de Março de 1939**

Relatório

Londres, 29 de Março de 1939

Na sessão da Câmara dos Comuns, de 28 de Março, os deputados Greenwood e Dalton, pertencentes ao partido trabalhista, dirigiram interpelações ao Primeiro Ministro, nas quais pediram explicações mais detalhadas sobre o estado das conversas actualmente em curso entre o Governo britânico e outros Governos.

O deputado Greenwood desejava saber se a declaração apresentada a certas Potências se refere apenas a consultas ou se estabelece uma assistência mútua, em certas circunstâncias também de carácter militar.

O Primeiro Ministro respondeu ser extraordinariamente difícil e delicado pôr já agora tôdas as cartas na mesa, mas que, no entanto, do que êle dissera anteriormente se podia concluir sem inconveniente que o que o Governo tem em mente vai muito mais longe do que consultas. («It will, at any rate, be readily understood, from what I have said previously, that what the Government have in mind, goes a great deal further than consultation.»)

O deputado Dalton desejava saber se tinha sido dito claramente à Polónia que a vontade do Governo britânico é ir em seu auxilio, juntamente com outros Governos, caso êsse país seja a próxima vítima da «agressão alemã». O Primeiro Ministro respondeu que crê dever guardar ainda a êste respeito uma certa reserva, mas que está pronto a dizer que o Governo britânico comunicou, de forma clara e inequívoca, aos outros Governos, com os quais se encontra em consulta, o que está pronto a fazer em determinadas circunstâncias.

Por ordem

von Selzam

*De agora em diante reconhece-se sem a menor dificuldade, que a politica inglesa de cerco marchou inteiramente em paralelo com uma atitudo polaca pronunciadamente provocadora. A proposta da Alemanha à Polónia continuava a não ter resposta. No dia 21 de Março de 1939, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich recebeu novamente o Embaixador polaco para se referir mais uma vez às propostas alemãs e para lhe dizer que o Führer muito desejava ter mais uma conferência com Beck. Se bem que a este tempo a politica inglesa de cerco já se houvesse pôsto oficialmente em movimento, como demonstram os documentos 29 e 30 (272 e 273), e o lema Polónia já houvesse caído na Câmara dos Comuns, manteve o Govérno do Reich as suas propostas moderadas. Não foi dado motivo algum à Polónia para se sentir de qualquer modo ameaçada pela Alemanha. Por outro lado, o Embaixador von Moltke precisou ter já no dia 9 de Março com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, uma conversação muito séria sôbre os excessos polacos. A-pesar-disso, a Polónia, logo alguns dias depois, começou a fazer a mobilização parcial, e no dia 26 de Março entregou finalmente o Embaixador polaco ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich um documento que devia ser encarado como uma recusa total das propostas alemãs. Já no dia seguinte o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich teve que se queixar ao Embaixador polaco por causa de graves distúrbios em Bromberg. A politica até aqui exercida pela Alemanha relativamente a um acôrdo pacífico com a Polónia foi aniquilada por Varsóvia, como é demonstrado pelos outros relatórios e anotações dos diplomatas alemães destes dias. A Polónia tinha-se pôsto inteiramente à disposição dos planos de cerco britânicos e deu curso livre aos distúrbios provocadores contra o grupo étnico alemão, o que será tratado detalhadamente no terceiro capítulo.*

N.º 33 (155)

**O Embaixador alemão em Varsóvia, ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em  
9 de Março de 1939**

Relatório

Varsóvia, 9 de Março de 1939

Numa conversação que tive ontem com o sr. Beck, voltei a

tratar mais uma vez das manifestações diante da Embaixada alemã, referindo-me especialmente à franca simpatia da policia para com os manifestantes, e ainda ao facto de um alto official polaco perante o nosso informador ter qualificado essas manifestações de absolutamente justificadas. Declarei ao sr. Beck que estes dois factos comprovados, assim como outras observações do mesmo género, haviam demonstrado, de modo lamentável, como é reduzida a base sobre a qual se quer fazer na Polónia a politica de entendimento. Excepto elle e uma meia dúzia de outras personalidades, não ha na Polónia ninguém que verdadeiramente se interesse por estes assuntos. Não é de estranhar que o ambiente a respeito da Alemanha piore aqui constantemente, pois que a Imprensa não pára com as suas campanhas. Diariamente apparecem artigos pouco amistosos, e aliás, não só na Imprensa da opposição, como também nos órgãos do Govêrno nas provincias; e sómente os dois jornais officiosos, publicados em Varsóvia, se comportam um tanto correctamente. Ainda pior tem sido, entretanto, a agitação da Associação das Provincias do Oeste, que tem instigado a população contra tudo o que é alemão, de um modo extraordinariamente significativo, por meio de várias acções systemáticas. Uma coisa absolutamente inaudita, em Agosto do ano passado, foi a onda de manifestações que percorreu todo o país durante três semanas, com a qual se pretendeu protestar contra a pretensa brutalidade dos alemães, devido ao lamentável accidente dum ferroviário polaco, que, no trajecto Dantzig-Gdunia, caiu do combóio, ficando sem ambas as pernas. A campanha difamatória de então foi tolerada pelo Govêrno, se bem que este soubesse que o accidente, de que inculpavam os alemães, havia sido originado exclusivamente por culpa do próprio empregado ferroviário, sem que nenhum alemão tivesse tido intervenção. Este foi o caso mais incrível de instigação das massas de que jamais tive conhecimento.

O sr. Beck pareceu ter ficado muito sentido com esta exposição e declarou mais uma vez que muito lamentava os incidentes ocorridos diante da Embaixada alemã. Concordou que a policia havia faltado ao dever e declarou que o official responsável seria processado. De resto, afirmou que não se devia encarar as coisas com demasiado pessimismo. A politica de entendimento não é, realmente, sempre fácil de executar, e elle não oculta de forma alguma as suas dificuldades. Teve que combater muito, sobretudo no ano de 1936, para conseguir que fôsse reconhecida esta politica por Pilsudski; e desde então, tem encontrado nos circulos poli-

ticos uma compreensão crescente pela mesma. O motivo do agravamento da situação durante os últimos meses, deve-se atribuir, segundo êle, principalmente à questão da Ucrânia Carpática, pois que se considera a Alemanha culpada por não se ter chegado a obter uma fronteira comum húngaro-polaca.

Observei que pelas declarações muito claras de Berchtesgaden, esta afirmação havia perdido todo o fundamento, e que se havia chegado, realmente, à ocasião de fazer alguma coisa contra o envenenamento da opinião pública. Não podemos, em todo o caso, compreender que a campanha de agitação da Imprensa seja tolerada pelo Governo e que se dê mão franca à Associação das Províncias do Oeste para as suas acções germanóforas.

von Moltke

N.º 34 (203)

Anotação

### **Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em 21 de Março de 1939**

Pedi ao Embaixador polaco, Lipski, que me visitasse hoje às 12 horas. Comecei por expor-lhe o desenvolvimento da questão checo-eslovaca, declarando-lhe que, em vista de se terem precipitado os acontecimentos, não me havia sido possível informar os representantes estrangeiros desta cidade, tal como eu desejara. Dei, porém, informações detalhadas ao Embaixador von Moltke, que nessa ocasião se encontrava em Berlim, encarregando-o de, por sua vez, informar o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck. Em seguida, descrevi-lhe detalhadamente os acontecimentos que deram motivo à acção do Führer.

Chamou-nos a atenção o facto de na parte restante da Checo-Eslováquia de novo ter aparecido o espirito de Benés. Tôdas as advertências do Führer se perderam no vácuo, sem serem ouvidas. Nos últimos tempos o Governo de Praga procurou actuar por meio de ditadura na Ucrânia Carpática e na Eslováquia. Também recomeçou novamente a vexação dos alemães dos núcleos idiomáticos.

Creio que na Polónia causou a maior satisfação o acôrdo a que entretanto se chegou na questão da Ucrânia Carpática. A

criação do Protectorado da Boémia e Morávia significa uma pacificação definitiva desta região, que corresponde a princípios históricos e redundando finalmente em benefício de todos.

O Embaixador Lipski mostrou-se, então, preocupado pela protecção da Eslováquia, de que se encarregou a Alemanha. Esta notícia causou profunda impressão na Polónia, porquanto o homem do povo só pode considerar este passo como dirigido em primeiro lugar contra ela. Os eslovacos são um povo de parentesco idiomático. Os interesses polacos nesta região estão também condicionados pela História, e, considerados apenas sob o ponto de vista de política real, é preciso convir que a declaração de protecção só pode ser interpretada como um golpe contra a Polónia.

Chamei a atenção do Embaixador Lipski para o facto de o Governo eslovaco independente ter pedido à Alemanha a sua protecção. A declaração de protecção certamente não é dirigida contra a Polónia. A este respeito dei a compreender claramente que a questão poderia ser debatida em comum, caso as relações germano-polacas tomassem um desenvolvimento satisfatório; e poder-se-ia pensar numa participação da Polónia na garantia do Estado eslovaco. Infelizmente, porém, tive de verificar que nas relações germano-polacas se observa pouco a pouco uma anquiloze. Este desenvolvimento começou já há alguns meses. Despertou aqui atenção a curiosa atitude que a Polónia adoptou na comissão de minorias. Os incidentes de Dantzig, provocados por estudantes polacos, deram também que pensar. O Embaixador Lipski negou com a máxima energia que tais incidentes tenham sido provocados por estudantes polacos. Também a minha observação de que os cartazes que deram lugar aos incidentes foram, segundo a opinião do Führer, afixados por estudantes polacos, foi negada com grande energia pelo sr. Lipski, que afirmou não terem os estudantes tomado parte nisso de forma alguma.

Além disso, chamei a atenção do Embaixador polaco para os continuos ataques jornalísticos, para as demonstrações hostis à Alemanha por ocasião da visita de Ciano, e ainda para a actual franca campanha da Imprensa. Esta campanha da Imprensa parece-me injustificada em todos os sentidos. O Führer esforçou-se sempre por conseguir um acôrdo e uma pacificação com a Polónia. Mesmo agora continua ele a esforçar-se por atingir este fim. Cada vez aumenta mais, porém, a surpresa do Führer perante a atitude polaca. Até agora contive a Imprensa alemã com respeito à Polónia, do que se pode convencer o próprio Embaixador polaco



lançando uma vista de olhos pela Imprensa alemã. Não me seria possível, porém, deixar tais ataques durante muito tempo sem resposta. Duma tal campanha de Imprensa, executada por ambas as partes, poderia originar-se uma situação que traria o anulamento das nossas relações. Disse-lhe que se me afigurava necessário empreender uma nova tentativa para levar a bom caminho a política germano-polaca, e que me parecia bom e conveniente que se realizasse imediatamente uma conversação pessoal entre estadistas alemães e polacos.

Alegrar-me-ia se o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, fizesse brevemente uma visita a Berlim. Conforme disse o Führer, também éle aprovaria isso calorosamente. Referindo-me ao possível assunto duma tal conversação, disse ao sr. Lipski que devia concordar que a Alemanha não havia deixado de tomar parte na criação e na existência actual da Polónia, e que esta deve a sua actual extensão territorial à maior desgraça da Alemanha, ou seja ao facto de ela ter perdido a Guerra Mundial.

Em geral, o acôrdo sôbre o Corredor é considerado para a Alemanha como a carga mais grave do Tratado de Versalhes. Nenhum Governo anterior podia renunciar aos direitos de revisão alemães, sem que fôsse demitido pelo Reichstag dentro de 48 horas. O Führer tem outra opinião sôbre o problema do Corredor. Reconhece o direito da Polónia a reivindicar uma saída livre para o mar. É o único estadista alemão que pode promulgar uma renúncia definitiva ao Corredor. A condição essencial para isto é, porém, o regresso ao Reich de Dantzig, que é puramente alemã, e a criação duma comunicação ferroviária extraterritorial, assim como de uma auto-estrada entre o Reich e a Prússia Oriental. Só assim seria afastado o escolho que representa para o Povo alemão a existência do Corredor. Se os estadistas polacos reflectissem com calma sôbre os factos reais, então poder-se-ia encontrar a solução na seguinte base: Regresso de Dantzig ao Reich, comunicação extraterritorial ferroviária e de auto-estrada entre a Prússia Oriental e o Reich, e, em troca disso, garantia do Corredor. Quero crer que em tal caso se poderia tratar da questão eslovaca no sentido indicado.

O Embaixador Lipski prometeu informar o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, e depois comunicar-me a sua opinião.

Sugeri que o Embaixador Lipski fôsse a Varsóvia para dar as informações pessoalmente. Repeti mais uma vez que me parecia útil, justamente no momento actual, um ajuste definitivo entre a Alemanha e a Polónia. Isto seria também importante, porque até

agora o Führer estava simplesmente assombrado pela curiosa atitude da Polónia numa série de questões. Seria conveniente evitar que êle obtivesse a impressão de que a Polónia pura e simplesmente não queria chegar a acôrdo.

von Ribbentrop

N.º 35 (204)

**O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos  
Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em  
24 de Março de 1939**

Telegrama

Varsóvia, 24 de Março de 1939

Confirmada com segurança chamada de reservistas a curto prazo, três a quatro classes, de 1911 até 1914, e também 1906 a 1907, conforme as localidades. Chamados oficiais reserva tropas técnicas.

Moltke

N.º 36 (206)

**O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos  
Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em  
24 de Março de 1939**

Telegrama

Varsóvia, 24 de Março de 1939

Chamadas de reservistas já comunicadas indicam que círculos militares ganham influência sob direcção política externa polaca. Se bem que a posição do Ministro dos Negócios Estrangeiros pareça ser ainda forte, por agora, como se deduz da prisão do eminente redactor Mackiewicz, o qual, se bem que pilsudskista, se transformou em enérgico adversário de Beck, deve-se temer, porém, que êste venha a seguir um curso mais violento se a isso for obrigado por ameaçadora onda nacionalista.

Com respeito a insinuações inglêsas, devido às quais foram feitas nos últimos dias repetidas visitas do Embaixador inglês ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, nada de certo se pôde saber até agora. Por esta razão não é possível ainda julgar se as medidas polacas de mobilização foram influenciadas por esta acção inglêsa.

A êste respeito, parece-me digna de ser comunicada uma declaração feita aqui pelo Subsecretário de Estado Arciszewski na presença de alguns diplomatas. Entre observações depreciativas sôbre a Inglaterra e a França, que querem sempre abusar da Polónia para fins estranhos, sem correrem risco próprio, declarou que jamais a Polónia se baterá unicamente pelos interesses de outras Potências. Além disso, também pelas directrizes da política de Beck se pode supor que a Polónia só de má vontade se decidirá a entrar em alguma combinação geral ou a deixar-se complicar em acções que a obrigarão a fixar prematura e claramente a sua posição. Isto certamente não significa que a Polónia não venha a aproveitar a oportunidade se, por ocasião destas negociações, se oferecer a possibilidade de obter firmes promessas da parte inglêsa, que aumentem a sua segurança.

Moltke

N.º 37 (207)

**Anotação do Dirigente da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 25 de Março de 1939**

Berlim, 25 de Março de 1939

Do Comando Superior da Fôrça Armada telefonaram-me hoje às 11 horas para comunicar o seguinte com relação às medidas de mobilização da Polónia:

1. Nas proximidades de Gdónia foi feita uma concentração de tropas polacas de cêrca de 4.000 homens.
2. As tropas duma guarnição, que até agora esteve aquartelada na parte sul do Corredor, mudaram-se para as imediações da fronteira de Dantzig.

### 3. A Polónia mobilizou três classes.

Tôdas estas medidas se referem exclusivamente à parte setentrional da Polónia, não sendo ainda conhecida a amplitude das medidas militares nas outras regiões do país.

Fürst von Bismarck

N.º 38 (208)

## **Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, 26 de Março de 1939**

### Anotação

Hoje, às 12 horas e 30, recebi o Embaixador polaco, Lipski. Entregou-me o memorando do Governo polaco, que vai junto, o qual li na sua presença.

Depois de ter conhecimento do seu conteúdo, repliquei ao Embaixador Lipski que, de acôrdo com o meu particular ponto de vista, o critério polaco não podia representar base alguma para se chegar a uma solução germano-polaca. A única solução possível do problema teria que consistir na reincorporação de Dantzig no Reich e na criação duma comunicação extraterritorial ferroviária e de auto-estrada entre o Reich e a Prússia Oriental. O sr. Lipski respondeu que tinha o desagradável dever de comunicar que qualquer continuação destes planos alemães, principalmente referindo-se à devolução de Dantzig ao Reich, significava a guerra com a Polónia.

Em seguida chamei a atenção do Embaixador Lipski para as notícias que circulavam sôbre concentrações de tropas polacas, prevenindo-o contra possíveis conseqüências. A atitude polaca parecia-me representar uma estranha maneira de responder à proposta feita por mim há pouco tempo para se chegar a uma definitiva pacificação das relações germano-polacas. Se as coisas continuassem caminhando nesta direcção, podia dentro de pouco tempo surgir uma situação séria. Eu podia comunicar ao Embaixador Lipski que, por exemplo, uma violação do território da soberania de Dantzig por parte das tropas polacas, seria considerada pela Alemanha como uma violação das fronteiras do Reich.

O Embaixador Lipski negou enérgicamente qualquer inten-

ção militar da Polónia no que respeita a Dantzig. As distribuições dos contingentes de tropas realizadas pela Polónia, não representavam mais do que uma medida de precaução.

Depois disso perguntei ao Embaixador Lipski se o Governo polaco, assim que se tranqüilizasse um pouco a situação, queria tomar de novo em consideração a proposta alemã, a-fim-de que, sob a base da reincorporação de Dantzig e da comunicação extraterritorial ferroviária e de auto-estrada por nós proposta, se pudesse chegar a uma solução. O Embaixador Lipski respondeu fugindo ao assunto e referiu-se de novo ao memorando por êle entregue.

Respondi-lhe que primeiramente informaria o Führer. Eu desejava antes de tudo evitar que o Führer tivesse a impressão de que a Polónia simplesmente não queria chegar a um acôrdo.

No entanto, o Embaixador Lipski pediu-me que também por parte da Alemanha se estudasse de novo os problemas pendentes no sentido indicado, e perguntou-me se não poderia haver uma perspectiva de se chegar a uma solução sob a base do modo de pensar polaco. Acrescentou que o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, de acôrdo com a nossa sugestão, com prazer faria uma visita a Berlim, parecendo-lhe, porém, conveniente que antecipadamente fôsem preparadas diplomáticamente as questões pendentes.

No final da nossa conversação não deixei dúvida alguma ao Embaixador Lipski de que, segundo a minha opinião, as propostas polacas não poderiam ser consideradas como satisfatórias pelo Führer. Únicamente uma reintegração total de Dantzig, uma comunicação extraterritorial com a Prússia Oriental e um pacto de não-agressão com a validade de 25 anos, com garantia das fronteiras e uma colaboração para o solucionamento do problema eslovaco, na forma duma protecção colectiva do dito território a cargo dos seus vizinhos, poderia conduzir a uma solução definitiva, segundo o ponto de vista alemão.

von Ribbentrop

## Entrevista do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em 27 de Março de 1939

Anotação do Ministro Schmidt

O sr. Ministro pediu explicações ao Embaixador polaco sobre os distúrbios de Bromberg e observou que estes novos excessos haviam produzido uma terrível impressão na Alemanha, porquanto aqui se tinha a impressão de que eles se haviam realizado sob uma certa tolerância das autoridades polacas. Foi novamente culpada a Associação das Províncias do Oeste, contra a qual a Alemanha tantas vezes teve que queixar-se à Polónia. Do lado da Alemanha tem-se a impressão de que o Governo polaco, se tivesse boa vontade, devia estar em situação de impedir semelhantes incidentes. O sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros lamentava profundamente que se tivesse chegado a tal desenvolvimento das relações germano-polacas e frisava que o Governo alemão tinha que responsabilizar exclusivamente o Governo polaco por semelhantes acontecimentos.

O Embaixador declarou não ter nenhum conhecimento dos factos mencionados, prometendo, no entanto, informar-se imediatamente a este respeito. Também ele lamentava os excessos, explicando-os, não obstante, pelo nervosismo que reinava desde há algum tempo na Polónia. Quanto ao mais, prometeu fazer, pela sua parte, todo o possível para impedir a repetição de semelhantes acontecimentos.

Quando o Embaixador polaco fez a afirmação de que também devido às reuniões das associações alemãs tinham surgido incidentes semelhantes dirigidos contra a Polónia, respondeu-lhe imediatamente o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich que até agora as provocações haviam partido sempre do lado polaco.

À pergunta do Embaixador sobre se não se poderia encontrar algumas «palavras de apaziguamento para ambos os povos», respondeu o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros que semelhantes palavras de forma alguma se amoldavam à situação, porquanto, conforme já havia sido dito, as provocações e ataques da Imprensa até então haviam partido unicamente do lado polaco. Se a Imprensa alemã — o que dentro em pouco não poderia mais ser evi-

tado — respondesse aos ataques polacos, fã-lo-ia de um modo radical.

Por último, o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros declarou que não mais podia compreender o Governo polaco. A generosa proposta que a Alemanha fêz à Polónia obteve apenas uma recusa. Em todo o caso, a proposta entregue ontem pelo Embaixador polaco não pode ser considerada pelo sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich como base alguma para se chegar a uma solução dos problemas pendentes. Por esta razão as relações dos dois países seguem uma evolução em grande declive.

A despedir-se, afirmou o Embaixador polaco desejar empregar todos os esforços que dêle dependessem, para poder vencer as dificuldades.

Schmidt

N.º 40 (349)

### **O Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich ao Embaixador alemão em Varsóvia, Berlim em 27 de Março de 1939**

Ordem

Berlim, 27 de Março de 1939

Segundo uma informação do pòsto alemão de passaportes em Bromberg, no dia 26 de Março, ao meio-dia, realizaram-se manifestações anti-alemãs organizadas pela famigerada Associação das Províncias do Oeste, nas quais tomaram parte umas 10.000 pessoas. Nestas manifestações participaram, principalmente, organizações paramilitares de Bromberg, entre outras a dos funcionários ferroviários e dos correios. Durante esta manifestação foram feitos dois discursos de agitação, tanto contra o Reich, como também contra a minoria alemã na Polónia. Os manifestantes proferiram exclamações como estas: «Fora Hitler!», «Queremos Dantzig!», «Queremos Königsberg!». Segundo as informações do dito pòsto de passaportes, conseguiu a policia polaca, com dificuldade, proteger a propriedade alemã dos assaltos da multidão agitada.

Completando, é mencionado que os membros da minoria alemã na Voivódia de Thora estão continuamente expostos a actos de hostilidade sempre crescentes. Principalmente a boicotagem contra os alemães, preparada sistematicamente pela Associação das Províncias do Oeste e por outras organizações, tomou, nos úl-

timos dias, proporções até agora desconhecidas. Se bem que as autoridades polacas tentassem impedir excessos contra pessoas isoladas, dão claramente o seu consentimento às acções de boicotagem em geral.

Com relação às reclamações já anteriormente apresentadas ao Governo polaco, por diversas ocasiões, em face da atitude da Associação das Províncias do Oeste, peço que faça também sérias reclamações em virtude das últimas boicotagens.

Por ordem

Bergmann

N.º 41 (210)

**O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos  
Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em  
28 de Março de 1939**

Relatório

Varsóvia, 28 de Março de 1939

O ambiente exaltado que reina há algum tempo na Polónia, aumentou ainda consideravelmente. Entre a população foram propalados os mais disparatados boatos, como por exemplo, que em Oderberg se deram recontros entre as tropas alemãs e polacas, que o Ministro Beck foi preso, e notícias fantásticas semelhantes. Da maior importância é a formação de um ambiente bélico fomentado pela Imprensa, por manifestações públicas germanó-fobas — principalmente nas províncias — que várias vezes já ocasionaram incidentes, e em parte, também por uma propaganda oficiosa fanfarrónea. Quási em todos os círculos se pensa hoje que a guerra é inevitável e próxima.

As medidas tomadas pelo Governo contribuem para o aumento da psicose bélica existente. No decorrer da última semana foram feitas chamadas dos reservistas das três classes de 1912, 1913, 1914, de parte de unidades especiais também de outras classes, e além disso, requisições de cavalos e automóveis. O Governo aproveitou a situação actual também como pretexto para colocar um



empréstimo interior do Estado com o fim de melhorar a aviação militar e a artilharia anti-aérea.

É especialmente característico para a propaganda oficial de guerra, um artigo do jornal militar «Polska Zbrojna», muito reproduzido, intitulado «Estamos preparados». Nêle se expõe, entre outras coisas, que a Polónia, ao contrário dos checos, não tem nenhum sentimento de inferioridade em relação aos povos poderosos da terra. O número das divisões estrangeiras não assusta os polacos, porquanto o seu próprio exército, o seu armamento e o espírito bélico do povo polaco bastam para assegurar a vitória da Polónia. Além disso, numerosas publicações que desde então diariamente aparecem na Imprensa mantêm-se dentro do mesmo espírito e têm a mesma tonalidade.

Esta auto-segurança e avaliação exagerada da própria força militar, tal como é manifestada na Imprensa, estabelece um perigo, tendo em conta o carácter nacional polaco. Que não se trate somente duma campanha de Imprensa, é provado por uma declaração autêntica do Vice-Ministro da Guerra, Gluchowski, por ocasião duma conversa a sério, na qual disse que o exército alemão era um grande «bluff», porque faltam à Alemanha as reservas instruídas para recompor as suas unidades. A pergunta de se êle acreditava seriamente que a Polónia fôsse militarmente superior à Alemanha, respondeu Gluchowski: «Mas sem dúvida alguma».

Uma demonstração germanófoba na última sessão plenária do Senado é também característica do ambiente que impera nos círculos políticos. A primeira leitura do tratado comercial polaco-lituano, à qual assistia da tribuna diplomática o Ministro lituano Saulnys, deu ocasião ao senador Katelbach para assegurar à Lituânia, em nome do Senado, que a Polónia compartilhava de modo mais íntimo nas dolorosas experiências pelas quais a Lituânia teve que passar recentemente. Nos «prolongados e atroadores» aplausos que levantou esta declaração, tomaram parte também os dois Ministros presentes à sessão e o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Conde Szembek.

von Moltke

**O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos  
Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em  
29 de Março de 1939**

Telegrama

Varsóvia, 29 de Março de 1939

O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, pediu-me que o visitasse ontem pela tarde, para me comunicar o seguinte: O sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich comunicou ao Embaixador Lipski na conversação de 26 de Março, que um acto de violência da Polónia contra Dantzig equivaleria a um «casus belli». Esta comunicação obriga-o também a fazer da sua parte a declaração de que no caso de ser feita pela Alemanha uma tentativa de modificar unilateralmente o estatuto da Cidade Livre, a Polónia veria nisso um «casus belli». O mesmo aconteceria também se o Senado de Dantzig desse tal passo. O sr. Beck acrescentou que o Governo polaco lamentava o agravamento da situação.

Respondi-lhe que este agravamento não foi produzido por nós, sendo exclusivamente devido às medidas de mobilização polacas, que não têm nenhuma justificação, e que além disso representam um passo altamente perigoso pelos seus efeitos. Já agora, como consequência do ambiente bélico assim criado, agravado pela Imprensa e pela propaganda realizada de maneira irresponsável, surgiu uma situação que encerra sérios perigos. Os graves incidentes da Pomerélia são uma prova disso. Chamei especialmente a atenção sobre os inauditos excessos de Bromberg e Liniewo, reservando-me para voltar a este assunto depois de ter informações mais precisas.

Beck procurou justificar as medidas de mobilização dizendo que a reclamação referente a Dantzig, justamente no momento actual, e depois dos acontecimentos da Checo-Eslováquia e de Mémel, foi interpretada de parte da Polónia como um sinal de alarme. A preocupação de que podiam surgir dificuldades, como consequência das medidas tomadas, não tem fundamento. Dos acontecimentos de Liniewo ainda não se sabe nada. O de Bromberg, no qual a policia, de resto, agiu enérgicamente, foi objecto de uma conversa entre os Ministros. O Presidente do Conselho deu em seguida as mais severas instruções a todas as autoridades ad-

ministrativas para evitar tudo o que pudesse dar motivo a incidentes e para principalmente proibir reuniões e cortejos.

Beck acrescentou que não queria ocultar-me que cada vez tinha mais a impressão de que nos encontrávamos no momento crítico das relações germano-polacas. Em vista disto recordei-lhe a conversação de Berchtesgaden, na qual o Führer colocou em primeira linha a manutenção da politica conciliatória, e expus que as propostas actuais tinham por objectivo justamente colocar as relações germano-polacas sobre uma base sã e duradoira, para o que tínhamos certamente que esperar mais compreensão por parte da Polónia.

Moltke

N.º 43 (354)

### **O Cônsul Geral alemão em Thorn ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Thorn, em 30 de Março de 1939**

Relatório

Thorn, 30 de Março de 1939

A nova tensão do ambiente contra o elemento alemão na Pomerélia depreende-se dum movimento crescente de boicotagem, da continua campanha de agitação e de numerosos actos de violência. A boicotagem económica faz-se notar principalmente nas cidades de Graudenz e Bromberg e, segundo informações de membros do grupo étnico alemão já produzia prejuizos sensíveis aos comerciantes alemães. Em Bromberg foi feita uma proclamação por parte de diversas associações militares polacas, convidando a levar a cabo a absoluta boicotagem económica e cultural contra o elemento alemão, assim como também contra a influência alemã no cinema e na Imprensa.

Nas manifestações que se realizaram nestes dias, e nas quais freqüentemente tomaram parte funcionários da policia, foram, em várias ocasiões, proferidas exclamações como as seguintes: «Expulsaí os alemães!» e «Dantzig e Flatow têm que ser incorporadas na Polónia!» Em muitos lugares foram também quebradas as vidraças das casas alemãs, havendo tomado parte nestes actos não só funcionários, como também aleaides. Um destes últimos

den como resposta às reclamações de um alemão, que não podia fazer nada e que não havia por iniciativa própria dado ordens para tais manifestações, tendo recebido instruções para isso. Ao que parece, pela frente as altas personalidades negociam em Berlim e em Varsóvia, e, por detrás, dão ordem de fazer tábua rasa.

Em substituição

Graf

N.º 44 (355)

### **O Cônsul Geral alemão em Posnan ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Posnan, em 31 de Março de 1939**

Relatório

Posnan, 31 de Março de 1939

Há já alguns meses que a Imprensa polaca trabalha nas zonas ocidentais para envenenar a opinião pública contra os alemães. Ora pede severas medidas contra o grupo étnico alemão na Polónia, ora instiga à boicotagem de artigos alemães, ora dirige ataques de carácter geral contra a população de sangue alemão e a política do Reich. Esta propaganda germanófoba, que tem aumentado continuamente, em especial desde a crise de Setembro do ano passado, foi desencadeada sem dúvida em conexão com o desenvolvimento da situação política da Europa. A Imprensa exprime sem nenhuma moderação os seus sentimentos anti-alemães, e não passa um dia sem que os jornais de Posnan escrevam um artigo mais ou menos agressivo ou observações injuriosas contra tudo que é alemão. Se bem que os excessos em Posnan só durassem uma semana, não se pode dizer que o ambiente germanóphobose tenha acalmado. Na cidade de Posnan voltou a reinar uma calma aparente; pelo menos cessaram, em geral, os actos de violência. Antecostem quebraram algumas vidraças de um banco alemão, de livrarias alemãs e da casa dum pároco evangélico. O Consulado Geral continua debaixo da protecção policial reforçada. No entanto, ha asinalar novas desordens em outras cidades e no campo: Quebraram as vidraças de estabelecimentos alemães, borram as letreiros em lingua alemã, sujaram as paredes das casas e estorvaram a celebração de reuniões do grupo étnico ale-

não. Em alguns casos colocaram postos de boicotagem. O ambiente de hostilidade chegou até à última aldeia.

Walther

N.º 45 (212)

**Anotação do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 6 de Abril de 1939**

Berlim, 6 de Abril de 1939

Hoje, o Embaixador polaco tomou a iniciativa duma conversação sobre as conferências de Beck em Londres, para a qual eu o havia convidado.

Lipski afirmou não estar informado pormenorizadamente, podendo, porém, estabelecer a este respeito, certos princípios fundamentais.:

- 1.º A Polónia deseja manter o acôrdo de 1934.
- 2.º Os convênios polaco-ingleses representam um acto bilateral e puramente defensivo; nada se falou sobre a entrada da Polónia num bloco.

Recébi com um sorriso estas afirmações de Lipski e respondi-lhe em seguida mais ou menos o seguinte: «Para mim não mais é compreensível a evolução que tomou a politica polaca nos últimos tempos. Lipski sabe tão bem como eu que a carga pesava sobre as nossas relações antes do Führer ter alcançado o poder. Ninguém na Alemanha, a não ser o Führer, poderia ter tido as grandes concepções do ano de 1934 e pô-las em prática com a Polónia. As nossas relações a partir de tal momento haviam melhorado de modo satisfatório. No sentido destas relações de boa vizinhança, iniciou o Führer então, como é sabido, conversações com a Polónia, não sómente para eliminar os últimos pontos de desacôrdo entre nós, como também para assegurar de modo generoso à Polónia as fronteiras do Corredor. Evidentemente a Polónia não compreendeu esta proposta. Em vez de aproveitar com satisfação a ocasião e completar a obra de 1934, o que repentinamente percebemos foi um singular chauvinismo dos polacos. Isto não nos

inquietação, mas está em estranho contraste com a resposta que julgávamos poder esperar de Varsóvia. De acôrdo com as instruções, disse que a proposta do Führer à Polónia havia sido feita duma vez para sempre. Uma espécie de resposta, como a que o Governo polaco quis dar à proposta alemã, já havia sido designada a elle — Lipski — no dia 27 de Março, pelo sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich como não constituindo base alguma para resolver o problema em questão. (Posteriormente, no decurso da conversação, repeti que a resposta polaca não representava para nós base alguma de discussão). Se foi de bom aviso para a Polónia esta atitude, é coisa que o futuro mostrará. Acrescentei que ainda não havia lido a comunicação de Chamberlain na Câmara dos Comuns, anunciada esta tarde. Mas, se ficar confirmado o que actualmente se encontra na Imprensa sobre as conversações de Beck, então não sei como se poderá harmonizar a conduta polaca com o sentido do acôrdo de 1934.

Com respeito ao último ponto, quis Lipski replicar que também as relações contratuais polaco-francesas se haviam podido conciliar com o acôrdo de 1934. As concentrações de tropas polacas na região de Dantzig, quis Lipski apresentar como um fenómeno explicável e paralelo aos movimentos de tropas realizados por outros países, tais como a Hungria, Roménia, e mesmo a Noruega. Mas antes de tudo, declarou que o tínhamos deixado sem contacto conosco nos dias da entrada das tropas alemãs na Checo-Eslováquia, o que, ao contrário do sucedido em Setembro do ano passado, originou que se desenvolvesse um compreensível nervosismo na Polónia. O ultimato dirigido pela Alemanha à Lituânia ainda fez aumentar mais as inquietações polacas.

Cortei a palavra a Lipski quando falou de um ultimato alemão à Lituânia, expus-lhe a parte ridícula das suas afirmações sobre os movimentos de tropas de outros países — que jamais foram dirigidos contra a Polónia — e declarei-lhe que para mim teria sido compreensível que agora nos tivesse agradecido por não havermos oposto nenhum obstáculo ao ardente desejo de Varsóvia de ter uma fronteira comum húngaro-polaca. Finalmente, repeli serenamente o palavreado de Lipski com os argumentos apropriados para o caso, e em seguida despedimo-nos.

Weizsäcker

*A rejeição da proposta alemã pela Polónia não foi ditada somente pela arrogância polaca, mas principalmente pela inten-*

ção britânica de transformar a Polónia num factor decisivo da politica de cerco. O jôgo entre Londres e Varsóvia funcionou de modo perfeito. No dia 17 de Março, Chamberlain havia-se declarado, em Birmingham, francamente partidário da politica anti-alemã (N.º 28); em 20 de Março falou Halifax sobre as conversações já iniciadas com as Potências que estavam destinadas a servir de elos da corrente do cerco, e entre as quais a Polónia tinha recebido um papel importante (N.º 29); em 24 de Março, o Embaixador alemão em Varsóvia informou que já há alguns dias se realizavam visitas constantes do Embaixador inglês ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da Polónia (N.º 36); em 26 de Março foram rejeitadas pela Polónia as propostas alemãs (N.º 39). Em Varsóvia, estas moderadas propostas alemãs, com as quais a Polónia até aí de forma alguma se sentira ameaçada, passaram subitamente a ser classificadas como «ameaça», empregando-se uma linguagem provocadora (N.º 41). No dia 31 de Março, porém, recebeu a Polónia também formalmente, por intermédio de Chamberlain, o seu cheque em branco. O Primeiro Ministro inglês fez na Câmara dos Comuns aquela declaração mal-afamada pela qual, conforme escreveu outrora Duff Cooper, a sorte do Império inglês, a questão de guerra ou paz «foi confiada a uma mão-cheia de individuos desconhecidos na Polónia».

N.º 46 (279)

### **Declaração do Primeiro Ministro britânico Chamberlain na Câmara dos Comuns, em 31 de Março de 1939**

Conforme declarei esta manhã, o Governo de Sua Majestade não tem qualquer confirmação official dos rumores acêrca de um projectado ataque contra a Polónia. Portanto, não se deve supor que o Governo considere tais noticias como verdadeiras.

Alegro-me de poder aproveitar esta ocasião para expor novamente a politica geral do Governo: O Governo de Sua Majestade sempre se empenhou pelo ajuste por meio de negociações livres entre as partes interessadas, no caso de qualquer conflito que surgisse entre elas. Considera este método como o mais natural e o mais conveniente onde haja desavenças. Na opinião do Governo não deveria haver nenhuma questão que não pudesse ser resolvida por meios pacíficos, e portanto não se encontraria justificação alguma quando se fizesse uso da violência, ou de ameaça

de agir com violência, em lugar de seguir o método das negociações. Como a Câmara não ignora, estão sendo actualmente feitas determinadas consultas com outros Governos. Para esclarecer inteiramente a atitude do Governo de Sua Majestade, antes de estarem terminadas estas consultas, sinto-me na necessidade de participar à Câmara que durante este tempo, e no caso de qualquer acção que ameace claramente a independência polaca — e a qual o Governo polaco considere de importância tão vital que se oponha a ela com as suas forças armadas — o Governo de Sua Majestade considerar-se-á obrigado a conceder imediatamente à Polónia todo o socorro ao seu alcance. Semelhante garantia já foi concedida ao Governo polaco.

Posso acrescentar que o Governo francês me autorizou a esclarecer que a sua posição neste assunto é a mesma que a do Governo de Sua Majestade.

*Já no dia 29 de Março, havia Beck declarado ao Embaixador alemão que tinha cada vez mais a impressão «de estarmos no momento crítico das relações germano-polacas» (N.º 42). Também em Londres estavam cientes da fundamental transformação da política inglesa e do risco que a Inglaterra havia assumido com a carta branca polaca. Em 3 de Abril, declarou Chamberlain na Câmara dos Comuns, entre outras coisas o seguinte:*

N.º 47 (283)

### **Declaração do Primeiro Ministro britânico Chamberlain na Câmara dos Comuns, em 3 de Abril de 1939**

Extracto

Este debate poderá ser de grande vantagem, se, como espero, o seu resultado mostrar que dum modo unânime esta Câmara aprova em princípio e em geral a declaração por mim feita na sexta-feira, e que está unida e pronta a tomar tôdas as medidas que possam ser necessárias para a tornar eficaz. Essa declaração de sexta-feira foi caracterizada por uma expressão muito hábil — e por isso largamente usada — uma promessa de garantia, emitida antes da apólice definitiva do seguro. Eu mesmo acentuei expressamente o seu carácter provisório ou interino. E a sua qualificação de promessa de garantia não é de todo má, tanto quanto uma



tal comparação possa ser acertada; mas creio que essa comparação é inteiramente incompleta nos seguintes pontos: pela sua própria natureza, o outorgamento duma promessa de garantia implica que ela seja seguida de alguma coisa mais especificada, correspondendo precisamente à apólice definitiva de seguro, o que representa, neste caso, um grande desvio de tudo quanto este país empreendeu até ao presente.

Realmente, isto constitue um novo momento — queria mesmo dizer uma nova época — no curso da nossa politica exterior.

...O facto de me ter desviado tanto das nossas ideias tradicionais, como fiz na sexta-feira, por encargo do Governo de Sua Majestade, constitue na realidade um marco tão importante na politica britânica, que creio poder afirmar com segurança que essa decisão merecerá capítulo à parte quando se trate um dia de escrever a História...

*De modo semelhante se manifestou no mesmo dia o Chanceler do Tesouro, Sir John Simon:*

N.º 48 (284)

### **Do discurso do Chanceler do Tesouro britânico, Sir John Simon, na Câmara dos Comuns, em 3 de Abril de 1939**

... Com uma ou duas excepções, que só acentuam a conformidade geral, podemos qualificar como marco da nossa História este dia em que todos os sectores da Câmara aceitaram e aprovaram esta declaração excessivamente importante. Não estou disposto a reduzir a sua importância. Ela compromete-nos expressivamente numa parte do mundo, na qual estávamos até agora livres de obrigações especiais, e deixa prever também compromissos em outros lugares da terra. Esta declaração escreve na nossa História um capítulo que nos conduz mais além da série de obrigações mencionadas pelo meu muito honrado amigo no seu discurso clássico proferido em Leamington. Verificámos aqui, que, ao fazer este seu critério, o país na sua totalidade está, neste caso, mais unido do que em nenhuma outra questão politica da actualidade. Este é um facto de enorme transcendência, do qual nós todos teremos ocasião de nos recordar no futuro, e considero como um dever geral não reduzir de forma alguma esta transformação, mas sim apreciá-la e reconhecê-la em todo o alcance da

sua aplicação. A declaração anuncia um rumo definitivo de conduta, no caso de ser necessário actuar; depois dela, não se pode olhar para trás.

É a mais séria de tôdas as obrigações, não porque traz a possibilidade de um conflito por ocasião de determinados acontecimentos, como também porque, em certos casos, nos obriga a fazer a guerra...

*O compromisso de fazer a guerra foi tomado intencionalmente pela Inglaterra onde era necessário como pretexto para a fiscalização da Europa Oriental e Central e para accionar uma guerra preventiva. Isto foi plenamente confirmado no dia 6 de Abril, numa sessão da Câmara dos Comuns e dos Lords. Ao mesmo tempo, foi aproveitada uma visita de Beck a Londres para transformar a garantia unilateral da Polónia pela Inglaterra, de 31 de Março, numa garantia bilateral. Mais uma vez foi, com perfeita consciência do seu alcance, colocada incondicionalmente nas mãos da Polónia a decisão de escolher entre a guerra ou a paz. Ao mesmo tempo, continuaram as diligências da Inglaterra para incluir, além da Polónia, outros países na frente de cerco. Assim é que, em 13 de Abril de 1939, foi feita uma declaração de garantia unilateral da Inglaterra em favor da Grécia e da Roménia. Sob aplausos calorosos de Eden e Churchill começou ainda naqueles dias a tentativa de incluir a Rússia na frente de cerco. A aliança romeno-polaca, que até então era dirigida para o Oriente, devia agora exercer a sua acção também contra a Alemanha.*

*No decorrer do mês de Abril, a politica inglesa de cerco e a renúncia da Polónia a um ajuste com a Alemanha revelaram-se com tanta clareza, que o Governo do Reich se viu obrigado a tirar, para ambos os lados, as consequências que se tornaram inevitáveis por causa desta politica anglo-polaca. No seu discurso proferido perante o Reichstag, em 28 de Abril de 1939, viu-se o Führer, por esta razão, obrigado a declarar que tanto a convenção naval inglesa com a Alemanha, como o tratado germano-polaco de 1934, foram denunciados unilateralmente pela Inglaterra e pela Polónia. As partes mais importantes do discurso do Führer, que dizem respeito à Polónia e à Inglaterra, transcrevem-se literalmente a seguir :*

## Discurso do Führer perante o Reichstag, em 28 de Abril de 1939

Extracto: Polónia

... Ha pouco para dizer sobre as relações polaco-alemãs. Também neste caso, o tratado de paz de Versalhes causou, evidentemente com intenção, a ferida mais profunda no Povo alemão. Com o estabelecimento característico do Corredor polaco para o mar devia ser impedido a todo o transe e para todo o futuro, um entendimento entre a Polónia e a Alemanha. Como já acentuei, este problema é talvez o mais doloroso de todos para a Alemanha. Mas a-pesar-disso defendi invariavelmente a ideia de que a necessidade para a nação polaca duma saída livre para o mar tinha que ser tomada na devida consideração. Esta minha maneira de ver baseava-se sobretudo, também neste caso, em que os povos aos quais a Providência determinou, ou se quiserem, condenou a viverem juntos, não têm o direito de intencionalmente amargurarem a sua vida duma maneira anti-natural e desnecessária.

O falecido Marechal Pilsudski partilhava a mesma opinião e, por isso, estava pronto a examinar o problema duma desintoxicação das relações germano-polacas e finalmente a concluir um acôrdo, nos termos do qual a Alemanha e a Polónia deviam renunciar definitivamente à guerra como meio de resolver as suas relações reciprocas. Este acôrdo, porém, apresentava uma única excepção, que praticamente só foi concedida à Polónia. Foi estabelecido que os pactos de assistência firmados pela Polónia até essa altura — e tratava-se aqui do pacto de assistência com a França — não deviam ser tocados por este acôrdo. Era, porém, evidente que isto só dizia respeito exclusivamente ao pacto de assistência que já tinha sido firmado e não a outros novos que viessem depois a sê-lo. É um facto que o acôrdo formado entre a Alemanha e a Polónia contribuiu extraordinariamente para desanuviar a atmosfera europeia.

Contudo, ainda ficou um problema em aberto entre a Alemanha e a Polónia, problema este que naturalmente, mais cedo ou mais tarde, tinha de ser resolvido: tratava-se da questão da cidade alemã de Dantzig. Esta é uma cidade alemã e quer voltar para a Alemanha. Mas por outro lado esta cidade firmou acordos com a Polónia, que, de resto, lhe foram impostos pelos ditadores da

paz de Versalhes. Visto que, além disso, a Sociedade das Nações sendo outrora o maior de todos os amotinadores, está lá agora representada pelo seu alto comissário (que aliás é dotado de muito tacto), o problema de Dantzig tinha que surgir para discussão, duma maneira ou de outra e o mais tardar com o desaparecimento progressivo daquela infortunada instituição. Vi então na solução pacífica dêste problema uma contribuição mais para o desanuviamento definitivo da atmosfera europeia. Pois êste desanuviamento não se consegue certamente por meio do incitamento provocado pelos enlouquecidos instigadores da guerra, mas sim resolvendo os verdadeiros momentos perigosos.

Depois do problema de Dantzig já ter sido discutido por várias vezes, há alguns meses, mandei agora entregar ao Governo polaco uma proposta concreta. Eu vou agora, deputados, comunicar-vos esta proposta, e depois podereis fazer um juízo e ver se ela foi ou não o maior de todos os esforços que é possível fazer ao serviço da paz da Europa. Como já acentuei, tive sempre em consideração a necessidade para êste país duma saída para o mar, e isto foi tomado na devida conta, pois não sou nenhum estadista democrático, mas sim um nacional-socialista realista. Mas também achei necessário esclarecer o Governo de Varsóvia de que da mesma maneira que êle deseja uma saída para o mar, a Alemanha também precisa duma saída para a sua provincia oriental. Êstes são problemas muito difíceis de resolver. Mas a Alemanha não tem responsabilidade nenhuma nisso, mas sim êsses mágicos de Versalhes que, com a sua maldade ou com a sua irreflexão, collocaram na Europa cem barricas de pólvora e, além disso, cada uma munida do seu respectivo mórão, que mal se pode apagar.

Não se podem resolver êstes problemas baseando-os nos esquemas antigos: pelo contrário, eu acho que aqui têm de ser escolhidos novos meios. O caminho da Polónia para o mar através dêsse mesmo Corredor e reciprocamente o caminho alemão através dêsse mesmo Corredor não têm absolutamente nenhum significado militar. O seu significado baseia-se exclusivamente em motivos de ordem psicológica e económica. Querer entrever numa tal via de comunicação um significado militar, representa simplesmente uma ingenuidade de proporções espantosas.

Mandei agora apresentar ao Governo polaco a seguinte proposta:

1. Dantzig volta como Estado livre para dentro do quadro do Reich.

2. A Alemanha recebe através do Corredor uma estrada e uma linha de caminho de ferro, podendo dispor delas como quiser, com o mesmo carácter de extraterritorialidade para a Alemanha, como o Corredor possui para a Polónia.

Em troca a Alemanha dispõe-se a :

1. Reconhecer todos os direitos económicos da Polónia em Dantzig.
2. Garantir à Polónia um pôrto livre em Dantzig com as dimensões que ela determinar e com acesso absolutamente livre.
3. Aceitar e considerar como definitivas as fronteiras actuais entre a Alemanha e a Polónia.
4. Concluir com a Polónia um pacto de não-agressão por 25 anos, ou seja, um pacto que excederia em tempo a minha própria vida.
5. Assegurar em comum com a Alemanha, Polónia e Hungria a independência do Estado eslovaco. Isto significa que a Alemanha renunciava praticamente a qualquer pretensão neste território.

O Govêrno polaco declinou esta minha proposta e apresentou em contraposição a seguinte:

1. Declarou-se pronto a tratar da substituição do comissário da Sociedade das Nações.
2. Prometeu tratar de conseguir facilidades no trânsito de passagem através do Corredor.

Lamentei sinceramente esta atitude para mim incompreensível do Govêrno polaco, mas isto ainda não é tudo, porque o pior é que a Polónia, da mesma maneira como há um ano a Checo-Eslováquia, se julga também no direito de convocar tropas, atendendo à pressão dessa mentirosa campanha mundial, embora a Alemanha, pelo seu lado, não tenha mobilizado sequer um único homem e nem sequer pensasse em empreender qualquer acção contra a Polónia. Como já disse, isto é para lamentar, e a posteri-

dade virá uma vez a decidir se foi justo ou não declinar a proposta por mim apresentada. Como também já disse, isto foi uma tentativa minha para resolver, com um compromisso verdadeiramente único, um problema que interessa intimamente tôda a Nação alemã e, na verdade, resolvê-lo com vantagens para os dois países.

Segundo a minha convicção, nesta maneira de resolver o problema, a Polónia não era de forma nenhuma a parte que dava, mas sim somente a que recebia, porque Dantzig nunca será polaca, e esta afirmação está fora de dúvida.

A intenção de agressão desde essa altura atribuída à Alemanha pela Imprensa mundial, teve como consequência as chamadas propostas de garantia, que vós bem conheceis, e um compromisso do Governo polaco para uma assistência reciproca, o qual obrigaria a Polónia, sob certas circunstâncias, a tomar uma posição militar contra a Alemanha, no caso dum conflito da Alemanha contra qualquer outra Potência que, por sua vez, segundo o plano, arrastaria também a Inglaterra.

Este compromisso está em contradição com o acôrdo firmado outrora por mim e pelo Marechal Pilsudski. Porque neste acôrdo só se tinha tomado em consideração exclusivamente os compromissos que existiam até essa altura, ou sejam os conhecidos compromissos da Polónia para com a França.

Aumentar estes compromissos posteriormente, é ir contra a declaração do pacto de não-agressão estabelecido entre a Polónia e a Alemanha.

Sob estas circunstâncias eu não teria outrora firmado esse pacto. Pois que espécie de sentido podem ter os pactos de não-agressão, se um dos signatários deixa em aberto praticamente uma quantidade enorme de casos excepcionais!

Ou existe segurança colectiva, melhor dizendo, incerteza colectiva e um perigo permanente de guerra, ou tratados claros excluindo também fundamentalmente tôda e qualquer intervenção armada por parte dos signatários.

Por isso vejo que o tratado firmado outrora por mim e pelo Marechal Pilsudski foi violado unilateralmente pela Polónia e, portanto, deixou de existir!

Participei isto ao Governo polaco. Também só posso aqui repetir que isto não significa de maneira alguma uma mudança da minha maneira fundamental de ver os problemas indicados. Se o Governo polaco achar por bem reatar de novo as relações com a Alemanha por meio dum regulamento contratual, só me sentirei com isso muito satisfeito; mas, de resto, sob a condição

indispensável de que um tal regulamento se baseie num compromisso feito duma maneira absolutamente clara e proporcional para as duas partes signatárias. Em todo o caso, a Alemanha está preparada para assumir êsses compromissos e depois também para cumpri-los.

*A sinceridade do desejo do Governo do Reich em criar relações de amizade com a Inglaterra, ainda quando esta mesma Inglaterra já manifestara abertamente, pela garantia dada à Polónia, as suas intenções de destruir a Alemanha, é demonstrada pelos seguintes pontos do mesmo discurso do Führer que se relacionam com a Inglaterra:*

... Durante tóda a minha actividade política tive sempre o pensamento de fortalecer a amizade e a colaboração anglo-alemãs. Na minha acção política encontrei inúmeras pessoas com êste mesmo modo de ver. Talvez até estejam unidas a mim por causa dessa minha maneira de pensar. Êste desejo duma amizade e colaboração anglo-alemãs apoia-se não simplesmente nos meus sentimentos, inspirados na ascendência dos nossos dois Povos, mas sim também na compreensão da importância que representa para a Humanidade a existência do Império britânico.

Nunca deixei ficar dúvidas de que a existência dèste Império representa um factor de valor incalculável para tóda a cultura e economia humanas. Fosse qual fosse a maneira como a Grã-Bretanha conseguiu as suas regiões coloniais (e eu sei perfeitamente que isto aconteceu por meio de violência e até, por vezes, de brutalidade), uma coisa é para mim absolutamente evidente: que nenhum outro Império se criou até agora empregando outros métodos, e que finalmente na História Universal se dá mais importância ao êxito do que aos métodos empregados, e, com efeito, não no sentido do êxito dos métodos, mas sim da utilidade geral que provém dos mesmos.

Indubitavelmente que o Povo anglo-saxónico realizou no mundo um trabalho colonizador incomensurável. Sinto uma admiração sincera por êste trabalho. O pensamento da destruição dèste trabalho, pareceu-me e parece-me, encarado sob um mais elevado ponto de vista humano, como o exponente máximo da ambição humana dum Heróstrato. Mas o meu respeito sincero por êste trabalho realizado não significa uma renúncia à segurança da vida do meu próprio Povo.

Tenho como impossível estabelecer uma amizade duradoira

entre o Povo alemão e o Povo anglo-saxónico, enquanto do outro lado não existir o reconhecimento de que não ha só interesses britânicos, mas também interesses alemães, e que, da mesma maneira que para os homens britânicos a manutenção do Império inglês representa a única razão e finalidade da sua vida, também do mesmo modo a liberdade e a manutenção do Império alemão representam o mesmo para os homens alemães. Só é possível uma amizade verdadeira e duradoira entre estas duas nações sob a condição dum respeito comum.

O Povo inglês domina um vasto Império. Formou-o numa época de sonolência do Povo alemão. Antes era a Alemanha um vasto Império. Dominava ha tempos o Ocidente. Devido a combates sangrentos e a lutas religiosas, assim como por razões de ordem interna, ou seja por separações estaduais, este Império perdeu a sua fôrça e a sua grandeza, caindo finalmente num sono profundo. Mas quando este velho Império parecia que se tinha aproximado do seu fim, começou então a desenvolver-se o germen da sua ressurreição. De Brandenburgo e da Prússia nasceu uma nova Alemanha, o Segundo Reich, e finalmente dêste formou-se agora o Império alemão.

Todos os ingleses devem agora compreender, que nós de maneira nenhuma possuímos o sentimento de inferioridade em relação aos britânicos. Para isso o nosso passado histórico é grandioso de mais!

A Inglaterra presenteou o mundo com muitos grandes homens: a Alemanha não o presenteou com menos. A difícil luta para a manutenção da vida do nosso Povo custou-nos muitas vítimas e muito sangue, no decorrer de três séculos, na defesa do Reich, sacrificios estes que excedem em muito os que os outros Povos fizeram para a sua existência. Se a-pesar-disso a Alemanha, como Estado continuamente atacado, não pôde preservar os seus haveres, mas pelo contrário, teve de sacrificar muitas das suas províncias, foi porque houve um falso desenvolvimento estadual, que teve como consequência um desfalecimento da nação. Por isso nós, os alemães, não temos de maneira alguma a sensação de sermos por ventura inferiores ao Povo inglês. A consideração que temos por nós próprios é precisamente tão grande como a de qualquer inglês perante a Inglaterra. A História do nosso Povo apresenta no seu decurso de quasi 2000 anos momentos e factos suficientes para nos encher dum orgulho sincero.

Se agora a Inglaterra não se esforça por compreender esta nossa maneira de ver os factos, e, pelo contrário, julga talvez a



Alemanha um Estado vassalo, então foi completamente inútil termos oferecido à Inglaterra o nosso amor e a nossa amizade. Não perderemos o ânimo e a coragem, mas acharemos os meios próprios para assegurar a nossa independência e para manter a nossa dignidade, apoiados no reconhecimento da nossa própria força e na força dos nossos amigos.

Eu conheço a declaração do Primeiro Ministro britânico, em que êle garante não poder ter nenhuma confiança nas asseverações da Alemanha. Nestas circunstâncias acho eu que é evidente que não queiramos continuar a manter uma situação, nem para êle nem para o Povo inglês, que só é crível se existir confiança.

Quando a Alemanha se tornou nacional-socialista e com isto se iniciou a sua ressurreição, apresentei eu, por mim próprio, à Inglaterra, em consequência da minha pertinaz politica de amizade para com ela, a proposta duma limitação voluntária do armamento naval alemão. Esta limitação, porém, apoiava-se numa condição absoluta, ou seja na vontade e na convicção de que entre a Inglaterra e a Alemanha nunca mais seria possível uma guerra. Ainda hoje eu possuo esta vontade e esta convicção.

Contudo, sou obrigado a reconhecer que a politica não oficial e oficial da Inglaterra não deixa absolutamente nenhuma dúvida de que em Londres já ninguém possui mais esta convicção, mas, pelo contrário, é opinião reinante de que a Inglaterra terá sempre de tomar posição contra a Alemanha, em qualquer espécie de conflito em que esta uma vez se veja envolvida. Ou seja, lá prevê-se uma guerra contra a Alemanha como a coisa mais natural do mundo. Lamento isto profundamente, porque a única exigência que apresentei à Inglaterra, e que sempre apresentarei, é a restituição das nossas colónias. Mas esclareci perfeitamente que isto nunca seria causa de guerra. Sempre acreditei convictamente que a Inglaterra, para a qual estas colónias não têm valor nenhum, viria uma vez a aperceber-se da situação alemã, e ligaria à amizade da Alemanha muito maior valor do que a objectos que não trazem para a Inglaterra nenhuma utilidade, ao passo que são importantes para a vida da Alemanha.

Contudo, pode-se ainda dizer que eu não apresentei nenhuma reivindicação que fôsse de qualquer maneira chocar com os interesses britânicos, ou que pudesse ter sido perigosa para o Império e, consequentemente, pudesse causar qualquer espécie de prejuizos à Inglaterra. Tenho-me só preocupado com as reivindicações, das quais dependem os interesses vitais alemães e, por consequência, de tudo que está dentro do quadro daquilo.

que pertence eternamente à nação alemã. Mas se a Inglaterra mostra actualmente na Imprensa e oficialmente a maneira de ver que, em quaisquer circunstâncias, tem de entrar contra a Alemanha, provando isto com a sua politica, bem conhecida por nós, de nos querer pôr um cerco, então está completamente posta de lado a base do tratado naval. Portanto decidi-me a comunicar isto, hoje mesmo, ao Governo britânico.

Isto não representa para nós um motivo material, porque eu confio ainda e sempre que podemos evitar uma corrida de armamentos com a Inglaterra, mas representa um acto de consideração por si mesmo. Se, porém, o Governo britânico achar por bem entrar mais uma vez em negociações sobre este problema com a Alemanha, então ninguém se poderá julgar mais feliz do que eu por poder chegar talvez ainda a um entendimento claro e insofismável.

De resto, eu conheço o meu Povo e conto absolutamente com êle. Nós não queremos nada que outrora nos não tenha pertencido; nunca nenhum Estado será roubado por nós naquilo que lhe pertence, mas todo aquêle que julgar poder atacar a Alemanha encontrará uma força e uma resistência incomparáveis com as de 1914.

*Com o discurso no Reichstag, em 28 de Abril, o Führer fez um traço sob seis anos de esforços sinceros e pacientes para angariar a amizade polaca. Não obstante, mais uma vez neste momento êle estendeu a mão à Polónia, declarando-se, ainda hoje, disposto a celebrar, pela Alemanha, um novo ajuste. Longe de fazer uso desta oferta, a Polónia respondeu com o discurso arrogante de Beck, em 5 de Maio, com o aumento da propaganda germanófoba e com uma corrente continua de discursos e manifestações agitadoras da Imprensa. De parte competente polaca foi, finalmente, confirmado que Beck não se tornara somente o prisioneiro do chauvinismo polaco, como também dos esforços ingleses para cercar a Alemanha.*

**O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia,  
em 23 de Maio de 1939**

Relatório

Varsóvia, 23 de Maio de 1939

Nestes dias tive oportunidade para uma conversação com o Subsecretário de Estado Arciszewski, e desta parece-me digno de nota o seguinte:

O sr. Arciszewski estava manifestamente interessado em esclarecer que a modificação da politica polaca, tal como se reflecte na declaração de garantia anglo-polaca, não pode ser atribuída à iniciativa pessoal do Ministro Beck. O sr. Beck teve que fazer toda esta politica com repugnância íntima, sob a pressão dos militares e da opinião pública. Afinal já não estava mais em condições de poder repelir a oferta inglesa. Foi sempre adiando a discussão do assunto em público, por considerá-la inoportuna, em virtude do ambiente aqui existente, até que, pelo discurso do Führer, se viu obrigado a responder. A sua resposta perante o Sejm, na qual forçosamente teve que defender uma politica que não é a sua, assim como o entusiasmo que o seu discurso despertou aqui na opinião pública, somente o encheram de amargura. O sr. Arciszewski descreveu de forma dramática, como o sr. Beck no dia seguinte àquele em que pronunciou o seu discurso no Sejm, num acesso de ira atirou para um canto um grande maço de telegramas de felicitações. O sr. Beck ainda hoje continua a ser na realidade um partidário da politica antiga. Parece-lhe também especialmente disparatado que justamente dois países relativamente pobres como a Alemanha e a Polónia tenham que combater-se, o que afinal só pode favorecer os países ricos.

Esta exposição poderá parecer um tanto colorida. Em todo o caso, diversas observações concordam em que o sr. Beck no decurso dos últimos meses contava cada vez com menos adeptos para continuar na linha que a nosso respeito fóra traçada pelo Marechal Pilsudski. Quando, depois, houve a possibilidade de receber uma garantia inglesa das fronteiras polacas ocidentais, foram ostensivamente os círculos militares que ocasionaram esta transformação politica. Depois, viu-se o sr. Beck obrigado a tomar

parte nesta política, pois que de outro modo não teria conseguido manter-se.

von Moltke

*Em Maio rejeitara a Polónia definitivamente a proposta duma convenção amigável. Mas de parte da Inglaterra também, nos quatro meses seguintes, nada sucedeu que tivesse induzido a Polónia de modo algum a procurar entrar em negociações com a Alemanha. Ao contrário, a arrogância polaca foi então encorajada, a olhos vistos, pela Inglaterra. Em princípios de Maio, realizou-se uma conversação a êste respeito entre o Embaixador francês Coulondre e o Secretário de Estado Weizsäcker, na qual isso foi claramente manifestado pelo lado alemão. Entrementes, a política de cerco britânica contra o Eixo foi continuada com tôda a fôrça. Já no dia 12 de Maio pôde Chamberlain apresentar-se na Câmara dos Comuns com uma declaração sôbre um pacto provisório de assistência anglo-turco, enquanto que por outro lado a Inglaterra e a França aumentavam até à humilhação os esforços em volta da Rússia. Neste tempo, o Cônsul Geral alemão em Nova York remeteu um telegrama ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, do qual se depreendia claramente que também em círculos americanos já havia a convicção de que, de qualquer forma, a Inglaterra pretendia a guerra.*

N.º 51 (304)

**O Cônsul Geral alemão em Nova York ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Nova York, em 25 de Maio de 1939**

Telegrama

Nova York, 25 de Maio de 1939

Um importante homem de negócios americano, ao regressar duma viagem pela Europa, manifestou confidencialmente aos seus amigos a opinião de que na actualidade ha mais perigo de guerra por parte da Inglaterra do que por parte da Alemanha. O Governô inglês está hoje decidido a acabar com a constante tensão internacional, cheia de momentos de perigo para a segurança do Império, e aproveitará a primeira ocasião que a Alemanha der.

para forçar a decisão. A única condição para isso é a celebração dum pacto com a Rússia Soviética. Esta comunicação confidencial foi ligada à recomendação de tomar, o mais depressa possível, as disposições comerciais de acôrdo com esta situação.

O negociante parece que falou do mês de Setembro como data mais favorável para a acção inglesa, enquanto que outras notícias de Wallstreet citam uma data para um pouco mais tarde — talvez Outubro.

A recente declaração do Chanceler do Tesouro britânico na Câmara dos Comuns, em que previne o mundo comercial inglês contra a continuação de inversão de capitais em créditos americanos, para impedir como resultado o empobrecimento do mercado de capitais britânico, é considerada em círculos bem informados da Wallstreet como confirmação deste modo de pensar.

Os mesmos círculos julgam digno de consideração o artigo do jornalista americano Demaree Bess, de Paris, publicado no «Saturday Evening Post», segundo o qual, já no Inverno passado, um oficial da marinha inglesa de alta patente declarou que uma provocação intencional à Alemanha era a única saída para a Inglaterra, opinião esta que, segundo manifesta Bess, ganhou considerável terreno em Londres, desde a constituição do Protectorado da Boémia e Morávia.

Borchers

*Na realidade, desde princípios de 1939, políticos britânicos dirigentes serviram-se dum método para ofender e provocar intencionalmente a Alemanha e o seu Führer, método este jamais empregado na História anglo-alemã.*

*No decorrer do mês de Junho, realizou-se o entendimento definitivo entre Chamberlain, ou seja o Governo britânico, e a oposição Churchill-Eden, que só foi possível sobre a base de ser feita uma guerra preventiva contra a Alemanha. Finalmente, no dia 23 de Junho, foi prestada uma declaração franco-turca sobre a assistência mútua, completando a declaração anglo-turca de 12 de Maio. Nos fins de Junho, proferiu então Halifax o seu conhecido discurso na Chatham-House, em Londres, no qual declarou estar a Inglaterra preparada para a guerra. Ao mesmo tempo, realizaram-se conversações dos Estados-Maiores francês e inglês, nas quais foi discutido o comando superior comum na guerra próxima.*

**O Embaixador alemão em Londres ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres,  
em 29 de Junho de 1939**

Relatório

Londres, 29 de Junho de 1939

A visita do general Gamelin a Londres, em princípios de Junho, serviu, sem dúvida, para discutir, entre outras coisas, questões do comando superior comum. Tratou-se, por esta ocasião, das prováveis frentes de guerra (Europa Ocidental, Mediterrâneo Ocidental, Próximo e Extremo Oriente).

Não se conhece o resultado final. Pode-se, no entanto, supor com razão, que o comando superior em terra na Europa Ocidental ficará em mãos francesas. A questão da responsabilidade d'este chefe superior perante uma corporação inter-aliada, evidentemente não ficou esclarecida. Dá-se grande importância a esta questão por parte da Inglaterra, como demonstram várias interpelações no Parlamento. O próprio Primeiro Ministro prestou-se, no dia 14 de Junho, no Parlamento, a dar somente uma informação muito prudente, da qual se pode depreender que a questão do comando superior não havia sido ainda esclarecida definitivamente até este momento. Segundo se diz, os franceses mostraram-se muito difíceis e exigentes nas respectivas negociações, pelo que os ingleses não estão de forma alguma satisfeitos.

E' preciso contar também entre as negociações com a França as conversações dos Estados-Majores que acabam de ser terminadas em Singapura, nas quais, a par da solução da questão do comando superior comum, que deveria estar, provavelmente, em mãos inglesas, tratou-se da utilização das bases marítimas e aéreas britânicas pela França. Também aqui não se conhece ainda o resultado definitivo.

Por ordem

von Selzam

**O Embaixador alemão em Londres ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres,  
em 10 de Julho de 1939**

Relatório

Londres, 10 de Julho de 1939

Depois de alguns dias, fracassou pelo seu carácter mentiroso a campanha de difamação a respeito de um suposto ataque de surpresa projectado pela Alemanha contra Dantzig.

Com êle teria terminado este novo capítulo dos esforços dos nossos inimigos para precipitar o Reich numa guerra mundial. Mas nestes poucos dias revelou-se na opinião pública inglesa um ambiente que merece séria atenção.

Uma série de factores diversos, — como sejam a acção de cerco dirigida pelo Governo contra a Alemanha, a propaganda do rearmamento, a instituição do serviço militar obrigatório geral, a organização da defesa anti-aérea e, sobretudo, a onda de propaganda germanófoba feita na Imprensa, no cinema, no teatro e na rádio — fez que a opinião pública inglesa, tão susceptível a reacções emotivas, tenha chegado a um estado de espirito, no qual o conceito «guerra» é o foco das ideias e das conversas. Apenas ha divergências na resposta à pergunta: — É ou não inevitável uma guerra? A maior parte do tipo comum inglês responde, por sentimento, positivamente, uma minoria mais meditativa e ponderada emite opinião contrária, convencida de que, dentro das relações anglo-alemãs, devia ser possível, com boa vontade, resolver todos os pontos existentes em litígio, e ainda porque uma guerra, mesmo vitoriosa, a ninguém traria vantagens.

Contudo, também estes círculos sensatos estão influenciados pelo reconhecimento das medidas adoptadas pelas forças armadas britânicas, a saber: — aprestamento da frota para fins de Julho, acabamento da instrução militar e execução de medidas organizadoras para a mesma data.

von Dirksen

*Em meados de Julho, surgia em Londres, pela primeira vez, o receio de que a política de cerco pudesse fracassar, devido à União Soviética. Era significativo que em Londres se começasse a temer que, com isto, a Polónia ainda agora poderia entrar em*

*negociações com a Alemanha, pelo que fracassaria o plano de guerra preventiva, tão cuidadosamente organizado.*

N.º 54 (319)

**O Embaixador alemão em Londres ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres,  
em 15 de Julho de 1939**

Telegrama

Londres, 15 de Julho de 1939

Segundo noticias de fonte fidedigna, aumentou, dum modo considerável, nos últimos tempos, a preocupação dos círculos políticos influentes desta cidade sobre a realização dum ajuste germano-russo. Reiceia-se, antes de tudo, que a consequência lógica dum tal ajuste seja o esforço dos polacos para, por sua parte, se aproximarem agora de Berlim, depois de ter desaparecido a defesa russa da sua retaguarda.

Quanto à politica interna, receiam-se as consequências desagradáveis dum tal ajuste germano-russo e duma moderação do antagonismo germano-polaco, pois que nestes casos o lema eleitoral seria fundamentalmente prejudicado. Os eleitores perguntariam, porque é que o Governo desperta há tantos meses um ambiente bélico e tenta formar uma frente politica contra a Alemanha, a-pesar-de fallar a razão íntima para um tal procedimento, por ter melhorado a atmosfera das relações da Alemanha com a Rússia e a Polónia.

Dirksen

*Em fim de Julho, a-fim-de se assegurar por todos os modos da aliança russo-soviética, a Inglaterra declarou-se pronta a encetar negociações militares antes das negociações politicas terem sido concluidas. Isto constituiu um acontecimento que Chamberlain classificou, na Câmara dos Comuns, como único no seu género.*



## O Embaixador alemão em Paris ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Paris, em 28 de Julho de 1939

Telegrama

Paris, 28 de Julho de 1939

Sobre as negociações de Moscovo sei, por informações de círculos geralmente bem informados, o seguinte:

I. Se a Inglaterra e a França estão agora dispostas, não só a entabular conversações militares antes de chegar a um acôrdo sobre o tratado político, mas também a executar estas com especial afincio, isso é devido, principalmente, a três considerações:

1. A Inglaterra e a França querem evitar, a todo o custo, que se adiem ou se rompam as negociações, porque julgam que, enquanto elas estiverem em andamento, a Alemanha nada empreenderá em Dantzig. As negociações políticas tinham chegado a uma certa conclusão, depois de produzir-se um acôrdo sobre todos os pontos, salvo sobre a definição de agressão indirecta e as modalidades de auxilio a prestar. No último ponto são tantas as considerações militares que entram em jôgo, que não é possível avançar sem a realização simultânea de conversações militares.

2. Com o envio de duas missões militares representativas a Moscovo, pensa-se poder predispor também o ambiente para a celebração do tratado político.

3. Com um acôrdo eventual dos militares, esperam também os políticos poder exercer uma pressão para superar as últimas dificuldades, se bem que não se oculte que, do lado russo, nas conversações militares, se discutirá, além do problema dos Estados Bálticos, o difícil problema do consentimento do auxilio militar à Polónia e à Roménia.

II. A celebração do acôrdo anglo japonês parece que foi utilizada pelos ingleses, nas negociações de Moscovo, no sentido seguinte: A Inglaterra comprou muito caro as negociações sobre Tientsin, pelo reconhecimento dos interesses do Japão na China, limitado à duração do conflito. Viu-se obrigada a isso, porque precisa ter as mãos livres na Europa, enquanto nas negociações de Moscovo não se chegar à celebração dum tratado. Se êste fracassasse, a Inglaterra ficaria em má situação com respeito à sua posição na Asia Oriental, e a Rússia encontrar-se-ia exposta a uma pressão japonesa cada vez mais forte.

III. Com relação às negociações de Moscovo, parece que foi

discutido, pela parte inglesa e francesa, a existência do tratado germano-russo de 1926. Examinou-se a questão de se poder exigir dos russos, ou a denúncia do tratado, ou uma declaração sobre a sua falta de importância, mas parece que se relegou esta questão para não dificultar ainda mais as negociações.

IV. A missão militar francesa, que está em formação, será, ao que parece, chefiada pelo general Doumenc, chefe da 2.<sup>a</sup> região em Lille. Este pertence à arma de artilharia e é considerado como um oficial de capacidade especial; durante a Grande Guerra foi o organizador do automobilismo, e antes de assumir um comando na frente, onde começou por comandar a 1.<sup>a</sup> divisão em Lille, foi chefe substituto do Estado Maior de Weygand.

Welczek

*A conclusão do pacto de não-agressão germano-russo deu o golpe mortal na política de cerco britânica. Esta acção dirigida contra a Alemanha fracassou, pelo menos na concepção manifestada por Lord Halifax. Mas a Inglaterra tinha destruído, com toda a intenção, as pontes para uma solução pacífica, e deixava agora campo aberto à fatalidade. Entrementes, a Polónia tornara-se, há muito tempo, instrumento da política de guerra inglesa, e a Inglaterra nada mais fez para, ainda na última hora, exercer um efeito moderador.*

## CAPITULO TERCEIRO

### A Polónia como instrumento da vontade bélica inglesa

#### Documentos 55 — 100

##### A) O efeito da garantia britânica:

##### A campanha de extermínio polaca contra o grupo étnico alemão e contra Dantzig

Com o repúdio das últimas propostas alemãs para uma solução pacífica, a Polónia regressara exteriormente ao papel de inimigo hereditário da Alemanha, que assumiu em 1919, e que nem mesmo em 1934 tinha abandonado interiormente. Protegido pela promessa de garantia britânica, o Governo polaco abandonou os últimos escrúpulos e iniciou logo uma campanha de extermínio contra o grupo étnico alemão, a qual ultrapassou tudo o que se tinha observado até aí, e visava o objectivo claramente perceptível de destituir por completo dos seus direitos o elemento alemão e obter finalmente o seu extermínio total. De mãos dadas com isto, a Polónia praticou uma política de provocações cada vez mais descarada, tanto contra Dantzig, cuja incorporação no Estado polaco foi elevada a pouco e pouco à categoria de ponto de programa da política oficial, como contra a própria Alemanha. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, tornou-se cada vez mais num prisioneiro da política britânica de cerco e do chauvinismo polaco por ela alimentado, aos quais Beck se submeteu, renunciando à linha política que tinha mantido até então. A Polónia optara definitivamente pela política de cerco contra a Alemanha e tinha principiado a fornecer, em grandes proporções, a sua contribuição para essa política na luta contra a população de sangue alemão no seu próprio território nacional.

Enquanto os representantes diplomáticos e consulares alemães na Polónia tinham de informar constantemente o seu Governo de novos excessos polacos de violações de direito contra a população

*de origem alemã, os representantes desta tentaram ainda uma vez, por uma petição ao Presidente do Estado polaco, conseguir fazer cessar os abusos mais graves.*

N.º 56 (369)

### **Requerimento dos representantes do grupo étnico alemão ao Chefe do Estado polaco, em 12 de Maio de 1939**

Em nome do grupo étnico alemão na Polónia suplicamos a V. Ex.ª, sr. Presidente, usufruidor dos poderes unos e indivisíveis do Estado, se digne fazer valer e respeitar os direitos que lhe são garantidos pela constituição e pelas leis. Vemo-nos obrigados a dar êste passo, depois de termos apresentado debalde perante o Governo inúmeras reclamações escritas e verbais acompanhadas de provas claras. Além disso, recordamos ainda as palavras de V. Ex.ª, sr. Presidente, dirigidas aos signatários, em 5 de Novembro de 1937, quando do acôrdo realizado entre os Governos polaco e alemão, a respeito do tratamento de ambos os grupos étnicos. V. Ex.ª destacou, então, como a mais importante premissa para a colaboração amigável entre polacos e alemães, o respeito mútuo pelos elementos nacionais.

A situação do grupo étnico alemão tem sido sempre difícil. As tensões originadas pela evolução da política mundial deram origem, desde há semanas, a um ódio encarniçado e a numerosos actos de violência contra o grupo étnico alemão e seus membros. Obtivemos do Governo a promessa verbal de desacôrdo com os excessos anti-alemães e de ordens dadas com o fim de evitar provocações e desordens. O grupo étnico alemão não encontrou, porém, qualquer protecção eficaz. Teme até o perigo do seu aniquilamento. O número de operários alemães sem trabalho é enorme e aumenta constantemente, em especial nas regiões industriais.

Os organismos de direito social negam aos alemães a sua protecção. É-lhes vedada a possibilidade de trabalhar.

Tem-se submetido à reforma agrária a propriedade rústica alemã em muito maiores proporções do que a propriedade polaca, ao passo que a concessão de terras a alemães nas novas feitorias constitue uma extraordinária excepção. Mesmo em casos de herança directa, o alemão não pode, sem delongas, exigir as suas terras.

Impediram-se as relações culturais, sociais, económicas e pessoais, assim como também o tráfico com o nosso Povo irmão. A adesão à ideologia nacional-socialista é considerada como um acto hostil ao Estado. Aos católicos alemães é dificultado, ou mesmo tornado impossível, por elementos anti-alemães, o exercício dos seus deveres religiosos na sua língua materna, sem possibilidade de apêlo para a protecção das autoridades. No que diz respeito às igrejas evangélicas, principalmente à «Igreja Evangélica Unida» da Alta Silésia, e à «Igreja Evangélica de Augsburg», foram os alemães privados de todos os direitos, embora constituam a maioria preponderante da comunidade evangélica.

Nas escolas públicas alemãs são de tal forma empregados elementos docentes polacos, que perderam já o carácter de alemãs. Para a formação de novas gerações de professores não existe qualquer organismo alemão. As escolas particulares alemãs encontram inúmeras dificuldades. O encerramento dessas escolas, principalmente na Volínia, priva o grupo étnico alemão dos seus centros docentes mais importantes. O Sejm da Silésia tomou disposições especiais, que ultrapassam as leis do Estado, segundo as quais se nega autorização para o estabelecimento duma nova escola particular alemã e se impede a frequência das outras escolas particulares alemãs existentes. Na Voivódia da Silésia estão-se fazendo exames de línguas sem qualquer base legal. Os pais alemães que se negam a mandar os filhos à escola polaca pagam pesadas multas não só em dinheiro mas também em dias de prisão. A questão dos livros de texto para as escolas particulares alemãs ainda não está solucionada apesar dos esforços realizados há largos anos. A concessão do direito de ensinar é muitas vezes negada aos professores. A inspecção escolar é exercida exclusivamente por polacos. As autoridades escolares não mostram a mínima compreensão pelo carácter especial da escola alemã, nem o tomam em linha de conta.

A reunião da juventude alemã numa associação para levar a cabo actividades de carácter educativo e cultural tem fracassado até hoje devido à resistência das autoridades. As crianças alemãs são completamente abandonadas a si mesmas na idade em que se mostram mais propícias à educação.

Sobre estas questões, resumidas aqui o mais possível, há anos que se tem apresentado ao Governo memoriais e propostas absolutamente fundamentadas. O Governo está pormenorizadamente esclarecido acêrca das solicitações do grupo étnico alemão. Desde que se promulgou a constituição de 17 de Março de 1921, os repre-

sentantes do grupo étnico alemão esforçam-se baldadamente por obter do Governo e dos órgãos legislativos que se promulguem as leis para cumprimento do artigo 109 (1). A ideia modelar que este artigo encerra permaneceu apenas numa mera declaração. As circunstâncias actuais devem-se à falta dum claro ordenamento jurídico para com o grupo étnico alemão.

A minoria alemã está absolutamente persuadida de que o tratamento de que é vítima está em desacôrdo com a constituição e em muitos casos com as intensões do legislador.

Atendendo à responsabilidade que nos pesa perante a República polaca, assim como perante o nosso grupo étnico, julgamos ser do nosso direito e dever levar isto directamente ao conhecimento de V. Ex.<sup>ª</sup>, sr. Presidente, pedindo a garantia dos direitos que a constituição concede à minoria alemã, assim como a segurança da aplicação das leis; sem diferença de trato, mas simplesmente apenas como o direito o determina.

Com a mais alta consideração

Em nome do grupo étnico alemão.

Senador Erwin Hasbach. Eng.<sup>º</sup> Dipl. Rudolf Wiesner

N.º 57 (370)

### O Cônsul alemão em Lodz ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 15 de Maio de 1939

Relatório

Lodz, 15 de Maio de 1939

Gravíssimos acontecimentos, que podem designar-se como um «pogrom» de alemães, ocorreram no sábado e domingo passados (13 e 14 de Maio) na cidade de Tomaschow-Mazowiecki (cêrca de

(1) O artigo 109 da constituição polaca era do teor seguinte:

*Todo o cidadão tem o direito de conservar a sua nacionalidade e de cultivar o seu idioma e as suas características nacionais.*

*Leis especiais asseguram às minorias no Estado polaco a absoluta liberdade de desenvolvimento das suas características nacionais por meio de associações autónomas minoritárias usufruindo do direito público na mesma extensão que as associações de autonomia geral.*

*O Estado, no que diz respeito à actividade das associações minoritárias, terá o direito de fiscalizar e auxiliar financeiramente, caso seja necessário.*

42.000 habitantes, dos quais 3.000 pouco mais ou menos são alemães), o que originou a perda de numerosas vidas alemãs. Ao alemão Schmiegel fracturaram o crâneo, e uma mulher, cujo nome ainda não pude averiguar, foi morta à paulada quando fugia através dum campo. O filho de Schmiegel, que foi arremassado pela janela do segundo andar duma casa, está gravemente ferido.

Os tumultos começaram no sábado, 13 de Maio. Alguns dias antes a «Associação dos Sindicatos Polacos», grupo simpatizante do partido governamental, anunciava com grandes cartazes «uma manifestação contra os alemães» para sábado, dia 13 de Maio. Esta começou com discursos da varanda dum edificio onde a associação citada, o partido governamental — OZON — e a organização da sua juventude «Młoda Polska» (Jovem Polónia) tinham as suas instalações. Nos discursos, perante uma grande multidão, fizeram-se os piores ataques à Alemanha. Afirmou-se que os polacos eram horrivelmente tratados no Reich, fracturando-se-lhes os pés e as mãos, destruindo-se-lhes as escolas e as igrejas, e outras coisas deste género. Quando a população já estava suficientemente amotinada, os chefes da manifestação entregaram uns impressos a diferentes elementos duvidosos que, acompanhados da massa popular, deviam exigir das direcções das fábricas a expulsão imediata dos alemães lá empregados e a assinatura dos citados impressos, que continham a declaração de despedida dos referidos alemães; isto realizou-se. Debaixo da pressão da população viram-se as empresas obrigadas a assinar aquelas declarações e em vista disso a expulsarem os trabalhadores alemães das suas fábricas. Conseguindo isto, começou a turba popular a demolir completa e sistemáticamente todas as lojas e propriedades particulares alemãs. Com uma fúria selvagem, destruíram quasi toda a propriedade particular alemã. Os alemães foram perseguidos como proscritos, tendo de refugiar-se nos campos e voltar somente depois do romper da madrugada. Muitos foram consideravelmente feridos à paulada e à facada.

Durante o domingo, a principio, reinou calma. À noite, porém, os tumultos recommençaram e a população acabou então por destruir tudo o que da propriedade particular alemã tinha, na véspera, ficando intacto. Merece especial destaque o facto da policia se ter juntado aos manifestantes e nada ter feito no sentido de defender a vida e a propriedade dos alemães. Pode dizer-se, sem receio de exagerar, que estes acontecimentos se desenrolaram com o consentimento do Governo, se é que se não deram com a sua própria indicação. Agora, depois de praticados os descritos actos de terror e

para salvar as aparências, destacamentos de policia, de baioneta calada, patrulham as ruas da cidade.

Em Lodz, na noite de sábado, foram estilhaçados os vidros das vitrinas da livraria Ruppert, na rua Petrikau, que vende livros e revistas alemãs. As vidraças da absolutamente apolítica «Associação Profissional dos Empregados Alemães», foram também destruídas. Além disso, ocorreram ontem, domingo, os seguintes excessos: no cinema «Stylowy», enquanto se exhibia o filme alemão «Terra de amor», apareceram terroristas, que não só obrigaram o público a abandonar o cinema, como ainda correram as pessoas que desordenadamente fugiam, batendo-lhes com paus cravados de pregos.

Não existindo de momento nenhum motivo que deixe antever a suspensão destes actos de terror, considera-se a situação como muito grave para os alemães que aqui se encontram. Em proporção crescente decidem-se estes a emigrar, vendendo todos os seus bens imóveis, pois consideram em perigo a sua existência na Polónia. Teme-se que os polacos, uma vez perdido o resto de timidez que ainda porventura possuem, não recuem perante nenhum acto brutal. A população alemã daqui considera-os muito piores que os mais temíveis terroristas dos passados tempos russos.

von Berchem

N.º 58 (385)

**O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia,  
em 19 de Junho de 1939**

Relatório

Varsóvia, 19 de Junho de 1939

A situação da minoria alemã tem piorado sensivelmente no decorrer das últimas semanas, e a campanha de agitação adquiriu proporções como nunca observei aqui desde que ocupo este cargo.

Na terça-feira, dia 13, o Senador Hasbach esteve com o Presidente do Conselho para mais uma vez tentar por este caminho uma melhoria da situação. Imediatamente depois desta conversa ocorreu, porém, o golpe mais forte que até hoje a população de sangue alemão sofreu na Polónia: a expropriação da Casa Alé-



nã em Bromberg, encerramento e confiscação da Casa Alemã em Lodz, da Casa da Associação Evangélica em Posnan e da Casa Alemã em Tarnovice. Sôbre o encerramento em grande escala de organismos na Volínia estão-se fazendo ainda averiguações.

Tratarei, claro está, também destas medidas gravíssimas tomadas pelas autoridades do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Contudo, depois da experiência dos últimos tempos, duvido que lá se esteja inclinado a modificar a atitude para com o grupo étnico alemão. Já na minha última conversa com o conde Szembek, a qual eu já em 15 de Junho noticieei, tratei com grande insistência da difficilissima situação da minoria, chamando a atenção para o estado de coisas que cada vez se torna mais ameaçador. Manifestei também a minha estranheza perante o facto do já existente espírito anti-alemão, que continuamente dá origem a conflitos, ser agora também partilhado pelas autoridades, que oprimem a minoria alemã com rigorosas medidas administrativas.

O conde Szembek referiu-se ao confisco da Casa Polaca de Ratibor. Respon-di-lhe que êle sabia perfeitamente que neste caso apenas se tratava duma represália por causa da confiscação das Casas Alemãs de Karwin e Oderberg, e que nós estamos prontos a devolver a Casa Polaca de Ratibor, se por parte da Polónia forem anulados os encerramentos de Karwin e Oderberg. Nós encontramos-nos numa situação periclitante e devemos ter sérios cuidados com o futuro desenvolvimento das coisas. À minha pergunta se êle considerava oportuno pôr têrmo à politica perigosa das autoridades internas, respondeu o conde Szembek apenas com um resignado encolher de hombros. Referiu-se, lamentando, ao rápido piorar da situação, mas não mostrou qualquer desejo de tomar iniciativas para produzir, como eu suggeria, uma mudança das medidas combativas tomadas contra a minoria alemã.

É um lamentável sintoma, pois que, inclusivamente o próprio conde Szembek, em quem se encontrava sempre uma boa disposição para compreender e fazer desaparecer as dificuldades que surgiam, evidentemente também já não vê qualquer possibilidade de se opor à perigosa evolução das coisas. Se é o Ministério dos Negócios Estrangeiros que não quiere intervir, ou se de facto não pode opor-se às correntes nacionalistas dos militares, é difficil descortinar.

Já em informações precedentes tenho referido repetidas vezes como se tornou difficil a situação do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Beck, durante os últimos meses, e como a influência dos círculos militares polacos na politica externa se tem tornado cada

vez mais forte. Tenho a impressão de que nada se modificou neste estado de coisas.

von Moltke

N.º 59 (400)

### **O Cônsul alemão em Lemberg ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Lemberg, em 15 de Julho de 1939**

Relatório

Lemberg, 15 de Julho de 1939

Durante o mês de Junho as autoridades polacas tomaram medidas rigorosas contra as organizações alemãs da Volinia. Sob o ponto de vista económico os alemães foram afectados pelo facto de lhes terem fechado numerosas cooperativas. Especialmente brutal é o procedimento da policia polaca contra os organismos alemães, que são combatidos com os mesmos meios com que se combatem as organizações políticas e económicas dos ucranianos. A politica polaca na maior parte das vezes procede da seguinte forma: maltrata os chefes dos grupos locais, tanto tempo quanto necessário para que estes se obriguem por escrito á dissolução do grupo local. Maus tratos, de crueldade requintada, sofreu o chefe do grupo de Harazdze, perto de Luck. Tenho tido conhecimento de casos idênticos que se têm passado nos seguintes centros de população alemã na Volinia: Wicentówka, Stanislawka, Stary, Zapust, Podhajce e Ochocin.

Seelos

N.º 60 (407)

### **O Cônsul alemão em Lemberg ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Lemberg, em 9 de Agôsto de 1939**

Relatório

Lemberg, 9 de Agôsto de 1939

O germanismo de forte vitalidade, que há 150 anos lançou raizes na Galicia e que conta cerca de 55.000 pessoas, teve já de vencer várias crises no decorrer das últimas décadas. A crise actual é, porém, mais profunda, pois ela não é só de índole econó-

mica, mas ameaça também os fundamentos da vida nacional. Há cerca de três meses torna-se aos alemães cada vez mais difícil, ou mesmo impossível, a sua actividade nacional.

Várias escolas alemãs foram fechadas já em Junho de 1939, como por exemplo as escolas primárias católicas particulares de Angelówka e Pöchersdorf e as escolas evangélicas de Kaltwasser e Rosenberg. As outras escolas primárias sucederá com certeza o mesmo em Setembro, princípio do próximo ano escolar.

Os empregados e operários alemães que trabalhavam em emprêsas polacas oficiais e particulares estão a ser despedidos sistemáticamente há alguns meses. Uma fábrica de papel pertencente a um alemão foi oficialmente chamado à ordem pelo governador civil por ter empregados alemães a mais. Assim estão limitadas, mesmo nas emprêsas alemãs, as possibilidades de trabalho. Aos segundos e terceiros filhos dos lavradores veda-se pouco a pouco a possibilidade de exercer qualquer profissão.

Nas aldeias habitadas por alemães e polacos encontram-se os alemães sob a constante pressão da atitude inimiga daqueles. Caso a tensão germano-polaca se complique, ha que contar com o pior, inclusivamente que sejam incendiadas casas e que a vida das pessoas corra perigo. Há algumas semanas quási todo o lugar de Schönthal foi vítima dum incêndio de fôgo pôsto. Num outro ponto tentou-se deitar fôgo às colheitas.

A juventude alemã da Galícia já não tem qualquer perspectiva de futuro, por ser oprimida sem o mínimo escrúpulo por meio de prisões, trapaças, agressões, etc. Em consequência disso, há dois meses para cá iniciou-se uma enorme emigração, que em alguns centros populacionais alemães, como por exemplo, Josefsberg, abrange quási todos os jovens.

Seclos

N.º 61 (410)

**Notas dum funcionário da Secção Política do Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim,  
em 1 de Agosto de 1939**

Berlim, 16 de Agosto de 1939

O Vice-Cônsul Schüller, do Consulado Geral da Alemanha em

Catovice acaba de comunicar telefonicamente de Beuthen o seguinte:

Os receios do Consulado Geral acérca de futuras prisões de alemães confirmaram-se. Na segunda e na terça-feira fizeram-se buscas em grande escala às casas de alemães; em seguida foram presos muitos alemães (calcula-se que sejam algumas centenas), entre os quais se encontram numerosos chefes de organizações alemãs que não conseguiram fugir.

Schliep

N.º 62 (412)

**O Cônsul Geral alemão em Catovice ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Catovice,  
em 16 de Agosto de 1939**

Telegrama

Catovice, 16 de Agosto de 1939

Anunciada acção autoridades polacas realiza-se desde 14 de Agosto. Numerosas prisões e buscas aos domicílios, principalmente nos centros do «Jovem Partido Alemão» (Jungdeutsche Partei), na União Étnica (Volksbund) e nos sindicatos, número de prisões aproximadamente cêrca de 200. Encerramentos jornais alemães, sindicatos, etc. Fronteira quasi completamente fechada. Acção contra fugitivos ainda em prosseguimento. Vigilância e armamento aumentados na região fronteiriça.

Nöldeke

N.º 63 (415)

**Notas dum funcionário da Secção Política do Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim,  
em 20 de Agosto de 1939**

Berlim, 20 de Agosto de 1939

Têm chegado continuamente ao Ministério dos Negócios Es-

trangeiros durante os últimos meses notícias dos consulados da Alemanha na Polónia a respeito das brutalidades, às quais está exposta a população de sangue alemão pelos polacos, cada vez mais desenfreados e completamente irascíveis no seu fanatismo. No anexo vão juntos 38 casos de extraordinária gravidade nos quais é de notar o carácter uniforme com que os assaltos aos alemães são postos em cena. Relacionando-se com isto parece justificada a pergunta: Até que ponto consentem ou favorecem as autoridades êstes excessos?

A-pesar-das promessas feitas repetidamente à Embaixada alemã em Varsóvia pela autoridade polaca competente, de que o Governo da Polónia empregaria tôda a sua autoridade para impedir a perseguição dos alemães, não se pode resistir à impressão de que os centros oficiais favorecem tanto quanto podem os excessos contra a população alemã, com o fim de manter desta maneira o povo polaco em alitude belicosa.

Bergmann

#### Anexo

1. No dia 2 de Abril, oito sócios do clube desportivo alemão em Kl. Komorsk, comarca de Schwetz, no prédio do alemão Pankratz, foram atacados por alguns polacos que os agrediam com mocas e manguais. Um dos espancados foi lançado a uma fossa de latrina. O alemão Pankratz ficou em tal estado, que o médico o declarou incapaz para o trabalho durante seis semanas. No dia seguinte foi Pankratz preso pelo policia.

2. No dia 17 de Abril de 1939, o alemão Fritz Pawlik, de Cis-zowieco, foi de tal maneira espancado por um grupo de polacos chefiado pelo polaco Malcharek, que teve de ser transportado sem sentidos para casa dos pais. Embora se encontrasse inanimado, não consentiram as autoridades polacas a sua entrada no hospital no dia seguinte.

3. No dia 19 de Abril de 1939, os alemães Pedro Kordys e Ricardo Mateja foram atacados em Catovice por cerca de 40 revoltosos. Os dois alemães foram espancados de tal maneira que o Kordys teve de fugir banhado em sangue, enquanto que o Mateja ficou estendido com ferimentos de gravidade. Êste foi dali transportado pelo policia para a cadeia do tribunal, sem que o médico o tivesse examinado.

4. No dia 23 de Abril de 1939, foi agredido e ferido em Chorzow por um grupo de revoltosos o distribuidor do «Kattowitzer Zeitung», o inválido Cofalka, de idade avançada e que ouve com dificuldade. Cofalka, em consequência do ataque de que foi vítima ficou completamente surdo de um dos ouvidos.

5. No dia 27 de Abril foram agredidos em sua casa Hermann e Emilio Mathies, de Liebenwalde, comarca de Schwetz. Foram de tal maneira espancados que um ficou sem alguns dentes e com o maxilar inferior fracturado, enquanto o outro jazia inanimado.

6. No dia 28 de Abril de 1939, o alemão Fritz Köppke, de Zbiczno, comarca de Strasburg, foi agredido por membros da Associação de Reservistas, e de tal maneira maltratado que ficou com duas costelas fracturadas. Teve de permanecer durante semanas na cama sem poder trabalhar.

7. No dia 30 de Abril, alguns jovens alemães foram agredidos em Piaski, comarca de Schwetz. O alemão Eckert foi de tal maneira maltratado que ficou sem sentidos. Ao alemão Osvaldo Frey, de Schönreich, partiram alguns dentes.

8. No dia 3 de Maio, o alemão Francisco Hybierz, de Bijasovice, foi agredido por cerca de 20 polacos que envergavam uniforme de reservistas, e de tal maneira espancado com cacetes de borracha que ficou inanimado no meio da rua.

9. No dia 4 de Maio, o alemão Ehrenfried Heiber, foi agredido pelas costas, na estação de Bismarckhütte, com um objecto contundente que o deitou por terra e deixou sem sentidos. Esta agressão produziu-lhe uma ferida de 10 centímetros de extensão e um centímetro de largura. A policia rejeitou a denúncia do caso.

10. No dia 5 de Maio, o estudante Rauhut, do liceu alemão de Bromberg, foi agredido por um grupo de polacos, que lhe bateram com uma garrafa na cabeça, de tal forma, que a garrafa se partiu e o estudante desmaiou ficando com profundos golpes. Quando se levantava, foi de novo deitado por terra por transeuntes que já tinham aplaudido a façanha dos primeiros.

11. No dia 9 de Maio, os alemães Ricardo Fandrey, de Neukirchen, comarca de Schubin, e o camponês Damrau, foram agredidos com pedras e à paulada por um grupo de cerca de 30 polacos, e tão maltratados, que ficaram com o rosto de tal maneira desfigurado que não era possível reconhecê-los.

12. No dia 12 de Maio, o revoltoso Valentim Jendrzajak entrou na casa do alemão Roberto Robotta, em Catovice, pegou numa cadeira e agrediu-o com ela; este ficou com um golpe no braço esquerdo que lhe fracturou a articulação do pulso. Depois

disto, o polaco deu pontapés no ventre e nos quadris do indefeso. A filha do Robotta quis chamar a polícia por meio dum telefone da mercearia Poloczek, mas o merceeiro não consentiu, visto que a polícia era apenas para os polacos.

13. Nos dias 14 e 15 de Maio, em Tomaschow, Konstatynow e outros lugares da Voivódia de Lodz, foram atacados centenas de alemães. As suas casas foram saqueadas e destruídas. Um alemão foi assassinado neste «pogrom», mais dez ficaram tão feridos, que se duvidava do seu restabelecimento, e muitos outras receberam contusões mais ligeiras.

14. No dia 16 de Maio de 1939, o revoltoso Krawczyk assaltou a alemã Adelheit Cichy, em Catovice. Deu-lhe pontapés na região inguinal e tentou atirá-la pela escada a baixo. A senhora Cichy ficou com numerosas feridas na cabeça, nas coxas, na região inguinal e nas mãos.

15. No dia 18 de Maio, em Luck, foi preso sem motivo o alemão Paulo Enders. Nos interrogatórios acêrca da sua filiação no Jovem Partido Alemão, deram-lhe murros na cara e pontapés no ventre. No dia 20 de Maio foi transferido, algemado, para Równo e aí posto em liberdade no dia 25 do mesmo mês.

16. No dia 24 de Maio, 4 polacos uniformizados agrediram o alemão Ehrhard Ossadnik, de Catovice, por na rua ter falado alemão com um seu conhecido. Foram-lhe feitos ferimentos na face esquerda e partidos quatro dentes incisivos.

17. No dia 27 de Maio, o alemão José Mazur, de Kobior, foi agredido por um numeroso grupo de polacos. Foi de tal maneira espancado com cacetes de borracha que desmaiou. O exame médico mostrou numerosas equimoses e golpes na cabeça, na cara e nas orelhas, assim como muitas contusões de côr vermelha azulada, cobertas de sangue coagulado, no peito, nas costas e nas nádegas.

18. No dia 29 de Maio, o trabalhador de lavoura Alberto Kränk, de Kzywka, foi agredido no campo por dois polacos embuçados. Foi ferido tão gravemente com navalhadas e pauladas no pénis e no testículo esquerdo, que teve de ser transportado para o hospital de Lessen.

19. No dia 29 de Maio de 1939, quando o alemão Stühmer, de Neudorf, comarca de Briesen, tentava atravessar a fronteira, foi detido e morto à paulada. A família reconheceu no hospital de Graudenz o cadáver horrivelmente mutilado.

20. No dia 1 de Junho de 1939, um revoltoso polaco agrediu o mineiro inválido João Burdzik, de Giszowiec-Myslowice. Pri-

meiro foi quasi estrangulado e depois arrentessado à valeta e gravemente ferido com um pau. Quando o revoltoso tentava esmagar os olhos do Burdzik, foi detido por transeúntes, o que permitiu a este livrar-se ficando porém com equimoses nos olhos, numerosas feridas incisivas e contusas no rosto e no corpo e ainda com a perda de dois dentes.

21. No dia 2 de Junho, o alemão Teodoro Stehr, foi agredido por um polaco de Konstantynow. Quando o alemão tentava defender-se, arremeteram contra elle mais quatro polacos, de maneira que caiu e teve de ser conduzido ao hospital com fracturas nas costelas e outros ferimentos.

22. No dia 5 de Junho, em Kostuchna, roubaram o pacote dos jornais ao alemão Guilherme Kübel, distribuidor do «Kattowitzer Zeitung». Ao tentar recuperá-lo foi derrubado por outros polacos que lhe deram muitos pontapés, quando o viram no chão. A policia não interveio.

23. No dia 6 de Junho, em Nowa-Wies, foram agredidos por polacos os alemães Jorge Kindler, Bykowina e Bernardo Harmada. Kindler apanhou com uma garrafa nas costelas, de tal modo que ela se quebrou. Harmada, que é mutilado da guerra e tem a articulação dum joelho immobilizada, foi de tal maneira espancado com uma bengala, cacetes de borracha e garrafas de cerveja, que ficou com o corpo todo cheio de contusões e ferimentos.

24. Na noite de 11 para 12 de Junho de 1939, quando regressava a casa, foi morto a tiro por desconhecidos o estalajadeiro alemão António Podszwa, de Trzyniec.

25. No dia 15 de Junho, o súbdito alemão Aloisio Sornik foi agredido em Zielona pelo trabalhador florestal Onufrak, que lhe deu uma pancada pelas costas, ferindo-o tão gravemente na cabeça que morreu alguns dias depois.

26. No dia 17 de Junho, o alemão Fritz Reinke, de Tonowo, comarca de Znin, foi agredido pelas costas por dois moços de lavoura polacos, que com ripas dum vedação o deitaram por terra. Os polacos continuaram a bater-lhe depois d'ele ter caído e de tal maneira, que produziram numerosas feridas profundas e equimoses na cabeça, no rosto, nos ombros, braços e mãos, estando por enquanto incapaz de trabalhar.

27. A 17 de Junho, o alemão João Zierott, de Oberausmass, comarca de Kulm, foi agredido por três homens que lhe exigiram que dissesse: «Hitler é um porco» (como se negasse, foi obrigado a isso, mostrando-se-lhe a faca). Zierott é um inválido e não pôde defender-se.



28. A 20 de Junho de 1939, os membros da direcção do grupo local de Harazdze (comarca de Luck) do Partido Jovem Alemão, Völpel, Dilk e Sawadski foram obrigados a comparecer perante o comandante da policia. Völpel foi esmurraçado de tal maneira que lhe rebentaram o lábio inferior; em seguida, a policia deu-lhe vários pontapés no baixo ventre e arrepelou-lhe os cabelos até êle assinar a declaração de que sairia do Partido Jovem Alemão e de que no dia seguinte proporia, juntamente com seus amigos, a dissolução de todo o grupo local. Pouco tempo depois anunciava a Imprensa polaca que os grupos locais do Partido Jovem Alemão na Volinia se dissolviam voluntariamente por questões ideológicas.

29. No dia 22 de Junho, a alemã Lúcia Imiolczyk, de Chorzow, foi agredida no portal da sua casa por vizinhas suas, as polacas Maciejkowiak e Wietrzniak, que a espancaram brutalmente, a-pesar-de esta ter no braço uma criança de 14 meses. Por fim lançaram-na por terra e arrancaram-lhe os cabelos. Quando participou o acontecido à policia, foi presa por ofensas à polaca Maciejkowiak.

30. No dia 2 de Junho, a alemã Luísa Sprengel, quando ia de bicicleta para Zytina, comarca de Rybnik, foi agredida por dois polacos e de tal maneira lhe bateram na região temporal, que caiu na estrada e ficou prostrada sem sentidos.

31. No dia 7 de Julho de 1939, o inválido alemão Júlio Saeftel, de Szopienice, comarca de Myslowice, manco dum braço e gravemente mutilado da guerra, foi agredido quando voltava do entérro dum alemão, cujo cortejo foi perturbado por polacos. O Saeftel foi perseguido por cinco polacos e ferido com murros na cara.

32. No dia 8 de Julho de 1939, o polaco Kaczmarek assaltou a casa da alemã Margarida Plichta, de Tarnowskie, conseguindo arrombar a porta com um martelo. Lançou-se sobre a alemã e, com o martelo que levava, fêz-lhe saltar da mão uma arma que ela, em defesa própria, empunhava, ferindo-lhe a mão gravemente. O polaco deitou as mãos ao pescoço da Margarida Plichta e ameaçou-a de morte. Só depois desta gritar por socorro é que êle abandonou a vítima.

33. No dia 23 de Julho, três soldados polacos assaltaram a casa do alemão Ewald Banek, em Sypiorzy, comarca de Schubin, e exigiram bebidas e comestiveis. Depois de lhes terem dado tudo grátis, insultaram os membros da familia do Banek, que se encontravam presentes, e agrediram-nos. Banek ficou seriamente ferido

por baionetas no ombro esquerdo e no braço direito. Ao mesmo tempo soldados polacos forçaram a entrada da casa do alemão Artur Pahlke e tentaram violentar-lhe a mulher. Quando Pahlke queria defender a sua esposa, foi maltratado brutalmente.

34. No dia 6 de Agosto, um bando de jovens polacos arrastou a porta da casa do alemão Augusto Mundt, de Bialezynek, de 72 anos de idade, feriu o velho num olho e no maxilar inferior e agrediu o seu filho Guilherme com moccas e pedras, de tal maneira que este caiu sem sentidos. Espancaram também o camponês Carlos Jesser, trabalhador da casa de Mundt.

35. No dia 9 de Agosto, entrou a policia no albergue cristão de Catovice, no momento em que se realizava uma assembleia da União Étnica Alemã (Deutscher Volksbund). A policia, armada, bateu com os seus cacetes de borracha e com as coronhas das espingardas nos 18 alemães presentes e arrastou-os para a esquadra. Durante a noite foram submetidos a um interrogatório sobre o assunto versado na assembleia, sendo vitimas de maus tratos, e de tal maneira que ao recuperarem a liberdade na manhã seguinte, estavam cobertos de nódoas negras e vergões. Deslocaram um braço a um alemão e um outro ficou temporariamente surdo, devido às pancadas que levou na cabeça.

36. No dia 14 de Agosto, em virtude de calúnias sem fundamento, foi preso o alemão Thomalla, de Karwin. Nos dias de prisão preventiva não lhe deram de comer nem de beber. Durante os interrogatórios deram-lhe murros e caceladas, de tal maneira que ele ficou ensangüentado e inanimado. Quando, no dia 16 de Agosto, recuperou a liberdade, estava perturbado nas suas faculdades mentais.

37. A meados de Agosto, na Alta Silésia, foram presos muitos alemães sob o pretexto de terem cometido crimes de alta traição. O preso Rudolfo Wilsch, de Laurahütte, chefe local do Partido Jovem Alemão (Jungdeutsche Partei) durante o interrogatório foi espancado até à última. Sob a ameaça de o esquartejarem e de outros sistemas de tortura semelhantes, obrigaram-no a confessar a acusação feita injustamente contra ele.

38. O cidadão alemão Jäger, o alemão Grant e as senhoras solteiras Kiesewalter e Neudam, assim como outros alemães de nacionalidade e de raça, foram sujeitos a terríveis maus tratos nas prisões polacas com o fim de lhes arrancarem confissões à força. Por exemplo: foram-lhes injectados liquidos corrosivos nos órgãos genitais, fracturadas as costelas, aplicadas correntes eléctricas, e deu-se-lhes a beber água salgada depois de longa perma-

nência em quartos de elevada temperatura. O alemão Schiennemann, que ainda está preso em Sieradz, está fisicamente arruinado e perdeu nesta inquirição quasi todos os dentes.

N.º 64 (416)

**Notas dum funcionário da Secção Política do Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim,  
em 23 de Agosto de 1939**

Berlim, 23 de Agosto de 1939

Segundo comunicação do Ministério do Interior do Reich, já em 21 de Agosto dêste ano montava aproximadamente a 70.000 o número de fugitivos de origem alemã vindos da Polónia, que foram alojados em acampamentos provisórios para fugitivos. Dêstes, cerca de 45.000 são da Alta Silésia polaca e da região do Olsa. Não estão compreendidos neste número os fugitivos que se salvaram para o território de Dantzig, assim como também nem todos aquêles que encontraram abrigo em casa de parentes ou de conhecidos na Alemanha, sem passar por um acampamento de fugitivos.

Bergmann

N.º 65 (417)

**O Cônsul Geral da Alemanha em Thorn ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Thorn,  
em 28 de Agosto de 1939**

Thorn, 28 de Agosto de 1939

Duma pessoa de confiança recebi hoje de Usdau a seguinte informação :

«Devia realizar-se há oito dias, em Usdau, uma manifestação polaca com o seguinte lema : «Festa da Colheita com Armas Brancas», que, devido ao retraimento da população alemã, foi muito pouco concorrida.

No domingo passado julgaram os polacos ter chegado a hora de se vingarem da população alemã. Por motivo de medidas tomadas para a evacuação, juntaram a maior parte dos alemães como se fôsse um rebanho, e, como não havia veiculos para transporte, puseram-nos em marcha para o interior do país. Se algum ficava para trás por não agüentar a velocidade da marcha, faziam-no andar à força de coronhadas.

Uma mulher grávida, que já não podia andar mais, foi espancada tão brutalmente pela escolta, que teve um parto prematuro e morreu.

Uma outra mulher teve de levar consigo uma filhinha de 4 anos. Por causa das coronhadas que deram na mãe e na filha, recebeu esta uma enorme ferida na cabeça, que a impedia de continuar a marcha. A mãe tentou então levar a filha ao colo; porém, isto embaraçava-a tanto que não podia seguir a extraordinária velocidade da marcha. O chefe da escolta tirou-lhe então brutalmente a criança dos braços, e matou-a, vociferando ao mesmo tempo tais insultos que não se podem repetir. Aos seus cúmplices justificou a façanha com as seguintes palavras: «Esta canalha mais tarde não faria outra coisa do que dar à luz ainda mais javardos alemães».

Parece que estes alemães foram metidos num dos numerosos campos de concentração.

von Kuchler

N.º 66 (444)

**O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia  
em 1 de Agosto de 1939**

Telegrama

Varsóvia, 1 de Agosto de 1939

A população da Polónia tem suportado a mobilização parcial e a incerteza política que existem já há quatro meses, sem ter chegado ainda a um estado de desmoralização ou ter abatido

consideravelmente o seu entusiasmo. O ódio arreigado contra tudo o que é alemão e a convicção de que o destino da Polónia não pode ser outro senão cruzar as armas com a Alemanha têm raízes tão profundas, que as paixões uma vez avivadas, não poderão acalmar-se rapidamente.

Se se quiser aprofundar quais os motivos desta uniformidade de pensamento da população polaca, é importante ter presente a estrutura do povo da Polónia.

A intelectualidade polaca procede na sua maior parte de sectores da população, que antes da Guerra Mundial e durante ela sustentaram uma luta revolucionária contra as Potências que tinham repartido a Polónia. Esta intelectualidade polaca governa hoje o Estado, e a única base da sua existência é a ocupação dum posto do Estado. Ela sente-se a depositária principal do sentimento nacionalista e da ideia do Estado polaco, e em consequência da sua tradição nacional revolucionária está tão bem possuída dum grande fanatismo nacional, que não se deixa abalar facilmente pela propaganda adversária. A grande propriedade e a alta burguesia, pouco importantes em número para serem apreciadas como especial factor, não ficam, na sua aversão à Alemanha, atrás dos demais sectores da intelectualidade polaca, devido à sua íntima ligação com a cultura francesa.

A grande massa do povo polaco do campo é apática e ignorante. A sua maior parte não sabe ler nem escrever e deixa-se dirigir facilmente por qualquer Governo que lhe saiba dizer claras frases de sentido nacional. O clero e o magistério são os instrumentos que servem para guiar e influenciar a massa dos camponeses que não têm formação política. No campo adversário da Alemanha encontra-se também o sector avançado da população rural.

A classe operária polaca, que vive em condições sociais miseráveis, é na sua maior parte marxista e por isso hostil a uma Alemanha nacional-socialista. A sua organização política conserva, além disso, antigas tradições da luta pela independência nacional, o que lhe facilita a união com a burguesia nacionalista na luta contra a Alemanha.

Uma pequena burguesia de sangue polaco quasi não existe na Polónia. O seu lugar é ocupado por uma classe média considerável de raça judaica, à qual falta o sentimento nacional e que por iso tem todos os defeitos próprios da pequena burguesia, como por exemplo inclinação para o receio e para espalhar boatos. A classe média judaica da Polónia é, no que diz respeito à luta

contra a Alemanha, um aliado natural e fanático do chauvinismo polaco.

É digna de especial atenção a acção do clero polaco, cuja influência é enorme, devido à intensa religiosidade que domina em tôdas as classes sociais. O clero exerce a sua influência pessoal a favor da propaganda polaca anti-alemã, duma maneira tanto mais espontânea e ilimitada, quanto os seus objectivos concordam precisamente com os do Estado. O clero diz ao povo que a Polónia se encontra ante uma guerra santa contra o neo-paganismo alemão e não se deixa exceder no seu chauvinismo. Diz-se que alguns eclesiásticos celebram missa na provincia para a vitória polaca, declarando que não podem pedir a Deus paz, porque são pela guerra. Preces mandadas realizar pelo cardinal em favor da paz, foram interpretadas pelos sacerdotes como preces pela vitória da Polónia.

A estrutura especial do povo polaco e a hábil propaganda a ela adaptada fizeram com que a Polónia — inclusivamente a massa do povo — persista, evidentemente, na sua inquebrantável vontade de resistir. Tudo que diz a propaganda governamental é cegamente acreditado. Vastos sectores da população estão realmente convencidos de que a Polónia se encontra ao lado dos vencedores futuros; de que na Alemanha o povo passa fome e de que diáriamente bandos de soldados alemães e de membros do Serviço do Trabalho, esfomeados, atravessam a fronteira, desertando; de que o valor do material de guerra alemão é muito duvidoso e que a politica externa do Reich sofre contínuas derrotas. Do mesmo modo conseguiu a propaganda polaca convencer firmemente a opinião pública de que uma luta por Dantzig é o mesmo que uma luta pela independência da Polónia. Nos circulos intellectuais, que possuem de certo modo um conhecimento do estrangeiro e que portanto estão em condições de apreciar com clareza a verdadeira proporcionalidade da potência da Alemanha para a da Polónia, também não diminuiu ainda o espirito de resistência. Mesmo no caso de, no decorrer duma guerra, a Polónia ser ocupada totalmente por tropas alemãs, está-se convencido de que, ao fim e ao cabo, graças à victoria dos aliados, a Polónia voltará a resurgir maior e mais poderosa do que nunca. Uma certa tendência de jogar a última cartada, que corresponde ao carácter do povo polaco, leva muitos a julgar agora que o que convém à Polónia para sustar a influência desmoralizadora da duradoira crise, é lançar-se na guerra logo que seja possível. Este

ponto de vista tão optimista sem dúvida tem por base a inalterada confiança nos aliados, especialmente na Inglaterra.

Se neste sentido a falta de êxito das negociações anglo-polacas a respeito de empréstimos sem dúvida produziu um certo nervosismo, a propaganda polaca, por outro lado, fêz o possível para se defender dêste golpe. Convém pois não exagerar a importância dêste incidente e da reacção produzida.

Os quatro meses de tensão politica e de mobilização parcial na Polónia não exerceram até agora nenhuma influencia sobre o espirito de resistência moral e material dos polacos, como aliás se deduz de tudo o que anteriormente se disse. Atendendo à confiança que os polacos têm nos seus aliados, o que principalmente pelo lado dos ingleses é alimentado cuidadosamente pela propaganda, não se pode num futuro próximo contar com uma mudança fundamental da attitude da Polónia.

von Moltke

*Na medida em que se desenvolvia ao máximo a campanha polaca de extinção do grupo étnico alemão, aumentavam também em forma e em número as provocações da Polónia contra Dantzig. Depois da Polónia declarar que qualquer modificação do «status quo» em Dantzig era «casus belli», tendo encontrado para isso a protecção inglesa, a Cidade Livre, depois da Inglaterra ter dado carta branca à Polónia, viu-se na necessidade de estar preparada para tudo. Aviões polacos e militares polacos, já em Maio de 1939, tinham violado as fronteiras, e, desprezando os tratados vigentes, a guarnição polaca da Westerplatte foi reforçada, e concentraram-se tropas em volta das fronteiras de Dantzig. No dia 20 de Maio, foi assassinado um dantziguense, em Kalthof, com tiros vindos dum automóvel da representação diplomática polaca na Alemanha; êste assassinio foi aproveitado pela Polónia como objecto para troca de notas provocantes. Ao mesmo tempo aumentava a Polónia sistematicamente o número dos inspectores alfandegários polacos, o que obrigou o Senado de Dantzig a levantar protestos. A Polónia respondeu com ameaças. O pessoal alfandegário polaco continuou aumentando.*

*Em Julho intensificou a Polónia os seus meios de pressão económica sobre Dantzig; especialmente foi impedida a importação de víveres da Polónia e dificultada a exportação para território polaco dos produtos da indústria alemã. Dantzig devia ser bloqueada economicamente. O representante da minoria polaca no Parlamento de Dantzig (Danziger Volkstag) declarou aberta-*

mente, numa manifestação em Gdânia, no dia 29 de Junho, o seguinte: «A população polaca de Dantzig conseguirá, com o auxílio do exército polaco, a reunião de Dantzig com a terra natal polaca». A tensão atingiu o seu auge na noite de 4 para 5 de Agosto, devido a um ultimato polaco. Como pretexto para este ultimato serviu uma disposição nunca decretada pelo Senado de Dantzig.

N.º 67 (432)

**O Representante diplomático da República Polaca  
em Dantzig ao Presidente do Senado da Cidade  
Livre de Dantzig, em 4 de Agosto de 1939**

Dantzig, 4 de Agosto de 1939

Ao Senhor Presidente do Senado da Cidade Livre de Dantzig,  
Arthur Greiser:

Soube que as autoridades alfandegárias locais de Dantzig, nas repartições fronteiriças entre a Cidade Livre e a Prússia Oriental, se dirigiram aos inspectores alfandegários polacos com a declaração sem exemplo de que os órgãos executivos de Dantzig planeavam, a partir de 6 de Agosto, pelas 7 horas, opôr-se ao exercício das funções de contrôle por uma certa parte dos inspectores polacos, cujas funções resultam dos direitos do Governo da Polónia nas fronteiras alfandegárias. Estou convencido de que esta atitude dos órgãos locais assenta, ou sôbre uma má compreensão, ou sôbre a interpretação errônea das instruções do Senado da Cidade Livre de Dantzig.

Quero crer que V. Ex.<sup>ª</sup>, senhor Presidente do Senado, não terá dúvida alguma de que uma tal violação dos direitos fundamentais da Polónia não pode ser suportada, sob nenhum pretexto, pelo Governo polaco.

Aguardo a resposta afirmativa de que V. Ex.<sup>ª</sup> decretará disposições que anulem o procedimento dos seus subordinados, o mais tardar até 5 de Agosto, pelas 18 horas.

Em vista do facto de a mencionada atitude se manifestar numa série de repartições alfandegárias fronteiriças, sou obrigado a avisar V. Ex.<sup>ª</sup>, Senhor Presidente do Senado, de que todos os



inspectores alfandegários polacos receberam ordem para exercer o seu serviço uniformizados e armados, em 6 de Agosto d'este ano e nos dias seguintes, em tôdas as localidades da fronteira que se considerarem necessárias para o contrôle. Tôdas as tentativas para lhes dificultar o exercicio das suas funções, todos os ataques ou intervenções das autoridades policiaes, serão considerados pelo Govêrno polaco como um acto de violência contra os funcionários officiaes do Estado polaco no exercicio das suas funções. No caso de se cometerem os abusos acima referidos, o Govêrno da Polónia exercerá immediatamente represálias contra a Cidade Livre, caindo a responsabilidade exclusivamente sôbre o Senado de Dantzig.

Espero dentro do mencionado prazo obter uma declaração satisfatória.

Chodacki

N.º 68 (433)

### **O Representante diplomático da República Polaca em Dantzig ao Presidente do Senado da Cidade**

Senhor Presidente do Senado :

Dantzig, 4 de Agosto de 1939

O Govêrno polaco manifesta a sua surpresa pelo facto de o Senado, na resposta a um assunto tão simples, ter encontrado dificuldades técnicas. No interesse de evitar conseqüências iminentes, tomo nota provisoriamente de que nenhuns actos de violência serão praticados contra os nossos inspectores alfandegários e que elles poderão exercer normalmente as suas funções. Confirmo todavia que as advertências contidas na minha nota de 4 de Agosto — 23 horas e 40 minutos — continuam em vigor.

Com a maior consideração...

Chodacki

**O Presidente do Senado da Cidade Livre de Dantzig  
ao Representante diplomático da República Polaca  
em Dantzig, Dantzig, em 7 de Agôsto de 1939**

Dantzig, 7 de Agôsto de 1939

Senhor Ministro :

Pelas duas cartas de V. Ex.<sup>a</sup> datadas de 4 do corrente, das quais a segunda foi entregue em 5 de Agôsto, devo exprimir a V. Ex.<sup>a</sup> a minha surpresa pelo facto de um boato não confirmado ter levado V. Ex.<sup>a</sup> a enviar ao Govêrno de Dantzig um ultimato a curto prazo do Govêrno polaco e assim provocar sem razão perigos num tempo politicamente agitado e cujo efeito pode causar males incalculáveis. A súbita disposição do Govêrno polaco de que todos os inspectores alfandegários da Polónia devem exercer as suas funções uniformizados e armados infringe os acordos e pode sòmente ser considerada como uma provocação intencional para produzir conflitos e actos de violênciã de natureza grave.

Segundo as investigações entretanto realizadas por mim, que participei telefonicamente a V. Ex.<sup>a</sup>, no sábadò, 5 do corrente, pela manhã, não foi dada por nenhuma repartição, em especial por nenhuma repartição alfandegária da Cidade Livre de Dantzig, uma ordem, segundo a qual os órgãos executivos de Dantzig, a partir das 7 horas da manhã do dia 6 de Agôsto, se deveriam opor ao exercíciò das funções de contróle por uma certa parte dos inspectores alfandegários polacos. Refiro-me, além disso, ao meu officio de 3 de Junho dêste ano, no qual determinava já, precisamente, a relação dos funcionários alfandegários de Dantzig com os inspectores alfandegários polacos na fronteira.

O Govêrno de Dantzig protesta enêrgicamente contra as represálias com que o Govêrno polaco ameaçou, — que considera uma ameaça inadmissível e cujas conseqüências cabem unicamente à responsabilidade do Govêrno da Polónia.

Com elevada consideração...

Greiser

## **Anotação dum funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Berlim, em 24 de Agosto de 1939**

Berlim, 24 de Agosto de 1939

Além dos tiros feitos contra o avião da Lufthansa, D-Apup, perto de Hela, já noticiado ontem, receberam-se da Lufthansa mais duas notícias sobre o fogo disparado contra aviões:

1. O avião D-Apup, tipo Savoia, piloto Böhner, quando voava de Dantzig para Berlim, às 13 horas e 15, foi bombardeado por canhões anti-aéreos de Hela e dum cruzador polaco que se encontrava a 40 quilómetros da costa. A distância do avião à península de Hela era de 15 a 20 quilómetros, a altura do voo era de 1.500 metros. Nuvens de explosões de oito tiros foram observadas à maior distância do aparelho.
2. O avião D-Amyo, tipo Ju 86, piloto Neumann, foi bombardeado às 16 horas, quando fazia viagem de Dantzig para Berlim. Os tiros partiram da península de Hela. A distância da costa era de 5 a 6 milhas e a altura do voo 1.200 metros. Os tiros foram demasiadamente baixos e curtos.

Schultz-Sponholz

N.º 71 (437)

## **O Cônsul Geral alemão em Dantzig ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich**

Comunicação telefónica de 31 de Agosto de 1939, às 0,40 horas

No dia 30 de Agosto de 1939, cerca das 22,30 horas, na fronteira de Dantzig, perto de Steinfliess, ao Norte de Zoppot, foi disparado do lado da Polónia certo número de tiros para o território de Dantzig.

Não se pôde ainda averiguar se estes tiros causaram vítimas ou prejuizos materiais. Hoje de manhã seguirão mais notícias.

*O Governo do Reich viu-se obrigado, no interesse das relações germano-polacas, a exprimir ao Governo polaco os seus receios sôbre a evolução da atitude da Polónia perante Dantzig. A arrogante resposta de Varsóvia, mostra a pouca disposição que tinha a Polónia nestes dias — sempre debaixo da protecção da carta branca inglesa — para recuar da sua política de provocação.*

N.º 72 (445)

**Comunicação do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich ao Encarregado de Negócios da Polónia, em 9 de Agôsto de 1939**

O Governo do Reich tomou conhecimento com grande estranheza da nota do Governo polaco ao Senado da Cidade Livre de Dantzig, na qual se exigia a revogação, em forma ultimativa, duma suposta ordem do Senado — assente em boatos — com o fim de impedir os inspectores adfandegários polacos do exercício das suas funções, e que, na realidade, não foi dada pelo Senado da Cidade Livre. No caso duma rejeição, a Cidade Livre de Dantzig era ameaçada com medidas de represália.

O Governo do Reich vê-se obrigado a participar ao Governo polaco, que uma repetição de tais exigências em forma de ultimato à Cidade Livre de Dantzig e a ameaça de medidas de represália originariam um aumento de tensão nas relações germano-polacas, por cujas conseqüências a responsabilidade caberia exclusivamente ao Governo polaco e pelas quais o Governo do Reich tem que rejeitar já agora tóda a responsabilidade.

O Governo do Reich chama, além disso, a atenção do Governo polaco para o facto de as medidas tomadas por êle para impedimento da importação de certas mercadorias da Cidade Livre de Dantzig para a Polónia tenderem a causar graves prejuizos económicos à população de Dantzig.

Se o Governo polaco mantiver medidas desta espécie, não resta à Cidade Livre de Dantzig, segundo a opinião do Governo do Reich, outro caminho que não seja procurar outras responsabilidades de exportação e, portanto, também de importação.

**Comunicação do Sub-Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Polónia ao Encarregado de Negócios alemão em Varsóvia, em 10 de Agosto de 1939**

O Governo da República da Polónia tomou conhecimento, com a mais viva surpresa, da declaração que o Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich fez ao Encarregado de Negócios da Polónia em Berlim, em 9 de Agosto de 1939, sobre as relações existentes entre a Polónia e a Cidade Livre de Dantzig. O Governo polaco não pode realmente reconhecer nenhum princípio jurídico que possa justificar a intromissão da Alemanha nas citadas relações.

Se entre o Governo polaco e o Governo do Reich se realizou troca de opiniões sobre o problema de Dantzig, isso fundamentava-se apenas na boa vontade do Governo da Polónia e não era resultante de qualquer compromisso.

Em resposta à citada declaração do Governo do Reich, o Governo polaco vê-se obrigado a chamar a atenção do Governo alemão para o facto de que, como até agora, também no futuro procederá contra qualquer tentativa das autoridades da Cidade Livre para pôr em dúvida os direitos e interesses que a Polónia possui em Dantzig por motivo dos seus tratados, com os meios e medidas que achar convenientes, e que considerará como acção de ataque a intromissão eventual do Governo do Reich em prejuizo dos seus direitos e interesses.

*Uma comunicação do Comando Supremo da Fôrça Armada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, em 3 de Novembro de 1939, portanto já depois de terminadas as operações militares em Dantzig, esclarece até que ponto a fortificação militar dos pontos de apoio polacos em Dantzig infringia os acordos:*

**O Comando Supremo da Fôrça Armada alemã ao Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim,  
em 3 de Novembro de 1939**

Berlim, 3 de Novembro de 1939

Depois de findas as operações militares de Dantzig, as investigações efectuadas acêrca da situação militar da Westerplatte e dos antigos edificios polacos em Dantzig conduziram aos seguintes resultados:

1. A guarnição polaca da Westerplatte era constituída por cêrca de 240 homens. (1)

Como fortificações havia na Westerplatte além dum pôsto fortificado aberto alemão, que data do ano de 1911 — e no qual se encontravam 3 ou 4 metralhadoras com, pelo menos, 10.000 cartuchos — 5 fortes de cimento armado para metralhadoras, que certamente tinham sido preparados pelos polacos com tempo e levantados segundo um sistema bem elaborado de flanqueamento recíproco. Além disso, o novo quartel estava construído para uma defesa circular, e o seu subterrâneo assim como o rés-do-chão da chamada casa dos sargentos estavam construídos em cimento armado e adaptados à defesa. Por último encontraram-se, entre outras coisas, um canhão de 7,5 cm., dois canhões de defesa contra tanques e uma série de ninhos de metralhadoras dispostos estrategicamente, ameias e seteiras em disposição de campanha. (2)

(1) Segundo a deliberação do Conselho da Sociedade das Nações, de 9 de Dezembro de 1925, tinha a Polónia o direito de manter na Westerplatte uma guarnição de dois oficiais, 20 sargentos e 66 homens.

(2) Pela deliberação do Conselho da Sociedade das Nações de 14 de Março de 1924, que se referiu ao parágrafo segundo do Acôrdo provisório entre Dantzig e a Polónia acêrca da Westerplatte, de 4 de Agosto de 1923, esta foi posta à disposição do Governo polaco exclusivamente para armazenar material de guerra. De resto, a soberania de Dantzig sôbre esta região não foi atingida, o que também tinha sido reconhecido pelo Governo polaco (compare-se o parecer dos juristas Sir Cecil Hurst e Pilotti, que foi apresentado ao Conselho da Sociedade das Nações pelo informador do Conselho, em 8 de Dezembro de 1927; *Société des Nations, Journal Officiel* 1928, p. 161/162).

2. Encontraram-se no interior de Dantzig os seguintes pontos de apoio polacos:

- 1.º A casa dos Correios polacos na Praça Hevelius.
- 2.º A Estação principal com instalações do Correio anexas.
- 3.º A Direcção dos Caminhos de Ferro polacos.
- 4.º A Representação Diplomática polaca, Neugarten.
- 5.º A Inspecção da Alfândega polaca, Opitzstrasse.
- 6.º A casa dos escoteiros polacos, Jahnstrasse.
- 7.º Um bloco de casas de habitação polacas, Neufahrwasser, Hindoriusstrasse.
- 8.º A casa dos estudantes polacos.
- 9.º O liceu polaco.

Quando se ocuparam os edificios, entre outros foram encontrados e postos em segurança:

- 1.º Na casa dos Correios polacos: 3 metralhadoras ligeiras, 44 carregadores cheios e 13 vasilhos para metralhadoras ligeiras, 30 pistolas do exército, 1 revólver, 1 saco de munições para infantaria e pistola, 150 granadas de mão, 2 máquinas infernais e armas de mão de 38 prisioneiros.
- 2.º Na Estação principal: 1 metralhadora ligeira e armas pequenas.
- 3.º Na Estação dos Correios, anexa à Estação dos Caminhos de Ferro: 1 metralhadora, 18 pistolas, 4 espingardas com munições e 2 caixas de granadas de mão.
- 4.º Na Direcção dos Caminhos de Ferro polacos: 45 pistolas e 2.660 cartuchos.
- 5.º Na Representação Diplomática polaca, Neugarten: 1 metralhadora ligeira, 5 espingardas, 4 pistolas e munições.
- 6.º Na Inspecção da Alfândega polaca, Opitzstrasse: 15 espingardas e 1.000 cartuchos.
- 7.º Na casa dos escoteiros polacos: 1 metralhadora com munições e 20 cacetes de borracha.

Em todos os outros pontos de apoio se encontraram espingardas, pistolas e munições.

O Chefe do Comando da Fôrça Armada

Por ordem

Bürkner

**B) A última fase da crise germano-polaca**

*Ainda que a Alemanha tivesse repetido o seu desejo sincero duma amizade duradoira com a Inglaterra e a França, mesmo num tempo em que estas Potências já tinham ocupado a sua posição decisiva de frente contra ela, também o Reich não deixou de fazer ver a estas nações o perigo e as conseqüências do cheque em branco concedido à Polónia, quando o procedimento polaco deu a entender que esta nação se sentia encarregada de desencadear a guerra preparada pela Inglaterra contra a Alemanha. As anotações do Secretário de Estado, Barão von Weizsäcker, informam acêrca das suas conversações com o Embaixador francês e com o Embaixador inglês, a 15 de Agôsto e após esta data:*

N.º 75 (449)

**Nota do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 15 de Agôsto de 1939**

Berlim, 15 de Agôsto de 1939

O Embaixador francês visitou-me hoje, quando regressava das suas férias. O Embaixador expôs o seu modo de ver sobre a situação, da forma que se segue, dizendo tranqüila e categoricamente: A França tomou a sua posição. As suas relações com a Polónia e com a Inglaterra são conhecidas. A França intervirá automaticamente num conflito entre a Alemanha e a Polónia. Isto é um facto, não um desejo da França. Pelo contrário, a França nada deseja mais encarecidamente do que um ajuste germano-polaco, sobretudo no que se refere a Dantzig. Julga êle que a uma regulamentação dêste problema particular se seguiria também um melhoramento geral das relações germano-polacas. Isto é, em



poucas palavras, a impressão obtida das suas últimas conversações com Daladier e Bonnet. Porém, a sua impressão mais recente em Berlim, é que a situação se agravou. Especialmente preocupa-o que nas últimas manifestações alemãs surgisse repetidamente a questão de honra. Isto significava abertamente um agravamento sério.

Confirmei a Coulondre que a situação era diferente da do começo das suas férias em Julho. Depois examinei o assunto desde época bastante anterior, apresentando os argumentos necessários para caracterizar a política desenfreada e suicida da Polónia. Falei a Coulondre da nota ultimativa da Polónia a Dantzig, há oito dias, da agressividade na troca de impressões da semana passada entre Berlim e Varsóvia, das manifestações provocadoras da Imprensa polaca, das continuas medidas de repressão, de interdição, de expulsão e doutras semelhantes das autoridades inferiores (e a respeito disso mostrei a Coulondre uma lista que acabava de receber), declarando que tudo isso era consequência efectiva das promessas da França e da Inglaterra à Polónia. Assim germinou a semente, que as Potências Ocidentais tinham espelhado nessa nação.

Então Coulondre lançou um olhar retrospectivo aos acontecimentos e apresentou a actividade caucionante anglo-francesa à Polónia como efeito inevitável da instauração alemã do Protectorado na Chéquia. Além disso, o Embaixador afirmou que segundo informações francesas transmitidas de Varsóvia, não reina lá nenhum espirito de arrogância, mas que o Governo polaco apenas conserva o sangue frio.

Cumprindo o encargo recebido, empreguei uma linguagem muito severa e advertente, chamando a atenção sobre a gravidade do caso e atacando enérgicamente as explicações de Coulondre. Além disso, o Governo da Polónia não governava absolutamente em nada. Parece que em Paris não se sabia o que fôsse «Governo polaco». Este Governo não está de forma alguma no seu juízo, pois de outra maneira os diplomatas polacos certamente não poderiam ter dirigido ameaças ultimativas, como recentemente em Dantzig. Tais excessos sòmente provam a crença polaca nos dois grandes irmãos do Ocidente e na sua ajuda. Nós não podemos tolerar, nem toleraremos por mais tempo, a continuação duma tal conduta da Polónia. Ela corre para o abismo como um cavalo desenfreado.

Depois afirmei que, como tóda a estupidez, também a da Polónia traz consigo um certo mérito:

- 1.º porque assim viam os seus amigos o que êles próprios tinham causado, e
- 2.º porque desta maneira a Polónia os libertava do dever de prestar-lhe auxilio,

pois que não se podia imaginar que a França e a Inglaterra quisessem pôr em jôgo as suas existências a favor dum amigo endoidecido. Portanto eu também não compreendia como Coulondre, no princípio da nossa conversação, pudesse ter designado o auxilio francês à Polónia como natural e automático.

Depois, Coulondre falou um momento acêrca de que o tratado de aliança franco-polaco tinha aumentado a sua fôrça para a garantia dada êste ano, mas que a união jurídica com a Polónia não era decisiva. A França necessita do equilíbrio europeu para a sua segurança. Se êste fôsse perturbado a favor da Alemanha, quere dizer, se a Polónia agora fôsse derribada por nós, então, num tempo mais ou menos próximo chegaria a vez da França, ou ela teria de baixar para um nível mais ou menos idêntico ao da Bélgica ou da Holanda. A França com isto tornar-se-ia praticamente vasalo da Alemanha, e isto era precisamente o que ela não queria.

Roguei encarecidamente ao Embaixador que se informasse sôbre o procedimento verdadeiro da Polónia, e que se deixasse curar do seu êrro total acêrca da conduta dos seus amigos, pois desta maneira poderia chegar também a conclusões exactas.

Quando Coulondre me interrogou sôbre estas conclusões, disse-lhe que a Polónia tinha que aceder às justas aspirações alemãs e tinha de modificar totalmente tôda a sua conduta para com a Alemanha.

Finalmente, o Embaixador foi de opinião que o seu Govêrno não consentiria em exercer uma pressão sôbre Varsóvia, como no ano passado a tinha exercido sôbre Praga. A situação é diferente da de outrora.

Repliquei secamente a Coulondre que não podia dar conselhos, nem a êle nem ao seu Govêrno. Êle devia observar os factos e deixá-los falar.

Ao terminar, o Embaixador assegurou-me que estava disposto a tôda a espécie de cooperação para conservar a paz. Uma guerra europeia terminaria com uma derrota de todos, compreendendo também a Rússia actual. O vencedor não seria Estaline, mas sim Trotzki.

Weizsäcker

## Nota do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 15 de Agosto de 1939

Berlim, 15 de Agosto de 1939

O Embaixador britânico, depois de longo tempo, procurou-me hoje para conferenciar comigo. Preguntou-me bastante abruptamente pelo resultado da visita de Ciano a Salzburgo.

Na minha resposta não aludi nem a Ciano, nem às conversações tidas com êle. Descrevi-lhe, porém, o agravamento da situação entre Berlim e Varsóvia e conservei-me mais ou menos no curso de ideias que tinha seguido hoje pela manhã com o Embaixador francês, segundo o encargo recebido. A maneira de me exprimir sobre a política polaca foi talvez ainda um pouco mais áspera para com Henderson do que para Coulondre.

Henderson associou o problema dos inspectores da alfândega com a afirmação do contrabando alemão de armas e duma militarização extensa de Dantzig, com o que os interesses e os direitos polacos tinham sido affectados, sem que a Polónia tivesse reclamado. Eu rebati da maneira mais enérgica, que fôsem injustificadas as medidas militares tomadas em Dantzig. Dantzig não faz outra coisa senão proteger-se contra o seu protector. Isto ao menos devia-lhe ser concedido. De resto, volvi a expor-lhe, como a política britânica tinha dado liberdade de bobo ao Governo polaco, o que a Polónia utiliza agora duma maneira desenfreado. Presentemente a Inglaterra tem de reconhecer até onde a levou a sua chamada política de cerco, e com certeza difficilmente estará disposta e obrigada a deixar-se conduzir para o desastre pelos seus amigos polacos embravecidos.

Também na conferência desta tarde com Henderson, appareceu de novo uma divergência fundamental no modo de ver a atitude da Polónia. Henderson, ou o seu Governo, afirmam que a Polónia se comporta serena e razoavelmente e negam que ella esteja em circumstancias de cometer um acto de aggressão contra a Alemanha. Porém, em todos os outros casos duma colisão germano-polaca, o Governo britânico era obrigado a prestar ajuda pelas armas e estava firmemente decidido a isso. De resto, a Polónia não dará passos de grande alcance, sem se assegurar do acôrdo de Londres.

A seguir perguntei ao Embaixador se Londres por acaso tinha dado a sua aprovação à nota cominatória dirigida a Dantzig, à declaração polaca que nos foi apresentada nos meados da semana passada, a todos os discursos e artigos provocadores e ainda à opressão continuada exercida sobre a minoria alemã. A nossa paciência está-se a esgotar. A politica dum país, como a Polónia, compõe-se de milhares de provocações. Conta a Inglaterra poder deter a Polónia de qualquer novo desatino? É tudo pura teoria quando a Inglaterra julga ter a Polónia nas mãos, enquanto Varsóvia se sintia protegida por Londres. Muito pelo contrário.

Depois tive de desmentir ainda ao Embaixador a afirmação de que tenham chegado a Dantzig instruções agravantes emanadas do nosso Cônsul Geral naquela cidade. Designei esta afirmação, referida ao Embaixador, como uma autêntica mentira.

O Embaixador passou então a perguntar se o problema de Dantzig não podia ser adiado até que se resolvesse numa atmosfera mais tranqüila. Ele previa assim um melhor successo para nós. Henderson era de opinião que eu não poderia responder-lhe a esta pergunta. Porém, repliquei-lhe que ela era puramente teórica, porque um adiamento não seria aproveitado na Polónia para outra coisa que não fôsse aumentar ainda mais o mal por ela já causado, de maneira que era melhor não falar duma melhoria do ambiente.

Henderson opinou então se não haveria meio de entabular negociações germano-polacas, para as quais nós dêssemos o estímulo inicial. A respeito disso lembrei a Henderson que Beck declarou no seu último discurso parlamentar, como se fôsse um pachá sentado no seu divã, que se a Alemanha se adaptasse aos princípios polacos, estava então disposto a aceitar benévola e propostamente adentro d'êste quadro. Além disso, o Governo polaco, precisamente na semana passada, tinha declarado que toda a iniciativa alemã à custa de aspirações polacas era considerada como uma atitude agressiva. Portanto não via que pudesse haver lugar para uma iniciativa alemã.

Depois Henderson aludiu ainda a eventuais futuras e vastas discussões anglo-alemãs, sobre grandes problemas, tais como as colónias, matérias primas, etc., mas disse ao mesmo tempo que a situação era muito mais difícil e muito mais séria do que no ano passado, pois que Chamberlain não podia mais uma vez vir de avião até nós.

Por meu lado declarei-me impossibilitado de dar outros conselhos, a não ser o de que a Polónia, sem demora alguma, tinha

de adoptar uma atitude razoável no problema agudo de Dantzig e em tôda a sua conduta para conosco.

Henderson despediu-se de mim sentindo a gravidade e a urgência da situação.

Weizsäcker

*Nem a Inglaterra nem a França se mostraram dispostas a trazer a Polónia à razão, no seu procedimento para com Dantzig e para com o Reich. Nem mesmo depois do aviso histórico contido na assinatura do pacto de não-agressão entre a Alemanha e a Rússia, a Inglaterra se resolveu a exercer influência sobre a Polónia num sentido moderado e pacificador. Chamberlain respondia a esta advertência, em público e numa missiva ao Führer, com a repetição de que se deixasse a Polónia na posse do cheque em branco e com a ameaça manifesta de guerra por parte do Governo britânico no caso dum conflito germano-polaco.*

N.º 77 (154)

**O Primeiro Ministro britânico Chamberlain ao Führer,  
em 22 de Agosto de 1939**

Londres, 22 de Agosto de 1939

Excelência :

Vossa Excelência já deve ter tomado conhecimento de certas medidas tomadas pelo Governo de Sua Majestade e que hoje à noite foram tornadas públicas pela Imprensa e pela rádio.

Segundo a opinião do Governo de Sua Majestade, estas medidas tornaram-se necessárias devido aos movimentos de tropas anunciados da Alemanha e devido ao facto de que, por motivo da realização dum tratado germano-soviético, se admite, em certos círculos de Berlim, que uma intervenção do lado da Grã-Bretanha a favor da Polónia não representa mais uma eventualidade, com a qual se teria a contar. Não poderia ser cometido maior erro. Seja qual fôr a natureza do tratado germano-soviético, a Grã-Bretanha não pode modificar a sua obrigação para com a Polónia, como o Governo de Sua Majestade clara e abertamente expôs repetidas vezes e que está decidido a cumprir.

Tem-se afirmado que se o Governo de Sua Majestade tivesse exposto mais claramente o seu ponto de vista no ano de 1914, ter-se-ia evitado aquela grande catástrofe. Independentemente do facto de saber se esta afirmação é ou não verdadeira, o Governo de Sua Majestade está decidido a tomar providências para que, no caso presente, se não origine um tal desentendimento trágico.

Em caso de necessidade, o Governo de Sua Majestade está decidido e pronto a pôr imediatamente em acção tôdas as fôrças à sua disposição, e é impossivel prever o fim das hostilidades uma vez começadas. Seria uma perigosa ilusão acreditar que a guerra, uma vez começada, terminaria pouco depois, mesmo que tivesse sido bem succedida numa das diversas frentes em que ela se realizará.

Depois de exposto desta maneira, com tôda a clareza, o nosso ponto de vista, desejo exprimir a Vossa Excelência, mais uma vez, a minha convicção de que a guerra entre os nossos dois povos representaria a maior catástrofe que poderia acontecer. Estou convencido de que nem o nosso povo, nem o povo de Vossa Excelência, desejam uma guerra, e eu não posso ver motivos que não permitam a solução das questões existentes entre a Alemanha e a Polónia sem violência, se fôr possivel restabelecer um estado de confiança que permita realizar negociações numa atmosfera melhor que a de hoje.

Nós sempre estivemos prontos, e continuaremos a estar, a contribuir para a busca de condições, dentro das quais se possam realizar as negociações que tornem possivel discutir, ao mesmo tempo, todos os grandes problemas que se referem às relações internacionais do futuro, incluindo os assuntos que interessam a nós e a Vossa Excelência.

No estado de tensão hoje existente, aumentam as dificuldades contra as negociações pacíficas, e, quanto mais tempo se mantiver esta tensão, tanto mais difficilmente poderá vencer o bom senso.

Estas dificuldades podem, todavia, ser diminuidas, senão excluidas, se por algum tempo, de ambos os lados — e mesmo de todos os lados — se se pudesse ter uma pausa na polémica da Imprensa e na agitação.

Se se pudesse realizar tal pausa, existiriam então motivos para a esperança de que, depois dêste período, em que se poderiam empreender medidas para investigar e resolver as queixas levantadas por ambos os lados sôbre o tratamento das minorias, seriam criadas condições apropriadas para a tomada de negociações directas entre a Alemanha e a Polónia sôbre as questões exis-

tentes entre elas (com a colaboração de um intermediário neutral, se os dois partidos o julgarem conveniente).

Eu vejo-me, todavia, obrigado a dizer que tais negociações apresentariam somente uma minima esperança de successo, se desde principio não ficasse assente que um acôrdo a concluir, na occasião da sua assinatura teria de ser garantido por outras Potências. O Governo de Sua Majestade estaria disposto a contribuir para a realização eficaz de tais garantias, segundo as suas possibilidades, se este desejo se manifestasse.

Neste momento confesso que não vejo outro caminho para evitar uma catástrofe que levará a Europa para a guerra.

Em vista das graves consequências para a Humanidade que podem resultar das acções dos seus chefes, confio que Vossa Excelência considerará com profunda reflexão os pontos de vista por mim apresentados.

Neville Chamberlain

*Conclue-se desta missiva e do esclarecimento dado a 23 de Agosto pelo Embaixador britânico, numa conversação com o Führer em Berchtesgaden, que a Inglaterra além de usar palavras ócas não estava disposta a criar em Varsóvia aquelas hipóteses indispensáveis para se retomarem as negociações directas com a Alemanha. Tinha-se deixado passar quasi cinco meses, tinha-se dado forças à Polónia na sua intemperança e ainda se impunha à Alemanha a tarefa de construir pontes douradas à arrogância polaca. O Führer, na sua conferência, não deixou nenhuma dúvida acêrca de toda a responsabilidade da Inglaterra no agravamento das condições polacas. O Führer aludiu a que a Inglaterra tinha sempre repellido a mão da Alemanha e «consentiria mais facilmente numa guerra do que nalguma coisa que trouxesse vantagem para a Alemanha».*

## Conferência do Führer com o Embaixador britânico, Berchtesgaden, em 23 de Agosto de 1939

Anotação do intérprete von Loesch

O Embaixador britânico iniciou a conversação, dizendo que era portador duma carta do Governo inglês. Acentuou que primeiro o deveria fazer alguém de maior categoria. Porém, a marcha dos acontecimentos tinha obrigado a actuar com rapidez, sobretudo porque o Governo britânico tinha ficado muito surpreendido com a notícia do pacto germano-soviético.

O Führer constatou que já dispunha duma tradução da carta. Apesar de estar a preparar uma resposta escrita, queria, entretanto, dar ao Embaixador algumas explicações verbais no mesmo sentido.

Henderson replicou que oxalá fôsse encontrada uma solução para a situação difícil; na Inglaterra tinha-se compreendido que a colaboração germano-inglesa era necessária para o bem da Europa.

Respondeu-lhe o Führer que isto devia ter-se reconhecido mais cedo. À objecção do Embaixador de que o Governo britânico tinha dado as suas garantias e que agora tinha de as cumprir, declarou o Führer que na sua resposta tinha esclarecido que a Alemanha não era responsável pelas garantias dadas pela Inglaterra, mas que muito pelo contrário esta era responsável pelas consequências que essas obrigações viessem a originar. Pertencia à Inglaterra compenetrar-se do assunto. Tinha comunicado ao Governo polaco, que qualquer nova perseguição aos alemães na Polónia acarretaria imediatamente consigo uma acção do Reich. Como êle soube por outro lado, Chamberlain tinha previsto preparativos militares reforçados na Inglaterra. Os preparativos alemães eram limitados a puras medidas defensivas. «Se eu ouvir», disse o Führer, «alguma coisa mais acêrca de novas medidas desta espécie, realizadas hoje ou amanhã pelos ingleses, ordenarei imediatamente a mobilização geral na Alemanha.»

Quando o Embaixador observou que a guerra então era inevitável, o Führer repetiu a sua afirmação acêrca da mobilização.

Declarou depois que na Inglaterra se falava sempre da «atmosfera envenenada». De facto, a «atmosfera» tinha sido «envenenada» pela Inglaterra. Se não tivesse sido a Inglaterra, êle



teria conseguido no ano passado uma conciliação pacífica com a Checo-Eslováquia, e com certeza teria também chegado no mesmo ano a uma solução com a Polónia na questão de Dantzig. Sómente a Inglaterra é responsável, e toda a Alemanha está firmemente convencida disso. Centenas de milhares de individuos de sangue alemão são hoje maltratados na Polónia, levados para os campos de concentração e expulsos. Acêrca disto dispunha êle dum vasto material, a cuja publicação havia renunciado até agora. Para tudo isto tinha a Inglaterra dado um cheque em branco, e agora tinha de pagá-lo. Desde que a Inglaterra tinha declarado a garantia, êle, Führer, teve de adoptar uma atitude firme sôbre esta questão. Não podia permitir que, por causa dum capricho da Inglaterra, fôsem assassinados dezenas de milhares de compatriotas alemães.

Lembrou depois que a Alemanha anteriormente tinha vivido em boas relações com a Polónia e lhe fizera uma proposta honesta e leal. Esta proposta foi sabotada pelas Potências Ocidentais, e na verdade, principalmente como já no caso da Checo-Eslováquia, pelos relatórios dos adidos militares, que tinham propalado boatos falsos acêrca duma mobilização alemã.

Aquí objectou o Embaixador que o Govêrno polaco tinha repellido a proposta alemã antes que a Inglaterra tivesse pronunciado as garantias.

O Führer prosseguiu dizendo que Chamberlain não podia ter encontrado um plano melhor para colocar todos os alemães juntos atrás do Führer, do que entrar em defesa da Polónia e querer regular a questão de Dantzig a favor dos polacos. Não via nenhuma possibilidade no caminho das negociações, porque estava convencido que o Govêrno britânico não tinha qualquer interesse num tal regulamento. Êle sômente podia repetir que na Alemanha seria proclamada a mobilização geral, se na Inglaterra fôsem tomadas novas medidas militares. O mesmo se applicava quanto à França.

Depois de o Führer ter acentuado que tudo isto ainda seria fixado por escrito, afirmou ter feito tudo o que humanamente foi possível. A Inglaterra tinha convertido num inimigo o homem que queria ser o maior amigo dela. Na Inglaterra ir-se-ia agora conhecer uma outra Alemanha diferente daquela que se tinha imaginado durante tantos anos.

Henderson replicou que na Inglaterra se sabia que a Alemanha era forte, o que tinha demonstrado muitas vezes nos últimos tempos.

O Führer constatou que tinha feito uma oferta magnânima à Polónia, mas que a Inglaterra se tinha pôsto de permeio.

Então o Führer descreveu como há vários meses no mesmo sítio, tinha falado com o coronel Beck sobre o mesmo regulamento, o qual foi designado por êste, nessa altura, como demasiado repentino, vendo porém nêle uma possibilidade. Em Março tinha repetido as suas propostas. O Führer acentuou que nessa altura a Polónia ter-se-ia declarado certamente disposta, se a Inglaterra não se tivesse pôsto de permeio. A Imprensa inglêsa tinha escrito nessa ocasião que agora estava ameaçada a liberdade da Polónia e também a da Roménia.

O Führer declarou então que interviria imediatamente perante a mais pequena tentativa polaca de continuar a proceder contra alemães ou contra Dantzig, e que além disso uma mobilização no Oeste seria respondida com uma mobilização alemã.

O Embaixador Henderson: «Isso é uma ameaça?» O Führer: «Não, é medida preventiva!»

Depois afirmou que o Governo britânico tinha preferido tôdas as outras coisas a uma colaboração com a Alemanha. Na sua vontade de destruição, tinha-se dirigido antes para a França, para a Turquia e para Moscovo.

O Embaixador asseverou perante isto que a Inglaterra não queria destruir a Alemanha.

O Führer respondeu que, a-pesar-disso, estava firmemente convencido do contrário; por isso tinha construído por 9 biliões a Westwall para defender a Alemanha do ataque do Ocidente.

Henderson expôs que a mudança operada na maneira de ver inglêsa datava de 15 de Março, ao que o Führer replicou que a Polónia se tinha excitado por próprio interesse acêrca da Ucrânia Carpática. Além disso, as condições internas na Checo-Eslováquia tinham-se tornado intoleráveis para a Alemanha. Finalmente, a Boémia e a Morávia tinham recebido a sua cultura dos alemães e não dos ingleses. Estava convencido que a solução checa foi a melhor. O Presidente Hacha sentiu-se satisfeito por ver uma saída para a crise; para os inglêses era naturalmente indiferente que fôsem disparados tiros no coração da Europa Central.

Por fim, o Führer assegurou ao Embaixador que não lhe tinha a fazer nenhuma censura e que tinha sabido apreciar sempre a sua colaboração pessoal para a amizade germano-inglêsa.

O Embaixador aludiu à grande tragédia que ia desenrolar-se, ao que o Führer afirmou que no caso de sobrevir uma guerra, essa

seria de vida ou de morte, partindo das intenções inglêsas neste sentido. A Inglaterra é que mais tinha a perder com ela.

Henderson observou que, segundo Clausewitz, a guerra traz sempre surpresas, no entanto, êle sòmente sabia que cada um cumpriria o seu dever.

O Führer disse que a Alemanha nunca tinha empreendido nada em prejuizo da Inglaterra, e no entanto esta colocava-se contra a Alemanha. Referiu-se mais uma vez à questão de Dantzig e da Polónia, na qual a Inglaterra adoptou o ponto de vista seguinte: «antes a guerra do que qualquer coisa proveitosa para a Alemanha».

Henderson afirmou que tinha feito o melhor que pôde. Tinha escrito há pouco tempo a um Ministro do Reich, que se o Führer tinha precisado dez anos para ganhar a Alemanha, também devia dar à Inglaterra um tempo mais longo.

O Führer declarou que o facto da Inglaterra se ter colocado contra a Alemanha na questão de Dantzig, tinha abalado profundamente o Povo alemão.

Henderson replicou que sòmente se tinham oposto ao principio da violência, perguntando-lhe então o Führer se a Inglaterra por acaso tinha encontrado alguma vez qualquer solução, por meio de negociações, para uma só das idiotias de Versalhes.

O Embaixador não respondeu a isto, e o Führer afirmou que, segundo um provérbio alemão, são sempre necessárias duas pessoas para o amor.

Henderson acentuou depois que pessoalmente nunca acreditou num pacto anglo-franco-russo. A sua opinião era a de que a Rússia, por meio de adiamento, sòmente queria ver-se livre de Chamberlain, para então tirar proveito duma guerra. Para êle, pessoalmente, era preferível que a Alemanha tivesse um tratado com a Rússia, do que a Inglaterra.

O Führer respondeu: «Não se engane. Será um tratado de longa duração».

Com a afirmação do Führer de que a tarde seria entregue ao Embaixador a resposta por escrito, terminou a conferência.

von Loesch

*O ponto de vista alemão está consignado duma maneira resumida na resposta que por escrito o Führer dirigiu a Chamberlain, em 23 de Agôsto de 1939. Nela se refere o seguinte: A falta dum ponto directo de litigio com a Inglaterra, a modéstia e a eqüidade*

*das exigências alemãs à Polónia, os efeitos da garantia britânica, o agravamento da situação em Dantzig, assim como a perseguição do grupo étnico alemão na Polónia, a tomada de conhecimento da decisão da Inglaterra em fazer a guerra, mas também a decisão alemã de opor a força do Reich à ameaça da violência britânica, e de responder aos preparativos militares ingleses com a mobilização alemã. A missiva tem o seguinte teor :*

N.º 79 (456)

**O Führer ao Primeiro Ministro Chamberlain,  
em 23 de Agosto de 1939**

23 de Agosto de 1939

Excelência :

O Embaixador de Sua Majestade britânica acaba de me entregar uma carta na qual Vossa Excelência, em nome do Governo britânico, se refere a uma série de pontos que, segundo a opinião de Vossa Excelência, são da maior importância.

Respondo à carta de Vossa Excelência como segue :

1.º A Alemanha nunca procurou conflitos com a Inglaterra e nunca se intrometeu nos interesses ingleses. Pelo contrário — ainda que inútilmente — esforçou-se durante anos por conseguir a amizade inglesa. Por este motivo realizou voluntariamente limitações dos seus próprios interesses numa grande parte da Europa, que de outro modo seriam dificilmente suportáveis para a política nacional.

2.º O Reich possui, porém, — como qualquer outro Estado — determinados interesses, aos quais é impossível renunciar. Eles não estão fora dos limites dados pela História alemã e pelas necessidades condicionadas pelos princípios vitais e económicos. Algumas destas questões possuíram e possuem para qualquer Governo alemão, ao mesmo tempo, uma imperiosa importância nacional e psicológica.

A estas questões pertencem a cidade alemã de Dantzig e o problema do Corredor. Numerosos estadistas, historiadores e literatos foram, também na Inglaterra, pelo menos ainda há poucos anos, conscientes disso. Desejo ainda acrescentar que todos esses territórios, que pertencem à esfera de interesses alemães já men-

cionada, e em especial as regiões que voltaram para o Reich nos últimos 18 meses, receberam o seu desenvolvimento cultural não dos ingleses, mas exclusivamente dos alemães e, em parte, desde uma época que remonta a mais de mil anos.

3.º A Alemanha estava preparada para resolver a questão de Dantzig e a questão do Corredor por uma proposta pelo caminho das negociações, verdadeiramente única e generosa. As afirmações espalhadas pela Inglaterra sobre uma mobilização alemã contra a Polónia, a afirmação de tentativas de agressão contra a Roménia, Hungria, etc., assim como as chamadas declarações de garantia feitas mais tarde, puseram de parte a boa disposição da Polónia para entrar em negociações sobre uma base também admissível para a Alemanha.

4.º As garantias gerais dadas pela Inglaterra à Polónia de apoio em tôdas as circunstâncias, fôssem quais fôssem os motivos dos quais resultaria um conflito, só puderam ser interpretadas neste país como encorajamento para iniciar uma onda de terror horrível — garantido por um tal privilégio — contra um milhão e meio de população alemã que vive na Polónia. As crueldades que desde então lá se realizam são terríveis para os atingidos e insuportáveis para o Reich, como Grande Potência. Contra a Cidade Livre de Dantzig cometeu a Polónia numerosas infracções do direito, comunicou exigências com carácter de ultimato e começou com o seu estrangulamento económico.

5.º O Governo do Reich mandou recentemente comunicar ao Governo polaco que não está disposto a admitir tácitamente esta situação e que não suportará que outras notas com carácter de ultimato sejam enviadas a Dantzig; que não admitirá a continuação das perseguições ao elemento alemão; que não tolerará também a ruína da Cidade Livre por medidas económicas, isto é, o aniquilamento das bases vitais por uma espécie de bloqueio alfandegário da população de Dantzig; e que também não suportará que outros actos de provocação se realizem contra o Reich. Independentemente disto, as questões do Corredor e de Dantzig devem achar solução, e achá-la-ão.

6.º Vossa Excelência participa-me, em nome do Governo britânico que, em qualquer destes casos dum a acção da Alemanha, será forçado a prestar assistência à Polónia. Tomo conhecimento da declaração de Vossa Excelência e asseguro que ela não pode trazer nenhuma modificação à decisão do Governo do Reich em defender os seus interesses no sentido comunicado no parágrafo 5.º

A opinião de Vossa Excelência de que em tal caso haverá uma longa guerra, é também a minha. A Alemanha, no caso de ser atacada pela Inglaterra, está preparada para isso. Mais de uma vez declarei perante o Povo alemão e o mundo que não pode haver nenhuma dúvida sobre a vontade do Novo Reich em preferir toda a miséria e toda a infelicidade a abandonar os seus interesses nacionais ou mesmo a sua honra.

7.º O Governo do Reich tomou conhecimento de que o Governo britânico pretende realizar medidas de mobilização cujo carácter indubitável é dirigido contra a Alemanha, segundo resalta das declarações de Vossa Excelência, senhor Ministro-Presidente, na carta que me dirigiu. Isto é válido também para a França. Como a Alemanha nunca teve a intenção de tomar medidas militares, quer contra a Inglaterra, quer contra a França, além das de natureza defensiva, e — como já foi acentuado — nunca pretendeu e não pretende também no futuro atacar a Inglaterra e a França, a comunicação de Vossa Excelência, senhor Ministro-Presidente, confirmada na sua carta, somente pode tratar dum acto previsto de ameaça ao Reich. Participo, portanto, a Vossa Excelência que no caso da realização desta ameaça militar, ordenarei a mobilização imediata do Exército alemão.

8.º A questão do tratamento dos problemas europeus em sentido pacífico não pode ser decidida pela Alemanha, mas em primeiro lugar por aqueles que, desde o crime do Tratado de Versalhes, se têm oposto firme e conseqüentemente contra qualquer revisão pacífica. Somente depois da modificação da atitude das Potências responsáveis pode realizar-se também a modificação das relações entre a Inglaterra e a Alemanha num sentido positivo. Durante toda a minha vida tenho lutado pela amizade germano-inglesa, estou, porém, convencido — pelo menos até agora — da inutilidade duma tal tentativa devido à atitude da diplomacia britânica. Se isto se modificar no futuro, ninguém poderia ser mais feliz do que eu.

Adolf Hitler

*Se bem que a carta do Primeiro Ministro britânico, em 22 de Agosto, e os discursos proferidos no dia seguinte pelos estadistas ingleses não mostrassem a mínima compreensão pelo ponto de vista da Alemanha, o Führer fez, em 25 de Agosto, às 13 horas e 30, uma nova tentativa para chegar a um entendimento com a Grã-Bretanha. Ele pretendia, assim o declarou ao Embaixador britânico, «emprender hoje junto da Inglaterra uma «démarche»*

que seria tão decisiva como a feita com a Rússia, que levou ao acôrdo efectuado há pouco». Depois de repudiar a imputação de planos de hegemonia mundial, o Führer expôs o problema polaco em tôda a sua gravidade e urgência. A Alemanha está decidida a pôr um fim às condições macedónicas na sua fronteira oriental. Não haverá uma guerra em duas frentes, porque o tratado com a Rússia é incondicional e constitue uma modificação politica para larguíssimo tempo. O Führer está pronto, depois da resolução do problema germano-polaco, a fazer mais uma vez à Inglaterra uma proposta completa. Ele reconhece o Império britânico e está pronto a colocar a fôrça do Reich ao serviço da sua existência, desde que sejam satisfeitas as suas reivindicações coloniais, que podem ser negociadas por meios pacíficos, e não sejam affectados os seus compromissos para com a Itália e a Rússia Soviética. Além disso, está pronto a aceitar uma limitação razoável dos armamentos. A Oeste não ha que pensar em qualquer correcção de fronteiras. Imediatamente após a solução da questão germano-polaca, o Führer fará uma oferta ao Govérno britânico. Era, pois, uma proposta de proporções não só europeias, mas verdadeiramente mundiais. A sua rejeição pela Inglaterra parece ainda mais irresponsável à luz dos acontecimentos bélicos ulteriores e da carga que o mundo neutral tem agora de suportar.

N.º 80 (457)

**Declaração do Führer ao Embaixador britânico,  
em 25 de Agôsto de 1939**

O Führer começou por declarar que no fim da última conferência, o Embaixador britânico manifestara a esperança de que fôsse, não obstante, ainda possível um acôrdo entre a Alemanha e a Inglaterra. Ele, Führer, havia depois disso voltado a meditar em tudo e queria hoje assumir perante a Inglaterra uma atitude, que seria tão decisiva como a que fôra asumida em face da Rússia e que tinha conduzido a um rápido acôrdo.

Também a reunião de ontem na Câmara dos Comuns e especialmente os discursos de Chamberlain e de Lord Halifax tinham levado o Führer a falar ainda mais uma vez com o Embaixador britânico. A alegação de que a Alemanha quiere conquistar o mundo é ridícula. O Império britânico abrange 40 milhões de km<sup>2</sup>, a

Rússia 19 milhões de km<sup>2</sup>, a América 9 milhões de km<sup>2</sup>, enquanto a Alemanha ainda não perfaz 600.000 km<sup>2</sup>. É, portanto, evidente quem quer conquistar o mundo.

O Führer comunica ao Embaixador britânico o seguinte :

1.º Os actos de provocação da Polónia tornaram-se intoleráveis, seja quem for o seu responsável. Se o Governo polaco contesta a sua responsabilidade, isto só demonstra que ele próprio não tem já qualquer influência sobre os seus órgãos militares subordinados. Na noite anterior deram-se mais 21 novos incidentes fronteiriços; todavia do lado alemão manteve-se a maior disciplina. Todos os incidentes partiram do lado polaco. Foram, além disso, atacados aviões de passageiros. Se o Governo da Polónia declara não ser de tal responsável, prova assim que não lhe é já possível refrear a sua própria gente.

2.º A Alemanha está decidida, seja em que circunstâncias for, a suprimir nas suas fronteiras orientais esta situação macedónica, e isso não só no interesse de sossego e de ordem, mas também no da paz europeia.

3.º O problema de Dantzig e do Corredor tem de ser resolvido. O Primeiro Ministro britânico proferiu um discurso de nenhum modo próprio a originar uma mudança na atitude da Alemanha. O máximo que desse discurso poderia resultar era uma guerra sangrenta e sem semelhante entre a Alemanha e a Inglaterra. Uma tal guerra seria mais sangrenta do que a de 1914 a 1918. Ao contrário da última guerra, a Alemanha não teria de combater em duas frentes. O tratado com a Rússia é incondicional e significa uma mudança duradoira na política externa do Reich. A Rússia e a Alemanha em nenhuma circunstância voltarão mais a pegar em armas uma contra a outra. Além disso, os acordos efectuados com a Rússia garantiriam a Alemanha economicamente para um período de guerra de maior duração.

O Führer nunca deixou de se interessar pelo entendimento germânico-britânico. Uma guerra entre a Inglaterra e a Alemanha podia, no caso mais favorável, trazer lucro à Alemanha; à Inglaterra, porém, absolutamente nada.

O Führer declara que o problema germano-polaco tinha de



ser resolvido e será resolvido. Está, porém, pronto e decidido, após a resolução deste problema, a apresentar ainda mais uma vez à Inglaterra uma grande e ampla proposta. É um homem de grandes resoluções e será também neste caso capaz dum grande empreendimento. Ele reconhece o Império britânico, está pronto a responsabilizar-se pessoalmente pela existência do mesmo e a pregar nisso a força do Reich alemão se :

- 1.º as suas reivindicações coloniais, que são limitadas e podem ser resolvidas pela via pacífica, obtiverem satisfação, pelo que está desde já pronto à mais ampla determinação do prazo.
- 2.º as suas obrigações perante a Itália não forem atingidas, isto é, por outras palavras : não exige da Inglaterra o repúdio das suas obrigações para com a França e também não podia, por seu lado, afastar-se das obrigações para com a Itália.
- 3.º Deseja igualmente acentuar a resolução inabalável da Alemanha de nunca mais entrar em conflito com a Rússia.

O Führer está, portanto, pronto a realizar acordos com a Inglaterra, os quais, como já foi acentuado, garantiriam por parte da Alemanha, e em tôdas as circunstâncias, a existência do Império britânico, como também, caso fôsse necessário, assegurariam igualmente ao Reino Unido o auxílio alemão, onde quer que um tal auxílio fôsse preciso. O Führer estaria então também pronto a aceitar uma razoável limitação dos armamentos, que estivesse conforme com a nova situação política e fôsse sustentável sob o ponto de vista económico. Por fim, o Führer garantiu mais uma vez que não lhe interessam os problemas da fronteira ocidental, que uma correção dessa fronteira está longe de ser prevista e que a Westwall, que custou biliões, estabelece aí, definitivamente, a fronteira do Reich.

Se o Governo britânico tomasse em consideração estas ideias, poderia resultar daí um bem para a Alemanha e também para o Império britânico. Se as rejeitar, haverá então a guerra. Desta guerra em nenhum caso a Inglaterra sairá mais forte; já a última guerra provou isso.

O Führer repete que é um homem de grandes resoluções, das quais é próprio toma a responsabilidade, e que esta seria a sua

última proposta. Logo que esteja resolvido o problema germano-polaco apresentará ao Governo britânico uma nova proposta.

*Porém, entretanto, no mesmo dia, 25 de Agosto, foi assinado em Londres pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico e pelo Embaixador da Polónia o pacto de assistência anglo-polaco, com o qual a Inglaterra liga definitivamente o seu destino ao desta nação.*

*Este tratado, como mostra o seu texto, excede em muito os deveres e os direitos usuais nas alianças defensivas, encobrindo, entre outros, casos tais como guerra preventiva. De qualquer maneira, este tratado representa um caso único na História diplomática da Inglaterra.*

N.º 81 (459)

### **Tratado anglo-polaco de assistência mútua, em 25 de Agosto de 1939**

O Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte e o Governo polaco, no desejo de colocar numa base duradoura a colaboração entre os seus dois países, a qual resulta das asseverações trocadas já entre eles duma assistência mútua de carácter defensivo, resolveram para este fim efectuar um convénio e nomearam como seus plenipotenciários:

O Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte:

o muito honorável visconde Halifax, K. G., G. C. S. J., G. C. J. E., Primeiro Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros;

O Governo da Polónia:

Sua Exceclência o Conde Eduardo Raczynski, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Polaca em Londres;

os quais depois de trocarem as suas credenciais, consideradas boas e legítimas, convieram nas seguintes disposições:

#### **Artigo 1.º**

No caso que uma das partes contratantes seja envolvida em hostilidades com uma Potência europeia, isto é, em consequência

dum ataque de qualquer Potência europeia, a outra prestará imediatamente à parte envolvida em hostilidades (1) todo o apoio e assistência que esteja em seu poder.

#### Artigo 2.º

(1) As disposições do artigo 1.º são aplicáveis também, se qualquer acto duma Potência europeia ameaçar de modo manifesto directa ou indirectamente a independência duma das partes contratantes, de tal maneira que a parte respectiva considere de importância vital resistir pela força armada.

(2) No caso que uma das partes contratantes seja envolvida em hostilidades com uma Potência europeia, em consequência dum acto desta Potência ameaçar de tal maneira a independência ou a neutralidade dum outro Estado europeu que nêle existisse uma ameaça expressa para a segurança da citada parte contratante, são applicáveis as disposições do artigo 1.º, mas sem prejuizo dos direitos do outro Estado europeu participante.

#### Artigo 3.º

Se uma Potência europeia tentar minar a independência duma das partes contratantes pelo processo de penetração económica ou por qualquer outro modo, as partes contratantes ajudar-se-ão mutuamente, opondo-se a tais intentos. Se a Potência europeia em questão iniciar a seguir as hostilidades contra uma das partes contratantes, aplicar-se-ão as disposições do artigo 1.º.

#### Artigo 4.º

Os métodos para a execução dos compromissos de assistência mútua contidos neste convénio serão estipulados pelas autoridades competentes da marinha, do exército e da aviação das partes contratantes.

(1) O membro da Câmara dos Comuns, Harvey, tendo perguntado se os compromissos de assistência do convénio anglo-polaco, de 25 de Agosto de 1939, também incluíam o caso dum ataque por parte de Potências não alemãs, incluindo a Rússia, o Sub-Secretário britânico dos Negócios Estrangeiros, Butler, em 19 de Outubro de 1939 deu por escrito a seguinte resposta: «Não. Durante as negociações que levaram à assinatura do convénio, ficou combinado entre o Governo polaco e o Governo de Sua Majestade, que o tratado previa somente o caso duma agressão por parte da Alemanha; o Governo polaco confirma que isto é exacto.»

#### Artigo 5.º

Sem prejuízo dos compromissos acima citados, de se prestarem imediatamente auxílio e assistência mútuas, as partes contratantes empreenderão uma troca completa e rápida de informações sobre todos os acontecimentos que possam ameaçar a sua independência, e especialmente sobre todos os que ameacem provocar a entrada em vigor dos compromissos mencionados.

#### Artigo 6.º

(1) As partes contratantes comunicarão reciprocamente as condições de todos os compromissos de assistência contra agressões já contraídos para com outros Estados ou que venham a contrair no futuro.

(2) Se uma das partes contratantes tencionar contrair um tal compromisso depois da entrada em vigor deste acôrdo, deverá informar a outra para que seja assegurado o efeito regular do convénio.

(3) Todos os novos compromissos que as partes contratantes venham a contrair de futuro, não devem limitar os seus deveres provenientes deste convénio, nem criar indirectamente novos deveres entre a parte contratante que não participa nestes compromissos e o terceiro Estado.

#### Artigo 7.º

Se as partes contratantes, em consequência da execução deste convénio, se envolverem em hostilidades, não concluirão nenhum armistício ou tratado de paz, a não ser de comum acôrdo.

#### Artigo 8.º

(1) Este convénio continuará em vigor durante um prazo de cinco anos.

(2) Se não for denunciado seis meses antes de expirar este prazo, continuará em vigor. Depois, cada parte contratante tem o direito de denunciá-lo a todo o tempo com uma antecipação de seis meses.

(3) Este convénio entrará em vigor depois de assinado.

Em fé de que, os Plenipotenciários nomeados no início, assinaram este convénio e o muniram dos seus selos.

Feito em duplicado em lingua inglesa. Londres, em 25 de Agôsto de 1939. Posteriormente deve ser combinada uma versão polaca entre as partes contratantes, e a partir de então ambos os textos serão válidos.

(L. S.) Halifax

(L. S.) Eduardo Raczynski

*Enquanto o Governo britânico ainda deliberava acêrca da comunicação do Führer, de 25 de Agôsto, realizava-se uma troca de correspondência entre o Presidente do Conselho francês, Daladier, e o Führer. Na sua resposta, o Führer fundamentou de novo e detalhadamente o ponto de vista alemão no problema germano-polaco, e repetiu mais uma vez a sua decisão firme de reconhecer como definitiva a actual fronteira germano-francesa.*

N.º 82 (460)

### **O Presidente do Conselho francês ao Führer, em 26 de Agôsto de 1939**

Paris, 26 de Agôsto de 1939

Senhor Chanceler do Reich :

O Embaixador francês em Berlim trouxe ao meu conhecimento a comunicação pessoal de V. Ex.ª

Na hora em que V. Ex.ª fala das mais pesadas responsabilidades que dois Chefes de Governo podem tomar sôbre si, isto é, fazer correr o sangue de dois grandes povos que apenas anseiam pela paz e pelo trabalho, sou obrigado a dizer pessoalmente a V. Ex.ª e a ambos os nossos povos que o destino da paz ainda está nas mãos de V. Ex.ª

V. Ex.ª nem pode duvidar dos meus sentimentos perante a Alemanha, nem dos sentimentos de paz da França para com a Nação alemã. Nenhum francês fez mais do que eu próprio para fortalecer entre ambos os nossos povos, não só a paz, mas ainda uma sincera cooperação nos seus próprios interesses, bem como no interesse da Europa e do mundo.

Não creio que V. Ex.ª julgue que o povo francês tem uma noção de honra menor que aquela que eu reconheço ao povo alemão, e assim não pode V. Ex.ª duvidar que a França cumpra as

suas obrigações para com as outras Potências, as quais, como por exemplo a Polónia, estou disso convencido, querem viver em paz com a Alemanha.

Ambas estas convicções são inteiramente compatíveis.

Até hoje nada ha que possa impedir uma solução pacifica da crise internacional, com honra e dignidade para todos os povos, se de todos os lados se manifestar o mesmo desejo de paz.

Com a boa vontade da França afirmo a de todos os seus aliados. Encarrego-me mesmo da garantia da disposição que a Polónia sempre demonstrou ter para o emprêgo mútuo do método de negociações livres, como é legitimo admitir entre os Governos de duas nações soberanas. Com a maior certeza posso afirmar a V. Ex.<sup>a</sup> que, dentro das questões existentes entre a Alemanha e a Polónia respeitantes ao problema de Dantzig, nenhuma ha que não possa ser submetida àquele método, tendo em vista uma solução pacifica e justa.

Posso também afirmar pela minha honra que não ha nada na franca e sincera solidariedade da França com a Polónia e com os seus aliados que possa de qualquer modo prejudicar o carácter pacifico da minha Pátria. Essa solidariedade nunca disso nos impediu, e também hoje não obsta a que apoiemos a Polónia dentro deste espirito pacifico.

Nesta hora tão difficil, creio sinceramente que nenhum homem de alma nobre possa admitir que uma guerra venha empreender a destruição, sem que tenha lugar uma última tentativa de solução pacifica entre a Alemanha e a Polónia. O desejo de paz de V. Ex.<sup>a</sup> podia com toda a certeza declarar-se de acôrdo com tal, sem que, de qualquer forma, a honra alemã fôsse atingida. Eu, como Chefe do Govérno da França, que desejo uma boa harmonia entre os povos francês e alemão e que, por outro lado, estou ligado à Polónia por laços de amizade e pela palavra dada, estou pronto a fazer todos os esforços, que um homem sincero pode aceitar, para levar essa tentativa a bom fim.

V. Ex.<sup>a</sup> foi, como eu mesmo, antigo combatente na última guerra. Sabe como eu que horror e condenação deixam atrás de si na consciéncia dos povos as devastações da guerra, independentemente da forma como ela acaba. A ideia que eu posso fazer da saliente missão de V. Ex.<sup>a</sup> como Führer do Povo alemão no caminho da paz e da conclusão da sua tarefa no sentido da obra comum da Civilização, leva-me a pedir uma resposta a esta proposta.

Se o sangue francês e o sangue alemão de novo correrem,

como há 25 anos, numa guerra ainda mais sangrenta e demorada, então cada um dos dois povos lutará na fé do seu próprio triunfo. A triunfar virão, seguramente, a destruição e a barbaria.

Daladier

N.º 83 (461)

**O Führer ao Presidente do Conselho francês, Daladier,  
em 27 de Agôsto de 1939**

Berlim, 27 de Agôsto de 1939

Senhor Presidente do Conselho :

Compreendo as dúvidas que V. Ex.ª exprime. Também eu nunca esqueci a alta responsabilidade que incumbe àqueles que decidem do destino dos povos. Como antigo combatente conheço, como V. Ex.ª, os horrores da guerra. Por os conhecer, dediquei-me honestamente a afastar os objectos de conflito entre os nossos dois povos. Assegurei ao povo francês, abertamente, que a devolução do território do Sarre seria a condição fundamental para isso. Logo após essa devolução afirmei solenemente a minha renúncia a quaisquer exigências que se referissem à França. O Povo alemão aprovou esta minha atitude. Como V. Ex.ª pôde constatar quando veio à Alemanha, não se sentiu nem se sente contra o adversário heróico de outrora qualquer espécie de rancor ou de ódio. Antes pelo contrário. A pacificação da nossa fronteira ocidental levou a uma crescente simpatia, em todo o caso, por parte do Povo alemão. Uma simpatia que se demonstrou em muitas circunstâncias. A construção das grandes fortificações ocidentais, que absorveu e absorve muitos biliões, representa para a Alemanha, simultâneamente, um documento da aceitação e fixação definitiva da fronteira do Reich. O Povo alemão renunciou assim à duas províncias que outrora pertenceram ao antigo Reich, mais tarde foram conquistadas à custa de muito sangue e, finalmente, defendidas ainda com muito mais sangue. Esta renúncia demonstra, como V. Ex.ª deve admitir, não uma tática apresentada exteriormente, mas uma decisão que em tódas as nossas medidas recebeu a sua conseqüente prova. V. Ex.ª, Senhor Presidente do Conselho, não poderá citar-me um só caso, no qual sequer numa

linha ou num discurso tenha sido posta em dúvida a fixação definitiva da fronteira do Reich no Ocidente. Eu julgava que por meio desta renúncia e desta atitude tinha acabado todo o motivo possível entre os nossos povos, que conduzisse à repetição da tragédia de 1914 a 1918. Esta limitação voluntária das exigências vitais alemãs no Oeste não pode, porém, ser tomada como uma aceitação válida de todos os outros pontos do Tratado de Versalhes. Ano após ano tentei, na verdade, alcançar por meio de negociações a revisão, pelo menos das determinações mais absurdas e insuportáveis desse «Diktat». Isto foi impossível. Que a revisão tinha de vir era evidente e sabido por inúmeros homens sensatos de todos os povos. O que sempre se pode alegar contra o meu método, aquilo que sempre se julga dever objectar-lhe, não deve impedir de se notar que, por meio dele, foi possível, sem novo derramamento de sangue, alcançar em muitos casos, não só soluções satisfatórias para a Alemanha, mas também que, devido à natureza desse método, os estadistas de outros países foram desobrigados do dever, para eles em muitos casos impossível, de se responsabilizarem por essa revisão perante os seus próprios povos; pois ao menos numa coisa deverá V. Ex.<sup>a</sup> concordar comigo: a revisão tinha que vir. O «Diktat» de Versalhes era insuportável. Nenhum francês honesto e também V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Daladier, em situação idêntica teria procedido de forma diferente da minha. Tentei, pois, também neste sentido afastar do mundo a mais insensata medida do Tratado de Versalhes. Fiz ao Governo polaco uma proposta que causou espanto ao Povo alemão. Ninguém senão eu poderia ousar trazer a público uma tal proposta. Só podia por isso ser feita uma vez. Estou profundamente convencido de que se então, especialmente na Inglaterra, em vez de se iniciar uma feroz campanha da Imprensa contra a Alemanha e de lançar boatos de uma mobilização alemã, a Polónia tivesse sido de qualquer forma aconselhada a ser sensata, a Europa podia gozar hoje e por 25 anos a situação da mais completa paz. Em vez disso, porém, mercê da mentira da agressão alemã, excitou-se a opinião pública polaca, dificultou-se ao Governo da Polónia a tomada duma decisão clara e indispensável e, acima de tudo, por meio da promessa de garantia que então se seguiu, turvou-se a visão dos limites das possibilidades reais. O Governo polaco rejeitou as propostas. Seguramente na convicção de que a Inglaterra e a França lutariam pela Polónia, a opinião pública polaca começou a apresentar reinvidicações, que se poderiam talvez tomar como loucura ridícula, se não fossem tão profundamente perigosas. Estabeleceu-se então um terror



insuportável, uma opressão física e económica sobre os alemães residentes nos territórios arrebatados ao Reich e que ainda assim ascendem a um milhão e meio de indivíduos. Não pretendo falar aqui das atrocidades cometidas. Mas também Dantzig, com os repetidos desmandos das autoridades polacas, foi forçada a reconhecer que está entregue, aparentemente sem socorro, ao despotismo duma Potência estranha ao carácter nacional da cidade e da população.

Se me permite, perguntar-lhe-ei, Senhor Daladier, como procederia V. Ex.<sup>a</sup> na qualidade de francês se, merê de qualquer desenlace infeliz duma luta valorosa, uma das províncias da França fôsse separada por meio dum corredor na posse duma Potência estrangeira e se uma grande cidade — digamos, Marselha — fôsse impedida de se reconhecer francesa, sendo os franceses aí residentes perseguidos, espancados, maltratados e mesmo bestialmente assassinados? V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Daladier, é francês, e eu sei como procederia. Eu sou alemão, Senhor Daladier, não tenha dúvida do meu sentimento de honra e da minha consciência do dever para proceder exactamente da mesma forma. Se tivesse, pois, esta mesma infelicidade que nós temos, compreenderia então, Senhor Daladier, que a Alemanha, sem qualquer motivo para tal, viesse sustentar que o corredor através da França fôsse mantido, que as regiões roubadas não deveriam regressar à pátria, que a devolução de Marselha à França fôsse proibida? Eu não posso, em qualquer caso, imaginar que a Alemanha por este motivo combatesse contra a França, pois eu e todo o mundo renunciámos à Alsácia e Lorena para evitar um novo derramamento de sangue. Muito menos iríamos derramar sangue para sustentar uma injustiça que seria para V. Ex.<sup>a</sup> intolerável, como sem importância para nós. Tudo o que V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Daladier, escreve na sua carta, o sinto eu da mesma maneira. Talvez, precisamente como antigos combatentes, possamos compreender-nos mais facilmente em muitos dominios; mas peço a V. Ex.<sup>a</sup> que compreenda também isto: que é impossível para uma nação com honra renunciar a quasi 2 milhões de pessoas e vê-las maltratar na sua própria fronteira. Apresentei por isso uma reivindicação que não deixa lugar a dúvidas: Dantzig e o Corredor têm de voltar para a Alemanha. A situação macedónica da nossa fronteira oriental deve terminar. Não vejo nenhum meio de levar a Polónia, — que se julga inatacável ao abrigo das suas garantias —, a uma solução pacífica. Eu duvidaria, porém, num futuro honroso do meu Povo se nós, em tais circunstâncias, não estivéssemos decididos a resol-

ver o problema duma forma ou doutra. Se por esta razão o destino forçar ambos os nossos povos a lutarem de novo, haverá então uma diferença de motivos. Eu, Senhor Daladier, luto então com o meu Povo pela reparação duma injustiça que nos foi feita, e os outros pela manutenção da mesma. Isto é tanto mais trágico, que muitos dos homens mais importantes, também do seu próprio povo, reconheceram a insensatez da solução de 1919, bem como a impossibilidade da sua manutenção duradoira. Não tenho quaisquer dúvidas sobre as pesadas conseqüências que um tal conflito traz consigo. Creio, porém, que as mais pesadas conseqüências terá a Polónia de as suportar, porque independentemente do resultado da guerra, o Estado polaco de hoje ficaria perdido duma forma ou doutra.

Que, portanto, por este motivo ambos os nossos povos tenham de entrar numa nova e sangrenta guerra de aniquilamento é, não só para V. Ex.<sup>ta</sup>, Senhor Daladier, mas para mim também, muito doloroso. Não vejo, todavia, como já notei, qualquer possibilidade da nossa parte de poder influir razoavelmente sobre a Polónia no sentido de ser corrigida uma situação insuportável para o Povo alemão e para o Reich alemão.

Adolf Hitler

*A atitude britânica perante as propostas do Führer de 25 de Agosto, encontra-se expressa no memorando, que foi entregue ao Führer pelo Embaixador da Grã-Bretanha só no dia 28 de Agosto, às 22 horas e 30, perdendo-se assim três dias preciosos. O Governo britânico não concorda, segundo este memorando, que se separe o futuro anglo-alemão e a paz europeia da intransigência polaca. O Governo britânico mostra-se, porém, conhecedor de todos os perigos que a situação actual na fronteira alemã do Leste arrasta consigo e está de acôrdo com a Alemanha no que diz respeito à necessidade duma solução rápida. Por conseguinte propõe, como primeiro passo a dar, que se façam negociações directas entre a Alemanha e a Polónia. Além disso, diz ter recebido do Governo polaco a garantia de este estar pronto a entrar com o Governo do Reich em negociações directas sobre as questões germano-polacas, cujos resultados teriam de ser garantidos por outras Potências. Nós sabemos hoje que o Governo inglês não teve escrúpulos de enganar nisso conscientemente o Governo do Reich. Da troca de notas entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico e o Embaixador britânico em Varsóvia, que entretanto foram publicadas,*

*ressalta o facto de que a afirmação contida no memorando britânico de 28 de Agosto, isto é, a garantia definitiva de que a Polónia se encontrava pronta para conversações directas, não corresponde à realidade.*

N.º 84 (463)

**Memorando do Governo britânico entregue ao Führer  
pelo Embaixador britânico, em 28 de Agosto de 1939,  
às 22,30 horas**

O Governo de Sua Majestade recebeu a mensagem que lhe enviou o Chanceler do Reich por intermédio do Embaixador britânico em Berlim e examinou-a com a sua melhor atenção.

1.º O Governo de Sua Majestade tomou boa nota do desejo manifestado pelo Senhor Chanceler do Reich, de que a amizade constituísse a base das relações entre a Alemanha e o Império britânico, e participa inteiramente desse desejo. O Governo britânico também crê, como o Senhor Chanceler do Reich, que, no caso de se vir a dar um completo e durável entendimento entre as duas nações, este facto trará um bem incalculável para os dois povos.

2.º A mensagem do Senhor Chanceler do Reich refere-se a dois grupos de questões — as que actualmente constituem objecto de litígio entre a Alemanha e a Polónia e as que dizem respeito às relações definitivas entre a Alemanha e a Grã-Bretanha. Com respeito aos problemas mencionados em último lugar, presume o Governo de Sua Majestade que o Senhor Chanceler do Reich aludiu a determinadas propostas que sob uma condição estaria inclinado a fazer ao Governo britânico, para se chegar a um entendimento geral. Estas propostas foram naturalmente feitas duma forma muito geral e exigiriam uma determinação mais exacta, mas o Governo de Sua Majestade está inteiramente pronto a accitá-las, com alguns complementos, como objecto de conversações, e estaria disposto, no caso de que as questões em litígio entre a Alemanha e a Polónia se liquidem pacificamente, a começar tão depressa quanto possível as conversações respectivas, animado do sincero desejo de chegar a um acôrdo.

3.º A condição posta pelo Senhor Chanceler do Reich é que uma solução das divergências existentes entre a Alemanha e a Polónia deverá preceder o mencionado acôrdo. A este respeito, o

Governo de Sua Majestade é inteiramente da mesma opinião. Tudo depende, porém, da forma desta solução e do método adoptado para chegar à mesma. A respeito destes pontos, cuja importância deve ser conhecida do Senhor Chanceler do Reich, nada é dito na mensagem mencionada, e o Governo de Sua Majestade vê-se forçado a declarar que um acôrdo respeitante a estes dois pontos é em todo o caso indispensável para se conseguir um êxito ulterior. O Governo alemão deve estar ciente de que o Governo de Sua Majestade tem compromissos em face da Polónia que o obrigam e os quais tenciona cumprir. Não poderia, pôis, aprovar uma solução a trôco duma qualquer vantagem oferecida à Grã-Bretanha, solução essa que fizesse perigar a independência dum Estado ao qual deu a sua garantia.

4.º Segundo a opinião do Governo de Sua Majestade, podia-se e devia-se conseguir uma solução razoável das divergências entre a Alemanha e a Polónia, por meio do acôrdo entre as duas nações, numa base que incluiria a segurança dos interesses essenciais polacos, e o Governo de Sua Majestade lembra-se que o Chanceler do Reich reconheceu a importância destes interesses para a Polónia no seu discurso de 28 de Abril.

Na sua carta de 22 de Agosto, dirigida ao Senhor Chanceler do Reich, o Primeiro Ministro britânico expôs todavia que, segundo a opinião do Governo de Sua Majestade, era indispensável para o bom êxito das negociações que antecederiam o acôrdo, que fôsse assente de antemão que o acôrdo a realizar deveria ser garantido por outras Potências. O Governo de Sua Majestade prontificaria-se à execução eficaz duma tal garantia, se tal fôsse desejado.

Segundo a opinião do Governo de Sua Majestade, conclue-se que, como próximo passo, deviam começar negociações imediatas entre os Governos alemão e polaco numa base, da qual fariam parte os princípios acima mencionados, isto é, a garantia dos interesses necessários da Polónia e a segurança do acôrdo mediante uma garantia internacional. O Governo de Sua Majestade já recebeu da parte do Governo polaco uma confirmação definitiva, prontificando-se êste a entrar em conversações na base mencionada, e o Governo de Sua Majestade espera que o Governo alemão, por seu lado, esteja da mesma forma pronto a concordar com êste método.

No caso de tais conversações, como espera o Governo de Sua Majestade, conduzirem a um acôrdo, estaria aberto o caminho para discussão sôbre aquele entendimento mais amplo e completo

entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, entendimento esse que as duas nações aspiram conseguir.

5.º O Governo de Sua Majestade concorda com o Senhor Chanceler do Reich em que um dos principais perigos da situação existente entre a Alemanha e a Polónia tem a sua origem nos relatórios referentes ao tratamento das minorias. O actual estado de tensão juntamente com os incidentes fronteiriços que o acompanham e os relatórios que dizem respeito a brutalidades e à propaganda provocadora, são um constante perigo para a paz. Trata-se evidentemente dum problema da máxima urgência, que todos os incidentes desta natureza sejam imediatamente suprimidos com mão firme e que a divulgação de boatos sem fundamento seja impedida, a-fim-de se conseguir um prazo em que sem provocações de ambos os lados se possa iniciar um exame minucioso das possibilidades duma solução. O Governo de Sua Majestade está convencido de que ambos os Governos interessados estão comprometidos desta maneira de ver.

6.º O Governo de Sua Majestade esclareceu suficientemente a sua própria atitude em face dos motivos especiais de conflito existentes entre a Alemanha e a Polónia. O Governo confia em que o Senhor Chanceler do Reich não julgará que o Governo de Sua Majestade, pelo facto de tencionar cumprir rigorosamente as suas obrigações para com a Polónia, não faça por esta razão esforços para empregar toda a sua influência no sentido de que a Alemanha e a Polónia cheguem a uma solução satisfatória para ambas as partes.

Que se deverá chegar a um tal resultado, parece absolutamente necessário ao Governo de Sua Majestade, e não só por motivos que estão imediatamente ligados com a solução, mas também por causa das considerações mais amplas, às quais se referiu o Senhor Chanceler do Reich por forma tão convicta.

7.º Não é necessário nesta resposta salientar as vantagens duma solução pacífica perante a decisão de resolver os problemas em questão por meio das armas. As consequências duma decisão do emprêgo da violência foram expostas claramente na carta do Primeiro Ministro, de 22 de Agosto, dirigida ao Senhor Chanceler do Reich, e o Governo de Sua Majestade não tem dúvida de que o Senhor Chanceler do Reich reconheceu estas consequências com a mesma clareza que o Governo de Sua Majestade.

Por outro lado, o Governo de Sua Majestade, tomando com interesse boa nota da referência a uma limitação dos armamentos, contida na mensagem do Chanceler do Reich, acha que no

caso de se poder chegar a uma solução pacífica, o apoio do mundo pode ser certamente pressuposto para medidas práticas que facilitem a passagem segura e sem obstáculos duma actividade de preparação para a guerra para uma actividade normal de comércio pacífico.

8.º Uma solução justa das questões existentes entre a Alemanha e a Polónia pode abrir caminho à paz mundial. A falta duma tal solução destruiria a esperança num melhor entendimento entre a Alemanha e a Grã-Bretanha, arastaria a um conflito as duas nações e poderia fazer cair o mundo inteiro na guerra. Tal resultado seria uma catástrofe sem igual na História.

*Na sua resposta ao Embaixador britânico, entregue em 29 de Agosto, às 18 horas e 45, o Führer aceita a proposta britânica. Ele chama a atenção da Inglaterra para o facto de as condições a Oriente serem insuportáveis para uma grande Potência, tendo-se chegado a uma situação que não pode ser tolerada e nem sequer presenciada por mais tempo. O Führer declara ainda a esse respeito que talvez se disponha apenas de horas para aliviar a tensão. A Alemanha tem procurado desde há bastante tempo chegar a um entendimento pelo caminho das negociações pacíficas, sem que tenha encontrado apoio do lado do Governo polaco. Apesar do seu cepticismo na apreciação das conversações directas propostas, o Governo do Reich aceita a proposta britânica e declara-se concorde em que, por mediação do Governo inglês, venha a Berlim uma personalidade polaca munida de plenos poderes, contando o Governo do Reich com a sua chegada na quarta-feira, 30 de Agosto. O Governo do Reich elaborará imediatamente propostas para uma solução aceitável para essa personalidade e pô-las-á, se isto fôr possível, à disposição do Governo britânico antes da chegada do representante polaco.*

**Resposta do Führer ao Governo britânico, entregue  
ao Embaixador britânico, em 29 de Agosto de 1939,  
às 18,45 horas**

O Embaixador de Sua Majestade britânica em Berlim comunicou ao Governo britânico as propostas que eu julguei dever apresentar, afim-de:

- 1.º destacar mais uma vez a vontade do Governo do Reich em chegar a um entendimento sincero, colaboração e amizade entre a Alemanha e a Inglaterra;
- 2.º não deixar surgir nenhuma dúvida de que um tal entendimento não poderia ser conseguido a tróco da renúncia a interesses vitais alemães, ou abandonando exigências que têm como base direitos humanos, bem como a dignidade e a honra nacional do nosso Povo.

Foi com satisfação que o Governo do Reich depreendeu da resposta do Governo britânico e das explicações orais do Embaixador britânico, que o Governo de Sua Majestade está também, por seu lado, disposto a melhorar as relações germano-inglesãs e a desenvolvê-las e ampliá-las no sentido das sugestões alemãs.

O Governo de Sua Majestade britânica está assim também convencido de que a solução da tensão germano-polaca tornada insuportável, constitue a condição para a realização desta esperança.

Desde Outono do ano passado e ultimamente, em Março de 1939, foram feitas, oralmente e por escrito, propostas ao Governo polaco, que, em consideração da amizade existente naquela altura entre a Alemanha e a Polónia, tinham podido tornar possível uma solução das questões em litigio, aceitável para ambas as partes. O Governo britânico sabe que o Governo polaco foi da opinião, no mês de Março deste ano, que devia definitivamente rejeitar estas proposias. Esta recusa tomou êle ao mesmo tempo como pretêxto ou oportunidade para medidas militares, que, a partir daquele momento, aumentaram sem cessar. Já em meados do mês passado, o Estado polaco mobilizou de facto. Em ligação com isto verificaram-se numerosos desmandos na Cidade Livre de

Dantzig, provocados por autoridades polacas; e exigências de carácter mais ou menos ameaçador foram dirigidas a esta cidade. Fechou-se a fronteira, primeiramente por medidas aduaneiras, mas agora também por medidas militares e de comunicações, com o fim de destruir, política e economicamente, esta comunidade alemã.

Falta referir as brutalidades bárbaras que bradam aos céus e perseguições da grande minoria alemã na Polónia, que tiveram até como consequência a morte de muitos alemães ali residentes ou a deportação nas circunstâncias mais cruéis. Esta situação é insuportável para uma grande Potência. Ela forçou a Alemanha, depois de observação que durou meses, a adoptar também as medidas necessárias para garantir os legítimos interesses alemães. E o Governo do Reich só pode assegurar ao Governo britânico, da forma mais séria, que agora se chegou a um estado que exclue a aceitação ou mesmo só a observação disso por mais tempo.

A exigência do Governo alemão corresponde à revisão do Tratado de Versalhes neste domínio, revisão que foi reconhecida necessária desde o início: o regresso de Dantzig e do Corredor à Alemanha e a segurança da vida das minorias alemãs que continuam na Polónia.

O Governo do Reich toma boa nota de que também o Governo britânico está convencido em principio de que a situação surgida carece duma solução. Ele julga, além disso, que o Governo britânico não tem dúvida de que neste caso não se trata duma situação para a abolição da qual se dispõe de dias ou mesmo semanas, mas talvez somente de horas. Pois em cada momento, dada a desorganização na Polónia, pode contar-se com a possibilidade de actos que, para a Alemanha, seriam impossíveis de tolerar.

Se o Governo britânico ainda acredita que estas graves divergências se podem resolver por negociações directas, o Governo do Reich lamenta não poder mais ser da mesma opinião, pois tentou preparar o caminho duma tal solução pacífica, mas nisso não encontrou apoio da parte do Governo polaco, mas sim uma recusa, com medidas de carácter militar, bruscamente tomadas no sentido do desenvolvimento já mencionado.

O Governo de Sua Majestade britânica considera dois pontos como importantes:

- 1.º que o perigo existente duma explosão ameaçadora seja eliminado pela forma mais rápida, por meio de negociações directas, e que,
- 2.º mediante garantias internacionais, seja dada a seguran-



ça económica e política necessária à existência do Estado polaco, que, de resto, continua a existir.

O Governo do Reich tem de responder a isso com a declaração seguinte :

A-pesar-de ver com cepticismo tais conversações directas quere, não obstante, aceitar a proposta inglesa e entrar nessas conversações. Ele faz isso, exclusivamente, como já foi dito, movido pela impressão que lhe causou a comunicação escrita recebida da parte do Governo de Sua Majestade e em que este Governo deseja, do seu lado, um acôrdo amigável baseado nas ideias expostas ao Embaixador Senhor Henderson. O Governo alemão quere com isso dar ao Governò de Sua Majestade e ao povo inglês uma prova da sinceridade das intenções alemãs para chegar a uma amizade duradoira com a Inglaterra.

O Governo do Reich toma, porém, como dever chamar a atenção do Governo britânico para o facto de que, no caso de se verificar uma nova ordem nas condições territoriais, não estará mais apto a obrigar-se a garantias ou a participar nelas, sem a participação do Governo soviético.

De resto, o Governo do Reich, formulando as suas propostas, nunca tencionou atacar interesses vitais da Polónia ou pôr em questão a existência dum Estado polaco independente. Nestas condições, o Governo alemão está pois de acôrdo em aceitar a sugestão feita pelo Governo de Sua Majestade no sentido de que seja enviada a Berlim um personalidade polaca com poderes plenipotenciários. O Governo aguarda que esta personalidade chegue na quarta-feira, 30 de Agôsto de 1939.

O Governo do Reich vai imediatamente elaborar as propostas duma solução aceitável, e, se possível, pô-las-á também à disposição do Governo britânico até à chegada do emissário polaco.

*A resposta da Polónia foi decretar a mobilização geral.*

**O Encarregado de Negócios alemão em Varsóvia  
ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich,  
comunicação telefónica de 30 de Agosto de 1939**

Há uma hora que na Polónia apareceram cartazes anunciando a mobilização geral. O primeiro dia de mobilização é o de 31 de Agosto; têm de se apresentar tôdas as pessoas que possuam o bilhete branco de convocação.

*O Governo britânico fêz novamente demorar a sua resposta à sugestão alemã para o envio dum representante polaco munida de plenos poderes, e só cêrca da meia-noite de 30 de Agosto, isto é, depois de ter decorrido o dia, no qual o Governo do Reich alemão julgava poder esperar a chegada dum plenipotenciário polaco, Henderson entregou um memorando de resposta do Governo britânico, declarando ao mesmo tempo que o Governo inglês não estava em condições de aconselhar ao Governo polaco o envio dum representante. O Governo britânico propõe que a Alemanha se dirija à Polónia pelos meios diplomáticos normais. No seu memorando o Governo inglês confirma que a Alemanha aceitou a sua proposta. Se-bem-que esteja cõscio do perigo que resulta de dois exércitos mobilizados se encontrarem em face um do outro, considera inoportuno estabelecer já hoje (30. 8) os contactos.*

*A Inglaterra deixou, pois, decorrer mais 24 horas, sem estabelecer os contactos directos que tinham sido propostos por ela e aceites pela Alemanha.*

*O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich viu-se, perante tais circunstâncias, obrigado a reconhecer que a resposta da Polónia fôra a mobilização geral e que se tinha esperado em vão pelo aparecimento dum representante polaco. A-fim-de mostrar o que a Alemanha tencionara propôr ao plenipotenciário da Polónia, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich leu as propostas alemãs que tinham sido entretanto elaboradas e que constituíam, nos seus 16 pontos, uma solução lealíssima das questões em litígio, tendo sido consideradas pelo Governo alemão como base de negociações.*

**Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich  
com o Embaixador britânico, em 30 de Agosto de 1939  
à meia-noite**

Anotação do Ministro Schmidt.

Henderson entregou o memorando do Governo britânico que está junto... (1). Declarou ter recebido o encargo de tratar verbalmente de mais dois pontos.

Apenas se poderá esperar do Governo polaco uma reserva completa, se o Governo alemão, do lado da sua fronteira, assumir a mesma atitude, e se não houver provocações da minoria alemã na Polónia. Encontram-se notícias em circulação, segundo as quais os alemães têm praticado na Polónia actos de sabotagem que justificariam, do lado do Governo polaco, as contra-medidas mais severas. O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich repudiou esta afirmação com a máxima energia. A Alemanha apenas tem conhecimento de provocações polacas, mas a propaganda na Polónia parece ter obtido efeitos junto do Governo britânico. Os polacos têm praticado actos de sabotagem inauditos. Ele recusa-se mesmo a falar sobre este tema com o Governo inglês.

A outra incumbência de Henderson dizia respeito à resposta do Governo alemão do dia antecedente, na qual o Governo do Reich se declarara pronto a entrar em contacto directo com a Polónia, se o Governo desta enviasse imediatamente um representante plenipotenciário. O Governo britânico não está em condições de aconselhar ao Governo polaco que aceite este método de negociações. Propõe ao Governo alemão que ponha as coisas em movimento pelos meios diplomáticos normais, isto é, pela entrega das suas propostas ao Embaixador polaco, a-fim-de tornar possível a este efectuar, de acôrdo com o seu Governo, os preparativos para as negociações directas germano-polacas. Se o Governo alemão se dignar transmitir também estas propostas ao Governo britânico, e este fôr da opinião que as propostas constituem uma base razoável para um regulamento dos problemas pendentes para discussão, empregará a sua influência no sentido de conseguir uma solução em Varsóvia.

(1) Vide anexo I

Referindo-se ao último parágrafo da resposta alemã do dia anterior, Henderson perguntou, se as propostas alemãs já estavam elaboradas e lhe poderiam ser entregues.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich respondeu: 1.º que a mediação britânica apenas tinha dado até então um resultado claro que fôra a mobilização geral polaca. 2.º que do lado alemão se tinha contado no dia de hoje com o aparecimento dum representante polaco. Não se tratou aqui de um ultimato, como o Embaixador britânico erradamente pensou, mas sim, como o Führer já expôs no dia precedente, de uma proposta prática ditada pela urgência das circunstâncias. Até à meia-noite nada se ouviu dos polacos na Alemanha. A questão duma proposta eventual já não tem, pois, actualidade. A-fim-de mostrar, porém, o que a Alemanha tencionava propor, se o representante polaco tivesse vindo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich leu as propostas alemãs inclusas (2) e explicou-as detalhadamente.

Henderson replicou que a declaração do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich — de que pelo facto da não-comparência do representante polaco até quarta-feira à meia-noite as propostas que a Alemanha primitivamente tencionara apresentar, tinham perdido a actualidade — parecia confirmar a sua interpretação da proposta como um ultimato.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich opôs-se mais uma vez enérgicamente a este modo de ver e referiu-se à declaração do Führer do dia anterior de que a pressa derivava do facto de que dois exércitos mobilizados se encontravam em frente um do outro ao alcance de tiro e que a todo o momento um incidente podia desencadear conflitos sérios.

No fim da conversação, Henderson propôs que o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich chamasse o Embaixador polaco e lhe entregasse as propostas alemãs.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros recusou-se por si a dar esse passo e terminou a conversação, reservando para o Führer tôdas as decisões.

Schmidt

(2) Vide anexo II

**Memorando do Governo britânico entregue pelo Embaixador  
inglês ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich,  
em 30 de Agosto de 1939, às 24 horas**

1.º O Governo de Sua Majestade sabe apreciar o facto de que o Governo alemão, na declaração dada na sua resposta, tenha amigavelmente posto em relêvo o desejo dum entendimento germano-inglês, e sabe ao mesmo tempo apreciar a indicação de que esta consideração tem influído na política do Governo do Reich.

2.º O Governo de Sua Majestade quer afirmar outra vez que tem, da mesma forma que o Governo alemão, o desejo de melhorar as relações; tem-se, porém, de tomar em consideração que, por causa dessa melhoria, não pode esquecer os interesses dos seus amigos. Compreende muito bem que o Governo alemão não pode sacrificar os interesses vitais da Alemanha, mas o Governo polaco encontra-se na mesma situação, e o Governo de Sua Majestade crê que os interesses vitais dos dois países não são incompatíveis.

3.º O Governo de Sua Majestade toma nota de que o Governo alemão aceita a proposta britânica e está disposto a entrar em negociações directas com o Governo polaco.

4.º O Governo de Sua Majestade julga que o Governo alemão aceita em principio a condição de que qualquer regularização deverá ser objecto duma garantia internacional. A questão de quem participará numa tal garantia, ficará para discutir mais tarde, e o Governo alemão, para não perder tempo, faça imediatamente diligências para obter a concordância da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cuja participação naquela garantia o Governo de Sua Majestade sempre pressupôs.

5.º O Governo de Sua Majestade toma ao mesmo tempo nota de que o Governo alemão reconhece o ponto de vista do Governo britânico relativamente aos interesses vitais e à independência da Polónia.

6.º No que diz respeito às exigências especiais que o Governo alemão faz num parágrafo anterior da sua resposta, o Governo de Sua Majestade tem de fazer uma reserva expressa. O Governo britânico crê que o Governo alemão está actualmente elaborando propostas para uma solução. Sem dúvida examinar-se-ão estas propostas, cuidadosamente, na altura em que se realizarem as con-

versações. Poderá então decidir-se até que ponto essas propostas são compatíveis com as condições essenciais que o Governo de Sua Majestade proclamou e que o Governo alemão se prontificou a aceitar.

7.º O Governo de Sua Majestade fará imediatamente ciente o Governo polaco da resposta do Governo alemão. Os Governos alemão e polaco devem, com tóda a brevidade possível, entender-se sóbre a maneira como pensam tomar contacto e preparar uma troca de opiniões. Ao Governo de Sua Majestade parece, porém, inconveniente estabelecer já hoje êsse contacto.

8.º O Governo de Sua Majestade compreende muito bem que se deviam começar as negociações tão prontamente quanto possível e tem os mesmos receios que o Chanceler do Reich perante o facto de os dois exércitos mobilizados se encontrarem em frente um do outro. O Governo quiere por isso aconselhar com tóda a urgência que ambas as partes se obriguem a não fazer movimentos agressivos de tropas no decurso das negociações. O Governo de Sua Majestade confia em que da parte do Governo polaco receberá uma resposta afirmativa a esta proposta, se o Governo alemão estiver disposto a dar uma garantia idêntica.

9.º O Governo de Sua Majestade quiere ainda apresentar a proposta de que se procure para Dantzig um «modus vivendi» de carácter provisório, a-fim-de evitar incidentes que possam tornar ainda mais difíceis as relações germano-polacas.

Berlim, 30 de Agósto de 1939.

Anexo II do N.º 87 (466)

### **Propostas de solução do problema de Dantzig e do Corredor, bem como da questão das minorias polaco-alemãs**

A situação entre o Reich e a Polónia é actualmente tal, que cada novo incidente pode conduzir à descarga das fôrças militares que, nos dois lados, já ocupam as suas posições. Tóda a solução pacífica tem de ser de molde a que os acontecimentos que condicionam casualmente êste estado de coisas, não se possam repetir na primeira oportunidade, colocando na mesma tensão, não só o Oriente da Europa, mas também outras regiões.

As causas desta situação residem

1.º no traçado impossível das fronteiras, efectuado pelo Tratado de Versalhes,

2.º no tratamento impossível da minoria nos territórios separados do Reich.

Nestas propostas, por isso, o Governo alemão parte da ideia de encontrar uma solução definitiva, que elimine a situação impossível do traçado das fronteiras, assegure às duas partes as suas vias de comunicação de importância vital, faça desaparecer — tanto quanto possível — o problema das minorias e, sempre que isso não seja possível, torne suportável, mediante garantia segura dos seus direitos, a sorte dessas minorias.

O Governo do Reich está convencido de que nesta solução é indispensável descobrir e reparar plenamente os danos económicos e físicos ocorridos desde o ano de 1918. Considera evidentemente esta obrigação compromissória para ambas as partes.

De estas ponderações inferem-se as seguintes propostas práticas:

1.º A Cidade Livre de Dantzig, em virtude do seu carácter puramente alemão e da vontade unânime da sua população, é imediatamente reincorporada no Reich.

2.º A região do chamado Corredor, que vai do Báltico até à linha Marienwerder — Graudenz — Kulm — Bromberg (incluindo estas cidades) e mais ou menos a Oeste até Schoenlanke, decidirá ela própria se deve pertencer à Alemanha ou à Polónia.

3.º Para esse fim proceder-se-á nessa região a um plebiscito. Têm direito a voto nêle todos os alemães que no dia 1 de Janeiro de 1918 residiam nessa região ou tinham lá nascido até esse dia, e do mesmo modo todos os polacos, cachubas, etc., residentes nessa região no referido dia ou lá nascidos até essa data. Os alemães expulsos regressem lá para tomarem parte no plebiscito.

Para assegurar um plebiscito objectivo e garantir os vastos trabalhos preliminares para êle necessários, a referida região é colocada sob a jurisdição duma comissão internacional a constituir imediatamente, formada pelas grandes Potências Itália, União Soviética, França e Inglaterra. Essa comissão exerce todos os direitos de soberania na referida região. Para esse fim, a região será evacuada das forças militares polacas, da policia polaca e das autoridades polacas, num prazo muito breve, a fixar por acôrdo mútuo.

4.º De esta região fica excluído o pôrto polaco de Gdânia, que no âmbito em que territorialmente se limita a área da população polaca é, por principio, domínio de soberania da Polónia.

As fronteiras exactas desta cidade-pôrto polaca seriam fixadas por acôrdo entre a Alemanha e a Polónia, ou, sendo necessário, determinadas por um tribunal internacional de arbitragem.

5.º Para assegurar o tempo necessário para os vastos trabalhos indispensáveis na realização dum plebiscito justo, este não se efectuará antes de decorridos 12 meses.

6.º Para garantir durante este tempo sem restrições à Prússia Oriental e à Polónia as suas comunicações com o mar, fixam-se estradas e caminhos de ferro que permitam um trânsito livre, podendo ser cobradas sômente as taxas necessárias à conservação das vias e execução dos transportes.

7.º Se a região deve pertencer ao Reich ou à Polónia, decide o plebiscito por simples maioria de votos.

8.º Para, depois de efectuado o plebiscito, — e seja qual fôr o seu resultado — se garantir à Alemanha a segurança de tráfico livre com as suas provincias de Dantzig e Prússia Oriental, e à Polónia as comunicações com o mar, é dada à Alemanha, caso a região plebiscitada caiba à Polónia, uma zona de tráfico extra-territorial, mais ou menos na direcção de Buetow a Dantzig e respectivamente Dirschau, para construir uma auto-estrada e um caminho de ferro de via quádrupla. A construção da estrada e do caminho de ferro é executada de maneira que as vias de comunicação polacas não sejam tocadas, isto é, serão cruzadas a um nível superior ou inferior ao delas. A largura desta zona é de um quilómetro e constitue território de soberania alemã.

Se o plebiscito decidir a favor da Alemanha recebe a Polónia para tráfico livre e sem restrições com o seu pôrto de Gdânia os mesmos direitos a uma comunicação igualmente extra-territorial por estrada e caminho de ferro idênticos aos que, no caso contrário, seriam concedidos à Alemanha.

9.º Caso o Corredor caiba ao Reich, declara-se este pronto a proceder a uma permuta das populações com a Polónia, na medida em que o Corredor a isso se preste.



10.º Os direitos especiais desejados eventualmente pela Polónia no pôrto de Dantzig seriam estabelecidos em paridade com os mesmos direitos da Alemanha no pôrto de Gdónia.

11.º Para eliminar nesta região tóda a sensação de ameaça nos dois lados, Dantzig e Gdónia ficariam com o carácter de cidades puramente comerciais, isto é, sem instalações e fortificações militares.

12.º A península de Hela, que caberia, de harmonia com o plebiscito, à Polónia ou à Alemanha, seria, em qualquer dos casos, também desmilitarizada.

13.º Dado que o Govêrno do Reich tem a apresentar as mais veementes queixas contra o tratamento das minorias na Polónia, e o Govêrno polaco julga, por seu lado, ter de apresentar também queixas contra a Alemanha, declaram-se as duas partes de acôrdo em que essas queixas sejam submetidas a uma comissão investigadora internacional, cuja função seria examinar tódas as queixas relativas a danos económicos e físicos, bem como a outros actos terroristas.

A Alemanha e a Polónia comprometem-se a reparar todos os prejuizos económicos e demais danos sofridos pelas minorias de ambos os lados desde o ano de 1918, e respectivamente a revogar tódas as expropriações ou a prestar por essas e demais intervenções na vida económica uma indemnização completa aos atingidos.

14.º Para se tirar aos alemães que fiquem na Polónia e aos polacos que fiquem na Alemanha a sensação de se acharem à margem do direito internacional, e garantir-lhes sobretudo a certeza de não serem obrigados a praticar acções, nem a prestar serviços incompatíveis com o seu sentimento nacional, a Alemanha e a Polónia convêm em que os direitos das minorias nos dois lados serão assegurados por acordos da máxima amplitude e compromissórios, para garantir a essas minorias poderem conservar, desenvolver livremente e pôr em prática a sua peculiaridade étnica, e especialmente permitir-lhes a organização para êsse fim por elas considerada necessária. As duas partes obrigam-se a não chamarem para o serviço militar os membros das minorias.

15.º No caso de se chegar a um acôrdo baseado nestas propostas, a Alemanha e a Polónia declaram-se prontas a decre-

tar e efectuar a desmobilização imediata das suas forças militares.

16.º As demais medidas necessárias para acelerar as estipulações acima referidas são estabelecidas de comum acôrdo entre a Alemanha e a Polónia.

*Em 31 de Agôsto de manhã, Sir N. Henderson comunicou ao Embaixador polaco em Berlim o conteúdo dos 16 pontos da proposta alemã. O Embaixador polaco transmitiu-a telefonicamente ainda antes do meio-dia ao seu Govêrno em Varsóvia. Temos conhecimento dêste facto pelo relatório final de Sir Neville Henderson ao seu Govêrno.*

*A comunicação oficial alemã de 31 de Agôsto, às 21 horas, teve, porém, de constatar que a Alemanha depois de já ter esperado em vão, em 30 de Agôsto, pela chegada dum plenipotenciário polaco, esperou ainda baldadamente mais 24 horas por essa chegada, visto que o Embaixador da Polónia, que apareceu em 31 de Agôsto, às 18 horas e 30, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, não possuía plenos poderes para negociações e apenas declarou que o Govêrno polaco «considerava favoravelmente as sugestões britânicas».*

N.º 88 (468)

### **Comunicação oficial alemã de 31 de Agôsto de 1939, às 21 horas**

Numa nota de 28 de Agôsto de 1939, o Govêrno britânico declarou-se perante o Govêrno alemão pronto a servir de medianeiro para a entabulação de negociações directas entre a Alemanha e a Polónia sôbre os problemas pendentes, manifestando ao mesmo tempo, sem sombra de dúvida, que, em vista dos incidentes continuos e da tensão geral europeia estava côncio da urgência do assunto.

Numa nota de resposta, de 29 de Agôsto de 1939, o Govêrno alemão, a-pesar-de formar um juízo extremamente céptico sôbre a vontade do Govêrno polaco em chegar a um entendimento, declarou-se, no interesse da paz, pronto a aceitar a mediação, ou seja, a sugestão inglêsa. Atendendo a tôdas as circunstâncias do momento, julgou necessário salientar nessa sua nota que, para evitar o perigo duma catástrofe, seria preciso agir rápida e imediatamente. Nesta ordem de ideias declarou-se pronto a receber

um delegado do Governo polaco até 30 de Agosto de 1939 à tarde com a condição de estar esse delegado munido verdadeiramente dos poderes necessários, não só para discutir, mas também para conduzir e ultimar negociações.

O Governo alemão manifestou mais julgar poder, até à chegada a Berlim do plenipotenciário polaco, dar a conhecer ao Governo britânico as bases de um projecto de entendimento.

Em lugar duma declaração relativa à chegada duma personalidade polaca autorizada, o Governo do Reich recebeu como resposta à sua disposição de entendimento, primeiro a noticia da mobilização polaca, e só no dia 30 de Agosto de 1939, pela meia-noite, um memorando britânico afirmando em termos mais gerais estar o Governo britânico disposto, por seu lado, a diligenciar no sentido de se dar inicio às negociações.

A-pesar-de, pelo facto de não ter chegado o delegado polaco esperado pelo Governo do Reich, não se ter satisfeito a condição prévia para dar a conhecer ainda ao Governo britânico a opinião do Governo alemão no que respeita às bases possíveis para as negociações — pois que o Governo britânico tinha, êle próprio, desejado negociações directas entre a Alemanha e a Polónia — o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, von Ribbentrop, deu ao Embaixador da Grã-Bretanha, por ocasião da entrega da última nota inglesa, conhecimento exacto do texto das propostas alemãs previstas como base de negociações para o caso de chegar o plenipotenciário polaco.

O Governo alemão julgava ter direito a que, nestas circunstâncias, se procedesse pelo menos depois à nomeação imediata duma personalidade polaca para plenipotenciário, pois não se pode pretender do Governo do Reich que êle, por seu lado, não só accentue continuamente estar disposto a entabular tais negociações, e até esteja sentado à mesa aguardando a parte contrária, para ser entretido do lado polaco apenas com subterfúgios vãos e declarações fúteis.

De uma «démarche» entretanto efectuada pelo Embaixador polaco depreendeu-se de novo que tão pouco êle estava munido dos poderes necessários para entrar em qualquer discussão, e muito menos para negociar.

Assim o Führer e o Governo do Reich esperaram durante dois dias inútilmente, a chegada dum delegado polaco.

Nestas circunstâncias, o Governo alemão considera também desta vez as suas propostas praticamente rejeitadas, embora seja da opinião que elas, na forma em que foram dadas a conhecer ao

Governo inglês, eram mais que leais, equitativas e exequíveis.

O Governo do Reich tem por conveniente dar conhecimento ao público destas bases de negociação comunicadas ao Embaixador da Grã-Bretanha pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, von Ribbentrop. (1)

*Que a Polónia não possuía o menor desejo de entendimento, mas sim que considerava chegado o momento para, utilizando o cheque em branco britânico, desencadear a guerra contra a Alemanha, desempenhando o papel que lhe fôra atribuído pela Inglaterra, prova-o a noticia difundida pela rádio-emissora de Varsóvia, em 31 de Agôsto, às 23 horas.*

N.º 89 (469)

### **Comunicação da rádio-emissora polaca de Varsóvia, em 31 de Agôsto de 1939**

O comunicado oficial alemão, publicado hoje, mostra claramente os objectivos e intenções da política alemã. Prova as francas intenções agressivas da Alemanha para com a Polónia. As condições em que o Terceiro Reich está pronto a negociar com a Polónia são as seguintes: Dantzig é imediatamente reincorporada no Reich. A Pomerela com as cidades de Bromberg e Graudenz é submetida a um plebiscito a que devem ser admitidos todos os alemães que, desde 1918, de lá emigraram por qualquer motivo. O exército e a policia polacas abandonam a Pomerela. A policia da Inglaterra, França, Itália e União Soviética assume o poder. Decorridos 12 meses efectuar-se-á o plebiscito. O território da península de Hela é também abrangido pelo plebiscito. Gdunia, como cidade polaca, fica dêle excluída. Independentemente do resultado do plebiscito é construída uma estrada extra-territorial da largura de um quilómetro...

A agência alemã faz público que o prazo de aceitação destas condições expirou ontem. A Alemanha esperou debalde por um emissário polaco. A resposta foram as medidas militares do Governo da Polónia.

(1) No texto da comunicação oficial alemã seguia-se a proposta atrás impressa sob a designação de anexo II.

Já não ha palavras que possam encobrir os planos de agressão dos novos hunos. A Alemanha aspira a dominar a Europa, e passa por cima dos direitos dos povos com um cinismo nunca até agora visto. Esta insolente proposta prova nitidamente como eram necessárias as medidas militares tomadas pelo Governo polaco.

*Contudo, segundo a verdadeira situação das coisas não podia haver quaisquer dúvidas sobre o lado donde partia a agressão. Uma relação dos comunicados oficiais sôbre incidentes ocorridos na fronteira germano-polaca e elaborada por um funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros, só para o período de 25 a 31 de Agosto de 1939, aponta 44 casos :*

N.º 90 (470)

**Compilação elaborada por um funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich das notícias oficiais existentes neste Ministério sôbre graves incidentes na fronteira germano-polaca, entre 25 e 31 de Agosto de 1939**

Berlín, 1 de Setembro de 1939

*25 de Agosto*

- 1.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Cêrca das 22 horas ardeu um estábulo da granja do lavrador Reinhard Briese, situada imediatamente junto à fronteira germano-polaca, em Scharschau, comarca de Rosenberg, Prússia Ocidental. No local do incêndio foi encontrada uma bomba inceidiária de procedência polaca.
- 2.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Cêrca das 23 horas foi destruída por incêndio, causado por criminosos vindos da Polónia, a granja da viuva Marta Zerkowski, situada imediatamente junto à fronteira germano-polaca, em Schoenerswalde, comarca de Rosenberg, Prússia Ocidental.
- 3.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing.

- Na noite de 25 para 26 de Agosto foi destuída por um incêndio, ocasionado por criminosos vindos da Polónia a granja do lenhador Schlegel, situada na fronteira germano-polaca, em Neukrug, comarca de Rosenberg, Prússia Ocidental.
- 4.ª Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Na noite de 25 para 26 foi completamente destruída por um incêndio, causado por criminosos vindos da Polónia, a casa do guarda-florestal de Dietrichswalde, situada na fronteira germano-polaca, comarca de Marienwerder.
- 5.ª Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Na noite de 25 para 26 foi destruída por um incêndio, causado por criminosos vindos da Polónia, a granja do lavrador Gehrke, situada na fronteira germano-polaca, em Niederehren, comarca de Marienwerder.
- 6.ª Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Na noite de 25 para 26 foi destruída por uma bomba a casa de guarda 34, no tracto Deutsch-Eylau — Alt-Eiche — Soldau.
- 7.ª Comunicação da repartição da policia de Estado de Koeslin. Na noite de 25 para 26 ardeu o celeiro do moleiro Domke, situado imediatamente junto à fronteira germano-polaca em Somminer Mühle, comarca de Bütow. Uma vistoria ao local do incêndio provou que o celeiro fôra incendiado por um mecanismo eléctrico de sistema de relógio.
- 8.ª Comunicação do Presidente Superior das Finanças da Prússia Oriental. Na noite de 25 para 26 de Agosto foram dinamitadas por soldados polacos e completamente destruídas as partes das pontes da estrada e do caminho de ferro Zandersfelde — Neu-liebenau, situadas em território alemão.

#### 26 de Agosto

- 1.ª Comunicação da alfândega principal de Neidenburgo. Às 0 horas e 45 minutos a guarda do posto aduaneiro de Wetzhausen avistou um soldado polaco que se dirigia do pequeno bosque situado em frente do posto em direcção ao edificio, e deu-lhe sinal de alto. O soldado fugiu e parece ter sido ferido por dois tiros. Comprovou-se mais tarde que o soldado pertencia a um grupo de 6 soldados polacos que tinham atravessado neste ponto a fronteira germano-polaca.
- 2.ª Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing.

Cêrca das 15 horas foi destruído por fogo pôsto, tendo ficado apenas os muros, a casa de habitação e estabelecimento das famílias Werner e Scheffler, situada na fronteira germanopolaca, em Neukrug, comarca de Rosenberg, Prússia Ocidental. Comprovou-se que os criminosos devem ser procurados na Polónia.

3.º Comunicação da alfândega principal de Lauenburgo.

Às 23 horas, o alemão Tatulinski, de Seelau, passou a fronteira fugindo, em frente do pôsto de vigilância aduaneira, de Gross-Sellnow, depois da sua granja ter sido incendiada por um bando polaco. Os polacos dispararam vários tiros sôbre o

4.º Comunicação da alfândega principal de Meseritz.

Fugitivos alemães, que atravessaram a fronteira em 26 de Agôsto perto de Betsche-Süd, foram alvejados várias vezes por empregados fronteiriços polacos, já depois de se terem escondido num campo de milho em território alemão.

*27 de Agôsto*

1.º Comunicado da repartição da policia de Estado de Elbing.

Às primeiras horas da manhã ardeu completamente a granja do lavrador Guzinski, situada na fronteira germanopolaca, em Klein-Heyde, comarca de Rosenberg, Prússia Ocidental. Provou-se que os incendiários polacos tinham vindo de além fronteira.

2.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing.

Cêrca das 3 horas e 15 minutos foi assaltado por um bando polaco composto de 15 homens, armados de espingardas, a estação do caminho de ferro e a fábrica de serração, em Alt-Eiche, comarca de Rosenberg, Prússia Ocidental. Os polacos foram rechaçados por um grupo da guarda fronteiriça alemã depois de terem disparado vários tiros.

3.º Comunicação da alfândega de Lindenhorst.

Cêrca das 4 horas, um pôsto da guarda da fronteira avistou 6 soldados polacos que seguiam em direcção ao marco fronteiriço 127. Eles dividiram-se pouco depois em dois grupos de três, ultrapassaram a fronteira do Reich e avançaram em direcção a estrada de Neumittelwalde — Schönstein. Cêrca das 4 horas e 25 minutos, o chefe de grupo da guarda-fronteiriça averiguou a presença de um soldado polaco que avançava de rastos; disparou 4 tiros, tendo os polacos retirado.

4.º Comunicação da alfândega principal de Schneidemühl.

Cerca das 10 horas e 30 minutos foram alvejados da fronteira polaca, na região de Vorwerk-Dreilinden, 3 oficiais da guarda fronteiriça alemã, o capitão Täschner, o tenente Sebulka e o alferes Dinger, quando se encontravam a 300 metros para cá da fronteira.

5.º Comunicação da alfândega principal de Neidenburgo.

Cerca das 17 horas estava de serviço uma patrulha da estação aduaneira de Flammberg, próximo do ponto 128, que está situado a 100 metros aproximadamente do rio fronteiriço Orzyc, à borda dum bosque, a Oeste de Flammberg. Súbitamente, foram disparados do lado polaco cerca de 20 tiros que caíram em território alemão. Conforme se provou mais tarde, foram disparados por uma patrulha fronteiriça polaca que, sob o comando dum oficial, se tinha aproximado da fronteira alemã e aberto fogo sobre um posto do exército alemão. Foi possível averiguar mais tarde que do lado dos polacos foram lançadas 4 granadas de mão ovóides.

6.º Comunicação da alfândega principal de Kreuzberg.

Às 20 horas e 15 minutos, o funcionário aduaneiro Scheffler foi alvejado repetidas vezes por guardas fronteiriços polacos quando se encontrava nas proximidades de Reidenwalde.

7.º Comunicação do Presidente Superior das Finanças da Prússia Oriental.

Cerca das 21 horas e 45 minutos, o guarda alfandegário Will foi alvejado repetidas vezes por guardas fronteiriços polacos estacionados em Kleinfelde, próximo de Mewe, quando abandonava em bicicleta uma granja situada a pouca distância da fronteira.

28 de Agosto

1.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing.

Cerca das 0 horas e 30 minutos foram avistados por um destacamento alemão, que se encontrava na ponte de caminho de ferro Deutsch-Eylau — Neumark, vários soldados polacos em território do Reich. O destacamento abriu fogo e os polacos fugiram para o bosque, respondendo com tiroteio.

2.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Oppeln.

Cerca de uma hora foram avistados por um destacamento alemão da D.C.A. tropas polacas que marchavam pela velha estrada de Ratibor a Hohenbirken, Alta Silésia Oriental, na ocasião em que essas tropas atravessavam a fronteira do



Reich, avançando para aquém dela 150 metros aproximadamente. O destacamento da D.C.A. abriu fogo e as tropas polacas retiraram-se.

3.º Comunicação da alfândega principal de Beuthen.

Cerca da 1 hora foram disparados vários tiros por uma metralhadora polaca. As balas caíram muito próximo de um grupo de metralhadoras da guarda fronteiriça, que se encontrava em posição no campo de escórias, próximo do campo de desportos das fábricas Borsig.

4.º Comunicação da repartição de policia de Estado de Elbing.

Cerca da 1 hora e 45 minutos um destacamento da guarda fronteiriça em Alteiche, comarca de Rosenberg, Prússia Ocidental, foi assaltado por tropas regulares polacas. Os polacos atacaram primeiramente um grupo da guarda fronteiriça, que estava postado na passagem da fronteira daquele local e que se retirou, a seguir, até à estação de Alteiche. Neste momento vieram de outra direcção cerca de 10 soldados polacos que avançaram ao assalto. O grupo alemão tomou então novamente posições e abriu fogo. Os polacos tinham-se colocado em linha de atiradores e dispararam também. O cabo Grudzinski de Hansdorf foi atingido mortalmente, e um outro soldado alemão ficou ferido num ombro. Os soldados polacos retiraram-se a seguir para território da Polónia.

5.º Comunicação da alfândega principal de Gleiwitz.

Cerca das 22 horas e 45 foram alvejados do lado polaco, com tiros de metralhadora e espingarda, os funcionários aduaneiros alemães Fleischer e Quenzel, que estavam de serviço na barreira blindada próximo do posto aduaneiro de Neubenstein. Os polacos só cessaram o fogo depois de um tiroteio de 20 minutos com a guarda fronteiriça alemã.

*29 de Agosto*

1.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing.

As primeiras horas da manhã vieram a território alemão, nas proximidades da fábrica de serração de Alteiche, soldados polacos que foram rechaçados pela guarda fronteiriça.

2.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Köslin.

As primeiras horas da manhã, soldados da guarda fronteiriça polaca fizeram fogo contra a alfândega de Sonnenwalde-Bahnhof. Na defesa ficaram feridos um comissário distrital aduaneiro e um empregado auxiliar aduaneiro alemães.

3.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Breslau. Às 13 horas e 40 minutos foi alvejado com tiros de espingarda, disparados por um pôsto fronteiriço polaco, o funcionário aduaneiro Dippe, quando se encontrava num pequeno bosque próximo de Neu-Vorberg, na estrada Lesten-Tharlang.

4.º Comunicação da alfândega principal de Beuthen.

Cêrca das 21 horas e 45, foram disparados vários tiros por soldados polacos em território alemão, próximo do pôsto aduaneiro III, de Beuthen. Primêiramente foram disparados 20 a 30 tiros de pistola na direcção do páteo duma mina da empresa Beuthen-Grube, tendo as balas passado sôbre a estrada aduaneira, próximo do pôsto alfandegário e indo cair cêrca de 10 metros adiante do terceiro grupo de um contingente da 8.ª companhia da guarda-fronteiriça que aí se encontrava. Seguiram-se-lhes 10 a 15 tiros de espingarda e imediatamente depois 4 a 5 tiros de pistola-metralhadora. O fôgo não foi correspondido do lado alemão.

5.º Comunicação da alfândega principal de Gleiwitz.

Cêrca das 23 horas e 50, uma formação polaca abriu fôgo violento sôbre funcionários alemães da alfândega e da guarda fronteiriça, que se encontravam em território alemão, na proximidade do pôsto aduaneiro de Neubersteich. Por esta ocasião foi reconhecida com segurança a presença de duas metralhadoras ligeiras polacas, que tinham sido postas em posição em território alemão, assim como a de uma metralhadora pesada. Após um tiroteio, os polacos cessaram o fôgo à 1 hora e 15.

### *30 de Agôsto*

1.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Cêrca das 0 horas e 30 a alfândega de Neukrug, distrito de Rosenberg, Prússia Ocidental, foi atacada, do lado da floresta, por tropas regulares polacas. Os polacos tencionavam evidentemente atacar pelas costas a guarnição do edificio alfandegário. Tinham posto em posição uma metralhadora ligeira atrás duma garage de automóveis, a pouca distância da alfândega. Ao serem alvejados de um quarto de cima do edificio alfandegário pela guarda campestre alemã, os polacos mudaram a metralhadora para um bosque espesso, o qual foi logo também alvejado. O combate durou até cêrca das 5 horas. Um soldado da guarda campestre alemã foi atingido

mortalmente. No edificio da alfândega ficaram destruidas várias vidraças e a ligação telefónica.

2.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Cêrca das 0 horas e 45, foi constatada, pela guarda fronteira alemã, nas proximidades da serração de Alt-Eiche, a presença de 3 ou 4 soldados polacos no momento em que procuravam aproximar-se da serração. Foram obrigados a retirar-se pela guarda fronteira.

3.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Breslau. Cêrca das 7 horas, o lavrador Fernando Braun, de Golgas, distrito de Militsch, encontrava-se trabalhando no campo a 100 metros aproximadamente para aquêr do marco fronteiro 233. Foi alvejado subitamente à pistola por um soldado polaco, mas ficou ileso.

4.º Comunicação do Presidente Superior das Finanças de Troppau.

Às 15 horas e cinco, um avião que se encontrava sôbre território alemão — pareceu tratar-se dum avião de reconhecimento do Reich — foi alvejado do território polaco da direcção de Oderberg e Wurbitz pela artilharia anti-aérea. Foram encontrados e guardados fragmentos de projecteis.

### *31 de Agôsto*

1.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Cêrca da 1 hora, tropas polacas, uns 25 homens com uma metralhadora ligeira, atacaram a alfândega de Neukrug e tentaram cercá-la. O ataque foi repellido.

2.º Comunicação da alfândega principal de Gleiwitz.

Cêrca das 2 horas, a guarda fronteira encarregada da defesa da alfândega de Neubersteich foi assaltada a tiro pelos polacos. O ataque dêstes à alfândega foi impedido pelo fôgo de defesa alemão.

3.º Comunicação do Comissário distrital aduaneiro de Deutsch-Eylau.

Cêrca das 3 horas, próximo de Scharschau, em território alemão, uma patrulha fronteira foi atacada a tiro por tropas polacas. Assim que a patrulha recebeu reforços e ripostou ao fôgo, os polacos retiraram-se.

4.º Comunicação do Chefe da Policia de Gleiwitz.

Cêrca das 20 horas, a rádio-emissora de Gleiwitz foi assaltada e occupada temporariamente por um grupo de revoltosos polacos. Os atacan-

tes foram desalojados pela policia fronteira alemã. Na repressão foi ferido mortalmente um revoltoso.

- 5.º Comunicação do Presidente Superior das Finanças de Troppau.

Na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro, a alfândega de Hoflinden foi atacada e ocupada temporariamente por revoltosos polacos. Estes foram desalojados por um contra-ataque das tropas de disposição da S. S.

- 6.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Elbing. Cêrca das 24 horas e meia, a alfândega de Neukrug foi atacada por 30 soldados polacos armados de metralhadoras e carabinas. O ataque foi repellido por um destacamento alemão.

- 7.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Liegnitz: Na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro, um funcionário aduaneiro alemão foi ferido mortalmente por tropas polacas perto de Pfalzdorf, comarca de Grünberg, a uns 75 metros aquém da fronteira polaca.

- 8.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Liegnitz. Na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro, próximo de Röhrsdorf, comarca de Frautadt, um funcionário aduaneiro alemão que estava de serviço foi morto a tiro por tropas polacas; um outro funcionário aduaneiro foi ferido gravemente.

- 9.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Liegnitz: Na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro, sem motivo algum, os polacos atacaram a tiro a alfândega de Pfalzdorf, comarca de Grünberg.

- 10.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Liegnitz. Na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro, revoltosos polacos ocuparam transitôriamente a alfândega de Geyersdorf, causando importantes estragos materiais.

- 11.º Comunicação da repartição da policia de Estado de Brünn: Na noite de 31 de Agosto para 1 de Setembro, a guarda-fronteira polaca atacou a fôgo de metralhadora a casa aduaneira de Hruschau.

Ao contra-ataque dos alemães os polacos puseram-se em fuga.  
Schliep

*Estavam assim esgotadas tôdas as possibilidades duma solução pacífica da crise germano-polaca. Como se comprova com os documentos acima reproduzidos, a Polónia começava a trilhar o*

*caminho da violência, criando desta maneira uma situação, que obrigava o Governo do Reich a responder também com violência. A provocação polaca, que nos últimos dias e horas da crise já tinha excedido tôdas as medidas, e que tornava assim impossível uma solução pacífica, não admitia mais vacilações. Na madrugada do dia 1 de Setembro o exército alemão recebeu a ordem de contra-atacar os polacos nos seus constantes assaltos a território do Reich. O discurso do Führer, proferido perante o Reichstag na manhã do dia 1 de Setembro, sintetizava o ponto de vista alemão, justificando assim, perante todo o mundo, o procedimento da Alemanha:*

N.º 91 (471)

**Discurso do Führer perante o Reichstag,  
em 1 de Setembro de 1939**

Deputados, Homens do Reichstag :

Há meses que todos nós sofremos os tormentos dum problema com que nos presenteou há tempos o Tratado de Versalhes e que agora, na sua perversão e degeneração, se tornou insuportável. Dantzig foi e é uma cidade alemã! O Corredor foi e é alemão! Todos estes territórios devem o seu desenvolvimento cultural exclusivamente ao Povo alemão, sem o qual dominaria nessas regiões orientais a mais profunda barbaria.

Dantzig foi separada de nós. O Corredor foi anexado pela Polónia. As minorias alemãs que lá habitam foram maltratadas da maneira mais cruel. Mais de um milhão de homens de sangue alemão tiveram de deixar a sua terra natal já nos anos de 1919/20.

Como sempre, tentei também neste caso conseguir pelo caminho pacífico das propostas de revisão, modificar êsse insuportável estado de coisas. E' mentira quando se afirma que tentámos impor tôdas as nossas revisões só sob pressão. Quinze anos antes do nacional-socialismo ter chegado ao poder teve-se ocasião de efectuar as revisões pelo método do entendimento pacífico. Não se fez nada disso. Em cada caso particular, fiz eu próprio, não uma vez só, mas muitas vezes, propostas para revisão de situações insuportáveis.

Tôdas essas propostas foram rejeitadas, como vós sabeis. Não preciso de as enumerar uma por uma: foram as propostas de limitação dos armamentos, e até, se fôsse necessário, de desarmamento total; as propostas de restrição das acções de guerra, as propostas de exclusão dos métodos da guerra moderna, no meu entender difficilmente conciliáveis com o direito internacional. Vós conheceis as propostas que eu fiz sôbre a necessidade do restabelecimento da soberania alemã no território do Reich e as tentativas inúmeras que empreendi para resolução pacífica do problema da Áustria e, mais tarde, do problema da região dos Sudetas, da Boémia e da Morávia. Tudo em vão. Uma coisa, porém, é impossível: exigir a solução pela revisão pacífica duma situação insuportável — e depois recusar consecutivamente essa revisão pacífica! E' também impossível afirmar que aquele que numa tal situação se resolve a empreender por si essa revisão, infringe uma lei. O Tratado de Versalhes, para nós alemães, não é lei! Não se admite que alguém, com a pistola apontada e ameaçando matar à fome milhões de pessoas, consiga extorquir uma assinatura, e depois proclame como lei solene o documento muni-do dessa assinatura extorquida.

Também no caso de Dantzig e do Corredor tentei resolver o problema com propostas pacíficas de discussão. Que o problema tinha de ser resolvido, isso era claro. E que o prazo dessa solução seja talvez de pouco interesse para os Estados ocidentais, é compreensível. Mas para nós esse prazo não é indiferente. Sobretudo, porém, não o era, nem o podia ser para as vítimas que sofrem. Em conferências com estadistas polacos explanei as ideias que vos expus no meu último discurso no Reichstag. Ninguém poderá afirmar que isso seja um método ilícito, nem muito menos uma pressão ilícita.

Mandei depois formular as propostas alemãs, e devo mais uma vez repetir que nada ha mais leal nem mais modesto do que estas propostas apresentadas por mim. E desejo agora dizer ao mundo: só eu e mais ninguém estava em condições de fazer tais propostas. Pois eu sei muito bem que com elas me opus então à opinião de milhões de alemães.

Essas propostas foram rejeitadas. Mas não sômente isso! Responderam-lhes com mobilizações, com terror reforçado, com mais intensa repressão das minorias alemãs nessas regiões, com um lento estrangulamento económico e político, e nas últimas semanas até militar, e das comunicações da Cidade Livre de Dantzig. A Polónia desencadeou a luta contra a Cidade Livre de Dantzig.

Não estava disposta a resolver a questão do Corredor duma forma equitativa e que satisfizesse justamente os interesses de ambas as partes. E finalmente não pensou sequer em cumprir as suas obrigações para com a minoria. Tenho a declarar aqui: a Alemanha cumpriu essas obrigações! As minorias que vivem no Reich não são perseguidas. Que se levante um francês e declare que os franceses residentes, por exemplo, no território do Sarre são oprimidos, martirizados e privados dos seus direitos! Nenhum poderá afirmar isso!

Durante quatro meses sofri serenamente êsse desenrolar de coisas, se bem que nunca tivesse deixado de advertir os responsáveis. Nos últimos tempos intensifiquei essas advertências. Mandei dizer ao Embaixador da Polónia, há já mais de três semanas, que, se a Polónia mandasse mais notas ultimativas a Dantzig, se empreendesse mais medidas opressivas contra a população alemã, ou se tentasse aniquilar economicamente a Cidade Livre com medidas de política aduaneira, a Alemanha não poderia continuar inactiva perante tais factos. Não deixei dúvida a ninguém de que, sob êste ponto de vista, a Alemanha actual não pode ser confundida com a que existiu antes de nós.

Tentou-se desculpar o procedimento contra os alemães domiciliados na Polónia, declarando que êles tinham cometido provocações. Não sei em que poderiam consistir as «provocações» cometidas por mulheres e crianças maltratadas e arrebatadas aos seus lares, ou as «provocações» daqueles que, depois de terem sido torturados da forma mais bestial e sádica, foram por fim assassinados!

Mas uma coisa sei eu: é que não há nenhuma grande Potência cónscia da sua honra, que pudesse tolerar um tal estado de coisas! A-pesar-de tudo fiz ainda uma última tentativa! Embora estivesse intimamente convencido de que o Governo polaco — talvez também por estar dependente duma soldadesca desenfreada e turbulenta — não alimentava propósitos sérios de verdadeiro entendimento, aceitei a proposta de mediação do Governo britânico. Êste propunha não ser êle próprio que devia negociar, mas assegurava que estabeleceria uma ligação directa entre a Polónia e a Alemanha, para as duas negociarem mais uma vez.

Tenho de asseverar aqui o seguinte: aceitei essa proposta. Elaborei para essas conversas as bases que vós conheceis. E depois eu e o meu Governo estivemos à espera durante dois dias inteiros, a ver se o Governo polaco se dignava ou não enviar-nos por fim um plenipotenciário! Até ontem à noite não nos enviou

nenhum plenipotenciário, e só nos mandou comunicar pelo seu Embaixador que estava actualmente ponderando se e até que ponto poderia aceitar as propostas inglêsas, e que iria informar disso a Inglaterra.

Senhores Deputados: se fôsse possível tratar assim o Reich e o seu Chefe de Estado, e se o Reich e o seu Chefe de Estado o tolerassem, então a Nação alemã outra coisa não mereceria senão desaparecer da cena política! O meu amor à paz e a minha infinita paciência não devem ser confundidos com fraqueza, nem muito menos com cobardia! Por isso comuniquei ontem ao Governo britânico que nestas condições não podia mais ver, da parte do Governo polaco, disposição para entabular connosco conversações de carácter verdadeiramente sério.

Assim goraram as propostas de mediação, pois, entretanto, como resposta a essas propostas, vieram primeiro a mobilização geral polaca e, segundo, novos actos de violenta crueldade. Estes incidentes intensificaram-se ainda mais esta noite. Depois de há pouco numa só noite se terem dado 21 incidentes de fronteira, verificaram-se 14 na noite passada, dentre os quais três extremamente graves.

Por isso decidi-me a falar à Polónia a mesma linguagem que ela vinha empregando para connosco há meses!

Se agora estadistas do Ocidente declaram que isso fere os seus interesses, só posso lamentar tal declaração; mas ela não me pode fazer hesitar um momento só no cumprimento do meu dever. Assegurei solenemente, e repito, que nós não exigimos nem nunca exigiremos nada dêsses Estados ocidentais. Assegurei que a fronteira entre a França e a Alemanha é definitiva. Nunca deixei de oferecer à Inglaterra franca amizade e, se necessário fôr, a mais íntima cooperação. Amor, porém, não pode ser só oferecido, tem de ser correspondido. A Alemanha não tem nenhuns interesses no Ocidente; a nossa linha de defesa de Oeste marca simultaneamente para todos os tempos a fronteira do Reich. Também não temos a êste respeito qualquer objecto para o futuro e esta atitude do Reich nunca mais se modificará.

Os outros Estados europeus compreendem em parte a nossa atitude. Desejo agradecer aqui sobretudo à Italia, que nos apoiou durante todo êste tempo. Vós também compreendereis que nós, para levarmos a efeito esta luta não queiramos apelar para auxílio alheio. Resolveremos nós próprios esta nossa tarefa.

Os Estados neutros asseguram-nos a sua neutralidade, exactamente como nós lha tínhamos já antes garantido. Esta garantia



é para nós um compromisso sagrado, e enquanto nenhum outro Estado lhes não violar a neutralidade, nós respeitá-la-emos rigorosissimamente. Pois que poderíamos nós desejar ou querer desses Estados ?

Sinto-me feliz em poder-vos comunicar desta tribuna um acontecimento muito especial. Vós sabeis que a Rússia e a Alemanha são regidas por duas doutrinas diferentes. Só havia uma questão que tinha de ser resolvida: a Alemanha não tem intenção de exportar a sua doutrina, e desde o momento em que a Rússia Soviética não pensa em exportar a sua para a Alemanha, não vejo motivo algum para assumirmos posições antagónicas. Ambos estamos conformes em que tôda a luta dos nossos povos, um contra o outro, só daria lucros a terceiros. Por isso resolvemos firmar um pacto que exclue entre nós para todo o futuro qualquer emprêgo de força, um pacto que nos obriga à consulta mútua em certas questões europeias, um pacto que permite colaboração económica e que sobretudo garante que as forças destes dois grandes Estados não se consumirão em lutas um contra o outro.

Tôda a tentativa da Europa Ocidental para mudar neste ponto seja o que fôr, fracassará ! E quero ainda aqui assegurar que esta decisão política significa uma enorme mudança para o futuro e é definitiva.

Creio que todo o Povo alemão saüdará esta orientação política. A Rússia e a Alemanha combateram uma contra a outra na Guerra Mundial, e foram afinal as que sofreram todo o pêso das conseqüências. Isto não deve nem há-de repetir-se ! O pacto de não-agressão e consulta, que entrou em vigor logo no dia da assinatura, teve ontem a sua ratificação suprema em Moscovo e também em Berlim.

Em Moscovo êste pacto foi exactamente saüdado como nós aqui o saüdamos. O discurso pronunciado pelo Comissário russo dos Negócios Estrangeiros, Molotow, posso eu subscrevê-lo palavra por palavra.

Eis os nossos objectivos: Estou decidido a :

primeiro, resolver o problema de Dantzig;

segundo, solucionar a questão do «Corredor»;

terceiro, fazer com que nas relações da Alemanha com a Polónia se produza uma mudança que garanta uma cooperação pacífica.

Nesta luta estou resolvido a combater até que o actual Go-

vêrno polaco esteja disposto a proceder a essa mudança, ou até que outro Governo da Polónia esteja pronto a fazê-la. Quero afastar das fronteiras alemãs o elemento de incerteza, a atmosfera dum estado de coisas que mais parece uma eterna guerra civil. Quero fazer com que a Leste a paz na fronteira não seja diferente da que nós conhecemos nas nossas restantes fronteiras.

Quero nesta luta proceder às necessárias acções de maneira tal, que não contradigam o que eu aqui, no Reichstag, Senhores Deputados, fiz público como proposta ao mundo restante.

Isto é, não quero combater contra mulheres e crianças! Dei ordem à minha armada aérea de atacar exclusivamente objectivos militares. Se, porém, o adversário julgar que, por êste facto, fica com carta-branca para, pela sua parte, empregar métodos inversos, então receberá uma resposta que o deixará admirado!

A Polónia, pela primeira vez nesta noite, abriu fogo contra nós, no nosso próprio território, também com soldados regulares. Desde as 5 horas e 45 minutos que estamos ripostando! E a partir de agora, cada bomba será paga com outra! Quem combater com gases tóxicos, será combatido com gases tóxicos. Quem por si próprio se afastar das regras de condução humana da guerra, não poderá esperar de nós senão que demos o mesmo passo.

Manterei esta luta, seja contra quem fôr, até que a segurança do Reich e os seus direitos estejam garantidos!

Mais de 6 anos trabalhei na reconstrução da Fôrça Armada alemã. Durante êste tempo gastou-se nessa reconstrução mais de 90 biliões. A nossa Fôrça Armada é hoje a mais bem apetrechada do mundo, e está muito superior, sem comparação, à de 1914. A minha confiança nela é inabalável.

Se apelei para a Fôrça Armada e se exijo do Povo alemão sacrificio e, se fôr necessário, todos os sacrificios, tenho direito a fazê-lo, porque também eu mesmo estou hoje tão pronto como outrora para todo e qualquer sacrificio pessoal. Não exijo de nenhum alemão outra coisa senão o que eu próprio estive durante mais de quatro anos pronto a fazer a qualquer momento. Não haverá para os alemães privações a que eu mesmo não me sujeite imediatamente. Tôda a minha vida pertence de hoje em diante, ainda mais que nunca, ao meu Povo. Não quero ser senão o primeiro soldado do Reich.

Vesti de novo a farda que era para mim a mais querida e a mais sagrada. Despi-la-ei sómente depois da vitória — ou não assistirei ao fim.

Se nesta luta me acontecer alguma desgraça, o meu primeiro

sucessor será o camarada Göring. Se alguma desgraça acontecer ao camarada Göring, o seu sucessor será o camarada Hess. Na sua qualidade de Führer, ficar-lhes-eis obrigados a tão cega fidelidade e obediência, como a que votais a mim. Caso aconteça também alguma desgraça ao camarada Hess, convocar-se-á agora por lei o Senado que então escolherá dentre si o mais digno, isto é, o mais heróico.

Como nacional-socialista e soldado alemão vou para esta luta com um coração forte. Toda a minha vida não foi senão uma luta continua pelo meu Povo, pelo seu ressurgimento e pela Alemanha, e sobre essa luta pairou sempre só um fanal simbólico: a fé neste Povo.

Ha uma palavra que eu nunca aprendi: capitulação. Mas se alguém pensa que vamos passar tempos difíceis, peço-lhe para reflectir em que outrora um rei da Prússia, com um Estado ridiculamente pequeno, se opôs a uma das maiores coligações, e, em três guerras, conseguiu afinal a vitória, porque possuia o coração confiante e forte, que também nós necessitamos no nosso tempo.

Ao mundo que nos rodeia quero, porém, assegurar que um «Novembro de 1918» nunca mais se repetirá na História alemã.

E como eu mesmo estou pronto a sacrificar a minha vida pelo meu Povo e pela Alemanha, exijo o mesmo de todos os outros.

Quem, porém, julgar que pode directa ou indirectamente opor-se a este mandamento nacional, cairá. Traidores nada têm a fazer connosco. Todos nós com isso nos declaramos pelo nosso velho lema: não importa absolutamente nada que vivamos, necessário é que viva o nosso Povo, que viva a Alemanha!

Eu espero de vós, como emissários do Reich, que, nos lugares em que estais colocados, cumprireis os vossos deveres. Deveis ser os porta-bandeiras da resistência, custe o que custar. Ninguém me anuncie que na sua provincia, no seu distrito ou no seu grupo, o moral possa deixar de ser bom. Sois vós os representantes, e os representantes responsáveis do moral. Eu sou responsável pelo moral no Povo alemão. Vós sois responsáveis pelo moral nas vossas provincias, nos vossos circulos. Ninguém tem o direito de fugir a essa responsabilidade. O sacrificio que se exige de nós não é maior do que o sacrificio realizado por numerosas gerações. Todos os homens que antes de nós tiveram de seguir o mais áspero e difficil caminho em holocausto supremo pela Alemanha, fizeram o que nós temos também a fazer; o seu sacrificio não foi

menor nem menos doloroso, e portanto não foi mais fácil do que o que se exige de nós.

Espero também das mulheres alemãs que, com disciplina férrea, e exemplarmente, se incorporem nesta grande comunidade combatente.

A mocidade alemã cumprirá com coração radiante o que a Nação, o Estado nacional-socialista, dela exige e espera.

Se formarmos esta comunidade, estreitamente conjurados, decididos a tudo, e nunca dispostos a capitular, então a nossa vontade triunfará de todos os obstáculos.

Termino com a profissão de fé que exprimi outrora ao iniciar a luta pelo poder. Disse então: se a nossa vontade fôr tão forte que nem a mais precária situação a possa dominar, ela e o aço alemão quebrarão e vencerão todos os obstáculos.

Deutschland — Sieg Heil !

*Para a Alemanha, a-pesar-de as armas terem principiado a falar, ainda subsistiam a esperança e a disposição de localizar o conflito e de evitar que êle se transformasse numa guerra geral. A decisão cabia às Potências Ocidentais: assumiriam elas a responsabilidade de transformar o conflito polaco numa guerra europeia pelo pagamento incondicional do cheque em branco passado à arrogância polaca? A Grã-Bretanha estava decidida a fazê-lo, como se confirmou definitivamente pela nota que Sir Neville Henderson entregou, no dia 1 de Setembro, às 21 horas, no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich. Esta nota exigia a suspensão de qualquer «acto de agressão contra a Polónia», assim como garantias de que a Alemanha estaria disposta a retirar imediatamente as suas tropas do território polaco, «de contrário a Grã-Bretanha cumpriria sem hesitações os compromissos contratuais assumidos para com a Polónia». Por outras palavras: iniciar a guerra contra a Alemanha. Uma hora depois, o Embaixador francês entregava uma nota do mesmo teor.*

**Conversação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich  
com o Embaixador britânico, em 1 de Setembro de 1939,  
às 21 horas**

Anotação do Ministro Schmidt

O Senhor Neville Henderson entregou por ordem do seu Governo a nota seguinte, à qual juntou também uma tradução alemã inoficiosa :

Berlim, 1 de Setembro de 1939

Excelência :

Por ordem do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade tenho a honra de fazer a seguinte comunicação.

Na madrugada do dia de hoje fez o Chanceler do Reich uma proclamação à Força Armada alemã, da qual se depreendia claramente que ia atacar a Polónia.

Por notícias chegadas ao conhecimento do Governo de Sua Majestade no Reino Unido e do Governo francês, depreende-se que tropas alemãs atravessaram a fronteira polaca e que estão sendo atacadas cidades da Polónia.

Nestas circunstâncias os Governos do Reino Unido e da França são de opinião que o Governo alemão criou com o seu procedimento as condições (nomeadamente um acto agressivo contra a Polónia, ameaçando-lhe a independência) requeridas para os Governos do Reino Unido e da França cumprirem as suas obrigações e prestarem assistência à Polónia.

Estou por isso encarregado de comunicar a Vossa Excelência que o Governo de Sua Majestade no Reino Unido cumprirá sem hesitação as suas obrigações para com a Polónia, se o Governo alemão não se prontificar a dar ao Governo do Reino Unido garantias satisfatórias de que o Governo alemão cessou toda a acção agressiva contra a Polónia e está pronto a retirar imediatamente as suas tropas do território polaco.

Aproveito a ocasião...

Neville Henderson

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich replicou que não se tratava duma agressão alemã, mas sim que a Polónia desde há meses tinha provocado a Alemanha. Não fôra a Alemanha que mobilizou contra a Polónia, mas sim esta contra a Alemanha. Ainda no dia anterior se tinham verificado incursões em território alemão de tropas regulares e irregulares.

Iria transmitir ao Führer a comunicação que o Embaixador inglês acabara de apresentar e dar-lhe-ia logo uma resposta imediata. O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich acrescentou ainda que, se o Governo britânico tivesse desenvolvido junto da Polónia uma actividade como aquela que parece querer agora tomar para com a Alemanha, já há muito tempo se teria chegado a um entendimento com a Polónia.

Sir Neville Henderson respondeu que ia transmitir essas observações ao seu Governo e pediu que dessem conhecimento ao Führer do conteúdo da carta, pondo a máxima urgência na resposta.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich replicou que não havia motivo algum para se levar as propostas alemãs ao conhecimento do Governo britânico, depois dessas propostas terem caducado pela não-comparência dum plenipotenciário polaco. Não obstante, leu essas propostas a Henderson, na esperança de que a Inglaterra conseguisse ainda chamar a Polónia à razão. Mais um dia inteiro e debalde esperara ainda o Führer. Do lado polaco não se empreendeu outra coisa senão novas provocações graves.

Sir Neville Henderson declarou lastimar bastante que o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich por ocasião da última conferência se recusasse a entregar-lhe o texto das propostas. E' compreensível que elle (Henderson) não percebesse a maior parte d'este documento bastante longo e complicado, quando lhe foi lido o texto alemão do mesmo.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros acentuou que lera o documento pausadamente e claramente e que até esclarecera verbalmente os pontos principais (Dantzig, plebiscito no Corredor, protecção das minorias). Por não se achar autorizado a entregar-lhe o documento, fizera a sua leitura, na esperança de que pelo menos no dia seguinte a Polónia reagisse. O Führer esperou em vão ainda um dia inteiro, convencendo-se finalmente de que a Inglaterra nada mais queria fazer.

Quando Henderson voltou a lastimar o facto de não lhe terem sido entregues as propostas a-pesar-do seu pedido, o Minis-

tro repetiu que lhe tinha lido o documento pausadamente, e que mesmo lhe esclarecera algumas passagens verbalmente, pelo que supusera que Henderson havia compreendido todo o seu conteúdo.

Schmidt

*Neste momento surgiu uma tentativa de mediação por parte de Mussolini, consistindo na proposta de um armistício e da convocação duma conferência dentro de dois ou três dias.*

N.º 93 (474)

**Nota entregue pelo Embaixador italiano no Ministério  
dos Negócios Estrangeiros do Reich, na manhã  
de 2 de Setembro de 1939**

A título de informação, faz a Itália saber, deixando naturalmente tóda a decisão ao Führer, que haveria ainda a possibilidade de fazer aceitar pela França, Inglaterra e Polónia uma conferência nas seguintes bases :

- 1.º Armistício, deixando os exércitos onde estão actualmente;
- 2.º Convocação da conferência dentro de dois a três dias ;
- 3.º Solução do conflito polaco-alemão, que, como as coisas estão hoje, seria certamente favorável para a Alemanha.

Pela ideia, que partiu originariamente do Duce, empenha-se hoje especialmente a França.

*O Governo do Reich declarou-se disposto a aceitar a proposta. Esta disposição, comunicada ao Embaixador italiano, foi tornada pública no memorando de 3 de Setembro de 1939 (N.º [479] alinea 3). Também o Governo francês respondeu afirmativamente, como se infere duma comunicação da Agência Havas, de 2 de Setembro:*

**Comunicação da Agência Havas, em 2 de Setembro  
de 1939**

O Governo francês, bem como vários outros Governos, ocupou-se de uma proposta italiana para resolver as dificuldades europeias. Após deliberação sobre esta proposta, o Governo francês deu uma resposta positiva.

*Porém, este comunicado, como depois se averiguou, foi retirado mais tarde por imposição da Inglaterra. No entretanto, a Grã-Bretanha obrigara o Governo francês a aderir ao ponto de vista inglês, que persistia na retirada das tropas alemãs e que foi exteriorizado numa declaração feita por Lord Halifax na Câmara dos Lords, na tarde do mesmo dia 2 de Setembro.*

**Da declaração do Secretário de Estado britânico dos Negócios  
Estrangeiros, Lord Halifax, na Câmara dos Lords,  
em 2 de Setembro de 1939, à tarde**

«... À mensagem de advertência enviada ontem à noite à Alemanha não foi até agora recebida resposta.

É possível que o atraso seja devido às propostas feitas pelo Governo italiano, segundo as quais deveria proceder-se à suspensão das hostilidades e provocar imediatamente uma conferência entre a Grã-Bretanha, a França, a Polónia, a Alemanha e a Itália.

Ao Governo britânico, porém, não é possível tomar parte numa conferência no momento em que a Polónia está sofrendo uma invasão, cidades polacas estão sendo bombardeadas e Danzig foi objecto duma solução unilateral pela violência...»

*Simultaneamente, o Primeiro Ministro inglês apresentava na Câmara dos Comuns uma declaração do mesmo teor.*

*Portanto, a tentativa de mediação de Mussolini foi aceite pela Alemanha e pela França, mas a Inglaterra torpedeou-a, precisamente no momento em que ela estava prestes a ser coroada*



*de êxito. Em vez de aceitar a mediação, a Inglaterra enviou, no dia 3 de Setembro, às 9 horas, um ultimato com o prazo de duas horas, no qual repetia as exigências sôbre a suspensão das hostilidades e a retirada das tropas alemãs; se estas condições fossem rejeitadas, a Inglaterra, uma vez expirado o prazo do ultimato, considerar-se-ia em estado de guerra com a Alemanha.*

N.º 96 (477)

**Nota entregue no Ministério dos Negócios Estrangeiros  
do Reich pelo Embaixador britânico, em 3 de Setembro  
de 1939, às 9 horas**

3 de Setembro de 1939

Excelência :

Na comunicação que tive a honra de fazer em 1 de Setembro informei V. Ex.<sup>a</sup>, por instruções do Secretário do Estado dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade, que o Governo de Sua Majestade no Reino Unido cumprirá sem hesitação as suas obrigações para com a Polónia, se o Governo alemão não estiver pronto a dar ao Governo de Sua Majestade no Reino Unido garantias satisfatórias de que o Governo alemão suspendeu tóda a acção agressiva contra a Polónia e está pronto a retirar imediatamente as suas tropas do território polaco.

Não obstante esta comunicação ter sido feita há mais de 24 horas, não foi recebida resposta, e, pelo contrário, os ataques alemães à Polónia foram continuados e intensificados. Tenho portanto a honra de informar V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, que se até às 11 horas, tempo de verão britânico, da manhã do dia de hoje, 3 de Setembro, não fôr dada pelo Governo alemão e recebida pelo Governo de Sua Majestade, em Londres, uma garantia satisfatória no sentido acima referido, existirá o estado de guerra entre os dois países a partir dessa hora.

Aproveito a ocasião...

Neville Henderson

Às 11,15 horas do mesmo dia, Lord Halifax informava o Encarregado de Negócios alemão em Londres de que a Inglaterra, a partir das 11 horas da manhã do dia 3 de Setembro de 1939, se considerava em estado de guerra com a Alemanha.

Compreende-se que o Governo do Reich não podia deixar de se recusar a «receber, aceitar e muito menos a cumprir» as exigências ultimativas da Inglaterra. Num memorando que o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich entregou ao Embaixador britânico no dia 3 de Setembro, às 11,30 horas, a Alemanha repelia estas exigências, demonstrando uma vez mais o ponto de vista alemão e a responsabilidade da Grã-Bretanha num conflito bélico, e declarando que «responderia a cada acto de guerra da Inglaterra com as mesmas armas e da mesma forma».

N.º 97 (479)

**Memorando do Governo do Reich, entregue ao Embaixador britânico pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 3 de Setembro de 1939, às 11 horas e 30 minutos**

O Governo do Reich recebeu o ultimato do Governo britânico de 3 de Setembro de 1939. Tem a honra de responder o seguinte :

- 1.º O Governo do Reich e o Povo alemão rejeitam aceitar, admitir e muito menos cumprir exigências ultimativas do Governo britânico.
- 2.º Há muitos meses que na nossa fronteira oriental reina o verdadeiro estado de guerra. Desde que o Tratado de Versalhes desmembrou a Alemanha, foi sempre recusada a todos os Governos alemães tóda e qualquer regulação pacífica. Também o Governo nacional-socialista tentou, depois do ano de 1939, sempre e repelidamente eliminar pela via de negociações pacíficas as piores violentações e infracções de direito estipuladas nêsse tratado. Foi principalmente também o Governo britânico que, pela sua atitude intransigente, fêz malograr tóda a revisão prática. Sem a intromissão do Governo britânico — disso estão cientes o Governo do Reich e o Povo alemão — ter-se-ia seguramente encontrado entre a Alemanha e a Polónia uma solução razoável e equitativa para ambas as partes, pois a Alemanha não tinha a intenção, nem tão pouco fêz a exigência de aniquilar a Polónia. O

Reich exigia somente a revisão daqueles artigos do Tratado de Versalhes que já à data da redacção dêsse «Diktat» tinham sido designados pelos estadistas esclarecidos de todos os povos como insuportáveis com o tempo e, portanto, impossíveis, tanto para uma grande Nação, como para todos os interesses políticos e económicos da Europa Oriental. Também estadistas ingleses declararam como germen da futura guerra a solução no Este imposta então à Alemanha. Eliminar esse perigo foi sempre o desejo de todos os Governos do Reich e especialmente a intenção do Governo nacional-socialista. Ter impedido esta revisão pacífica é a culpa da politica do gabinete britânico.

3.º O Governo britânico — facto único na História — conferiu ao Estado polaco plenos poderes para todas as acções que esse Estado tencionasse empreender contra a Alemanha. O Governo britânico assegurou ao Governo da Polónia em todas as circunstâncias o seu apoio militar para o caso de a Alemanha se defender contra qualquer provocação ou ataque. Assegurada essa assistência, o terror polaco contra os alemães residentes nos territórios outrora arrancados à Alemanha atingiu imediatamente proporções insuportáveis. A Cidade Livre de Dantzig foi illicitamente tratada contra todas as determinações contratuais, primeiro ameaçada de aniquilamento por medidas económicas e alfandegárias, e finalmente cercada por forças militares e estrangulada nas vias de comunicação. Todas estas infracções de estatuto de Dantzig, bem conhecidas do Governo britânico, foram aprovadas e cobertas com a procuração geral passada à Polónia. O Governo alemão, comovido pelos sofrimentos da população alemã martirizada e maltratada deshumanamente pela Polónia, todavia assistiu a tudo isso pacientemente durante 5 meses, sem sequer uma só vez empreender igual acção agressiva contra a Polónia.

Limitou-se a advertir a Polónia de que esses factos com o tempo se tornariam insuportáveis e que estava decidido, no caso de não ser prestado socorro a essa população de outra maneira, a passar a socorrê-la elle próprio. Todos estes factos eram exactissimamente conhecidos do Governo britânico. Ter-lhe-ia sido extremamente fácil utilizar a sua grande influencia em Varsóvia, para exortar os governantes polacos a praticarem justiça e humanidade e observarem as obrigações contraídas. O Governo britânico não o fez. Pelo contrario,

acentuando continuamente o seu dever de prestar assistência à Polónia em tôdas as circunstâncias, encorajou directamente o Governo polaco a prosseguir na sua criminosa conduta, que punha em risco a paz da Europa. Animado por êsse espirito, o Governo britânico, não obstante o Governo do Reich se ter declarado pronto a aceitá-la, rejeitou a proposta de Mussolini, que podia ainda salvar a paz da Europa. Ao Governo britânico cabe portanto a responsabilidade de tôdas as calamidades e sofrimentos que sobrevieram e sobrevirão a muitos povos.

- 4.º Depois de tôdas as tentativas para encontrar e concluir uma solução pacífica se terem gorado pela intransigência do Governo polaco a coberto da Inglaterra; depois de o estado de coisas, existente já há meses na fronteira oriental do Reich e que mais parecia uma guerra civil, sem que o Governo britânico nada objectasse contra êle, se ter intensificado e convertido em ataques abertos contra o território do Reich, o Governo alemão decidiu-se a pôr termo a essa permanente ameaça insuportável para uma grande Potência — ameaça, primeiro, da paz externa, e finalmente também da paz interna do Povo alemão, usando para isso os meios que lhe restavam ainda depois de os Governos das democracias terem sabotado praticamente tôdas as outras possibilidades de revisão, para defender a tranquillidade, a segurança e a honra do Reich. Aos últimos ataques dos polacos, que ameaçavam o território do Reich, respondeu com iguais medidas. O Governo do Reich não está disposto a tolerar a Leste, em virtude de quaisquer intenções ou obrigações britânicas, um estado de coisas igual àquele em que se encontra a Palestina, que está sob o protectorado britânico. E o Povo alemão não está sobretudo disposto a ser maltratado por polacos.
- 5.º O Governo do Reich rejeita por isso as tentativas feitas no sentido de obrigar a Alemanha, com uma exigência ultima-tiva, a dar ordem de retirada à Fôrça Armada do Reich, agora em marcha para sua defesa, e com essa ordem aceitar de novo implicitamente o antigo desassossêgo e a antiga injustiça. A ameaça de, no caso contrário, combater a Alemanha com a guerra, corresponde à intenção proclamada desde há anos por numerosos politicos ingleses. O Governo do Reich e o Povo alemão têm assegurado inúmeras vezes ao Povo inglês que desejam ardentemente um entendimento e até uma íntima amizade com êle. Se o Governo britânico até

agora rejeitou sempre esses oferecimentos e agora lhes responde com uma directa ameaça de guerra, isso não é culpa do Povo alemão, nem do seu Governo, mas sim exclusivamente culpa do gabinete britânico, e respectivamente dos homens que há anos prégam o aniquilamento e o extermínio do Povo alemão. O Povo alemão e o Governo do Reich não têm, como a Grã-Bretanha, a intenção de dominar o mundo, mas estão decididos a defender a sua própria liberdade, a sua independência e sobretudo a sua vida. Tomamos conhecimento da intenção, que nos anunciou por encargo do Governo britânico o Senhor King Hall, de aniquilar o Povo alemão ainda mais do que com o Tratado de Versalhes, e responderemos, portanto, a cada acção agressiva da Inglaterra com as mesmas armas e da mesma forma.

Berlim, 3 de Setembro de 1939.

*As 12,30 horas do mesmo dia, o Embaixador francês entregou pessoalmente no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich uma nota dizendo que a França se via obrigada, a partir das 17 horas do dia 3 de Setembro, «a cumprir os compromissos contratuais por ela assumidos para com a Polónia»; uma nota que difere, tanto na hora como no teor, do comunicado inglês.*

N.º 98 (480)

**Nota entregue ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich pelo Embaixador francês, em 3 de Setembro de 1939, às 12 horas e 20 minutos**

Berlim, 3 de Setembro de 1939

Excelência :

Não tendo recebido em 3 de Setembro às 12 horas resposta satisfatória do Governo do Reich à nota que entreguei em 1 de Setembro, às 22 horas, tenho a honra de, por ordem do meu Governo, fazer a V.ª Ex.ª a seguinte comunicação :

O Governo da República francesa considera seu dever lembrar pela última vez a grave responsabilidade que o Governo do

Reich assumiu, abrindo sem declaração de guerra, as hostilidades contra a Polónia, e não tendo aceite a proposta dos Governos da República francesa e de Sua Majestade britânica, para cessar toda a acção agressiva contra a Polónia e declarar-se pronto a retirar imediatamente as suas tropas do território polaco.

O Governo da República tem por isso a honra de levar ao conhecimento do Governo do Reich, que se vê obrigado a cumprir, a partir de hoje, 3 de Setembro, às 17 horas, os compromissos contraídos pela França para com a Polónia e que são conhecidos do Governo alemão.

Digne-se V.<sup>o</sup> Ex.<sup>o</sup>...

Coulondre

*O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich referiu-se ao rompimento por parte da Inglaterra da tentativa de mediação da Itália, assim como à exigência ultimativa da Inglaterra aprazada por duas horas; e exprimiu o seu pesar pelo facto de surgir uma guerra de agressão da parte da França — que nada justificava — contra a Alemanha, não obstante o entendimento que se procurou fazer com a França. Ao actual Governo francês caberia a responsabilidade pelos sofrimentos que os países viessem a padecer. Da conversação realizada entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich e o Embaixador da França por ocasião da entrega da nota francesa, informa a seguinte anotação do Ministro Schmidt :*

N.º 99 (481)

**Conversação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich  
com o Embaixador francês, em 3 de Setembro de 1939,  
às 12,20 horas**

Anotação do Ministro Schmidt

A pergunta de Coulondre se o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich poderia responder satisfatoriamente ao quesito contido na nota entregue no dia 1 de Setembro, às 22 horas, respondeu o Ministro que, depois da Inglaterra e a França terem entregue as suas notas, o Chefe do Governo italiano fizera uma nova proposta de mediação observando que o Governo francês estava de acôrdo com ela. A Alemanha tinha comunicado no dia anterior ao Duce que estava também disposta a aceitar; porém,

o Duce comunicou mais tarde, no mesmo dia, que a sua proposta fracassara em virtude da intransigência do Governo inglês. Esta manhã, a Inglaterra apresentou à Alemanha exigências ultimativas com o prazo de duas horas. A Alemanha repelira essas exigências numa comunicação escrita. Os motivos desta recusa do ultimato inglês estão expressos no documento que elle (o Ministro) entrega ao Embaixador francês para seu conhecimento. O Governo alemão lamentaria se a attitude da França para com elle fôsse ditada pelas mesmas considerações que regulam a attitude do Governo inglês. A Alemanha procurou sempre um ajuste com a França. Mas, se o Governo francês, pelo facto dos seus compromissos na Polónia, adoptasse uma attitude hostil para com a Alemanha, então o seu Governo consideraria uma tal attitude como uma agressão não justificada da França. A Alemanha, pela sua parte, abster-se-ia de praticar qualquer agressão contra a França. Se porém a França adoptasse outra attitude, a Alemanha ver-se-ia obrigada a responder de forma correspondente.

Coulondre respondeu que das considerações do Ministro dos Negócios Estrangeiros concluía que o Governo alemão não podia aceitar as sugestões contidas na nota francesa de 1 de Setembro.

O Ministro declarou que assim era, de facto. A isto replicou Coulondre que, em tais circunstâncias, tinha o penoso dever de aludir mais uma vez à grande responsabilidade que pesava sobre o Governo do Reich pela abertura de hostilidades contra a Polónia sem declaração de guerra, e de lhe comunicar que o Governo francês se via obrigado, a partir daquele dia, 3 de Setembro de 1939, às cinco horas da tarde, a cumprir os compromissos que contraíra com a Polónia. Ao mesmo tempo, Coulondre entregou o comunicado escrito, anexo (1). Depois de o ter lido, o Ministro dos Negócios Estrangeiros deu por terminada a conversação, acrescentando que a Alemanha não tinha a intenção de atacar a França, e que cabia ao Governo francês a responsabilidade por todos os males que para os países resultassem, no caso de a França atacar a Alemanha.

Schmidt

*Por um telegrama circular enviado pelo Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich às suas repre-*

(1) Vide doc. N.º 98 (480).

*representações diplomáticas, constata-se, de modo terminante, a responsabilidade da Inglaterra pela eclosão da guerra.*

N.º 100 (482)

**O Secretário de Estado do Ministério dos Negócios  
Estrangeiros do Reich às Missões Diplomáticas  
alemãs, em 3 de Setembro de 1939**

Telegrama circular

Berlim, 3 de Setembro de 1939

A título elucidativo e de informação.

Depois de ter falhado a tentativa de negociar directamente com a Polónia, apesar-de o Governo alemão ter esperado durante dois dias pela chegada dum plenipotenciário polaco, e depois de termos sido obrigados a responder militarmente às infracções e agressões militares da Polónia, a Inglaterra e a França exigiram de nós, em 1 de Setembro, a retirada das nossas tropas do território polaco. O perigo de guerra parecia ainda poder ser conjurado devido à intervenção de Mussolini, que propôs um armistício seguido duma conferência para solucionar o conflito germano-polaco. Esta proposta teve resposta positiva, tanto nossa como do Governo francês; o Governo britânico, porém, renovou hoje, aprazando-a por duas horas, a exigência de serem retiradas as tropas alemãs, declarando-se, expirado êsse prazo, em guerra com a Alemanha. Depois seguiu-se a França com a comunicação de que se via obrigada a apoiar a Polónia.

Sem ingerência da Inglaterra e sem a sua política de cerco anti-alemã, seguramente que desde há muito a Alemanha teria conseguido chegar a uma solução razoável com a Polónia. Mas a Inglaterra, em vez de aconselhar transigência à Polónia, deu-lhe plenos poderes contra a Alemanha, fêz depender a sua própria decisão da Polónia, e por fim, no último momento, ainda condenou ao fracasso, com a sua conduta, a proposta de Mussolini. Germinou, assim, a semente lançada por aqueles homens que desde há anos prégam na Grã-Bretanha a destruição da Alemanha. Esta marcha dos acontecimentos demonstra claramente a



absoluta responsabilidade da Inglaterra no desencadeamento da guerra.

Weizsäcker

*A Alemanha, consciente de ter feito todo o possível até ao derradeiro momento para eliminar pacificamente o último e mais perigoso foco de conflitos da Europa, aceitou o desafio que lhe fôra lançado pela Inglaterra. A Alemanha, depois de os seus exércitos terem cumprido com a campanha vitoriosa e sem igual da Polónia a sua missão, propôs uma vez mais, em 6 de Outubro de 1939, pela boca do seu Führer, dirigindo-se ao mundo e ao mesmo tempo aos seus adversários, uma reforma da Europa como base duma paz duradoira e justa. A Inglaterra rejeitou igualmente esta proposta, de tal forma que se reconhecia não interessar ao Governo britânico a existência da Polónia, que êle incitara contra a Alemanha, nem tão pouco uma reforma duradoira na Europa, mas sim e a todo o custo — o aniquilamento e a destruição da Alemanha. A Alemanha e a Inglaterra sujeitaram-se ao julgamento da História. O material documentário aqui coligido e reproduzido do Livro Branco oficial alemão, servirá para fazer êsse julgamento.*

### Wissenschaft

A. Harnack, *Handbuch der Geschichte der christlichen Kirche*. Leipzig, 1893. 2 Bände. 18 Mark.

Die Geschichte der christlichen Kirche ist eine der wichtigsten und interessantesten Wissenschaften. Sie ist nicht nur ein Spiegelbild der menschlichen Kultur, sondern auch ein Dokument der menschlichen Freiheit. In der Geschichte der Kirche sehen wir die Entwicklung der menschlichen Vernunft, die sich gegen die Tyrannei der Traditionen und der Mächte der Welt behauptet. Die Kirche ist die Wiege der Wissenschaften, die die Menschheit von der Finsternis der Heidenzeit zum Licht der Vernunft und der Freiheit geführt haben. In der Geschichte der Kirche sehen wir die Entwicklung der menschlichen Vernunft, die sich gegen die Tyrannei der Traditionen und der Mächte der Welt behauptet. Die Kirche ist die Wiege der Wissenschaften, die die Menschheit von der Finsternis der Heidenzeit zum Licht der Vernunft und der Freiheit geführt haben.

Die Geschichte der christlichen Kirche ist eine der wichtigsten und interessantesten Wissenschaften. Sie ist nicht nur ein Spiegelbild der menschlichen Kultur, sondern auch ein Dokument der menschlichen Freiheit. In der Geschichte der Kirche sehen wir die Entwicklung der menschlichen Vernunft, die sich gegen die Tyrannei der Traditionen und der Mächte der Welt behauptet. Die Kirche ist die Wiege der Wissenschaften, die die Menschheit von der Finsternis der Heidenzeit zum Licht der Vernunft und der Freiheit geführt haben.

## Índice

	pag.
Prefácio do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, von Ribbentrop .....	3
Prólogo .....	7

## Capítulo I

A evolução das relações germano-polacas e os esforços alemães na Europa a favor da paz. Documentos 1 a 11 .....	6—26
1 Do memorando do Primeiro Ministro britânico, Lloyd George, em 25 de Março de 1919 .....	7
2 Das observações da delegação alemã de paz acérca das condições de paz, em 29 de Maio de 1919 .....	7
3 Das observações da delegação alemã de paz acérca das condições de paz, em 29 de Maio de 1919 .....	8
4 Anotação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich sobre uma conversação do Führer com o Ministro polaco, em 2 de Maio de 1933 .....	11
5 O Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich ao Ministro alemão em Varsóvia, em 24 de Novembro de 1933 .....	13
6 O Ministro alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 28 de Novembro de 1933 .....	14
7 Declaração dos Governos alemão e polaco, em 26 de Janeiro de 1934 .....	15
8 Conversação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Beck, em 20 de Janeiro de 1937 .....	18
9 O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 1 de Junho de 1937 .....	19
10 O Cônsul Geral alemão em Dantzig ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 15 de Novembro de 1937 .....	23
11 O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 2 de Setembro de 1938 .....	24

## Capítulo II

A política bélica inglesa desde o acôrdo de Munique.—Tentativa da Alemanha para uma solução equitativa do problema de Dantzig e do Corredor. Documentos 12 a 54.....27 a 96

12	Declaração comum do Führer e do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, em Munique, em 30 de Setembro de 1938 .....	27
13	Do discurso proferido pelo Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, na Câmara dos Comuns, em 3 de Outubro de 1938 .....	28
14	Do discurso de Winston Churchill para a rádiodifusão dos Estados Unidos da América, em 16 de Outubro de 1938 .....	29
15	Entrevista do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em Berchtesgaden, em 24 de Outubro de 1938...	31
16	Conversação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em 19 de Novembro de 1938 .....	36
17	Conversa do Führer com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, na presença do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, do Embaixador alemão em Varsóvia e do Embaixador polaco em Berlim, Berchtesgaden, em 5 de Janeiro de 1939 .....	37
18	Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Munique, em 6 de Janeiro de 1939 .....	40
19	Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Beck, Varsóvia, em 26 de Janeiro de 1939 .....	42
20	Discurso do Secretário do Departamento britânico para o comércio ultramarino, R. S. Hundson, na Câmara dos Comuns, em 30 de Novembro de 1938 .....	44
21	O Embaixador alemão em Paris ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, Paris, em 10 de Dezembro de 1938 .....	45
22	O Embaixador alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, 5 de Janeiro de 1939 .....	46
23	Discurso do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, Birmingham, em 28 de Janeiro de 1939 .....	48
24	O Encarregado de Negócios alemão em Ankara ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 17 de Janeiro de 1939 .....	49
25	O Ministro alemão em Teheran ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 4 de Março de 1939 .....	50
26	Declaração do Primeiro Ministro Chamberlain na Câmara dos Comuns, em 9 de Fevereiro de 1939 .....	52
27	O Embaixador alemão em Paris ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Paris, em 28 de Fevereiro de 1939 .....	53
28	Discurso do Primeiro Ministro britânico Chamberlain, Birmingham, em 17 de Março de 1939 .....	54
29	Do discurso do Secretário de Estado britânico dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, na Câmara dos Lords, em 20 de Março de 1939 .....	56
30	O Encarregado de Negócios alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, em 20 de Março de 1939 ...	56

31	O Encarregado de Negócios alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, em 22 de Março de 1939...	57
32	O Encarregado de Negócios alemão em Londres, ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, em 29 de Março de 1939...	58
33	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 9 de Março de 1939 .....	59
34	Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em 21 de Março de 1939 .....	61
35	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 24 de Março de 1939 .....	64
36	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 24 de Março de 1939 .....	64
37	Anotação do dirigente da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 25 de Março de 1939 .....	65
38	Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em 26 de Março de 1939 .....	66
39	Entrevista do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador polaco, em 27 de Março de 1939 .....	68
40	O Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich ao Embaixador alemão em Varsóvia, Berlim, em 27 de Março de 1939 .....	69
41	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 28 de Março de 1939 .....	70
42	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 29 de Março de 1939 .....	72
43	O Cônsul Geral alemão em Thorn ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Thorn, em 30 de Março de 1939 .....	73
44	O Cônsul Geral alemão em Posnan ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Posnan, em 31 de Março de 1939 .....	74
45	Anotação do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 6 de Abril de 1939 .....	75
46	Declaração do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, na Câmara dos Comuns, em 31 de Março de 1939 .....	77
47	Discurso do Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, na Câmara dos Comuns, em 3 de Abril de 1939 .....	78
48	Do discurso do Chanceler do Tesouro britânico, Sir John Simon, na Câmara dos Comuns, em 3 de Abril de 1939 .....	79
49	Discurso do Führer perante o Reichstag, em 28 de Abril de 1939. Extracto Polónia .....	81
50	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 23 de Maio de 1939 .....	89
51	O Cônsul Geral alemão em Nova York ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Nova York, em 25 de Maio de 1939 .....	90
52	O Embaixador alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, em 29 de Junho de 1939 .....	92
53	O Embaixador alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, em 10 de Julho de 1939 .....	93
54	O Embaixador alemão em Londres ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Londres, em 15 de Julho de 1939 .....	94

55	O Embaixador alemão em Paris ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Paris, em 28 de Julho de 1939 .....	95
----	--	----

### Capítulo III

55 a 100	A Polónia como instrumento da vontade bélica inglesa. Documentos 55 a 100 .....	97 — 198
----------	---	----------

56	Requerimento dos representantes do grupo étnico alemão ao Chefe do Estado polaco, em 12 de Maio de 1939 .....	98
----	---	----

57	O Cônsul alemão em Lodz ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Lodz, em 15 de Maio de 1939 .....	100
----	---	-----

58	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 19 de Julho de 1939 .....	102
----	--	-----

59	O Cônsul alemão em Lemberg ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Lemberg, em 15 de Julho de 1939 .....	104
----	--	-----

60	O Cônsul alemão em Lemberg ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Lemberg, em 9 de Agosto de 1939 .....	104
----	--	-----

61	Notas dum funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 16 de Agosto de 1939 .....	105
----	--	-----

62	O Cônsul Geral alemão em Catovice ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Catovice, em 16 de Agosto de 1939 .....	106
----	---	-----

63	Notas dum funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 20 de Agosto de 1939 .....	106
----	--	-----

64	Notas dum funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 23 de Agosto de 1939 .....	113
----	--	-----

65	O Cônsul Geral da Alemanha em Thorn ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Thorn, em 28 de Agosto de 1939 .....	113
----	--	-----

66	O Embaixador alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Varsóvia, em 1 de Agosto de 1939 .....	114
----	--	-----

67	O representante diplomático da República Polaca em Dantzig ao Presidente do Senado da Cidade Livre de Dantzig, Dantzig, em 4 de Agosto de 1939 .....	118
----	--	-----

68	O representante diplomático da República polaca em Dantzig ao Presidente do Senado da Cidade Livre de Dantzig, Dantzig, em 4 de Agosto de 1939 .....	119
----	--	-----

69	O Presidente do Senado da Cidade Livre de Dantzig ao representante diplomático da República Polaca em Dantzig, Dantzig, em 7 de Agosto de 1939 .....	120
----	--	-----

70	Anotação dum funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 24 de Agosto de 1939 .....	121
----	---	-----

71	O Cônsul Geral alemão em Dantzig ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, comunicação telefónica de 31 de Agosto de 1939, às 0.40 horas .....	121
----	--	-----

72	Comunicação do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich ao Encarregado de Negócios da Polónia, em 9 de Agosto de 1939 .....	122
----	--	-----

73	Comunicação do Sub-Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Polónia ao Encarregado de Negócios alemão em Varsóvia, em 10 de Agosto de 1939 .....	123
74	O Comando Superior da Força Armada alemã ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 3 de Novembro de 1939...	124
75	Nota do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 15 de Agosto de 1939 .....	126
76	Nota do Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, Berlim, em 15 de Agosto de 1939 .....	129
77	O Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, ao Führer, em 22 de Agosto de 1939 .....	131
78	Conferência do Führer com o Embaixador britânico, Berchtesgaden, em 23 de Agosto de 1939 .....	134
79	O Führer ao Primeiro Ministro britânico, Chamberlain, em 23 de Agosto de 1939 .....	138
80	Declaração do Führer perante o Embaixador britânico, em 25 de Agosto de 1939 .....	141
81	Tratado anglo-polaco de assistência mútua, em 25 de Agosto de 1939	144
82	O Presidente do Conselho francês, Daladier, ao Führer, em 26 de Agosto de 1939 .....	147
83	O Führer ao Presidente do Conselho francês, Daladier, em 27 de Agosto de 1939 .....	149
84	Memorando do Governo britânico entregue ao Führer pelo Embaixador britânico em 28 de Agosto de 1939, às 22 horas e 30 minutos	153
85	Resposta do Führer ao Governo britânico, entregue ao Embaixador britânico, em 29 de Agosto de 1939, às 18 horas e 45 minutos .....	157
86	O Encarregado de Negócios alemão em Varsóvia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, comunicação telefónica de 30 de Agosto de 1939 .....	160
87	Conferência do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador britânico em 30 de Agosto de 1939, à meia noite .....	161
88	Comunicação oficial alemã de 31 de Agosto de 1939, às 21 horas .....	168
89	Comunicação da rádio-emissora polaca de Varsóvia em 31 de Agosto de 1939 .....	170
90	Compilação elaborada por um funcionário da Secção Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich das notícias oficiais existentes neste Ministério sobre graves incidentes na fronteira germano-polaca, entre 25 e 31 de Agosto de 1939. Berlim, em 1 de Setembro de 1939 .....	171
91	Discurso do Führer perante o Reichstag, em 1 de Setembro de 1939...	171
92	Conversação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich com o Embaixador britânico, em 1 de Setembro de 1939, às 21 horas .....	187
93	Nota entregue pelo Embaixador italiano no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, na manhã de 2 de Setembro de 1939 .....	189
94	Comunicação da Agência Havas, em 2 de Setembro de 1939 .....	190
95	Da declaração do Secretário de Estado britânico, Lord Halifax, na Câmara dos Lords, em 2 de Setembro de 1939 .....	190
96	Nota entregue no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich pelo Embaixador britânico, em 3 de Setembro de 1939, às 9 horas .....	191

97 Memorando do Governo do Reich entregue ao Embaixador britânico pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, em 3 de Setembro de 1939, às 11 horas e 30 minutos ..... 192

98 Nota entregue ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich pelo Embaixador francês, em 3 de Setembro de 1939, às 12 horas e 20 minutos ..... 195

99 Conversação do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, com o Embaixador francês, em 3 de Setembro de 1939, às 12 horas e 20 minutos ..... 196

100 O Secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich às Missões Diplomáticas alemãs, em 3 de Setembro de 1939 ... 198









